Facas Brasileiras

Augusto José de Sá Campello

Agradecimentos

Isto é de praxe e muito bom. Agradeço a minha mulher pelo incentivo, revisão e formatação. A meus filhos pela paciência de ensinar o dinossauro aqui a lidar com estas máquinas neuróticas. E, finalmente a quem me cedeu tempo para discutir idéias e conceitos. Foram muitos e seria ingratidão esquecer alguém, portanto, recebam todos, os meus agradecimentos.

Produção: Ana Paula de Sá Campello

Apresentação

É sempre de bom tom apresentar-se e dizer, também, a que se veio.

Quem escreve é o que hoje, em "carioquês", chamam de "senhorzinho", "tio" ou "vovô". Assumo integralmente. Desliguei-me de meu umbigo em 1944 e lá se vão sessenta e tantos anos bem vividos. E sou mesmo avô.

Sou casado há 25 anos. Tenho três filhos. Dois meninos, um casado, outro solteiro e uma menina que se casou em junho de 2008. E um neto muito alegre e sapeca.

Sou gaúcho por família. Meus pais nasceram lá ou, no caso de minha mãe, aqui no Rio, mas com avós gaúchos. Meus pais eram primos e para casar foi preciso pedir licença ao Bispo. Atribuo minhas manias a alguma degeneração genética por consangüinidade.

Nasci por aqui, em Copacabana, e fui criado pelo Brasil afora; meu pai era do exército.

Gosto de ler. Sou curioso. Interesso-me pelos mais variados assuntos.

Economista por formação, o que pode ser muito perigoso, mas, especializado em Planejamento, que me isenta de culpa por ter contribuído com as mazelas de nosso país.

Funcionário público federal durante boa parte de minha vida. Não cheguei a "marajá". Sou aposentado e, com o contracheque limitado, trabalhei como consultor até quando o mercado permitiu.

Gosto de ter amigos e de colecionar "coisas". Relógios de corda e canetas tinteiro. Ah! Sim! Espadas, facas de trincheira, bengalas, a maioria feita por mim, navalhas, canivetes, baionetas e facas.

Tive, também, armas de fogo. Já me livrei delas. Acho que comecei a colecioná-las por ter gostado muito de atirar. Conservo algumas de antecarga.

Sempre fui muito cuidadoso com este impulso meio infantil de juntar "tranqueiras". Nunca desembolsei quantias elevadas por aquela faca dos sonhos. Muita coisa me foi presenteada por amigos e parentes. Muita coisa foi comprada a prazo, de ocasião, ou após boa garimpagem em antiquários, brechós e feiras no Rio, São Paulo, Salvador, Feira de Santana, Recife, enfim, pelo Brasil afora, durante muitas viagens a trabalho, inclusive pela Europa.

Nessas viagens, sempre briguei por um tempo para correr atrás de minhas manias de "ajuntador de tralharia", assim como visitar museus, bibliotecas e anotar o que fosse possível.

Tenho pouca coisa. Mas, o importante é que sou capaz de lembrar onde e, em que circunstância, cada um desses artefatos veio parar nas minhas mãos. Gosto, também, de restaurar velharias.

Posso dizer que fui cuteleiro. Lá pelos anos 80 cheguei mesmo a instalar forja em Petrópolis. Levei anos para desistir. Até que me "caiu a ficha" de que ter alguma habilidade manual,

inclusive para cometer esculturas em metal fundido, não era o suficiente.

Lá pelos anos setenta – 1970, fiquei impressionado com um colecionador de canetas tinteiro. Eram milhares. Espalhadas pela casa inteira. Fiquei me perguntando o que leva alguém a ter centenas de canetas Parker Duofold. Até entendo porque. Modelos mais variados, cores diversas, locais de fabricação diferentes, etc.

Mas, algo me chamou a atenção. Além de catálogos de fabricantes o tal colecionador de canetas jamais ouvira falar nos poucos livros que eu tinha lido a respeito de canetas. Livros informativos e não catálogos. Li bastante a respeito de facas, metalurgia, cutelaria e assuntos afins, em bibliotecas aqui e pelo mundo. Livros são caros e depois juntam poeira. Preferi e prefiro anotar o que me interessa.

Como já disse, sou muito curioso e, quando um assunto me interessa, procuro ler a respeito. Felizmente meus pais liam bastante e adquiri o gosto pela leitura. Também gostavam de ir a museus, o que me rendeu boas e más lembranças a respeito de facas.

Fato é que há poucos livros a respeito de facas. No Brasil só conheço um livro, o de Oswaldo Lamartine de Farias. Existem outras publicações, é verdade, mas são traduções de livros estrangeiros e obras exibindo catálogos de coleções. Trazem boas informações, mas deixam a desejar. Também encontrei textos na Internet elaborados por gente que conhece o assunto e não teve medo de dividir seu conhecimento. Contudo, perto do que existe de livros pelo mundo afora, tratando de facas locais, ficamos "mal no filme".

Nos nossos museus as facas, quando não são antiguidades fantásticas, ficam encafuadas nas reservas, aqueles espaços dos museus que quase ninguém vê. E aqui no nosso país, se até múmias em exposição quase apodrecem, imaginem as pobres facas, guardadas em caixas esquecidas.

Curiosidade e interesse por um assunto têm um preço. A frustração. Você quer saber mais e quase não há informação. A tal da aposentadoria me empurrou para procurar mais. De tantas notas, desenhos, anotações, velhas e novas, termina-se por emendar umas nas outras para tentar obter algum quadro geral de referência. Daí à tentação de escrever mais amplamente foi um passo.

Fico pensando se o paulistano de boa cepa, L. Gazinhato, homem generoso que colocou na Internet tanta informação, conseguiu terminar seu almejado livro.

Escrever é penoso e fica-se pensando na multidão de adoradores de facas que se conheceu e que poderiam ajudar. Mas os endereços foram embora quando se jogou fora aquela agenda sebosa de 1984 junto com outros papéis velhos que hoje fazem muita falta. Ou, o pior: quando se sabe que um artefato caiu no mundo. Tenho quase certeza de que cheguei perto de uma Lapeana num destes "museus" familiares que brotam no interior. Foi em Cascavel – Paraná. Mas em 2002 o Sr. Plínio Schwartz respondeu carta minha dizendo que com o falecimento da mãe a coleção foi dispersa. Uma família modesta que sobrevivia com uma pequena granja de galinhas.

A esperança é a Internet: a obra aberta. Qualquer um pode trazer o que sabe e o que viu: a foto, a descrição.

Por fim, o projeto é que o bom gaúcho e cuteleiro Jean Hugo Callegari coloque na Internet as informações que acumulei. Ele, além de conhecimento sobre o tema, é bem melhor que eu nestas lides de computador.

As primeiras notas que reuni foram apresentadas, depois de algumas boas conversas, a Roberto Fonseca e Silva, que além de boa gente e colecionador colocou sua coleção à disposição para fotos e informações. Nesta mesma ocasião, Serge Michel, que insiste em dizer que é fran-

cês, chegando mesmo a falar com sotaque, mas que além de carioca é um artesão (e escultor, faz maravilhas em marfim) e cuteleiro como poucos, também trouxe seu incentivo. Os dois fizeram sugestões, que acatei, como eles terão a oportunidade de ver, se tiverem a paciência de ler.

Deve ficar claro que foi tentado dar um certo foco em nossa História. Servindo ao propósito de contextualizar a faca e sua evolução provável. Esta idéia me pareceu sadia e foi sugerida por Serge Michel e Roberto.

Há uma certa prolixidade e a repetição de temas e abordagens. Peço desculpas.

Não peço desculpas por minhas dúvidas, que, aliás, deixo bem expressas. E não são poucas. Por isso preferi deixar muita coisa indicada e, em aberto. Mas, não impede que eu tenha algumas certezas. Algumas são indicadas ou sugeridas após analisar e discutir os temas.

— Augusto José de Sá Campello

Introdução

O objetivo destas notas é o de suscitar o debate, a troca de idéias e informações visando, com o tempo, a estabelecer designações e tipologia das lâminas utilizadas em nosso país. E, principalmente, recuperar a evolução de nossas facas. Facas são objetos metálicos. Oxidam ou então, pelo uso e desgaste, desaparecem. Por vezes, caem em desuso e, também desaparecem. A esperança é que os "elos perdidos" desta evolução surjam nas coleções de alguém.

Nada do que se segue pretende ser categórico. Em princípio, a variedade que se verifica no "mundo" das armas brancas é de tal ordem que, ser categórico é ser pretensioso, principalmente numa abordagem que pretende ser iniciante de algo mais, como a presente.

O foco será o das lâminas de facas, lâminas curtas. Excluindo-se, portanto espadas, machados, adagas, etc. Algumas referências periféricas, necessárias a alguns tipos de facas/lâminas, bem específicas, servirão para tentar trazer informações a respeito de destinação, do objetivo que levou a se conformar uma lâmina desta ou daquela forma. Oferecendo-se também, sob a forma de comentários, a provável origem das características de lâminas brasileiras.

Deve ficar esclarecido, de antemão, que não foi meu desejo transformar o que se segue em mais uma bela galeria de imagens. Imagens são informativas. Mas a já mencionada variedade é um fator limitante. É perfeitamente compreendido por mim que alguém, com justa razão, faça reparos à apresentação desta ou daquela imagem como representante do "tipo" tal desse ou daquele artefato. Um "tipo" de faca tem, normalmente, variantes, o que exigiria um número alentado de "espécimes" (ou seja, de imagens e informações a respeito de cada uma delas) de modo a não restar dúvida quanto às diferenças que conformariam o tal "tipo".

As informações a respeito de imagens de artefatos chegam perto do crucial. Uma bela imagem sem tais informações pode, com facilidade, levar a mais confusão do que já existe.

Usei um meio, a Iconografia, para mostrar que certos formatos de lâmina são bem mais antigos do que se pode supor. A Iconografia é muito utilizada pelos estudiosos de cutelaria fora do Brasil. Mas o seu uso tem limites. O primeiro deles sendo o direito de reprodução. O segundo, a imaginação do artista.

Também inseri relatos de fatos que presenciei ou vivi. Servem para retirar um pouco da aridez e informar a respeito de costumes e práticas bem como de possíveis lacunas a preencher.

Capítulo 1

Origens do Formato de Lâminas

Vou começar por uma tentativa de circunscrever o que vem a ser uma faca.

Parece inquestionável que uma faca é uma ferramenta, um instrumento criado pelo homem para ser uma extensão perfuro-cortante de sua mão. A propósito, penso ser melhor que uma faca, além de um objeto perfuro-cortante, deva ser curta e dotada de um fio ou gume e de uma ponta, embora algumas facas, estranhas, não tenham o que se convenciona chamar de ponta. Outra característica está ligada à geometria da lâmina, sempre o fio ou gume termina perto do cabo (ou não, termina antes), mas ultrapassando a linha inferior do referido cabo.

Há exceções a esta ultrapassagem. São raras, mas existem facas com guardas. Outras com lâminas que se afilam em direção ao cabo. A bem dos fatos, o que mais existe são as tais exceções.

Perfuro-cortante é terminologia jurídica, mas, convenha-se, é difícil melhorar esta "definição".

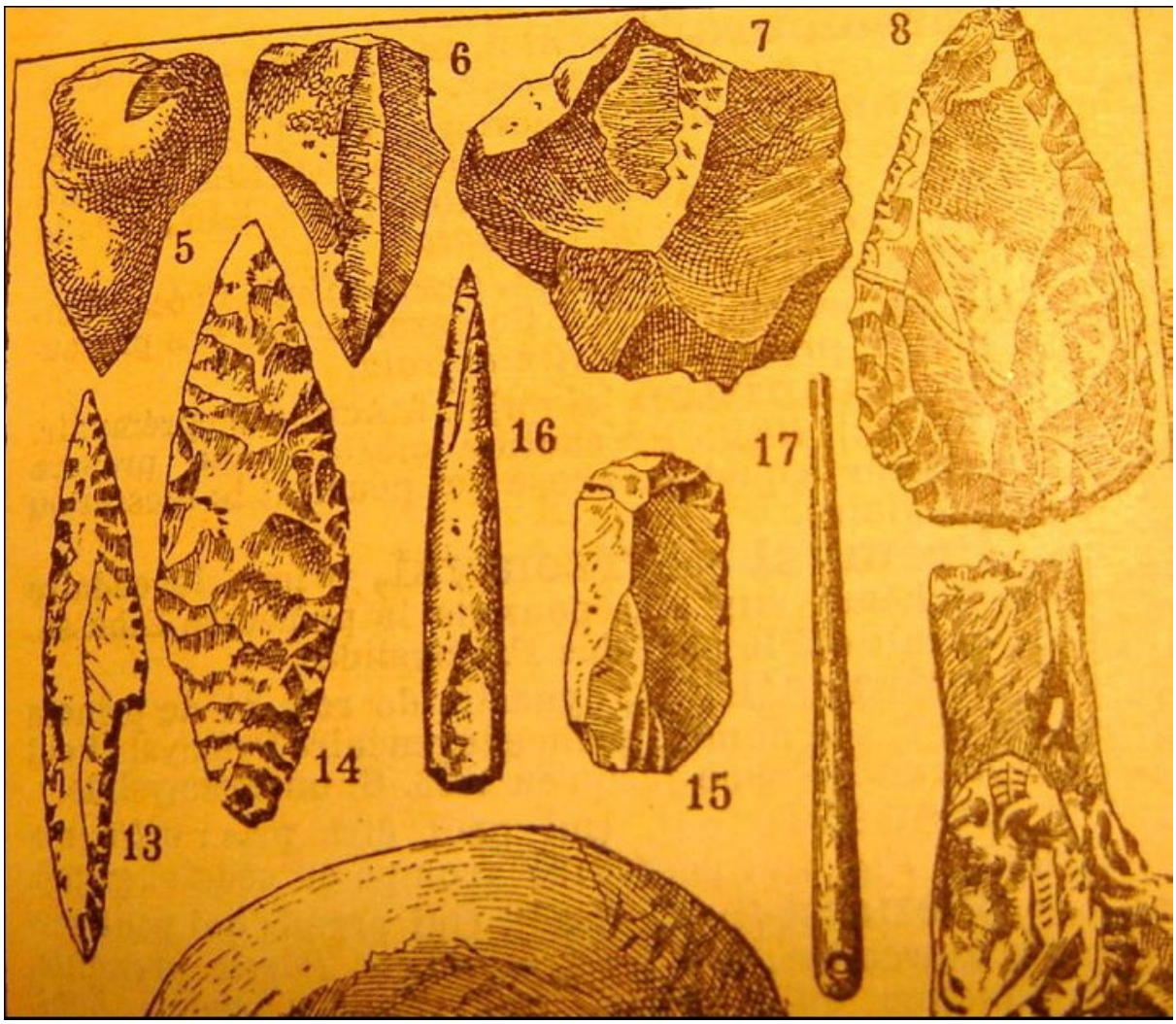
Isto, uma ferramenta, instrumento, utensílio (posso sentir o arrepio de alguns com o uso desta palavra) seria algo proveniente do Paleolítico, da idade da pedra lascada. Com a necessária ressalva de que a pedra não foi o único material. Apenas, por sua natureza, restou conservado em maior número.

São inúmeras as coleções obtidas em sítios arqueológicos, nas quais, as "ferramentas" perfuro-cortante, de formato próximo ao triangular, surgem como primeiro testemunho da intenção do homem de contar com um instrumento capaz de perfurar e cortar, ao lado de outras funções mais restritas como raspagem, por exemplo.

Este formato é dito próximo ao triangular, pois identificar um artefato desta natureza como faca é difícil e discutível. No âmbito da Arqueologia há uma palavra estranha: lesma(s), que é utilizada para dar início ao processo

descritivo. Na realidade, estes objetos de pedra lascada, se parecem mesmo com lesmas.

I -01



A figura 14 dá bem a idéia do que é uma "lesma". E a figura 13 tem tudo para ser uma faca.

O material básico é sempre o mesmo, variando o minério. Com dureza elevada, capaz de ser lascado por percussão visando a obter superfícies aguçadas e, sempre por percussão, chegar-se a um objeto, uma ferramenta com ponta(s) e gume ou dois gumes. O que não é raro, bem ao contrário.

Diversos outros "tipos" de ferramentas eram obtidas pelo processo de se percutir um bloco maior até se chegar ao almejado. Algumas, para nós, e mesmo para a mente treinada do paleontólogo/arqueólogo, seriam um tanto enigmáticas quanto ao seu uso/utilidade.

Entretanto, artefatos de formato rudimentarmente (ou não) triangulares, dotados de ponta e gume(s) teriam sido as primeiras "facas" do homem. Ou, no mínimo, cumprido as funções que damos a este objeto.

Quantos destes artefatos teriam sido laboriosamente feitos (lascados) com o objetivo de se obter uma lança e não uma faca? Em alguns casos é possível deduzir que o objetivo tenha sido este. Ou apenas as primeiras tentativas de prender-se um cabo ao artefato. Furadores, pontas de lança e de setas, arpões, machados de mão, são outros exemplos de ferramentas – extensão da mão, do braço.

Lanças e setas estão presentes, toscamente figuradas, em pinturas rupestres. O trabalho posterior à caçada, como o de cortar o couro, retirar tendões, esquartejar, quando a faca era a ferramenta ideal, não são registrados. No entanto, ossos fossilizados de animais (ou mesmo recentes, encontrados próximo ao habitat de povos primitivos) exibem marcas que muitos cientistas apontam como sendo resultado do uso de ferramentas cortantes – facas. Ou de todo modo, ferramentas aguçadas, algumas dotadas de capacidade de perfuração além de corte.

Como ferramenta primitiva a faca de formato triangular tem como limitações de manufatura a "fragilidade" do material. Era difícil obter uma lâmina muito longa e mesmo que obtida, a experiência (quebra muito freqüente) certamente influiu limitando o comprimento.

Este primeiro limite prático só seria ultrapassado com o desenvolvimento da metalurgia. As "facas" paleolíticas e neolíticas não são longas para os padrões atuais e tão pouco as da Idade dos Metais em seus períodos mais recuados.

Boa parte daquelas "facas" paleolíticas e neolíticas apresenta gume duplo. Mesmo aquelas de um único gume apresentam o formato próximo do triangular embora os arqueólogos apontem ferramentas dotadas de um único gume com o formato de cunhas, como facas. No caso, teria apenas uma função principal – o corte. Não seriam perfurantes, dotadas de ponta.

O que se lê acima tem por escopo dar realce à principal característica de uma faca: ferramenta perfuro–cortante e discorrer sobre a origem remota do formato de lâminas, que se dá no âmbito da atividade da caça e da coleta.

Posteriormente, as atividades ligadas à agricultura (há cerca de 11.000 anos passados) e depois à pecuária exigiram, a seu turno, ferramentas específicas. Mantendo-se a faca. Sempre houve muita coisa a perfurar e cortar.

Hoje, a variedade de ferramentas designada como faca(s) é enorme. Em alguns casos é difícil manter ou admitir a conexão entre o objeto e a designação: faca. Apenas para exemplificar, as facas industriais destinadas ao corte (presas a prensas, no caso) de materiais como o couro, borracha, etc. A base das sandálias "havaianas" era cortada por prensas automáticas dotadas de "facas" industriais. Não sei se isto continua.

Preservação do formato

Passemos ao vasto capítulo da metalurgia e da conservação do formato triangular.

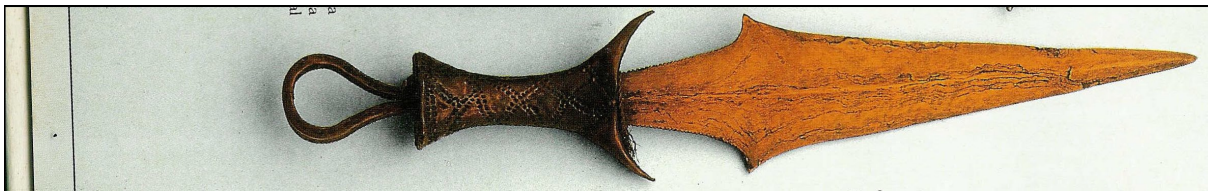
Consta que o primeiro metal não nobre utilizado pelo homem foi o cobre. Um avanço sem dúvida, mas, com restrições. A primeira delas sendo a dureza. Como conferir ao cobre a dureza necessária para evitar o rápido desgaste? Há um meio, insatisfatório para critérios modernos, é claro. Compressão, martelamento. No entanto, além de um limite incerto, ele se torna quebradiço. Limite incerto, pois na antiguidade a presença de impurezas ou mesmo a presença de outros minérios, era sempre uma interrogação. O material era mais apropriado pela origem: minas da região tal. O refino, por calor e ataque químico e outros meios, é história mais recente.

Pouquíssimos exemplares desta época foram preservados. O cobre e, mais tarde, ligas que o continham em quantidade elevada, oxida-se e o que resta é uma "impressão" um molde ou contra-molde do objeto em si. Também a ser levada em conta a raridade relativa de minérios, digamos tratáveis. Alguns tipos de solo preservam melhor o cobre, outros o oxidam.

A maioria das jazidas de cobre é de minério com teor muito baixo, até hoje. Mas sempre

houve e há nas jazidas, porções de metal quase puro.

I -02



Adaga africana de cobre, Séc. XIX -medidas ignoradas. Mero exemplo.

Este primeiro estágio da metalurgia e outros subseqüentes teriam mais de "arte" do que nossas mentes atuais poderiam imaginar. E mesmo de franca magia. O "artesão", fundidor, se valia de fórmulas complicadas, com ingredientes estranhos, para tentar chegar, se os deuses aprouvessem, ao resultado almejado. Seus fornos, eficazes para a época, eram rudimentares e pequenos. Na maioria das vezes, fornos descartáveis, usáveis para uma única corrida de metal. Teriam sido dois "tipos" principais: em torre e de chão – um buraco escavado. Ou, de início, simples fogueiras.

No início, supõe-se, a fundição era feita a céu aberto, fogueiras, sendo o calor necessário obtido por meio de foles primitivos, meras bolsas de couro. E o material era vertido em moldes e depois retrabalhado e encabado. Os resultados de escavações arqueológicas são razoavelmente escassos. Mas, embora raras, lá estão facas de cobre de formato triangular. Pequenas e simples. Nada sofisticadas como a bela adaga africana acima.

Neste ponto, avançando na História para o período da Antiguidade Clássica e início da Idade Média é necessário esclarecer um ponto: a raridade. Para nós, que vivemos rodeados de objetos metálicos, sua presença é um fato corriqueiro, não damos atenção à nossa "riqueza". Para homens daqueles períodos históricos seríamos ricos e poderosos. Muito ricos, se eles vissem as gavetas de nossas cozinhas.

Ricos e/ou poderosos da Antiguidade e de períodos históricos anteriores (estou falando de civilização ocidental e sua raiz mediterrânea) sempre de acordo com os costumes funerários, de cada cultura, eram enterrados com seus utensílios, armas, etc. O comum dos mortais, não. No máximo, levava para o além algumas "tranqueiras" sem valor. Tinha-se uma faca de cobre? Este objeto certamente passaria a seus descendentes e, pelo uso, ao final, simplesmente tenderia a desaparecer. Ou seja, a maioria dos artefatos provém de túmulos de "reis", chefes de clã, chefes tribais, figuras de destaque como o feiticeiro e/ou sacerdote(isa). O que não lhes retira representatividade, pois são padrões da cultura.

Fato ou fatos semelhantes, sem forçar demais a imaginação e sem cair em erro por demais grosseiro, ocorreram durante os períodos posteriores – Idade do Bronze, do Ferro, etc. E aconteceram até recentemente. Muito do que temos em nossas coleções são exemplares que pertenceram a pessoas de classe alta e média. As facas do povão das quais eu, particularmente gosto mais, por serem mais baratinhas e mesmo por serem, por vezes fora do comum são bem mais raras.

Vamos a um fato histórico registrado que por um lado reforça minhas propostas de raridade, aquela de ferramenta utilitária e a do desaparecimento das facas de uso do povo.

Quando a Coroa Portuguesa (Brasil Colônia) decidiu através do seu Conselho Ultramarino, em 1746, que seria bom povoar um pouco mais o nosso rincão lançou um Edital nas Ilhas dos Açores que, lá pelas tantas dizia: …"se dará a cada casal uma espingarda, duas enxadas, um

machado, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras”… Onde foram parar as facas “coloniais”? E, notem, as quantidades são pequenas por família.

I -03

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
Couteaux : 1. A dépecer, à trancher; 2. De table; 3. A dessert; 4. A virole; 5. De poche, à plusieurs pièces; 6. De chirurgie; 7. A palette; 8. A papier (coupe-papier); 9. A conserves; 10. A huîtres; 11. A vendanger; 12. De chasse; 13. De cuisine (coutelas).

Na figura acima, a peça número 13 tem o desenho de “facão” (francês), muito usado na cutelaria européia desde o século XVIII. As peças de números 4, 6, 7, 8, 9, 10 e 11 dão idéia da variada produção das cutelarias européias no século XIX e início do XX. Notar que algumas são mais instrumentos profissionais. A peça 12 é uma faca de caça. As peças número 4 e 5 são canivetes. Medidas ignoradas.

No parágrafo acima da figura, há duas questões. A primeira se refere à raridade e ao “desaparecimento” das facas do período do Brasil Colônia. A recuperação de informações a respeito de artefatos deste nosso período histórico é difícil. A outra questão, o realce que se deu ao pequeno número de artefatos colocados à disposição dos casais sinaliza na direção do custo de tal material e sua decorrente raridade.

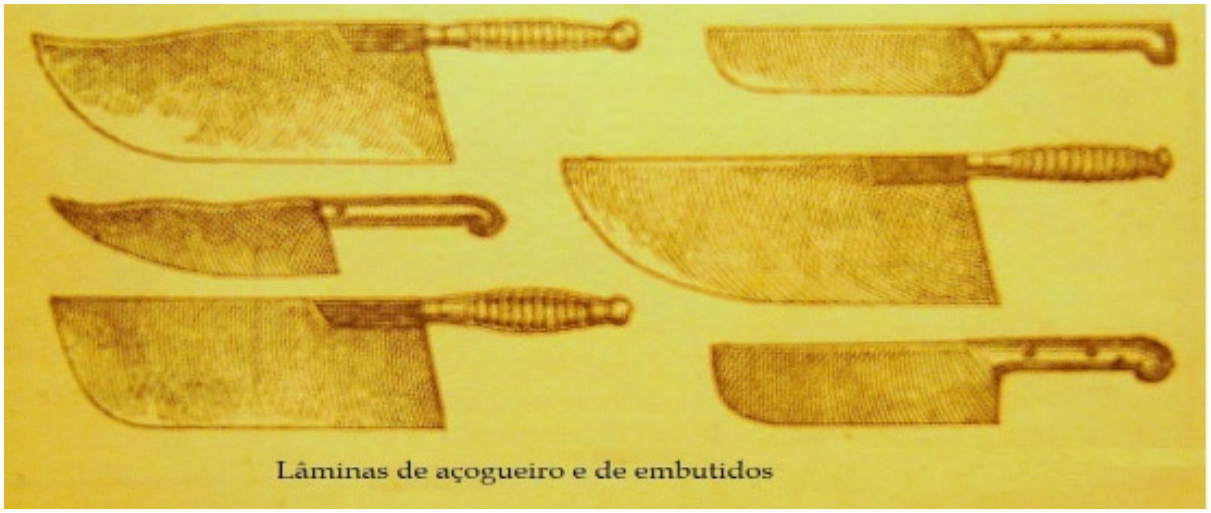
Mas, voltando à antiguidade, alguém pode, com toda a razão, formular a seguinte pergunta: e os guerreiros, os soldados? Os de hoje voltam para casa com as más lembranças de sempre e algumas quinquilharias. Os de antigamente, quase certamente, apenas com as más lembranças. Armas eram poder. E ficavam recolhidas nos “castelos”, mais tarde nos chamados arsenais dos mandatários. Cabendo lembrar que foram muito poucas as culturas e os povos que mantiveram exércitos regulares, nas quais havia o status de guerreiro, com o direito, talvez, de levar suas armas para o além. Em boa parte, os armamentos seriam repassados para novos combatentes ou para os descendentes. Ou então, perdida a briga, em butim.

Depois desta digressão, volto às facas e seu formato triangular. Durante os períodos históricos mencionados, o formato se mantém. O objetivo, dispor de um objeto perfuro-cortante

seria a condicionante básica. O fato de que as facas, com as exceções que confirmariam uma regra, a de serem ferramentas, deve ser novamente ressaltado. Julgo necessário retirar delas a aura de armas. Podem até ter sido e serem usadas como tal. Mas, sua utilidade para o homem parece ser, sempre, a de uma ferramenta. Um objeto utilitário.

As tais exceções. Existem mesmo? Sim e não. Sim na medida em que eram ou são utilizadas como ferramentas especializadas, destinadas a usos quase exclusivos. O cutelo do magarefe, por exemplo. E, pessoalmente não conheço ninguém que tenha o hábito de trinchar um peru de natal com um punhal, embora seu formato básico também seja triangular.

I -04

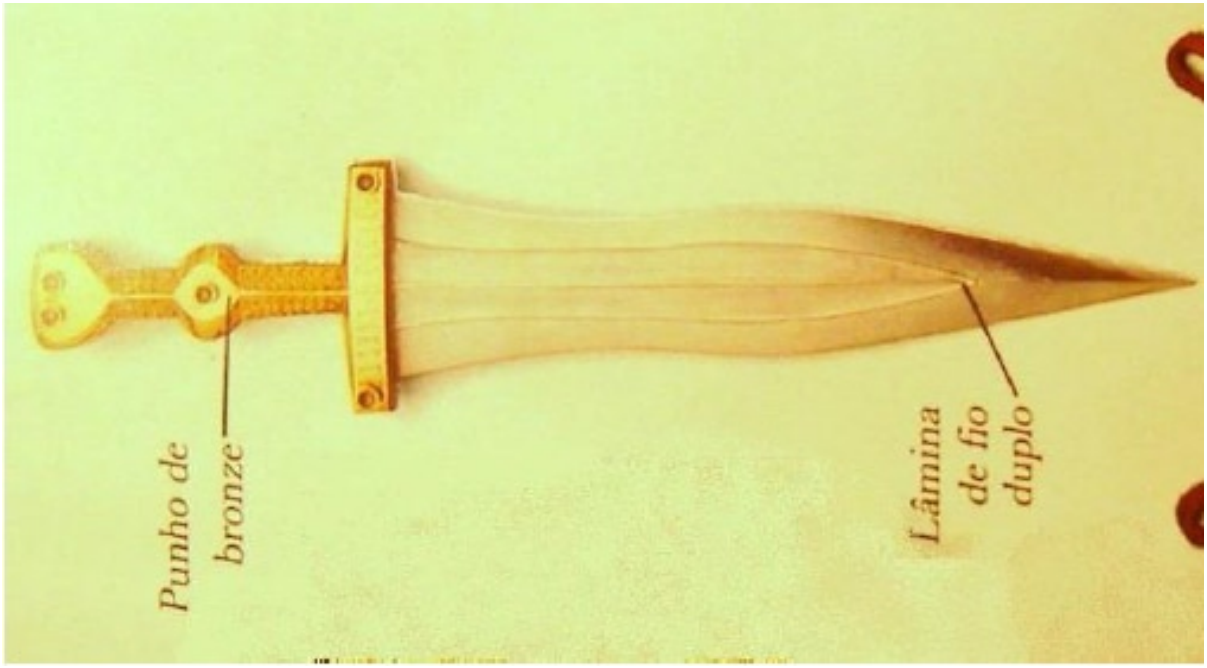


Na figura acima, prossegue a variedade de formatos de fins dos 1800 e início do Século XX. Notar que algumas lâminas ainda têm "costela" no dorso. E três delas seriam enterçadas. Os cabos são dignos de nota, mas isto é uma estória à parte.

Não excessivamente longe do formato triangular pode-se citar boa lista de facas/ferramentas especializadas: de caça, de trincheira, de cozinha, de pesca submarina, de churrasco, de escafandrista, etc.

Aparentemente é com a Revolução Urbana que entraria em cena a faca de defesa pessoal ou talvez melhor, a faca de uso pessoal ou geral. E vejam que esta revolução é muito velha. Outra hipótese seria o de um complemento do armamento. A faca de trincheira é bastante idosa. Uma delas, francesa, teria sido o "coupe-chou" (corta repolho) do exército francês, no tempo do "ariri canhão". Legionários romanos dispunham de uma faca o "pugio", na verdade uma boa adaga e os gregos tinham além de sua espada, a "Xiphos", a sua "Kopis" mais entendida como lâmina auxiliar.

I -05



A figura acima é uma reprodução de um Pugio. Medidas ignoradas.

De todo modo, com o advento da Revolução Urbana é possível que as facas tenham começado, também, a se diversificar. Os artesãos, que passam a se fixar nos núcleos urbanos, desenvolvem facas "especiais" para as necessidades de seus ofícios. A estes "tipos" usados nas diversas profissões urbanas, devem ser somados os tipos anteriormente usados no universo agropecuário e de caça e coleta. Mas, as de uso comum permanecem. e teriam conservado seu formato triangular. Seriam estas últimas aquelas que poderiam ser consideradas como de "defesa ou uso pessoal". Ou ainda, de uso geral. As facas em si, com lâminas curtas.

Entrando na seara das facas digamos "exóticas", algumas das quais se afastam do formato triangular, mas que se adaptam com perfeição ao usoprevisto pode-se citar: facas de arremesso (as de algumas regiões da África parecem tudo, menos uma faca) facas européias de caça, facas cerimoniais religiosas, facas chinesas, facas semitas e/ou árabes, etc. Uma faca chama a atenção, é o ou a Kanjar da Índia. Sua função seria de complemento ao armamento ou de defesa pessoal. Outra faca que volta e meia vemos por aqui é a "faca chilena", um artefato com a ponta acentuadamente voltada para cima, um tanto semelhante às facas Iemenitas. A "faca chilena" ao que parece seria mais uma arma. Ou seria uma faca de uso do segmento agro-pecuário? O único registro que tenho é que o "corvo", a faca chilena, era originalmente uma ferramenta de trabalho em mineração.

I -06

Usada como anel no dedo indicador, esta faca curva pode ainda ser encontrada entre os povos bantos, na Tanzânia, África Oriental.
Anel que se enfia no dedo indicador
Lâmina de ferro
MACHADO DE ARREMESSO
Esta peça africana de múltiplas lâminas provém do Zaire. Quando lançada, a arma gira sobre si mesma, ferindo o adversário qualquer que seja o ângulo do impacto.
Punho revestido de couro e cobre

Na figura acima leia-se faca de arremesso, diversas outras obras apresentam esta lâmina como de arremesso, e há, também uma faca de dedo. Medidas ignoradas. Hoje o arremesso de facas está tendendo a transformar-se num esporte. Existem inclusive clubes e associações com sites na Internet. A caça teria sido o uso principal.

Com poucas exceções – a faca européia de caça é uma delas, outra característica da ferramenta perfuro-cortante vem a ser o comprimento da lâmina. O que me permite colocar uma pergunta importante: a partir de que comprimento de lâmina triangular perfuro-cortante um artefato deixa de ser uma faca? Punhais e adagas são "facas" especiais (ou não) muito antigas. Facões, nem tanto.

A faca de caça européia é emblemática. Seu objetivo era o de provocar intensa hemorragia interna, preferencialmente lesando o coração de animais de porte médio e até maiores como cervos e ursos. Acuados pela cachorrada ou já feridos por lança, flecha, bala.

Na figura acima, cena típica de final de etapa de caçada ao javali. O animal acuado é mortalmente ferido com uma longa faca de caça.

Nota: uma faca de caça bem mais curta se fixa como padrão. Sendo provável que seja descendente de faca(s) usada(s), digamos, no pós-caçada. Ao que parece, uma versão dela seria a famosa Bowie. Ao menos a geometria da lâmina é semelhante.

Mas, novamente, não era com a faca bastante alentada que, depois de abatido ou seriamente ferido o animal, se procedia à retirada do couro, esquartejamento e limpeza. Esta tarefa cabia a alguém da "equipe", dotado de outra faca ou facas. Anote-se a existência de facas de caça européias muito práticas, na realidade grandes canivetes com lâminas um tanto largas e "quebradas", à feição do Koukri nepalês e de outras facas orientais.

O formato básico, triangular, mesmo no exemplo citado acima, permanece. E é o mesmo encontrado em adagas e punhais. Ficando a diferença, se tanto, no fato de que um punhal, teoricamente, segundo alguns, não teria gumes, apenas uma lâmina fina, estreita, de ponta aguçada, seção losangular ou elíptica, em alguns casos quadrada e mesmo cruciforme.

Diferenças entre lâminas

É relativamente fácil diferenciar uma faca de um punhal, mesmo os mais antigos. Sua lâmina estreita é um padrão. Muito embora, em termos de formato de lâmina, aqui também se encontrem diferenças; basta olhar um "peba" com lâmina de seção triangular e mesmo algumas peças "franqueiras". Mas, trata se de um artefato destinado à perfuração. Em relação às adagas (e ao facão) já não é tão fácil estabelecer diferenças.

A possível confusão se aprofunda quando a principal característica da lâmina de uma adaga: gume duplo, também se encontra em facas. Indo mais adiante, há facas e adagas com gume duplo parcial, que não é completo, nos dois "lados" da lâmina: fio e dorso. Seria o caso da imagem abaixo.

Esta particularidade é interessante. Não é muito comum, mas também não é raro ver-se lâminas com um gume da ponta às proximidades do cabo e, do outro lado da mesma, um gume que vai da ponta até um terço da lâmina ou menos.

É bem o caso da adaga da foto abaixo. Adquirida na década de 70 em um antiquário em Alexandria -Egito, nada mais mediterrâneo. Já ouvi e li que há uma adaga "tipo" ou padrão mediterrâneo. Seria esta uma representante do tipo? Mas, notem que o segundo gume não vai totalmente da ponta às proximidades do cabo.

I -08

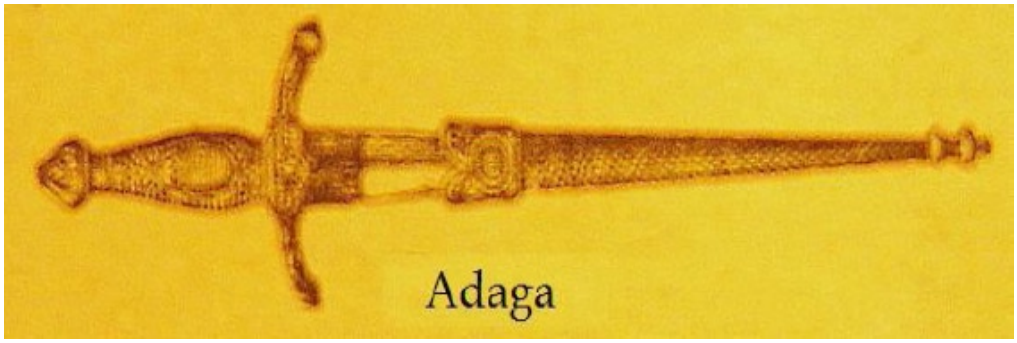
Comprimento total de 30,5 cm, lâmina com 18,4 cm, largura da lâmina 2,7 cm, espessura da lâmina junto à guarda 0,4 mm. Cabo em madrepérola em gomos, pomo e cinta junto à guarda de metal amarelo. Pomo é uma figura fundida com motivos de folhagens e asas. Bainha em metal amarelo revestido de couro (restaurado). O aço da lâmina tem dureza muito baixa. Origem: Europa Século XIX, provavelmente França.

Um critério de diferenciação pode vir a ser estabelecido à conta da "robustez" da adaga. É muito comum encontrar-se lâminas de maior espessura. Ou, utilizando o artifício de reforço estrutural da protuberância e/ou das depressões centrais. Um caso bastante extremo parece ser o das "adagas" utilizadas em lutas singulares com espada. Normalmente, era um artefato de lâmina razoavelmente espessa e/ou dotado de uma "costela" central. Estou falando de algo lá pelo Século XVI, antes da esgrima européia fixar seus parâmetros, entre os quais a proibição do uso de outra arma branca juntamente com a espada ou o sabre. Estas segunda lâmina tem uma designação curiosa : "mão esquerda". Mal traduzindo do francês – main gauche.

Cabe ressaltar que havia "escolas" de esgrima: italiana, alemã, espanhola e francesa.

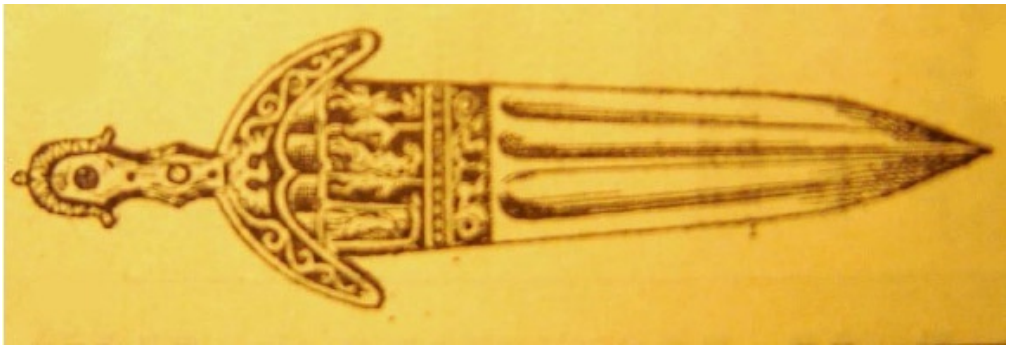
Estas "adagas" usadas no combate com espada tinham, em sua maioria (o que tende a estabelecer um tipo), lâminas razoavelmente estreitas, de formato triangular, ponta aguçada e fina. Parece-me que estariam mais para punhais. Caso se aceite que punhais são dotados de lâminas estreitas e finas, etc., em relação a facas e adagas.

I -09



Perdão pela qualidade insuficiente. Adaga Italiana, século XVIII. Note-se quão estreita é a lâmina. Medidas ignoradas.

I -10



Uma adaga italiana CINQUEDEA, "cinco dedos", circa 1600. Medidas ignoradas. Notar a semelhança longínqua com o Pugio.

Novamente a grande variedade tende mais a desorientar que a ajudar. Que dizer dos punhais com lâminas de seção triangular, ou mesmo cruciformes? Nunca é demais lembrar.

Um padrão muito antigo

Um formato de adaga extremamente antigo é egípcio. Egito antigo, dos Faraós. Seu formato geral varia pouco ao longo de algumas dinastias. Mas, L. Gazinhato registrou numa exposição itinerante de artefatos egípcios da antiguidade, uma indiscutível faca.

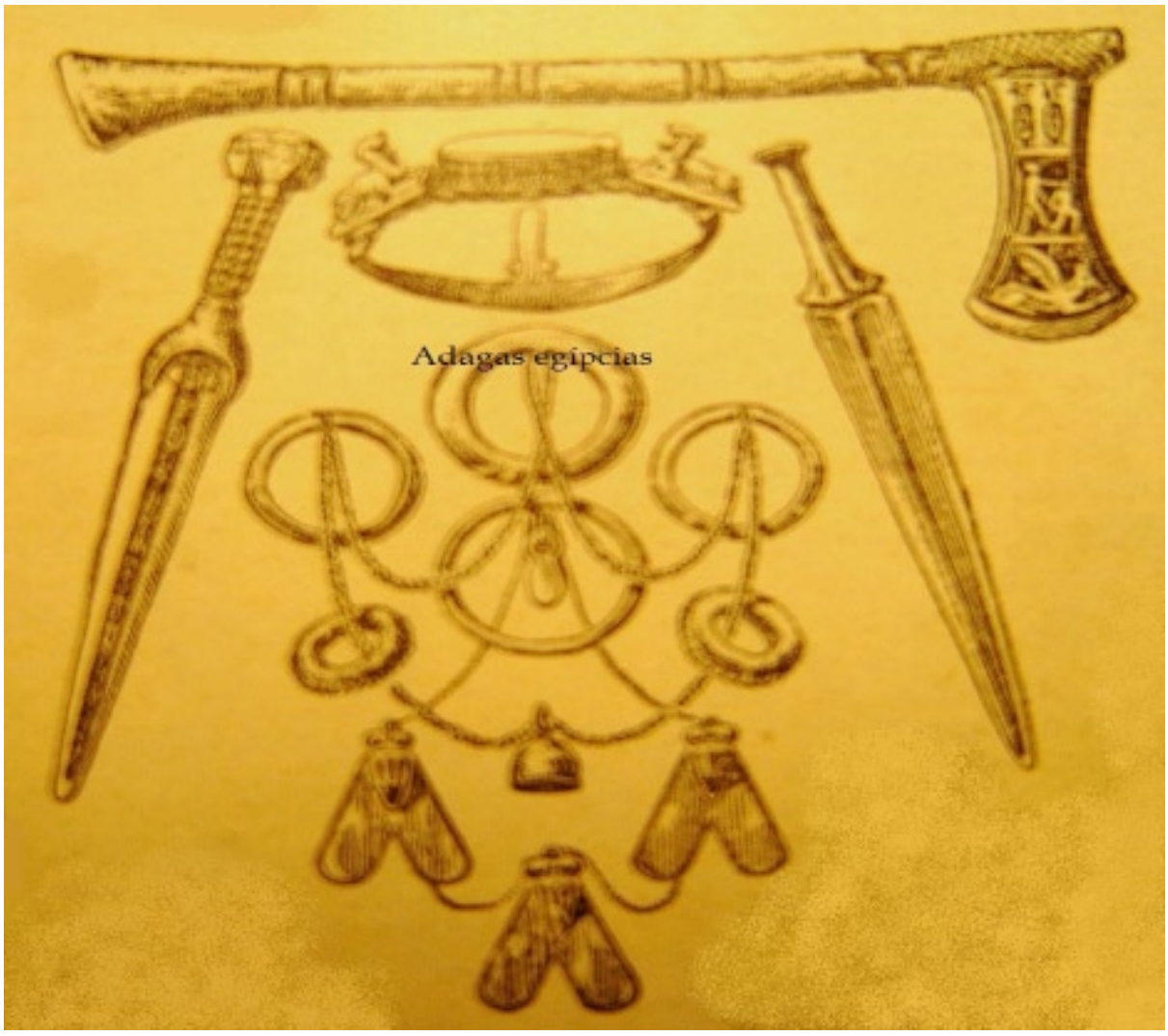
O exemplar de adaga encontrado no túmulo do famoso Tut Ankamon pode ser considerado como "padrão", pois as variações em relação a artefatos de outras dinastias são pequenas.

I – 11

As medidas da adaga em questão são: comprimento total de 31,9 cm; comprimento da lâmina de 20,1 cm; a largura máxima da lâmina é de 4,38 cm ; seu formato é o de um triângulo eqüilátero, terminando em ogiva suave a partir (aproximadamente) da metade da referida lâmina que é dotada de dois gumes e de "canal" central duplo. Esta Lâmina é feita de ouro maciço, endurecido por compressão. Toda a adaga é constituída por uma peça única, não há descontinuidade entre cabo e lâmina.

O comprimento total da empunhadura ou cabo é da ordem de 12 cm. O que se aproxima muito dos cerca de 11cm encontrado como média, padrão ergonômico de grande parte das empunhaduras ou cabos de armas brancas curtas. O que nos dá, para esta adaga da alta antiguidade, uma razão de 1 para 2 -empunhadura x lâmina e (sempre aproximadamente) 5 para 1 em relação à largura máxima x comprimento da lâmina.

I -12

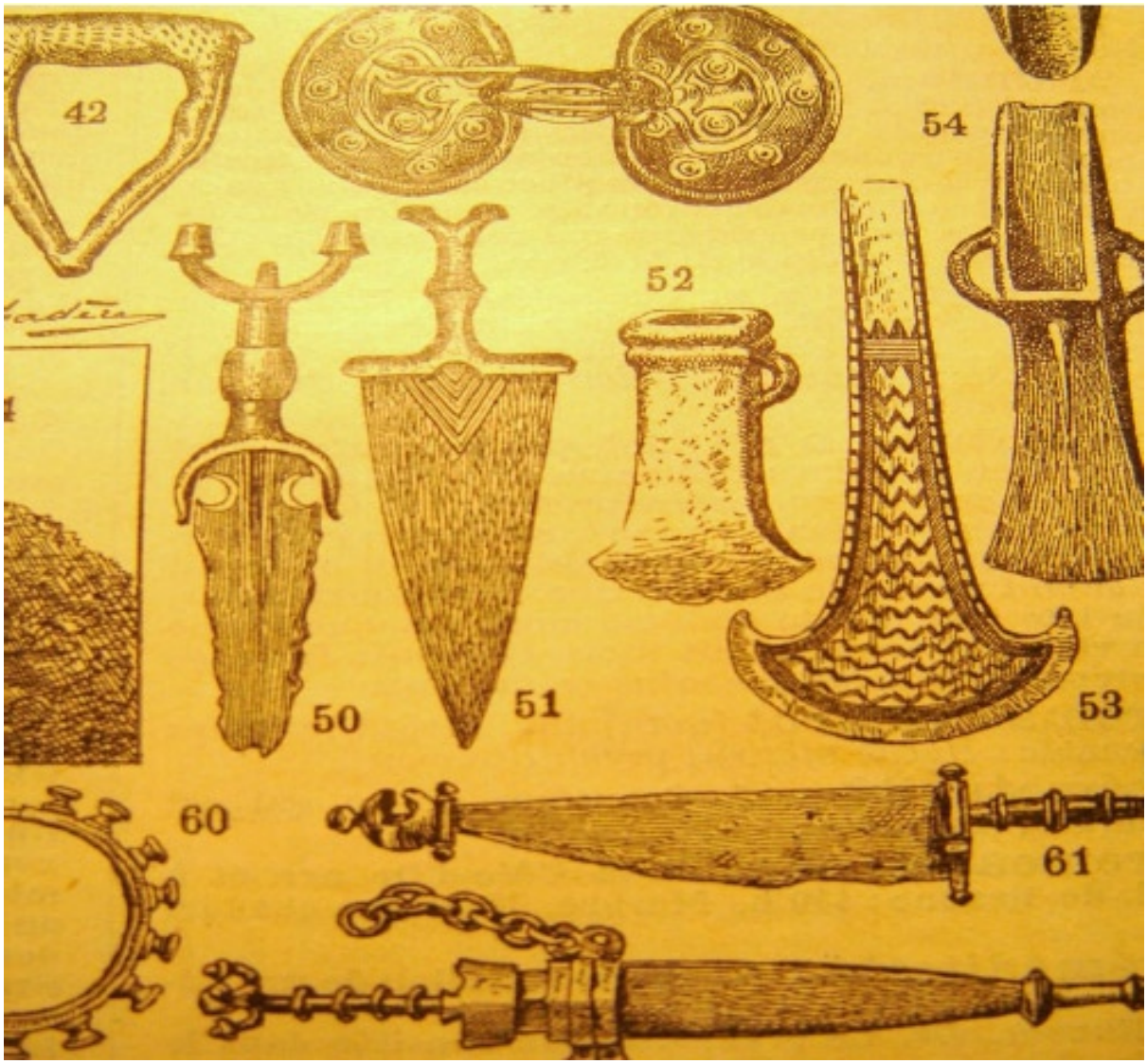


As adagas acima são também egípcias. Alguns autores as consideram "espadas cerimoniais". Medidas ignoradas.

Uma característica desta "arma" antiqüíssima pode indicar o diferencial entre faca e adaga: o formato é o de triângulo com dois lados, forçando um pouco é claro, iguais. O que nos dá uma seção losangular ou, o que também é comum um retângulo acoplado a dois triângulos – os dois gumes ou ainda de um losângulo. Algumas adagas medievais são, quanto às suas lâminas, triângulos isósceles e mesmo, alguns exemplares têm o formato de triângulo eqüilátero.

Quanto a estas últimas lâminas, ou o uso/desgaste nos legou um triângulo isóscele ou retangular ou, o objetivo do artesão foi o de obter robustez. Cabendo ressaltar que a característica perfuro-cortante é, no caso da adaga, um objetivo plenamente atingido. O que seria, digamos diverso do objetivo da faca (em termos).

I -13



As peças são Celtas. As adagas levam os números 50, 51, e aquela abaixo, com corrente. A de número 61 tem formato típico de faca. Material: bronze. Medidas ignoradas. Muitos achados arqueológicos são mantidos em suas bainhas. Por razões de preservação e/ou manutenção do conjunto.

Mas, se a característica perfuro-cortante está plenamente presente, por outro lado é necessário pensar a respeito das funções requeridas ou embutidas numa adaga. São dois fios, ou seja, a função corte é bilateral, o portador esperava contar com um artefato capaz de cortar dos dois lados (sem conotação sexual, por favor). Na hora da luta ou do uso, isto era ou seria altamente desejável. Tanto mais em objetos de bronze que tendiam a perder a afiação com rapidez.

A ponta serviria à função de estocar. O que também não era menos importante na hora da contenda. Enfim, três maneiras de atingir os objetivos de quem usava. Três funções.

As adagas variam muito de formato ao longo da História. Caso emblemático é aquele do "DIRK" dos "Highlanders" escoceses. Seu formato variou bastante ao longo de sua evolução. Havendo Dirks que são mais punhais do que adagas.

Por razões conhecidas a história, a evolução do Dirk está bem documentada. Coisa rara no

mundo das lâminas.

Que razões são estas? A existência de exemplares de cada período da evolução e suas variantes, o interesse pelo resgate e manutenção de tradições, fontes literárias e iconográficas. E, é claro, muito tempo de pesquisa.

Capítulo 2

Facas no Brasil

Com exceção das facas nordestinas, que abordo rapidamente, tocarei a seguir em lâminas brasileiras de diversas origens territoriais. O que cabe bem nestas notas de introdução, ao que se espera, seja um trabalho em continuidade a ser dada por quem tiver mais e melhores informações.

Mas, aqui para nós brasileiros, voltando à discussão do Capítulo 1, o que seria a adaga nacional? A maioria dos registros escritos, as descrições, os trechos de obras literárias são sulistas. São os gaúchos que "falam" em suas adagas. Uma hipótese: o termo seria usual no espanhol?

Novamente cai-se no problema da grande variedade. Existem adagas sulistas dos mais diversos comprimentos totais. Consta, veja-se bem, consta que o gaúcho "atava sua adaga à ponta de uma taquara".e resvala-se para o campo das lanças. É relevante atentar-se para o fato de que estabelecer como regra que o gaúcho de antanho procedia assim ou assado pode ser temerário. Pode vir a ser um dos tantos mitos e lendas oriundas da repetição de trechos de obras literárias ou de trabalhos de folcloristas cuja crítica seria pertinente à luz de novos dados.

I -14

Podendo vir a ser classificada como uma adaga gaúcha. Comprimento total de 50,5 cm, lâmina com 38,5 cm; largura da lâmina junto à guarda 3,0 cm. No pomo, fixando o cabo, uma moeda datada de 1853 com dizeres em espanhol. Marcas de ferramenta no dorso indicam aproveitamento da lâmina que é de aço com boa dureza e rigidez. Dois fios sendo um parcial. Espessura da lâmina 3 mm.. Guarda e cinta em metal amarelo. Origem: São José do Norte -RS, década de 1970. Talvez um dos diversos tipos de facão usados na região ou, como mencionado, reaproveitamento de lâmina com dois gumes. Provavelmente – obra de cuteleiro local.

Antes que isto aconteça, é apropriado levantar a questão da "cruzeta". Ao que parece, a adaga sulista teria entre o término da lâmina e o início do cabo, uma peça de metal que, em sentido perpendicular ao eixo da lâmina, ultrapassa sempre sua maior largura. Que formato tem ou teria esta peça? Um "S"? Uma meia-lua? Ou algo retilíneo?

O formato de meia-lua ou em "U" é defendido por alguns. De onde viria esta meia-lua? Há uma possível resposta, documentada. Das primitivas charqueadas. Os ancestrais do gaúcho, montados em seus cavalos, utilizavam um artefato constituído de uma vara em cuja ponta havia uma meia-lua de metal. Com esta "ferramenta", cortavam os tendões de uma das patas traseiras do boi (ou de sua senhora). O animal, semi paralisado era morto por "peões" (escravos ou não) com golpe(s) de outro artefato de lâmina longa. Vejam o registro abaixo que data dos 1800 podendo ser considerado, com a devida cautela.

I -15

Álbum: Rio Grande do Sul Histórico, Vol. 1; Série Raízes Gaúchas. J B Debret. Notar que há duas lâminas de grandes proporções em uso para abate final. A "lança" semilunar é a 'garrocha", à qual os gaúchos acrescentavam uma lâmina central passando a ter, efetivamente, uma lança.

Mas, não me dou por satisfeito com esta argumentação. Pode haver outra, de natureza prática. O que é mais fácil de forjar? Se eu fosse um ferreiro daqueles tempos, trataria de fazer uma "peça" retilínea, em cruz. Se eu fosse o futuro dono do artefato, não gostaria de ter duas pontas aguçadas, fora da bainha, capazes de me ferir ou de ferir meu amado cavalo. Peço que reparem bem no seguinte: estas "peças" entre o final da lâmina e o início do cabo, têm suas extremidades recurvadas no caso do "S", adoçadas ou arredondadas provavelmente para evitar ferimentos, danos à roupa, à montaria. Entretanto há referências a esta peça com o formato de "U". Ou seria uma meia-lua? Mais que isto, esta peça, com este formato está presente em muitas adagas medievais e outras armas de época. A utilidade seria o de usar este "U" ou meia lua como meio de travamento e mesmo de rompimento da lâmina do adversário.

A meia lua pode até estar presente em alguns artefatos, mas, a meu ver, seria uma exceção. O "S" ainda se justifica. Um artesão com uma veia mais artística ou que simplesmente copiou parcialmente o formato da guarda ou punho de alguma espada de origem européia (provavel-

mente espanhola). Ao final seriam umas quantas marretadas a mais. Ou ainda, quem forjava complexos ferros de marcar gado, não teria dificuldades em forjar a peça em questão ou fazê-la a partir de latão e outras ligas metálicas.

De todo modo esta forma de guarda é prática e muito antiga.

I -16

Adaga européia encontrada nos USA. Século XVIII.

O formato da adaga sulina estaria mais de acordo com o formato da lança farroupilha mostrada abaixo, uma peça de acervo de museu. É claro que esta lança foi forjada para ser uma lança. Mas é necessário ter em mente o formato original da adaga culturalmente embutido na cabeça do artesão, que não fica distante da adaga mostrada acima. E da relíquia mostrada em I.18, abaixo.

I -17

Mesma origem da obra citada imediatamente acima. Pontas de lança do acervo do Museu Farroupilha -RS. Mas há a considerar o uso do Espontão, um tipo de lança de uso dos oficiais.

O argumento de que o formato estaria culturalmente difundido e, portanto, a lança seria um reflexo disto é bom, mas pode estar errado. O fato é que adagas foram largamente usadas na Europa durante nosso processo de colonização. De resto, o formato da lança mostrada (a que tem "cruzeta") pode muito bem ser a do velho Espontão – uma lança mais para curta portada pelos oficiais de infantaria. Seu uso, além de arma de defesa e ataque, era o de sinalizar para os soldados onde estava e para onde ia o oficial.

Pode ser verdade? Uma lembrança do Espontão? Não. Não pode. As duas lanças no centro da imagem são os modelos adotados pelo Exército Imperial do Brasil em 1872 e 1881. Mas, vamos voltar ao formato de facas.

Qual seria este formato? Na modesta opinião e no alcance destas Notas, o de uma lâmina com dois gumes, com comprimento total entre 25cm e 45cm (ou mais, se quiserem), dotada de uma "cruzeta" retilínea simples ou de "S" invertido, formato triangular (triângulo isósceles), seção losangular (ou "lombo de burro"), prolongada por cabo com seus 11cm regulamentares ou pouco mais, recoberto com osso, chifre, madeira. Ponta centrada em relação ao eixo central da lâmina. Gostaria de defender o comprimento da lâmina. O primeiro argumento seria o do custo. Aço ou mesmo ferro, no Brasil Colônia, eram caros. O comprimento relativamente curto (considerando o tamanho de algumas das adagas que vi em coleções) era uma vantagem. O risco de deformação ou mesmo de quebra fica bem diminuído e, também, deveria ser pesada, robusta, de boa espessura. O que se depreende da literatura é que o gaúcho via em sua adaga uma arma e, arma polivalente. Na hora da briga generalizada ela se transformava em lança. O que parece ter sido mais exceção que regra.

I -18

Adaga européia da Idade Média, Século XIV. A geometria da lâmina e a solução da guarda são muito comuns. A lâmina deve ter medido algo perto dos 50 cm a julgar pela devida proporção com o fuste ou espiga.. A guarda tem um perfil que se pode chamar de: "em meia lua". Mas, é sempre bom discutir um pouco as coisas.

Sempre tem um "mas". Existem pelo menos dois tipos de adagas gaúchas. Uma delas, se não me falha a memória seria a "Caroneira" que teve dimensões alentadas, principalmente no

comprimento. A seu respeito acrescentei uma anotação ao final deste Capítulo.

Como último argumento no tocante às dimensões da adaga sulista cabe ressaltar que o "facon", o facão do gaúcho, aparentemente, é uma estória mais recente. Um artefato que, digamos, se popularizou a partir da introdução, naquela região, do aço de melhor qualidade e do feixe de molas de carruagens importados e bem depois do feixe de molas de automóveis. É sintomático que se atribua ou se atribuísse boa qualidade a peças que tinham ranhuras paralelas. Tais ranhuras faziam parte do sistema de travamento/acoplamento, ou da lubrificação de feixes de mola. A qualidade, é lógico, fica por conta do aço usado em molas ser mesmo bom e duro, difícil de desgastar-se.

Hoje em dia um facão e facas gaúchas de "riscas", aquelas ranhuras mencionadas acima é coisa rara. Os originais seriam da época da introdução do veículo automotor a gasolina ou anteriores. Registre-se a existência de facas gaúchas cujas lâminas são sulcadas. Note-se que se tratam de sulcos, estreitos e pouco profundos.

Ou não seria nada disso? E esta estória a respeito das tais riscas e sua origem será um mito? O fato é que existiu o facão COLLINS, fabricado em Hartford, Connecticut -USA. O modelo 1880 desta lâmina tinha duas belas "riscas". E, não só este modelo. Aliás, diga-se de passagem, que a Collins exportou bastante para o Brasil. Uma lâmina Collins que parece não ter feito muito sucesso por aqui foi a Bowie daquela empresa.

Mas, temos outras fontes que nos informam que o "facon" seria apenas uma designação para facas um tanto mais alentadas. Ver no Anexo: Iconografia, detalhe de uma foto dos anos 40.

Também há outra possibilidade. A exportação, para o Brasil de lâminas cruas de Thiers – França, da Cutelaria "Fourmi". Traduzindo: Formiga. Eram lâminas alentadas, largas e, via de regra, com "riscas". Considerando que os gaúchos chamavam de "facon" – facão, facas de comprimento um tanto longo, não é demais considerar esta outra possibilidade. Aliás, mais provável.

Ainda a respeito das tais riscas, há diversas outras possibilidades. Pendentes de boa pesquisa. Uma delas se refere a etapas de processos industriais. Querem alguns que as lâminas, ao serem retiradas da fornalha fossem "mordidas" por uma ferramenta, dando origem às riscas. Mas processos industriais também nos falam em diversas etapas de estampagem e de prensagem, outras em operações feitas com plaina-limadora e por aí vai.

O que não invalida a presença de facões no Brasil Colônia. Como já foi visto os açorianos arregimentados para povoar nossa terra recebiam um facão. Qual a diferença? Comprimento da lâmina parece ser a resposta. Mas, cabe a pergunta, estes facões coloniais teriam que comprimento? Ao que tudo indica seriam mais curtos que o padrão atual. Possivelmente, bem mais curtos e espessos de lâmina – o aço carbono da época não tinha as mesmas características dos contemporâneos.

O mesmo se aplicaria aos artefatos sulistas: facas, facões e adagas. Mas, a partir de que dimensão(ões) um artefato sai de uma categoria para entrar em outra? Ainda mais quando uma das poucas descrições da "Lapeana" fala de uma lâmina de "dois palmos e meio". O que nos leva a algo com mais de sessenta centímetros. Uma verdadeira "faca de arrasto" sulista. O que, aliás, também é referido por outros autores que chegam a citar adagas sulistas de 80cm. Este despautério de formato, parece, tinha um nome: Caroneira. Seria uma faca de sela, pois o nome caroneira se refere a caronas, proteção sob a sela aonde a adaga era portada.

Fica a questão, a meu ver insolúvel, seria a Lapeana uma aparentada da Caroneira? No

mínimo, a pergunta tem cabimento, pois a região geográfica de ocorrência é próxima. Mas a geometria de lâmina parece ser bastante diferente. Ou seriam variantes de Sorocabanas

I -19

Pequeno acervo de peças gaúchas (adaga européia já exibida acima). A primeira à esquerda teve sua bainha restaurada usando o conceito de deixar patente a restauração. Ver Anexo 1 – Iconografia para visualizar outro facão. Descrição e medidas ao final.

Outra diferença que surge é a largura da lâmina. Um facão seria robusto em todos os sentidos e largo. Uma faca seria menor e proporcionalmente mais estreita de lâmina. A adaga seria, sempre em relação ao facão, mais curta e, em relação à faca, mais larga e mais robusta e lâmina mais espessa.

Já referi que a faca gaúcha ou sulista, pois a extensão territorial da presença disseminada deste artefato ultrapassa o atual Estado do Rio Grande do Sul, tem fortes raízes nas facas usadas e feitas na Argentina e no Uruguai e se estende mesmo ao Paraguai. Mas houve manufatura (artesanal e mesmo industrial) de facas "tipo" gaúcha no território apontado acima.

Entre os estudiosos do folclore e daqueles que se dedicam a preservar as tradições gaúchas, há uma opinião, que se lê nas entrelinhas, no sentido de que a faca gaúcha e suas variantes (com exceção da "Naife"), seriam o produto da disseminação de facas importadas nas primeiras décadas dos anos 1800. Entre as quais as "belgas" e de outras nacionalidades, com as benditas riscas.

Como ficamos? Apenas a "naife" seria genuinamente brasileira? Ou ainda, ao lado da "naife", de nacional mesmo teríamos apenas as facas semi ou totalmente industriais que surgem no Rio Grande do Sul pelo final do Século XIX. Aparentemente, um "tipo" de faca gaúcha, a "Carneadeira" seria já um produto da industrialização. Pensar desta forma equivale a não considerar as dezenas ou centenas de artesãos cuteleiros que produziram facas no território assinalado. São, ou melhor, foram artesãos tão importantes como aqueles que exerceram seu ofício no Nordeste e outras paragens. É pena que o tratamento dispensado às obras destes artesãos seja um tanto pejorativo. Semelhante à "faca de ferreiro" usada no nordeste.

Tanto quanto em outras regiões de nosso país há "tipos" de lâminas que desapareceram. No

Sul há o Biscaio, aparentemente um facão que caiu em desuso.

I -20

Facão nordestino marcado "AB". Século XX. Lâmina importada. Cabo com trabalho de "embuá". Peça posterior a 1940 ou lâmina reencabada. Comprimento total de 42 cm, lâmina medindo 28,5 cm, largura junto ao "botão" 4,6 cm, espessura de 3,5 mm. Diâmetro do botão 2,9 cm, contra-fio cego de 7,5 cm da ponta. Origem São Luiz do Maranhão -1982. O artefato de cima tem comprimento total de 41 cm, lâmina com 29,3 cm, largura junto ao cabo 4 cm, espessura 4mm. Contra fio cego da ponta com 9 cm. Origem Betim -MG 1973. O cabo é de talas de chifre claro ou "louro". A solução de lâmina e de cabo pode enquadrar este artefato como uma Curvelana.

Contudo, existem peças nordestinas que teriam algo a ver com adagas. Têm gume duplo, mas são estreitas, com pouca largura de lâmina. Estariam mais para punhais. Digamos que podem ter origem remota (ou não) em adagas, caso se considere a geometria de suas lâminas.

Estas lâminas nordestinas são intrigantes e deixam mais dúvidas que respostas. Intrigantes pelo seu elevado número/presença em coleções. Pelo formato ou geometria de suas lâminas seriam punhais.

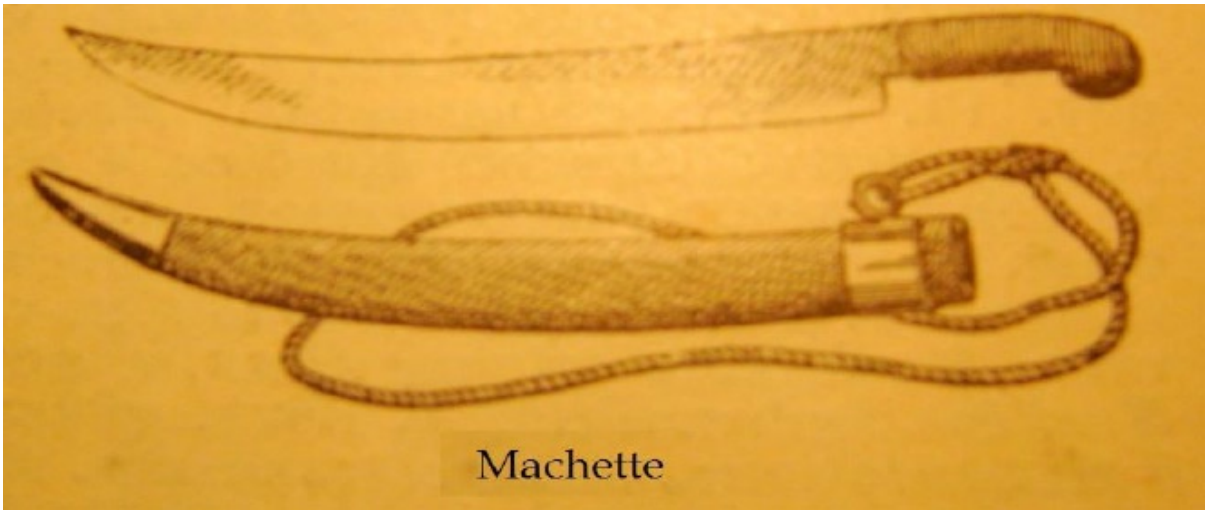
Outra diferença seria o formato da lâmina. Na faca, ao que tudo indica, predomina o de um triângulo com três lados desiguais. Mas a adaga mantém o formato de triângulo com dois lados iguais. E, nestes dois lados iguais, dois gumes. Vale lembrar que punhais, de um modo ou de outro, são afiados.

Em nosso país esta tentativa de categorização pelo formato da lâmina cobre muitas peças (a maioria em coleções ou em museus europeus) do

período da colonização indo, para se estabelecer apenas um marco, ao Segundo Império. É provável que a partir daquela época, o formato da adaga foi perdendo para o formato de triângulo com três lados desiguais. Assim como o "facão" sulista e o nordestino tomam outros

rumos. Mas, nosso país é imenso e a questão destas diferenças e da tentativa de se chegar a uma "tipologia" vai longe. Sempre houve facões e facas no Norte. Os "paroaras" (caboclo amazonense de origem nordestina) teriam sofrido a influência das primeiras lâminas de grande comprimento que por aqui chegaram e se mantiveram como a "machete" francesa, que, além de longa e larga era curva. Mas esta influência se dilui rapidamente com o tempo. O facão do norte (e o do nordeste?) fixou-se em uma lâmina robusta, larga, mais para retilínea e de bom comprimento. Algum colecionador dispõe de um exemplar do "Canindé"?

I -21



Exemplo de machete francês. Medidas ignoradas. Iconografia francesa Século XIX início do XX. Este artefato, segundo algumas fontes, surgiu lá pelo século XVIII.

A faca do paroara seria curta e tinha mais a ver com "peixeiras", já na década de sessenta quando fiz minhas primeiras viagens aos sertões amazonenses. Adagas? Nenhuma. Facas de ponta nordestinas, em bom número, afinal foram os nossos irmãos nordestinos que povoaram em larga escala a Amazônia. O Trinchete nordestino, um verdadeiro cutelo dotado, por vezes de uma ponta, também estava por lá. Facas de arrasto? Nada de lâminas excessivamente compridas. A bordo dos pequenos barcos "paroaras", seria um estorvo.

Mas, há um fato curioso. Por diversas vêzes topei, nos rincões amazonenses, com a designação : "Terçado". Atribuída a facões. Ora, Terçado foi uma arma de uso civil e depois mais militar. Um sabre ou espada curto e pesado dotado de guarda, diria em "D" de metal amarelo (nas versões militares conhecidas).

A questão que fica para quem desejar contribuir é se houve ou há uma faca amazonense.

Mas, nas já referidas viagens, muito numerosas no final dos anos sessenta e durante a década de setenta, topei umas poucas vezes com um facão intrigante. Um tanto menos comprido que os "Matão" e os Collins (poucos sobreviventes). Uma lâmina pesada, espessa, visivelmente artesanal, sem ponta, com largura por vezes acentuadamente se alargando em direção à um corte quase vertical, em relação ao eixo da lâmina. Perto de Óbidos, um comerciante tinha dois para vender (não comprei, pena, minha bagagem já tinha todos os quilos permitidos) e esclareceu-me quanto a sua origem: "mando vir do Crato, o pessoal daqui tira o cabo e coloca umas madeiras da terra, que não pegam água". Um exemplo destas madeiras é a Muiracatiara. Ela é muito resistente à umidade, tem um bom acabamento e é bonita, com seus tons avermelhados e manchas mais escuras. Hoje é exportada para a Europa onde é muito apreciada para a feitura

de cabos de "madeiras exóticas".

E no "miolo" do Brasil? Algum artefato diferente a ponto de merecer alguma anotação? Na época em que Mato Grosso era um só, tudo o que vi por lá eram artefatos de São Paulo, Gaúchos e Nordestinos. Estes últimos bem escassos. Ouvi falar de uma faca goiana. Nunca me foi apresentada. Mas fui apresentado a uma faca "coureira" em Ladário – Mato Grosso. Seu uso/objetivo era o de facilitar o trabalho dos "coureiros" cuja principal atividade era predatória: caça e extração de couro de jacaré. Poderia ser ou, melhor, ter sido qualquer coisa. Entraria facilmente na categoria das "Caxerengas". A lâmina era curta, cerca de dez centímetros, um gume só, formato triangular, uns três centímetros de largura, espessura de pelo menos meio centímetro, com a ponta "arrevirada": o terço final era em meia ogiva ou meia elipse. Enfim, arredondado à feição dos facões da Tramontina de hoje.

Vi um "coureiro" trabalhando. O animal é (era) aberto num "Y" em poucos minutos. Curioso este corte, parece autópsia. O couro da mandíbula inferior foi descolado a partir do que seria a gengiva do bicho, o rabo foi cortado fora com extrema facilidade (mais tarde foi transformado em um bom churrasco, junto com as patas). Todo o trabalho foi feito com a tal "coureira" e não consumiu mais que uns cinco minutos. E o jacaré era grande.

Não me perguntem por que o couro da mandíbula inferior foi retirado num esforço extra. Mas, se quiserem saber como o pobre animal morreu, pasmem, um tiro de "flobé" no olho. Leia-se: "flobé": carabina calibre vinte e dois, tiro a tiro. Talvez, aportuguesamento da conhecida marca francesa: Flobert.

Na Amazônia o bicho é arpoado, o couro das costas só serve para fazer artesanato, é cheio (por dentro) de escamas ósseas, não importa se resulta danificado. Na Ilha de Marajó a coisa tem de ser mais bruta; no mínimo Winchester 30.30, os jacarés dali são verdadeiros monstros e os búfalos saem de onde menos se espera, à menor provocação – sua simples presença humana, por exemplo.

Voltando a Mato Grosso e só a título de curiosidade e da minha vontade de contar estórias, lá fui apresentado à "azagaia". São dois tipos: a de "espera" e a de "jogada" ou de capão. A de espera é uma arma que faria as escamas do dragão de São Jorge ficarem arrepiadas. Um cabo ou fuste grosso calculo que uns cinco centímetros de circunferência, com uma mola de caminhão de uns quarenta centímetros na ponta e um acabamento de metal na outra extremidade dotado de pequena ponta rombuda. A arma toda deve ter uns dois metros e tanto de ponta a ponta.

A coisa se passa da seguinte maneira: a onça é acuada e o portador da tal "azagaia" deve dizer ou pensar algo que a irrita profundamente. O bicho salta e o azagaiante com a arma travada no chão, move a azagaia de modo a que a onça se espete nela e salta de banda. Este salto de banda é fundamental. As patas traseiras da onça vêm na direção da barriga do caçador.

A outra azagaia é mais leve. E o azagaiante tem menos temor a Deus. Ele entra no capão, chega perto, me disseram que, no mínimo, a uns dez metros e, joga a azagaia na onça. Não vi estas caçadas. Só o resultado do primeiro tipo, dois rombos, um no peito e outro nas costas da onça. E, quem diria, tudo a partir de uma mola de caminhão devidamente trabalhada pelo ferreiro da fazenda.

Como último adendo vale ressaltar a existência de uma faca dita coureira nas paragens gaúchas. E não fica só por aí a galeria de tipos de lâminas curtas sulistas. Por falar em Coureira, sempre é bom mencionar, reiterando comentário já feito, que talvez se trate da prima da Peixeira. Facas já do período de nossa industrialização. Será que é isto mesmo? Pode ser. Caso contrário um gaúcho viajado como Alberto Juvenal de Oliveira não citaria em seu livro "Dicio-

nário Gaúcho", esta possibilidade.

Mas, é bom voltar ao problema de tentar discutir um pouco mais as tais diferenças para se chegar – um dia, quem sabe, às facas brasileiras. Oswaldo Lamartine de Faria, em seu livro, na página 51 mostra o que seria uma faca de uso popular. A lâmina é substancialmente maior e mais larga. Arriscando, tal lâmina teria uns trinta centímetros de comprimento, fora o cabo. Quanto à largura, é difícil arriscar, a fotografia não é boa, mas pode muito bem chegar perto de uns dez centímetros próximo do cabo. Estas medidas foram inferidas a partir de uma suposta proporção entre cabo e lâmina.

A diferença em relação às demais facas de ponta mostradas na mesma fotografia é grande. Pode-se ousar dizer que a faca "original" nordestina seria algo como o mostrado por Oswaldo Lamartine. É evidente que a variação é muito grande. Mas, entre cinco e dez centímetros de largura máxima e comprimento (só da lâmina) entre vinte e trinta centímetros, podendo chegar a quarenta.

A esta altura vale registrar que a faca de uso popular registrada por Oswaldo Lamartine guarda certa semelhança com algumas facas sulistas do final do Século XIX, início do XX. Suas lâminas são largas. Penso nas "Besouro" e "Formiga" da vida.

Mas, registrem-se, lâminas com comprimento maior teriam, no Nordeste, outro uso que o dos trabalhos diários e seriam prováveis herdeiras de atividade pecuária. Passam para a categoria ou "tipo" de arma. Seriam as facas "de arrasto". Ninguém haveria de querer extrair um "bicho de pé" com uma faca com mais de trinta centímetros.

Muito bem, nosso homem do interior tem as mãos calejadas, podendo segurar uma faca pela lâmina para realizar alguma tarefa delicada. Aliás, fazem isto com naturalidade. Vi gaúchos, nordestinos e amazonenses fazerem isto. Mas, que não é o natural da coisa, não é.

A seu turno, no Sul, houve facas bastante largas junto ao cabo, também aparentemente antes do padrão afilado e esguio firmar-se no Século XIX. E, a famosa e meteórica "Naife". Perdão pela repetição. Mas é possível que aí resida um indicador no tocante à geometria de lâmina mais difundida nos dois vastos territórios. Facas em si, nordestinas e gaúchas têm uma geometria de lâmina semelhante.

Lâminas Nordestinas

Entramos no "reino" das "facas de ponta" do Nordeste. Vou começar por uma "adaga".

Algumas facas de ponta nordestinas têm "gume" duplo, embora com lâminas estreitas e menos espessas. Já se falou o bastante a respeito destes "punhais". Vamos a uma faca de gume duplo.

Oswaldo Lamartine de Faria, em seu livro, que já citamos, no Capítulo__: "As Criminosas", página 46, menciona que, com o intuito de contar com uma faca eminentemente ofensiva, o cabra macho pedia ao artesão que sua faca tivesse dois gumes. A questão que fica é se estas facas guardam a geometria geral e inicial de suas lâminas.

Oswaldo Lamartine parece tratar estas facas de gume duplo como exceções. Entretanto, o objetivo, obter uma "faca" eminentemente ofensiva, as colocaria mais na categoria das adagas e não na de um artefato utilitário. O mesmo pode ser pensado quando se tem em mãos "facas de ponta" nordestinas de lâmina bastante estreita e ponta muito pronunciada e aguçada – seriam

mais punhais que facas de ponta, embora a lâmina guarde características das últimas – pouca espessura, por exemplo.

Ao que parece, não existiam adagas nordestinas. O que se depreende é que são, na vasta maioria, punhais.

Na percepção de quem escreve, uma faca sempre teria, junto ao cabo, uma projeção da lâmina no sentido descendente, em direção ao fio ou gume. Vi, em diversas ocasiões, facas nordestinas com dois gumes opostos. Contudo a geometria original da lâmina restava preservada. Sempre havia uma projeção, um excedente de lâmina que se projetava a partir do ponto de encontro entre esta e o início do cabo.

Mas, o que seria uma "faca de ponta"? A origem da designação: "de ponta" remeteria ao fato de que estas lâminas seriam feitas a partir de pontas de velhas espadas. Isto pode ter sido verdadeiro. Mas também pode ser verdadeiro que as facas nordestinas, com as exceções que confirmariam a regra, são dotadas de pontas muito pronunciadas, são forjadas sem nervuras ou ressaltos, são pouco espessas. De resto, este formato também está presente em outros lugares do país.

Nas facas paulistas chamadas de Franqueiras o estilo "faca de ponta", parece também estar presente. A faca oriunda de Minas Gerais, a Curvelana foge a este padrão. A geometria da lâmina é diferente, a ponta é "caída", levemente "spey".

Por outra vertente, principalmente na literatura especializada da França, encontram-se referências explícitas a: lâminas em ponta; facas de ponta. Designando artefatos com pontas afiladas. A nossa designação teria surgido daí? É possível.

É sintomático que o autor nacional que venho citando parece ter desconfiado de algo. Em alguns casos ele expressamente se refere a: "faca ponta de espada". Em outros, não.

O que se sabe? Sabe-se que os artesãos nordestinos, aliás, como muitos espalhados por nosso país, inclusive nas "plagas sulinas" valiam-se do que encontravam como material.

Ou seja, havia escassez de aço. Uma resposta adequada, do ponto de vista econômico, seria trabalhar o aço que se obtinha para forjar lâminas estreitas e de pouca espessura e pontas afiladas, para manter proporções. Proporções ou a "geometria" da lâmina que com facilidade se encontra em artefatos europeus, inclusive os ibéricos, dos quais falo um pouco mais no último capítulo.

Neste particular, aceitando-se a premissa expressa acima, a faca de uso popular registrada por Oswaldo Lamartine (ver citação acima, lâminas largas) seria uma exceção? Ou seria o padrão de uma época que foi aos poucos sendo abandonado em favor de outro? Mais econômico em termos de uso de material? A questão deve ficar em aberto. À espera de exemplares.

Sabe-se também que as facas de ponta dotadas de lâminas estreitas, delgadas (não tanto quando obtidas a partir das ditas pontas de espada) parecem fixar-se como padrão a partir do final do século XIX e início do século XX, atingindo seu auge lá pela década de trinta do século XX. Ao menos é o que se depreende da leitura da obra de Oswaldo Lamartine.

O padrão anterior seria a faca de lâmina larga, relativamente fina ou antes -espessa quanto a sua espessura, ponta pronunciada? Diga-se, uma geometria comum na Europa, desde Solingem, passando pela Langres (Bélgica), Itália, Córsega, França, Portugal e Espanha.

A partir deste ponto tudo indica que se estabelece uma cena um tanto confusa. O mesmo autor já citado no Capítulo "Do Regionalismo", página 56 da obra citada, oferece diversas

menções a punhais. É o homem nordestino que se refere à sua lâmina como punhal e não como faca. O que também parece acontecer no Sul. Com uma pitada de possível confusão a mais. Pois parece haver fortes indicações de que o "facon" – facão, do gaúcho seria uma faca também esguia, mas de comprimento de lâmina avantajado para a época.

Com a exceção do já citado "peba", dotado de lâmina de seção triangular e de outros de seção losangular e elíptica (lombo de burro) muito estreitas e de espessura variável. A única maneira de se tentar chegar a uma diferenciação e daí a "tipos" seria tomar, ou retomar o formato da lâmina. Lâminas com dois lados desiguais – triangulares, seriam facas.

Entretanto, lá vem uma faca nordestina um tanto desconcertante. A faca de arrasto. Que o cangaço levou a proporções inusitadas. Boa parte destas lâminas cairia no "tipo" punhal. Mas e sua lâmina desmesuradamente comprida? Uma "jogada de marketing" do terror? Francamente, não haveria necessidade. Como enquadrá-las, então? Pessoalmente prefiro o modismo.

Porque modismo? Por que o Nordeste passou pela idade do boi. Depois da cana de açúcar, a criação de gado era a atividade principal. E. a exemplo do que ocorreu nas charqueadas sulistas, era necessário uma lâmina de comprimento razoável para se tocar, com certeza e pouco esforço o coração e pulmões do animal. Seja através das costelas seja através do peito "entre as cruzes", como diria um gaúcho. Daí para se chegar à assustadora "faca de arrasto", parece-me, foi um pulo, seguido de uma necessidade, digamos, psicológica, para se chegar a um comprimento exagerado. De todo modo, o excessivo exagero no comprimento parece não ter feito escola.

Ou então a faca de arrasto nordestina seria uma influência das caroneiras gaúchas?

Com a palavra os Veterinários. Quanto de lâmina seria necessário para liquidar o gado vacum da época com eficiência?

Para liquidar um desafeto humano, uma "quicé" dá conta. Para emergências, o bom seria poder contar com uma lâmina um tanto mais comprida, que corta e, em último caso lesa extensamente os intestinos. Vejam bem. Numa luta com facas, entre pessoas normais (se isto for possível) o adversário certamente irá apresentar-se de lado, com a sua faca na mão direita e o lado esquerdo do peito afastado da faca do adversário no momento de atacar.

Esta postura é a usual? Segundo a "técnica", sim. "À vera", pode ser diferente. É aquela estória da teoria e da prática.

Alguns matadores tinham uma técnica: "primeiro se vai ao imbigo, aí o cabra verga para frente e a gente entra junto do pescoço, se for o caso de ser rápido". Tentando evitar as costelas? Pode ser, mas o que me parece é que a tática serviria para evitar a reação. Matadores não teriam muita ética ou cerceamentos de ordem moral. Desportividade, nenhuma. A surpresa era a atitude adotada.

E não se deve de modo algum esquecer que facas cortam. Dar estocadas até soa como algo elegante e transplantado da esgrima para uma briga franca na qual técnicas tendem a ser esquecidas. E, de mais a mais, as facas nordestinas não primam pela espessura. Dar estocadas pode ser um risco.

Sintomaticamente, as lutas de desagravo, com hora e lugar marcados, tinham um ritual que incluía o amarrarem-se as fraldas das camisas. O que persistiu na Bahia até o século XX. As lutas se tornavam, assim bem mais sangrentas antes do desfecho final. E as crônicas e relatos mencionam "talhadas" e "riscou-lhe o peito e braços". O resto era com a, hoje famosa, septicemia.

Facas também entravam na dança da nossa eficiente arte marcial: a Capoeira. Os atuais praticantes desta arte não parecem muito contentes em falar deste passado mais agressivo. Que

faca era a mais usada? Espero que alguém tenha resposta. Aqui no Rio a navalha foi moda.

Tive a infelicidade de presenciar uma luta, interrompida pela chegada da polícia. Era navalha contra defesa feita com um par de tamancos enfiados nas mãos. A navalha apanhou feio do capoeirista que se defendia com tamancos.

Mas, como se vê acima, no Nordeste impera a faca de ponta. Também são assinalados o facão, o punhal, o cutelo (que aparentemente caiu em desuso), a faca de arrasto e alguns digamos subtipos como a pajeú, a quicé, e por aí vai.

A respeito da quicé cabe tecer alguns comentários. Tudo indica que seria uma lâmina de pequenas proporções, propositalmente assim feita. Não se trataria de uma caxerenga. Esta seria uma lâmina muito usada, desgastada em suas dimensões, quebrada ou sem cabo e finalmente destinada a tarefas menores. Não "digna" de figurar na cintura de um homem -lembrar sempre do componente machista existente em nossa cultura e um tanto exacerbado no nordeste.

O termo quicé parece ter origem diversa do: caxerenga; (e respectivas variantes) um seria de origem africana o outro de origem tupi. A discussão, também neste caso, está aberta.

De resto o que se encontra são referências específicas a: "uma quicé". Parece-me que aqui se tem um tipo definido de lâmina. O que seria diferente de uma caxerenga que, pode ser um objeto em fim de vida útil, teria esta denominação.

Como seria descrita uma quicé? Arriscando: lâmina de formato triangular, estreita, fina, um gume, lâmina com 8 a 10 centímetros de comprimento, fora o cabo.

E as demais? Ao que tudo indica uma faca de ponta e mesmo um punhal merecem esta designação quando suas lâminas estariam no entorno dos vinte centímetros e mais, até chegar-se ao comprimento desmesurado das "de arrasto". As facas teriam de largura entre dois a três centímetros, mas como já mencionei há exceções.

A esta altura deve ser ressaltado que estou me referindo a artefatos ditos ou tidos como antigos. Tanto quanto o limite mais próximo – 1960 -definiria antiguidade.

A peixeira e o trinchete (canivete incluso) e mesmo as pernambucanas seriam artefatos contemporâneos, industrializados. Ao menos parcialmente. A importação de lâminas semi-acabadas também ocorre no Nordeste no final do século XIX e início do XX.

Cabe uma nota. Com a abertura dos portos, na primeira década dos 1800, há um frenesi europeu de oferta de produtos de sua nascente indústria, inclusive facas. Prontas, acabadas ou então lâminas em bruto.

Uma linha divisória entre moderno e antigo pode ser traçada a partir dos materiais e formato dos cabos. Parece-me fora de dúvida que o formato dos cabos nordestinos "antigos" é de seção circular ou próxima disto, os materiais seriam naturais – madeira, osso, chifre em sua maioria, com elementos de metal (latão, alpaca ou prata alemã) para reforço/embelezamento e fixação da lâmina ao dito cabo, sem esquecer a função do carretel. Os materiais nobres, como ouro, prata, marfim talvez definissem uma outra categoria: a das facas senhoriais ou "de coronel", as encomendadas ou presenteadas a homens de posição e/ou fortuna.

Um componente de metal – o alumínio dataria majoritariamente da década de 40. Assim como a baquelite e, mais tarde, infelizmente, o plástico.

Outra linha divisória, já mencionada, nos é fornecida por Oswaldo Lamartine. A década de sessenta (1960) é tida por este autor como aquela na qual a decadência do artesanato de boa qualidade se firmou.

Mas, em termos de Nordeste, não se deve esquecer outra lâmina. O panavueiro. Também designado pelo nome de catana. Ao que tudo indica esta lâmina de uso popular e específico – corte de cana de açúcar, teria sofrido modificações, mas não se extinguiu. O termo: panavueiro soa como corruptela de "canavieiro". Com a palavra os lingüistas e estudiosos do linguajar caboclo. Ou seriam duas coisas diferentes?

Ao que parece topei, na Amazônia, como relatado, com um destes pesados artefatos. Embora lhe faltasse o gancho na ponta, localizado no lado não cortante. Gancho (seria cortante?) utilizado para retirar as folhas da cana, ou para o quê? Destrinchar da touceira os talos de cana cortados? Alguém do Nordeste, apaixonado por facas, por obséquio, saia a campo e nos dê respostas. Afinal é um tipo de lâmina! A meu ver, uma coleção centrada no tema Nordeste ficaria incompleta sem uma peça destas.

Outra lâmina que um colecionador deveria procurar seria o original ou descendente do Puxavante. Um artefato, uma lâmina de uso específico: limpar e aparar cascos de cavalos, mulas, burros. A descrição aproximada é a seguinte: cabo relativamente longo, lâmina em meia-lua, ponta aguçada. Deve ter sido usada em todo o país. O registro de que disponho é centrado nos artefatos usados pelos tropeiros de São Paulo, etc. No Rio Grande do Sul teria um outro nome.

Talvez nos pampas esta tarefa de trato de cascos tenha sido feita com outro tipo de lâmina. Encontrei a designação "legre": "instrumento de aço de ponta curvada com o qual se apara o casco do cavalo", no livro: Dicionário Gaúcho, de Alberto Juvenal de Oliveira, Editora AGE, Porto Alegre -RS; 2002.

Antes de passar a outro tópico, um dado interessante. Na África, em Angola, a ou o KATANA figura na bandeira nacional. É claro que estilizada, mas é um facão, reconhecível à primeira vista. O intrigante fica por conta do nome: katana. Que remete qualquer um mais chegado ao mundo das facas à célebre espada japonesa. Novamente, os lingüistas têm a palavra para esclarecer a gritante (ou lusitana) coincidência.

O universo das facas Nordestinas é grande e variado. Aquelas que acabo de citar, o Panavueiro e o desaparecido facão Canindé são lâminas de uso popular e específico como o também desaparecido trinchete. É muito possível que outras tenham tomado o mesmo rumo – o do esquecimento, em boa parte devido à chegada das lâminas industriais.

Mas há outras facas regionais em nosso país. Gaúchas, Mineiras e Paulistas. A respeito das quais há alguma documentação que pode ser considerada como primária (registro mais detalhado e antigo). A mais bem documentada seria a Sorocabana de São Paulo. Estado que também nos brinda com a Franqueira. De Minas Gerais tem-se a Curvelana.

A faca mais famosa de São Paulo seria a Sorocabana. Um artefato com alguns mistérios. A sua montagem, quase sempre com o recurso de enterçamento, por exemplo. E suas variantes. Há retas e curvas, longas e curtas. Ver a respeito o "site" da Damasco. Basta digitar damasco ou sorocabana.

A origem remota da Sorocabana, como foi dito, mereceria todo um estudo. Estudo que não deve excluir a possibilidade de Terçados, por exemplo.

Ative-me mais às facas nordestinas em função de existir uma fonte primária, o livro de O. Lamartine. Mencionarei todas ao longo destas notas e, o espaço está aberto para contribuições.

Artesanato Conjunto

Artesanato complementar ou associado. Como queiram. Creio que o importante é repassar informações, sempre passíveis de discussão e/ou correção, que tragam um pouco de luz ao amplo tema – faca brasileira. Inclusive com alusões a possíveis detalhes capazes de atuar como identificadores cronológicos e de tipologia.

A cutelaria brasileira artesanal ou pré-industrial (já li em algum lugar: proto-industrial) posto que no período proposto: Brasil Colônia até 1960/70, quando a cutelaria artesanal entrou em declínio, ou seja, deixou de haver o cuidado, o esmero na feitura de peças "populares" e passou-se a usar plástico e alumínio em abundância e aço de baixa qualidade. Quase sempre juntava forças, principalmente, com o seleiro ou com o sapateiro para as bainhas de couro e raros cabos e com o ourives quando se tratava de cabos e bainhas de prata ou, por exemplo, aplicações de ouro ou prata nas lâminas.

A raridade do uso de couro nos cabos pode ser explicada pela relativa fragilidade do material. O couro no nordeste era diferente do existente mais ao Sul e não havia a profusão de curtumes da região sudeste e sul.

Outros artesãos contribuíam, é claro. O torneiro de madeira, torneando cabos de madeira em si ou de outros materiais, notadamente o chifre e o osso.

O torneiro de madeira é um capítulo à parte em nossas artes "utilitárias". Faziam obras primas. Inclusive tornear peças espiraladas. O que requeria o uso de ferramental específico e/ou muita habilidade no manejo do torno.

Aparentemente a técnica européia de dar a forma final e embelezar cabos de madeira e de chifre usando moldes e calor úmido não fez escola.

Aqui, é necessário fazer parênteses para introdução de alguns comentários a respeito da oficina de trabalho do forjador de lâminas.

Pouco ou quase nada se sabe a respeito das oficinas destes artesãos de épocas pregressas – os cuteleiros ou FERREIROS. Alguns trabalhos acadêmicos retratam uma realidade já em decadência no nordeste, em franca extinção em Minas e na Região Sul/Sudeste. Confesso que não tive a paciência de esmiuçar pela Internet. Por ser de importância, penso que isto merece procura mais profunda.

No Sul de nosso país havia uma profusa atividade cuteleira. Que nos legou muitas facas "campeiras", de feitura mais simples, mas de boa para excelente qualidade em alguns casos. Subindo, esta atividade do FERREIRO ou cuteleiro, também foi muito difundida em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Menção especial deve ser feita ao Paraná. Não tenho muitas informações a respeito de Santa Catarina.

Mas, nas resenhas de trabalhos que pude ver, não era raro o registro (sempre no nordeste e apenas um em São Paulo) da existência de tornos, material para solda branca e amarela, cubas para banhos químicos (São Paulo) e indicação de outros recursos/ferramentas próprias de outros profissionais que o forjador em si. Parece justo, então, supor-se que em algumas daquelas oficinas (ferrarias, tendas) outros artesãos, ou atividades, dividiam o trabalho de forja para chegar-se a uma faca completa. Afinal, cortar, furar, soldar (são raras as peças em que se nota o caldeamento) tornear, polir e outras atividades não são assim tão difíceis de terem existido dentro de oficinas de feitura de facas, ferramentas, etc.

Como exemplo, a pequena forjaria que conheci no Distrito de Araras, Petrópolis -RJ ainda

em 1972. O dono da oficina trabalhava principalmente como ferreiro – fazendo e colocando ferraduras. Entretanto refez o cabo de rodelas de couro de uma velha faca de trincheira da Segunda Guerra Mundial e seu filho soldou uma bainha de latão danificada para mim. Solda branca – estanho, usando o calor da fornalha para aquecer tanto a bainha como a velha ferramenta em formato de machado cuja "lâmina" era de cobre.

A engenhosidade nesta minúscula ferraria (4x5 talvez 6 metros) era muito interessante. Ali também se afiavam ferramentas como foices e tesouras de jardim. O artefato utilizado era semelhante àquele usado pelos ambulantes que afiavam facas e tesouras na cidade do Rio de Janeiro. Apenas era fixo e o eixo no qual, normalmente haveria apenas um rebolo de esmeril era mais extenso e além de "tocar" um segundo fole para uma fornalha bem menor na qual se faziam os cravos das ferraduras, terminava com o mais rústico mandril que já vi. Tudo orgulhosamente feito na própria ferraria. O cabo do puxavante usado nesta mesma ferraria era um primor de artesanato. Feito de ponta de chifre torneado e fixado com duas arruelas côncavas de latão – estampadas (alguns artesãos do latão usam a palavra repuxar) na oficina e travadas com rebites de ferro. Estas duas arruelas eram "riscadas", na realidade um bom trabalho de buril. Tudo, até a lâmina do puxavante eram obra interna de "Seu José".

O "buril" era feito do que comumente se chama de aço prata. Muito usado por relojoeiros e ourives para suas ferramentas e peças. Cabe esclarecer que Petrópolis foi um centro de ourivesaria e lapidação até a década de 90 do Século XX. Provavelmente daí a presença do buril e seu material constitutivo.

No que hoje deve ser um subúrbio de Governador Valadares – Minas, tive a sorte de conhecer outra destas oficinas interioranas de ferreiro. Enquanto o feixe de molas da Rural Willis, velha de guerra, era refeito, não pude deixar de pensar que estava de certa forma vendo uma situação pelo verso.

As molas que não haviam se partido foram recurvadas, aquecidas ao rubro e retemperadas. As duas que foram quebradas foram feitas a partir de molas de caminhão, aquecidas, recortadas com a "punceta", esmerilhadas e limadas até a espessura apropriada, recurvadas e temperadas. Nesta "ferraria" havia uma mistura de prensa com martelo hidráulica. Literalmente hidráulica. O pistão/martelo era elevado via uma engenhoca ligada a uma roda de água. Este pistão/martelo era na realidade um velho eixo de vagão ferroviário. A traquitana toda seria aparentada com o "martinet" francês.

Nesta oficina mineira vi pela primeira e última vez o que deve ter sido o laborioso processo de ligar duas peças de aço de tamanho avantajado via caldeamento. O que estava sendo caldeado é que é a questão. Diversos dentes de uma gradeadora agrícola.

Estes mineiros eram do barulho. A "ferraria", se eu tivesse dinheiro, ao invés de molas quebradas a consertar, me tentou com duas facas primorosas. Os cabos eram feitos de canela de burro, os acabamentos de latão, inclusive uma guarda ou cruzeta e as bainhas de chifre, fechadas com tiras de latão rebitadas. Tudo feito "in house". Nunca mais vi um trabalho artesanal e interiorano recente (1982), de bainha e cabo tão bem feitos.

Estas experiências pessoais são relatadas para tentar transmitir a percepção do que deve ter se passado em muitos grotões de nosso país e não só no Rio Grande do Sul, Minas, Paraná, São Paulo, Nordeste, etc. e da necessidade apontada, de se tentar recuperar documentação a respeito. De minha parte, confesso que não tive paciência. Ou melhor, oportunidade. Estava quase sempre de passagem, em viagem de trabalho.

Chifre, osso, marfim e outros materiais integrados à maioria das facas nacionais são uma

história à parte. Ao que tudo indica a madrepérola não foi muito usada. Talvez por sua relativa fragilidade. Bateu, lasca.

Outro material, a alpaca, pode eventualmente ter sido usado. Ressaltando que a maioria tem origem européia ou estrangeira e seu uso dataria de meados do Século XIX (1800). A famosa Alpaca começa a ser largamente usada na Europa depois de 1830. Outros? Vamos lá. Os não metálicos: Borracha Endurecida (hard ruber) inventada em 1850; Ebonite seria uma "hard ruber" e foi patenteada em 1855. Fibras Vulcanizadas, invenção que data de 1859; Bakelite, inventada em 1865; Celulóide, invento datado de 1865; Galalite, inventada em 1897, chamada também de chifre artificial. Osso "cerfé" cujo uso se dissemina a partir de 1850. Hoje se chama de osso escalavrado. Imitação de chifre de veado, cervo. Vidro e notadamente vidro inquebrável, seu uso se difunde a partir das décadas iniciais do Século XX.

O material metálico passa pelos nobres – prata e ouro; pela Alpaca e derivam para uma longa série de ligas cujo lugar não seria aqui.

Mas, vamos retomar ao material mais corriqueiro.

Quem vê um belo trabalho de "embuá" nordestino não se dá conta do processo envolvido. Quem quiser experimentar na carne, nas mãos seria mais apropriado, compre um chifre numa loja de artigos de Umbanda e tente. Arranje osso com o açougueiro e tente. O menor risco que se vai correr é passar a ser o objeto da zanga de sua mulher.

A característica do cabo de embuá – alternância de peças redondas de chifre e osso (com arruelas de metal) não é estranha à arte cuteleira européia. Apenas, talvez, menos refinado ou delicado.

Começando pelo osso, material para cabo mais usado. Quer como talas, quer como cabo envolvente, cortado em tiras, ou em outros modos. Preso ao prolongamento da lâmina por rebites, lacre, resina natural ou por outros diversos meios como o cimento ou cola de cuteleiro.

Sempre houve certa preferência pelo osso da perna do boi (ou do burro). Mas deve ser ressaltado que um bom artesão sempre procuraria cortar o pedaço de osso a ser usado, evitando as suas porções que continham orifícios para vasos sanguíneos ou porosidade.

Osso resseca. Com o tempo, especialmente se a lâmina não é muito usada. E é trabalhoso reidratá-lo.

O processo de prender o osso usando rebites tende a oxidar e manchar o osso, chegando mesmo a rompê-lo, abrindo fissuras. Tem jeito? A longo prazo, não, mesmo que se use osso muito duro como a canela de burro tem a reputação de ser. Algum tratamento prévio? Não tenho conhecimento a respeito.

Um velho artífice do Museu Histórico Nacional disse-me que se pode usar gordura animal para retardar o processo de ressecamento. Na prática não vi nenhuma peça tratada desta maneira para arriscar uma opinião.

O chifre de boi tem lá seus mistérios. Com tratamento químico pode-se chegar a algo próximo ao casco de tartaruga. As técnicas de banhos químicos a quente e a frio eram velhas conhecidas dos artesãos europeus. A partir de certas cores originais de chifre pode-se chegar a alterá-las, esmaecê-las e obter transparência. Um artifício foi usado para lâminas de melhor qualidade – para incrementar a transparência e o efeito de casco de tartaruga, colava-se uma folha de ouro por baixo.

Quem já teve alguma prática sabe que água quente ou calor direto e mesmo vinagre auxi-

liam muito na hora de trabalhar o chifre.

O chifre tem outra característica. Sua cor predominante depende da raça de bovino que o tinha na testa. Para simplificar existiam duas cores básicas: preto e claro, de um branco amarelado. Esta cor clara os franceses chamam de "blond" – louro.

A questão dos banhos com produtos químicos é delicada. Como mencionei, em algumas resenhas de trabalhos acadêmicos na área da Etnografia lá estão menções a existências de "cubas" de material diverso. Qual sua função além de conter água (o ideal, consta, seria óleo vegetal ou, hoje, mineral?) para temperar peças de aço? Banhos químicos? É uma possibilidade. Mas a questão com velhos livros de "receitas" artesanais é a atualização do nome dos produtos químicos. Receitas? Sim, eram como receitas. E, outro problema se refere às medidas. Pitadas, punhados, libras. O uso do quilo e suas divisões eram desconhecidos. Basta pensar que a medida de peso para gado ainda é a arroba. As tais receitas eram tiradas de obras européias, com as medidas lá usadas, ou, transmitidas verbalmente.

Marfim. Outra palavra mágica que leva uma lâmina para a estratosfera dos preços. Um material traiçoeiro como se verá a seguir.

Há uma família de marfins. Desde a marfinite européia do início do século XX até o proveniente da Jarina – o marfim vegetal, bem brasileiro. De permeio o marfim africano que coloca algumas questões. De que parte da presa foi retirado o pedaço que hoje está incorporado ao cabo ou a outras partes de muitas lâminas brasileiras? No século XIX o marfim africano invadiu (tornou-se realmente muito usado) a Europa e o resto do mundo. Não que antes já não estivesse em uso pelo mundo. Na África existe ou existiam duas espécies de elefantes. Uma delas fornecia marfim compacto em quantidades enormes por presa. As bolas de bilhar, que são maiores que as de snooker, podiam ser recortadas e torneadas a partir de uma destas presas em quantidades suficientes para se ter um conjunto completo de bolas.

Grosso modo, uma presa de marfim fornece(ia) três "qualidades" de material: ponta, meia-ponta e "casca" final. Eu disse: qualidades. Muito compacto menos compacto; mais duro menos duro; mais ou menos "estriado"; etc. E esta é toda a informação que posso passar adiante sem o temor de cometer erro.

O mesmo se aplica ao marfim retirado de presas de elefantes asiáticos. Em proporções menores, pois estes animais são menos "dentuços".

Existem outras fontes de marfim animal? Sim. Diversos animais de porte são dotados de dentes ou presas das quais o homem vem se utilizando há séculos. Morsa, Hipopótamo, Baleia Narval e as famosas Baleias Assassinas – Cachalotes, entre outros menos cotados. Hoje há uma "moda" de marfim fóssil, retirada de presas de Mamute. Custo a crer que as populações siberianas não o tenham usado por longo tempo antes dos cuteleiros da atualidade. Outra questão delicada a respeito de marfim é que este material (e outros de uso na cutelaria) pode ser tingido. Como? Confesso minha ignorância. Mas já vi peças em ourivesaria tingidas de diversas cores. E mais, ele pode ser patinado. Adquirindo um tom chá. Esta pátina pode ser artificial ou natural. Adquirida com o tempo, via manuseio. Nossas mãos, como todo aficionado por lâminas sabe, é uma fábrica de substâncias.

Aqui no Brasil, quem lidava com marfim? Certamente não algum artífice que trabalhasse numa forjaria. Mas, os nossos ourives coloniais e recentes o fizeram e fazem. E, é claro, algum artesão extremamente hábil em escultura como o Serge Michel, aqui do Rio de Janeiro.

Uma das interações mais interessantes é a que houve (e ainda há) entre o forjador e o ourives. Ela pode ser indicativa da idade da peça. Quer pela possível existência de contrastes, quer

pelos processos usados. A ourivesaria evoluiu em certos aspectos. Mas, não tanto. Um fator de interferência que introduz a imprecisão são os motivos: ramagens, flores, figuras geométricas, folhagens, animais fantásticos, panóplias de armas, etc. Na ourivesaria, como em muitos ofícios artesanais, a tradição pesa. Há motivos que se repetem desde há muito tempo.

A estampagem em metais assim como sua lavra – usando o buril, são técnicas muito antigas. Sempre se pode reconhecer uma cópia feita por fundição. Mas, se o trabalho de fundição for de boa qualidade e se o mesmo foi bem polido e reforçado (avivado, dizem alguns) a buril, as coisas se complicam.

Em nossos dias há um processo de fundição com moldes ou modelos feitos em mesa de vácuo que proporciona extenso detalhamento e espessura mínima.

Prata lavrada. Outra expressão mágica. Daí a deduzir-se que a peça é antiga, é um passo bem pequeno. E perigoso. Substituía-se prata por metal, latão, alpaca (prata alemã) e mesmo níquel, e o neófito pode entrar numa bela fria. Lavrar prata seria a atividade de trabalhar a superfície usando principalmente o buril – ferramenta com a qual se fazem incisões ou mesmo se retira material.

O latão e mesmo o bronze são terríveis. As linhas de corte do buril tendem a se adoçar pela oxidação e pelo polimento natural com uma velocidade acentuada. A olho nu não dá. É preciso uma boa lupa e saber em que cantos dos detalhes procurar. A alpaca é igualmente ingrata, como no latão, na prata e no bronze é certo que se encontre cobre. Este metal, presente em tantas ligas, (inclusive ouro), com o tempo, se manifesta pela oxidação e apaga detalhes.

Não quero infundir pessimismo em ninguém. Mas até os cunhos ou contrastes podem ser falsificados. Tira-se um molde em silicone e um bom ferramenteiro faz um cunho idêntico. Os especialistas chegam ao requinte de reproduzir o desgaste. Já vi leiloeiro pedir desculpas, pois os diversos teores da liga não batiam com a idade e a origem presumida da peça.

Entretanto, como critério indicativo, a qualidade do trabalho, a buril ou estampa, com ou sem contrastes, permanece como indicativo de antiguidade, origem, etc. Estou falando de cabo e bainha. Técnicas de ourivesaria presentes na lâmina é outro capítulo.

Não é raro encontrar em boas coleções, lâminas apresentando desenhos de ouro. A prata é mais rara, pois tende a desaparecer com o tempo. Entra em cena o ourives do Brasil de antigamente. Principalmente se uma lupa com aumento de 50 ou 100 revela borda no mesmo nível do aço. Mas, se o ourives martelou ou bruniu o trabalho, qualquer borda desaparece.

Por borda, entenda-se uma nem sempre presente linha envolvente de oxidação. Esta oxidação seria natural, a tal troca de íons por alentado tempo.

Uma técnica empregada era a redução do ouro a um pó impalpável misturado com mercúrio. Delimitada a área da aplicação com argila fina, ou não, e neste caso pode-se ter bordas um tanto imprecisas, aplica-se calor. O mercúrio evapora e o ouro literalmente se impregna no aço dado o nível de aderência.

É evidente que há outros processos. Um deles, também antigo era a "soldagem" de uma finíssima folha de ouro previamente recortada e soldada ao aço a baixa temperatura e depois levemente martelada e/ou brunida. O resultado era mais precário que o anteriormente descrito. Haveria uma diferença de altura entre a superfície do aço e da folha de ouro. No entanto, isto é muito difícil de ser medido, pois o ouro pode ser reduzido a espessuras mínimas.

Hoje se empregam processos físico-químicos o que inclui a deposição de camada de ouro e outros metais por "jato quente". Processo muito difícil de controlar e mais empregado no tra-

tamento de grandes superfícies de metal contra a corrosão.

O processo moderno mais comum é a deposição por eletrólise, se este é

o nome correto. Acho que a palavra certa é galvanoplastia. Acontece que ela pode ser feita em meio ácido e o resultado apresentaria uma queimadura de borda. Uma linha de corrosão por ácido. Difícil de ser detectada mesmo com o emprego de poderosas lupas. O complicador é que a troca natural de íons entre ouro (o cobre da liga) e aço pode gerar oxidação de borda. Estas técnicas e sutis diferenças me foram explicadas e demonstradas por um Mestre em Ourivesaria (diploma de uma Universidade alemã), Bernardo Höll, em longas conversas na sua oficina no Rio. Hoje ele reside e trabalha em Petrópolis.

Bernardo também me introduziu ao complexo mundo das ligas metálicas usadas em ourivesaria e tratamento de superfícies, fundição de precisão, soldagem de metais nobres e aço. Isto mesmo, um bom ourives faz ao menos parte de suas ferramentas e boa parte delas é de aço. Ou melhor, de diversos tipos de aço, inclusive o já citado aço-prata, muito duro.

Para o efeito destas notas, em termos de ourivesaria aplicada a cabos, bainhas e lâminas, outro divisor de águas são os processos de soldagem. Um bom ourives, assim como um bom cuteleiro, não deixa marcas de solda. Não

solda prata, latão, bronze, alpaca (ou aço, no caso do cuteleiro) sem um mínimo cuidado e um polimento posterior que retire os excessos aparentes. Ou então, no caso da prata usa o velho processo português empregando prata em pó e uma passada de maçarico.

Em tempos passados o maçarico que conhecemos hoje estava nos sonhos de qualquer soldador. O que se fazia era perigoso, trabalhoso, mas eficaz. Um fole de bico fino (bico este que atravessava o braseiro) era acionado e o resultado era um jato de calor intenso. É evidente que não era assim tão simples. Diversos detalhes se perderam com o desuso da técnica.

Uma peça perfeita, sem sinais de soldagem. Como identificar se foi realmente soldada ou não? Deixa-se surgir ou provoca-se oxidação e a linha de solda surge. Foi o que me aconselharam. Mas, quem vai correr este risco. Oxidação, corrosão é algo sério e a ser evitado.

Na eventualidade de haver inserção de pedrarias, dois indicadores devem ser observados. Um deles é o processo que os ourives chamam de cravamento. Todos são processos em uso há longo tempo. O indicador é a qualidade do trabalho. O outro indicador são as "pedrarias" cravadas e sua eventual lapidação, esta sim evoluiu bastante com o tempo.

A ourivesaria baiana aplicada a facas, antes de entrar em decadência lá pelo final do século XIX era de excelente qualidade. Já ouvi pessoas especializadas em ourivesaria e prataria brasileira afirmarem que há uma ourivesaria nacional antes do século XIX e depois dele. Antes de 1800 reinava uma ourivesaria de soluções e técnicas tradicionais e muitas delas tendendo ao simples. Depois do referido período ela volta a se refinar. Mas há diferenças. Uma delas é o tipo de pedraria e o tipo de lapidação, outra o teor dos metais. Daqui em diante, vale consultar um ourives.

Há que se levar em conta, também, que no período da colonização, a atividade da ourivesaria foi proibida por um tempo. Mas, há evidências de que continuou a ser praticada na clandestinidade.

O mais é um simples alerta. Pedras azuis ou vermelhas translúcidas devem ser olhadas com cautela. É bom recordar que os cuteleiros nordestinos usavam vidro inquebrável e que o vidro já era lapidado na Europa da Idade Média. No nordeste, usou-se também material artificial como a Bakelite, Galalite e mesmo a Celulóide. E sempre há o perigo do que os ourives chamam de

“pedra padrão”, na realidade, pedras sintéticas.

Apenas por ser técnica tradicionalmente usada em ourivesaria, registre-se que o trabalho a buril em peças de aço, latão, bronze, etc, o que inclui a lâmina, podem surgir e surgem em boas peças de coleção e mesmo em outras mais simples. Em nosso país, tendem a ser raras e/ou com pouca extensão da área trabalhada. Também há excelentes trabalhos a água forte (ácido).

Outra técnica é o que chamam de “granité”. Trata-se de martelamento e punção realizando desenhos por meio de pontilhamento. Alguns cabos de Franqueiras apresentam este tipo de acabamento. Muitas espadas, koukris efacas são adornadas assim na indústria indú (Índia) voltada para o turismo.

Quando este pontilhamento surge, na lâmina, coberto por ouro ou há evidência de prata ou cobre oxidado, passa-se para outra categoria de armas brancas indús: as que não eram destinadas a turistas e sim a clientes locais de recursos mais parcos. Ao que me foi dito o mesmo se aplicaria a lâminas mediterrâneas e de outras regiões, ou seja, era difundido.

Cabe notar que há facas nacionais do início e meados do século XX – nem por isso menos colecionáveis, com trabalho de estamparia a quente ou a frio nas lâminas ou ainda por ataque via ácido. É o nome do fabricante, local de feitura, cunhos, ramagens ou motivos de outra natureza e efígies (cabeça humana, por exemplo). Em alguns exemplares, mesmo niquelados, o desgaste da ou das ferramentas pode ser percebido. Em outros se nota o desalinhamento em relação a outras peças idênticas.

Existem outras lâminas nacionais recentes ou não com trabalho de tratamento de superfície por banhos químicos. É o caso já citado de ataque por produtos químicos visando a obter um resultado em baixo/alto relevo e mesmo o escurecimento do metal (azul ou preto) como é o caso de algumas facas com o nome de lojas e fabricantes (parece que as “pernambucanas” do nordeste seriam o caso). Há quem se agrade deste tema para fazer uma coleção. No Sul, facas portadoras de inscrições e mesmo relevos de marcas de produtos ou estabelecimentos comerciais foi muito comum e hoje são razoavelmente disputadas por colecionadores.

Voltando ao metal lavrado a buril e aquele que foi estampado e teve detalhes avivados a buril, seja a peça metálica, a lâmina, cabo ou bainha, ou ainda os trabalhos a corrosão controlada com o uso de ácido ou ainda trabalhos ou marcas feitas com a célebre caneta e broca diamantada de dentista, como estabelecer diferenças?

A questão tem nuances. Uma bela bainha de prata estampada e com detalhes avivados a buril ou não, pode ser de excelente qualidade.

Um cabo de metal fundido e retrabalhado a buril é outro exemplo. Pode ser de excelente qualidade e mesmo bastante antigo.

Não é tarde para recordar que os ourives sempre souberam fundir e dar acabamento ao que foi fundido. É bem o caso dos animais fantásticos e outros motivos que enfeitam inúmeras bainhas sulistas por agregação via soldagem ou não.

Outro tópico de interesse vem a ser o dos espaçadores. Peças de metal ou de outro material, inclusive de origem orgânica, usado para embelezamento ou para realizar alguma outra função. Trata-se de um pequeno universo em si.

Espaçadores tendem a se concentrar na porção do cabo de uma faca. O “carretel”, presente no cabo de muitas facas nordestinas seria um espaçador e teria função ou funções semelhantes à dos anéis inseridos nos cabos das facas gaúchas, dos quais parece que resta o vestígio externo, como adorno.

De difícil detecção é o fato de tais carretéis, por exemplo, serem de metal maciço ou não. Normalmente, aqueles de metal maciço seriam denotativos de maior "antiguidade". No mínimo de menor economia de material e decorrente qualidade.

Outra função dos espaçadores é a de criar um isolamento entre corpos metálicos visando a evitar a oxidação. Mas esta função decorre de conhecimento recente. Hoje se usa o papel vulcanizado e outros tipos de material.

Como sempre os detalhes são importantes, é preciso saber procurar na peça como um todo os diversos indicativos de qualidade, origem provável, época de feitura, principalmente, quando se trata de uma faca de luxo ou como eu proponho: "senhorial", cujo preço de aquisição recomenda um mínimo de conhecimento prático e teórico dos diversos tópicos abordados.

A quantidade de armadilhas no caminho de quem tem um interesse maior por lâminas é grande. Já fui apresentado a facas realmente incomuns, para dizer o mínimo.

Algumas eram peças que pelo inusitado, valiam um investimento. Outras valeram apenas o silêncio respeitoso ou algo como: bela faca! E mais nada.

Foi o caso recente de uma faca com cabo de "jacarandá paulista". Não me dei ao trabalho de entrar no site da USP e procurar a Xiloteca. Se é que a mesma está no site. Madeira é, também, para gente especializada. Ou de outra com bainha e cabo carnavalescamente trabalhados em cloisoné, feita na Bahia, no início do século passado como insistia o vendedor. Examinei por curiosidade. Não era cloisoné, era um trabalho de esmaltamento (pensem em panelas de ágata – é isso, em diversas cores). É de se perguntar quem teve a idéia e o trabalho de fazer algo como aquilo. É claro que fiquei pensando em galinha com rabo de pavão.

Permitam continuar com alguns comentários resultantes da nem sempre ordenada maneira em que guardei anotações.

Um colecionador amigo enviou-me uma lista de tipos de facas nordestinas. Entre estes um tipo designado Jardineira ou faca de jardim. Confesso que fiquei em dúvida. Seria uma Quicé? Que diferenças existem entre a Quicé, um "tipo" já bem estabelecido e mesmo documentado e esta Jardineira? Na ausência de medidas e detalhes de formato e acabamento, bainha, etc., permitam-me o benefício da dúvida.

Há um detalhe, uma informação que nos vem de estudo do linguajar do caboclo nordestino, feito pela UFPE. Na região da mata, designava-se por "jardim" uma pequena porção de terra onde as mulheres cultivavam temperos, raríssimos legumes e verduras. É possível que venha daí a faca "jardineira" necessária no cultivo, principalmente na colheita de ervas destinadas a condimentar a dieta familiar.

O mesmo se aplicaria à designação: "Pica-fumo". Já me foram mostradas diversas facas, nordestinas ou não, com este nome. Assim como canivetes. Mas, a respeito de picar fumo ver no Anexo I – Iconografia, com o quê nosso caboclo picava fumo de rolo.

Em minhas muitas andanças a serviço ou não pelo nosso país sempre tive ocasião de conversar com as mais diversas pessoas. Sempre que via uma faca, perguntava. Foi em São Paulo (interior) e no Paraná, também interior, que mais ouvi a designação "pica-fumo". Ou se tratava de canivete ou de pequenas facas de serviço. Que serviço? Praticamente todos os que a vida no interior exige.

Como não resisto mesmo, lá vai outro relato de experiência pessoal. Na "estância" de uma tia-avó, próxima à cidade de Rio Grande (RS) sempre que havia motivo me entretinha em conversas com os peões. A maioria picava seu fumo de rolo com o que tinham à mão em termos

de faca e mesmo facão. No entanto um deles usava uma faca simples, cabo de madeira de talas rebitadas, lâmina bem curta (uns dez centímetros no máximo) com fio de um lado só e ponta levemente arredondada, o dorso ou contra-fio deveria medir aproximadamente uns dois a três milímetros, bainha de couro simples. Perguntei e lá veio a resposta: faca para tirar tento.

Tento é uma tira de couro que os gaúchos usavam ou ainda usam para diversas finalidades. Desde a feitura ou conserto de seu laço (boleadeiras também), peias para imobilizar as patas do animal, arreios, etc.

Levando a conversa adiante obtive mais informações: também se usa para castrar cordeiro mamão (ainda em fase de amamentação), porco, novilho, marcar chifre, limpar casco de cavalo, antigamente se usava até para tirar o garrão e fazer bota. O garrão, para quem não está afeito a estes nomes é a parte final da perna traseira do animal (bovinos e eqüinos), desde pouco acima da articulação até o meio da canela.

Ora, seria válido dizer que há um tipo de faca gaúcha específico para "tirar tento ou courear"? Acredito que não. No entanto, há bons conhecedores que falam na faca de courear. No entanto, viajei bastante pelo interior do Rio Grande do Sul e conversei muito (e fiz notas a respeito) com outros peões e integrantes de CTGs. Facas de courear não eram conhecidas e as de "carnear" eram, sempre, artefatos industrializados, recentes.

O peão com quem conversei tinha outras lâminas. E terminou me informando que tinha mandado fazer aquela não havia muito tempo, em São

José do Norte onde tinha família. São José do Norte é uma pequena cidade do outro lado da Lagoa dos Patos, que se avista da cidade de Rio Grande e, naquela época havia um serviço regular de transporte por barco entre as duas cidades. É claro que fui lá.

Outra faca gaúcha bem específica vem a ser a "naife", evidente corruptela de "knife". Ela tem origem em comunidades de imigrantes que exerciam a atividade de criação de ovelhas. Era feita a partir de tesouras de tosquia. O que lhe conferia, por limitação do material de partida, formato e medidas bem específicos.

No Sul, assim como no Nordeste, São Paulo e Minas Gerais, a cutelaria era artesanato razoavelmente difundido. Havendo uma cutelaria de bom nível em regiões ou cidades específicas e um difuso universo de cuteleiros de menor porte e arte. A produção destes últimos é, até hoje, considerada como de baixa qualidade, faziam "campeiras". As soluções de cabo parecem ser bem diferentes, mais simples. Mas, a pecha de baixa qualidade, nem sempre é justa. Faca de ferreiro, no Nordeste, é quase pejorativo. Mas, em relação a quê? Ao acabamento? Ao material?

Tive em mão facas de ferreiro nordestinas. Hoje seriam classificadas, no mínimo, como rústicas. Mas o aço era de bom para muito bom.

O que desejo enfatizar é que a constituição de um tipo ou categoria de lâmina exige cuidado, pesquisa de fontes alternativas, número – quantidade de referências à designação, medidas médias (lembrar que se trata ou tratava de artesanato), etc.

Lembram da minha outra narrativa a respeito da faca usada para retirar o couro de um jacaré em Mato Grosso? Nunca mais vi um artefato parecido. Nem encontrei referências em trabalhos etnográficos. Assim como não encontrei a "faca típica" do peão pantaneiro. Encontrei sim, muita faca industrial e algumas artesanais, provenientes do Rio Grande do Sul e do Paraná. E, ocasião não me faltou. Foram dezenas de sofridas viagens por aquela bela região. Digo sofridas, pois a maioria foi a trabalho, com umas poucas a Campo Grande (MT) em visita aos meus pais que ali residiram por dois anos.

Estou me referindo ao final da década de setenta e início dos oitenta. Visitas a inúmeras fazendas (no Pantanal, quando o tempo fecha, aterrisa-se na primeira pista disponível) e por várias vezes abusa-se da hospitalidade permanecendo na fazenda por dias à espera de combustível, peças, ou simplesmente que a pista de pouso se torne usável de novo.

Voltando às lâminas nordestinas.

Como mencionei, um amigo colecionador enviou-me uma lista de designações obtidas a partir de diversas fontes concedendo-me liberdade para comentar caso encontrasse inconsistências. Acredito que já falei o possível – caso da quicé versus jardineira. E lembrei-me do desaparecido facão Canindé e do Panavueiro. A respeito destes, nem documentação primária há.

Apontar inconsistências no trabalho de outros é sempre desagradável. Especialmente quando se trata da figura amável de Roberto Fonseca e Silva. Mas, parece que há choque com opiniões alheias.

Num "site" comercial da Internet consta que recentemente optou-se por renomear as ditas adagas mediterrâneas. Passaram a chamá-las de facas. E lá está, realmente, uma bela foto de um artefato esguio, em tudo parecido com nossas facas de ponta à exceção do cabo que, aparentemente de metal, tem um desenho bastante diferenciado dos cabos nordestinos e mesmo dos gaúchos.

Parece ser de seção redonda, mais fino junto à lâmina e termina com um desenho que lembra o final dos cabos das sorocabanas. Parece também que se trata de cabo de metal estampado. Difícil dizer sem o artefato em mão.

Gostaria de comentar que esta finalização de cabo parece ter sido comum no Brasil Colônia, a julgar pelo que se nota em algumas das obras de arte que nos foram legadas por Jean Baptiste Debret e Rugendas. Basta conferir com o que reuni a este trabalho.

Mas, há uma pergunta que não posso deixar de fazer. Aparentemente haveria então, uma faca "padrão" ou tipo mediterrâneo. Que me perdoem os experts. O Mediterrâneo é circundado por diversas Culturas. A começar pelopadrão cultural da costa mediterrânea da África ou da Europa? Este padrão mediterrâneo está presente na Grécia, Itália, França e Espanha? E a Córsega? Nesta ilha houve excelente cutelaria.

Viajei por boa parte da Europa. Visitei museus de dar enjôo. Visitei antiquários e feiras de antiguidade. Comprei algumas facas por lá, sacrificando o dinheiro da comida e mesmo do hotel. Mantive correspondência com amigos belgas, franceses, italianos, egípcios e gregos. Alguns apreciam lâminas e outros são colecionadores. Nenhum deles ouviu falar em adaga ou faca padrão mediterrâneo. A pergunta então é a seguinte: qual a fonte primária desta assertiva? A fonte primária é sempre algo a ser anotado e referido.

No caso das lâminas nordestinas temos a pequena, mas elucidativa obra de Oswaldo Lamartine, referências, sempre um tanto nebulosas, em literatura e algumas notas em trabalhos acadêmicos, até mesmo de origem arqueológica. Oswaldo Lamartine é uma fonte primária para muitos casos. Ele se deteve, diante do assunto, com paciência, pesquisa e inteligência.

Minha proposta inicial, acho eu, continua válida. Julgo ser bom chegar-se, eventualmente, a uma tipologia das lâminas brasileiras.

O que há, de fato, contra esta proposta? Falta de dados. Dou um exemplo. Segui os passos de Oswaldo Lamartine e passei muito tempo dentro do Arquivo Nacional, tentando ler antigos Inventários, lista de bens arrolados para fins de herança; os equivalentes aos modernos Manifestos de Carga de inúmeros navios. A coisa toda é imprecisa, fugidia. Que medida tem uma faca

assim e assado com "palmo e meio de folha", qual a largura correspondente a dois dedos e meio? Da mão de quem arrolou os bens? Mas, este advogado ou seu auxiliar, era um homem alto ou baixo, gordo ou magro? Para maiores esclarecimentos ver o Capítulo sobre dimensões.

De que está falando o escriturário da Alfândega ao se referir a "…de fino aço francês"? Há facas francesas com a inscrição: "acier fin" em suas lâminas, para começar.

Este "acier fin", aço fino, era produto do que os franceses da época (1700, 1800) designavam genericamente a processos de retrabalhar o aço visando atingir certo grau de qualidade, sempre ou esperadamente superior àquela obtida pelo fundidor em primeira mão.

Os trabalhos: teses, monografias acadêmicas, também não são precisos o suficiente. Caso semelhante se dá em relação a Arqueólogos. Aparentemente estes estudiosos não têm senão um interesse secundário por lâminas. As descrições são parcas em detalhes. Exatamente o tipo de detalhes que seriam de interesse. Medidas, materiais empregados e onde, variantes, ocorrência no espaço geográfico, etc.

Um exemplo é o já citado Puxavante. O que se tem é um desenho constante de um trabalho universitário no campo da Etnografia a respeito de tropeiros. Pode-se especular que parte do cabo é ou era protegido por tiras de couro cru enrolado. E isso é tudo.

Aqui pelo interior do Estado do Rio de Janeiro, um utensílio totalmente diferente era usado para aparar e limpar cascos de cavalos. Tendia mais para uma pequena foice. Mas, sempre pode se tratar do uso de uma ferramenta de poda de árvores e arbustos, transplantada para o universo dos ferreiros, cavalos, mulas. E, sempre há o "Legre" gaúcho.

Existem particularidades que interessam a quem gosta do tema e que não são alvo de atenção praticamente em lugar algum. As bainhas são um exemplo disto.

Neste particular, o que se tem a respeito de facas nordestinas? No livro, inúmeras vezes citado, de Oswaldo Lamartine de Faria, página 26/27 há algumas informações. As bainhas feitas apenas de couro eram constituídas por dois tipos de couro; usava-se "verniz" para dar brilho (que verniz é este?), etc. Ali também se fica sabendo que havia bainhas totalmente pretas – o verniz é citado novamente.

Mas, já tive em mão bainhas nordestinas, inteiramente de couro, bicolores. Outras com elementos de metal adicionados ao couro. E as peças que constituem uma bainha de couro? Que nome tem? Aquelas lindamente trabalhadas, com peças de couro sobrepostas e como que "rendilhadas", que nome tem este trabalho?

Bainhas não são importantes? É claro que são. Bainhas são parte integrante de uma lâmina ou mero acessório, de pouco significado? Mesmo aquelas em péssimo estado de conservação poderiam fornecer mais indicações a respeito do local de origem do artefato como um todo, época de feitura, etc.

Um detalhe interessante é a costura. É possível diferenciar costura industrial de artesanal? Alguns afirmam que sim. Não me arrisco.

Um exemplo: no Nordeste, são relativamente raras as bainhas de metal ou "mistas" de couro e metal. Mas, quando você se depara com uma bainha integralmente feita de alumínio, a indicação no sentido de que o artefato pode ser datado como sendo da década de 40, é forte. Quando há alpaca, o período de tempo começa no século XIX. Quando só existe latão ou mesmo cobre, a coisa se complica, mas, com outros detalhes é possível chegar a uma datação aproximada.

A variedade de "tipos" de bainha, no artesanato nordestino é grande. Mas a confusão tam-

bém é grande. Já me foi dito que algumas bainhas metálicas dotadas de uma corrente, também metálica, são típicas de "facas de cava de colete". O que pode ser verdadeiro para facas até certa dimensão – comprimento total. Mas, já vi facas enormes com bainha dotada de corrente. Francamente, só um gigante levaria tal artefato na cava de seu colete.

Também já me foi dito ou li em alguma tese ou monografia que a tal correntinha é, na verdade, reminiscência do período em que a indumentária das pessoas comportava uma larga faixa de tecido atada à cintura. Pode ser.

Mas, pode ser também que a aplicação da corrente a bainhas de metal seja um recurso barato, econômico. São dois pequenos pontos de solda ou, como já vi dois pequenos furos. E o problema de evitar que o conjunto faca/bainha se perca é eliminado. Ou ainda, que a presença da corrente seja algo como o "pega ladrão" de algumas jóias, um recurso aparentemente comum nas "franqueiras" cujas bainhas também são dotadas daquela presilha (que nome(s) teria(m), tão comum nas bainhas de um modo geral, sejam de couro ou de metal.

Para finalizar, quantos "tipos" de bainha nordestinas existem? Arriscando uma resposta aberta como sempre a correções: integralmente de couro – muito trabalhadas, medianamente trabalhadas, pobres/simples; mistas de couro com peças/arremates de metal, subdivididas também em três categorias; de metal, dividido em duas categorias luxo e simples (definidas pelo tipo de metal usado – nobre (prata) ou não; articuladas e inteiriças, de ou com corrente. Façam a contagem e verifiquem as possibilidades de número/variantes e constatem como é e será difícil estabelecer tipologia.

Por vezes se está falando de algo e a memória acende uma luz lembrando que se esqueceu de alguma coisa. No caso, as bainhas gaúchas.

Talvez eu tenha sido traído por esta lembrança fugidia e misturado os possíveis "tipos" de bainhas. No Sul haveria tantos quantos no Nordeste. Com destaque para uma chamada de "picazo". Uma palavra que parece de origem espanhola, servindo para designar bainhas compostas por peças de metal e de couro. Este tipo de bainha, composta por partes metálicas, por vezes tem seu "corpo" feito de madeira. O que, por aqui, foi raro.

Em tempo, picazo é a maneira de nomear cavalos com patas brancas, e mancha(s) também branca na pelagem da cabeça. Parece um "transplante".

Esta mistura de couro e metal em bainhas é muito antiga, aqui e na Europa, de onde vieram nossos "modelos". A questão é: por quê? Tudo indica que a resposta seria: custos. Couro sempre foi um material barato. Em contrapartida, metal, nobre ou não, sempre foi caro e mais difícil de trabalhar.

Entre nós, e a partir de muito cedo em nossa História, a presença de prata em razoável abundância, parece ter levado nossos artesãos a um uso mais intenso deste belo metal e/ou suas ligas. Os "peruleiros", comerciantes estrangeiros que aqui vinham vender a prata de "Potosí", são arroz de festa em crônicas e registros do Brasil Colônia.

A necessidade de reforçar o bocal e a ponta de bainhas é evidente. Reforçar estes locais de desgaste pronunciado com metal, não é um achado, é uma necessidade. Assim como sempre foi necessário ater-se a constrições de custo.

Um componente auxiliar da bainha vem a ser um artefato de couro destinado a prender a bainha no cinto ou faixa de tecido. À feição dos "frogs" das baionetas. Outro meio muito usado era o de se amarrar a bainha ao cinturão por meio de uma peça de tecido ou de couro. Esta amarração tipicamente era feita em "X". Ver Iconografia.

Como final de anotações a respeito das facas nordestinas é necessário abordar o espinhoso tema das marcas. Marcas ou cunhos martelados nas lâminas, gravados via pontas diamantadas e por tratamento químico de superfície.

As marcas, a punção/cunho, no Nordeste tendem a ser simples. Uma ou mais letras. E surgem já no século XIX. É curioso registrar que os artesãos nordestinos parecem ter se contentado com estas marcas simples enquanto

Domingos Demeo, em São Paulo, um pouco mais tarde, já usava punções bem mais elaborados contendo seu nome completo e o registro do local de fabricação: São Paulo.

Cunhos ou marcas elaboradas também ocorrem no Sul. Identificando alguns fabricantes de renome. Estes fabricantes sulistas assim como D. Demeo representam outra época na cutelaria nacional, mais chegada ao final do século XIX e início do XX.

O que nos traz a Santa Luzia no Nordeste. Algumas lâminas feitas naquela localidade traziam estampadas as letras S L. Mas, a ou as letras indicativas do artesão, não eram gravadas. Ao menos não vi, até hoje, uma Santa Luzia com indicação de quem a fez.

É digno de nota que o que parece ter ocorrido em Santa Luzia seria, até certo ponto, uma réplica do sistema adotado na região de Solingen e outros centros cuteleiros europeus. A formação de "guildas", associações profissionais.

De todo modo há registros de diversos artesãos que marcavam suas lâminas com a letra inicial de seu nome ou apelido e mesmo mais letras. Pelo que me foi dado ver são poucas as sobreviventes. E, infelizmente, à exceção de um ou outro renomado artesão, a ou as iniciais ficam num limbo: quem foi, onde tinha sua oficina (tenda), trabalhou em que época?

A exceção fica por conta da marcação Carocas. Conhecidos artesãos. Já tive em mão, peças de colecionadores marcadas Carocas com ponta diamantada e via punção. Como houve alguns membros da família, resta a questão: quem marcou como, quando e onde? Resumindo, é campo para quem quiser ampliar estas notas.

No que se refere à marcação por banho químico, a faca mais conhecida como já referido, é a Pernambucana. Não me arrisco além disto. Ou melhor, arrisco sim. Houve época, recente, meados do século XX em que muitos empreendedores no Sul agraciavam clientes com pequenas facas gaúchas com o nome do produto, da loja, ou da indústria na lâmina. Marcada quimicamente. É repetição de subtema já abordado? É sim. Perdoem, mas a repetição, por vezes, cabe perfeitamente.

Já vi algumas raras lâminas ditas nordestinas com outro tipo de marcação. Desenhos estilizados feitos próximo do cabo. Mas, aí reside o perigo. Existem lâminas gaúchas, cariocas e paulistas com este tipo de trabalho, com pequenas diferenças no formato das lâminas. Segundo me foi asseverado, as lâminas nordestinas têm a característica de serem retilíneas junto a sua junção com o cabo. Gaúchas e paulistas, sem falar nas mineiras, naquela porção, podem ser arredondadas e apresentar um entalhe ou uma pequena protuberância arredondada. Mas, boa parte das gaúchas também apresenta uma finalização (ou início) junto ao cabo, retilíneo.

De todo modo este tipo de trabalho: ataque por ácido (no passado usavase uma composição chamada de água-forte) visando obter um enfeite em baixo relevo, parece recente. Há quem fixe a década de 50 ou de 60 (do século passado) para a introdução desta técnica junto a artesãos. O fato é que a mesma é bem mais antiga.

O tema está aberto à discussão. Embora várias discussões em que me empenhei mais parecessem conversa de cego com mudo e brasileiro é um bicho danado de preguiçoso. Até detém

informações, tem peças em sua coleção que trariam luz aos temas, mas, deixa para outro dia. É pena.

Realmente me dá ganas o fato de ter jogado fora "papéis velhos". Pessoas que fazem isso devem ser internadas. Ali estavam anotações a respeito do que vi em coleções particulares pelo Brasil afora, por exemplo.

Tratamentos de Superfície

Em algum lugar destas Notas, falei brevemente de banhos químicos. Sem esquecer a espinhosa questão da têmpera, que acho deve ser deixada a cargo de quem realmente dela entenda, vamos ao pouco que aprendi.

Na realidade, hoje em dia, o assunto está mais para tratamento de superfície. Não é incomum encontrar belas peças "niqueladas". Com a lâmina e outras partes e peças niqueladas. Há dois tratamentos de superfície um tanto parecidos: niquelação e cromeação. A utilização de níquel começa em 1870. O uso de cromo consta como mais recente, o uso mais difundido deste material se dá a partir do entorno de 1930.

Ambos conferem ao aço e outros metais e ligas um acabamento de superfície brilhante (no mais das vezes) e "branco"; reluzente. O uso de cromo confere à peça um branco mais para o levemente acinzentado, na dependência de um bom polimento posterior.

O objetivo primário não é o embelezamento e sim a preservação do aço, impedindo a formação no mesmo, de oxidação – ferrugem.

Um bom trabalho de niquelação é feito a partir de preparação do aço: polimento, limpeza, desengraxamento. O "banho" é eletro-químico. Ou seja, por galvanoplastia. O que confere às peças originalmente assim tratadas, uma data mais para o recente, ou contemporâneo. Indo um pouco mais a fundo, o bom tratamento a níquel, hoje, pressupõe uma primeira camada de cobre e depois, quanto mais tempo de "banho" mais espessa a camada de níquel e, em decorrência, melhor o "banho".

Agora, vamos ao que se pode chamar de oxidação. São banhos ou imersão químicos com ou sem aplicação de calor, sobre superfície de aço. Havendo técnicas de banhos em óleos ou outros elementos orgânicos, inclusive. Um óleo merece destaque, o de linhaça.

A variedade de cores passíveis de serem obtidas é extensa, se considerados os matizes. Alguns destes processos são antigos. É provável que tenham iniciado sua lenta evolução a partir do século XVI, no ocidente. Lembrem, evolução não quer dizer ausência. No oriente, notadamente na China, alguns tipos de tratamento de superfície eram conhecidos na Antiguidade.

Diversos processos são bem conhecidos. A cor cinza até o grafite seria obtida há séculos por imersão da peça de aço em um vasilhame de ferro contendo cinza de cortiça de carvalho aquecida, durante certo tempo. Resta saber se o uso de outro tipo de cortiça ou entrecasca de árvore teria resultado semelhante. Com a palavra, os especialistas.

Outros processos, devido ao uso de sais químicos, são denotativos de uma evolução da Química, ou seja, mais para o contemporâneo. O uso de nitratos, percloratos e cloratos, entre outros, indicam um refinamento desta Ciência.

Mas um processo, que utiliza a CAL VIVA, pode ser bem mais antigo. E interessante.

Trata-se de colocar num vasilhame de ferro uma camada de cal; acomodar a peça a ser tratada nesta "cama", cobrir com outra camada de cal e aquecer tudo.

A cor resultante é azul. Dependendo do tempo de exposição à cal/calor. A CAL é um produto conhecido, no ocidente, desde a Antiguidade. Era empregada na confecção de argamassa, largamente usada pelos romanos em suas construções, por exemplo.

Uma gama de cores pode ser obtida a partir da temperatura da peça de aço a ser submergida em uma solução de soda cáustica, nitrato de sódio e água. Estamos falando, sempre de aço-carbono. Outras ligas de aço não são assim "tão antigas" e reagem de modo diverso a tratamentos de superfície.

As cores de que estamos falando vão do amarelo (em algumas tonalidades), passam pelo amarronzado (pardo), pelo vermelho (púrpura), pelo azul – desde o claro até tons bem escuros e terminam em verde claro. O cerne da questão é a temperatura de aquecimento da peça de aço. É uma escala que vai dos 220º centígrados até os 332º. Se bem entendi.

Para obter a temperatura certa, é necessário, hoje, um termômetro (ou pirômetro?) de boa qualidade. No passado, estimo que o processo se realizasse mais por domínio da "arte". Tanto mais que o aço carbono começa a se destemperar a partir lá dos 300 e poucos graus centígrados.

Exímios artesãos de hoje e do passado obtinham os mais variados efeitos e combinações, mediante, inclusive, a via da aplicação de "máscaras", argilas, vernizes termo-resistentes, etc. Desta forma foi e é possível entrelaçar cores e até mesmo cores e aplicação de ouro.

Quanto ao detalhamento destas técnicas, não me parece que caiba aqui. E mesmo, o que sei a respeito permite apenas uma citação. O assunto fica aberto para colaborações.

É pertinente abrir um pequeno espaço para o polimento. Dar polimento ao aço não é tarefa fácil ou para principiantes. Hoje em dia a variedade e a qualidade de máquinas e material abrasivo tornam esta tarefa relativamente fácil. Para quem sabe manejar estes meios.

No passado o trabalho era essencialmente artesanal, consumindo bom tempo. Pedras abrasivas com granulometria muito fina eram empregadas. Assim como dispositivos rotativos junto com os quais se usavam pós muito finos e algum tipo de meio como óleos vegetais, gordura animal ou água.

Os dispositivos rotativos mencionados acima eram rodas, a princípio de madeira sobre as quais se derramava o pó abrasivo junto com água ou algum óleo e, em seguida se aplicava a lâmina. Mais tarde passou-se a usar rodas na vertical, às quais eram presas peças de couro e mesmo de feltro e o pó abrasivo era aplicado por via úmida e/ou com o uso de gordura animal.

Pouco importando os suportes ou o material, o polimento sempre foi uma série de operações encadeadas. Passando-se de uma pedra ou de um pó mais grosso para outro mais fino, até se obter o resultado desejado.

Como última etapa do preparo de uma lâmina, o polimento dependia de etapas anteriores, posto que além de limites muito restritos não era, e não é até hoje, possível retirar marcas de ferramenta além de um certo limite.

Polimento e, de uma forma geral, acabamento. Aí residem muitos percalços com a intervenção de diversas técnicas artesanais.

Na cutelaria artesanal moderna, o esmero no acabamento, salvo exceções, lâminas propositalmente rústicas são uma exigência.

Pode ser dito que há uma "arte" no polimento. Arte que é de difícil domínio. Recursos não faltam. Hoje não é mais necessário uma quantidade absurda de tempo para se "espelhar" uma lâmina. Em decorrência, uma faca nova com marcas de ferramenta ou arranhões, é impensável.

Outro aspecto seria a afiação. Outra "arte". Em facas antigas, variações nos ângulos de afiação são difíceis de encontrar. Nas de hoje também. Mas um cuteleiro de primeira, considerando os usos da peça que está finalizando, dá, à lâmina afiação diferenciada ao longo de seu gume, por exemplo.

No tocante ao cabo, além de sua estanqueidade em relação ao encaixe lâmina/cabo ou guarda. Há toda uma série de outros detalhes. O principal é a perfeição do contato entre os diversos materiais e/ou peças. É evidente que não se vão exigir perfeições de uma lâmina antiga. O desgaste existe. Os materiais "trabalham". Encolhem por ressecamento ou outra ação do tempo.

Mas, alguma atenção deve ser dispensada ao material de que é eventualmente feito o cabo. Por exemplo, espaçadores de papel vulcanizado ou outro material sintético, denotam, no mínimo, uma passada por restauração.

Os assuntos abordados nos quatro parágrafos acima merecem generosas contribuições. Sem esquecer a restauração. Toda outra arte por si.

Há bons restauradores entre nós. Empresas e pessoas, como o bom Serge Michel, aqui do Rio.

Um material usado em lâminas, bastante raro no nosso passado, é o aço de Damasco, cujos matizes e contrastes podem ser ressaltados via banhos químicos, preferido pelos bons cuteleiros de hoje, o esmero nas etapas anteriores e um rigoroso polimento.

Aço de Damasco é a designação genérica de um material que seria outro pequeno universo dentro da cutelaria, antiga e/ou da contemporânea.

Aos interessados recomendo buscar na internet: "Wootz Steel: An Advanced Material Of The Ancient World". Trata-se de artigo preparado por um cientista indú. E outro artigo a respeito do aço de cadinho russo, o BULAT. Nada mais apropriado seria alguém ter a bondade de traduzir, se possível enriquecer e trazer ao corpo destas notas o conteúdo destes artigos. Infelizmente não tive resposta a minhas tentativas de contato e, por cautela e respeito, não traduzi e incorporei.

Cutelaria

Cabe perfeitamente aqui abrir um espaço para tentar esclarecer o que vem a ser cutelaria. Hoje parece muito difundido o conceito ou idéia de que cuteleiro é aquele que faz lâminas, facas.

Tudo indica que não é bem assim. Ao menos não o foi.

Cutelaria seria a arte ou, hoje, a indústria voltada para a fabricação de um sem número de artefatos. Desde facas, dos mais variados tipos e destinos, até talheres de mesa e muitos outros objetos, como ferramentas, também. Alguns estudiosos do assunto indicam que o primeiro utensílio de cutelaria foi a colher.

A questão que se impõe é indagar se sempre foi assim. A resposta é um alto e sonoro sim.

E não há por que ver demérito nisso.

Na cutelaria artesanal brasileira, do passado e de hoje, vai se encontrar a tradição do artesão cuteleiro como aquele que orquestra e até certo ponto dá origem ao surgimento da lâmina, da faca, pronta e acabada e com sua bainha. Conforme ele a concebeu. Ou a teve encomendada por um cliente que especificou alguns passos de feitura, principalmente no que se refere ao acabamento. Estamos falando do ferreiro, do cuteleiro, e não do latoeiro, por exemplo. Este último lidava primordialmente com latão. Houve, no Rio colonial a Rua dos Latoeiros. Bem como a dos Ourives e outras denotativas da concentração de profissionais de determinada área.

Esta tradição não é nova ou inovadora. Ao contrário. No passado, seja, por exemplo, na Europa medieval, o que havia era uma sadia e necessária divisão do trabalho. Cuteleiros isolados, fazendo tudo, do início ao fim, com a exceção da matéria prima, podem e devem ter existido. Mas não era a regra.

O mesmo se aplica aos nossos antepassados: os FERREIROS do Brasil colonial. Faziam pregos, anzóis, ferramentas e FACAS. Como a terra era outra, ou por qualquer outra razão, forjavam as lâminas, desbastavam, acoplavam o cabo e poliam. Mas havia outro artesão companheiro, o seleiro, caso o nosso ferreiro morasse no campo, ou o simples sapateiro (profissão mais URBANA), que faziam a bainha.

A convivência próxima entre digamos "ramos" da cutelaria, facilitou a associação entre o cuteleiro – que fazia lâminas, e outros artesãos voltados para o trato com metais, inclusive os ditos nobres, principalmente a prata.

Mas hoje é hoje e cutelaria, neste universo de pessoas meio doidas que têm fixação por lâminas e facas, o termo que se vai fixando é cutelaria e cuteleiro.

O que não impede que se indique com clareza que a massa da produção dos antigos centros de cutelaria europeus era de variados artefatos. O que incluía facas, ferramentas e outras lâminas. Notando-se também que havia uma especialização entre estes centros cuteleiros.

Alguns centros de cutelaria se dedicavam à cutelaria longa, faziam espadas. Foi o que aconteceu com Birmingham. Em outros conviviam os artesãos que faziam facas com aqueles dedicados à feitura de talheres e outros utensílios de mesa e mesmo os dedicados a fazer ferramentas. Já li em algum lugar a expressão: "cutelaria pesada" para designar a especialização na feitura de machados e afins.

Alguns outros foram, aparentemente, mais longe em sua especialização. Pode ter sido este o caso de Londres, pois a demanda por artefatos destinados à armação de navios era, naquela cidade, mais concentrado. O mesmo ocorrendo ao longo do rio Tejo, em Portugal.

A história da cutelaria européia registra, inclusive, que alguns centros de cutelaria tenderam mais à produção em quantidade, sacrificando a qualidade. É o que se depreende da leitura de livros a respeito da cutelaria francesa, por exemplo. Com a ressalva de que a cutelaria de qualidade ficou em Paris, por longo período.

Adendo

Descrição das facas mostradas na imagem I – 19: Pequeno acervo

Da esquerda para a direita:

Faca uruguaia J. M. Mailhos. Cunho do Cuteleiro: caçador de pé, atirando. Lâmina importada da França. Origem: Familiar, Rio Grande/RS, 1973. Circa 1850. Pode ser considerado um "facão", dado seu comprimento. Cabo e bainha em prata baixa teor. Bainha composta – couro e metal, restaurada.

Bainha: Sem trava para botão. Tipo "picazo" ou composta. Corpo em couro preto com dois frisos, costura aparente rebatida.

Ponteira: 8,24cm x 2,27cm x 1,5cm. Prata 900, lisa com acabamento arredondado. Colada ao corpo de couro com "bacalhau" de couro para ajuste. Linha de solda surge quando oxidada.

Bocal: 4,91 por 3,5 por 1,21 cm. Preso ao corpo por um parafuso lateral. Friso estampado (gasto) motivos vegetais. Estamparia aberta no restante, folhagem e flor, fundo pele de tubarão, avivamento a buril Presilha ou lingüeta: 2,2 por 6,72 cm. Ressalto redondo estampado mostrando cinco "gomos" (estilização floral) via cortes de buril. Soldada ao bocal. Desenhos e tracejados a buril. Marcada: Juan M. Mailhos, Montevideo e cunho caçador de pé atirando.

Cabo: 12,6 cm por 2,4 cm em prata, gasto. Fuste preso por rebatimento, detalhe encoberto por cupilha lisa, semi-esférica soldada (revelado em RX industrial). Dois frisos com motivos vegetais com franja de folhas estilizadas. Anel idem, com acabamento idem. Oitavado. Quatro facetas estreitas lisas. Quatro facetas motivos xadrez riscado a buril. Quatro facetas com flores e folhagens estampadas. Gastas. "capucha" lisa.

Botão: Secção redonda, duas caneluras. 1,55 por 1,4cm Lâmina: 29,5 por 2,5 por 0,6 cm. Triangular de secção triangular. Dorso reto, descaindo 1,19 cm em direção à ponta. Fio e um contra-fio de 19,6 cm da ponta, Leve encaixe para o indicador. Marcada J. M. Mailhos, 18 de Julho nº 16, Montevidéu.

Cunhos: atirador de pé atirando, Acier Fondu, D com coroa. 85% sem mancha. Leve corrosão de segundo grau – "pitting". Marcas de esmeril ou lima fina no contra-fio e esparsas pela lâmina. Fuste alto. Esta lâmina comprida e afilada recebe, de alguns conhecedores o nome de: "língua de chimango".

Faca ou adaga sem identificação de cuteleiro. Origem familiar, Rio Grande/RS. Circa 1870.

Bainha de prata baixa com banho posterior. Forrada internamente com couro. Sem trava para botão.

Bocal: Soldado ao corpo da bainha. Dois frisos em cordonné e feixe amarrado em "x".

Presilha ou lingüeta: 1,55 por 3,01. Soldada ao corpo. Rosa com folhagem estilizada. Fundida com reavivamento a buril.

Corpo da bainha: 19,7 por 2,5 por 1,03. Estampada com reavivamento a buril. Linha de solda perceptível em alguns pontos e com ruptura de 1 cm. Folhagens, rosas e pena estilizada, dois escudetes em forma aproximada de coração, lisos. Fundo em pele de tubarão.

Figura fantástica: Dragão fundido e soldado ao corpo da bainha com reavivamento a buril.

Cabo: Cupilha em forma de rosa esconde o método de acoplamento do fuste ao cabo. Oitavado. Duas faces lisas. Quatro faces com trabalho de buril ou estampagem reproduzindo padrão de trama. Quatro faces com hachurado e folha. Duas faces abaixo do anel com 03 rosas e ramagens/folhagens. Anel aparentemente com estampa gasta, folhagens. Duas faces acima do anel com duas rosas, escudete ovalado, ramagens e folhagens. Dois frisos largos idem do anel. "Capucha" com faces lisas, hachuradas e motivo floral ou folhagem.

Com pequena guarda de aço solidária com a lâmina, achatada e pontas arredondadas. Sem botão.

Lâmina: 18,3 por 2,18 por 0,3 cm. Triangular com secção triangular, dorso reto descaindo para a ponta em 1,03 cm. 80% sem mancha. Cunho: Qualité Superieure, x T. x D. x ; Paris. Ponta centrada em relação ao cunho e eixo da lâmina. Mais punhal ou adaga que faca embora com um fio e um contra-fio até 5,83 da ponta. Fuste centrado.

Faca com cunho de cuteleiro. Origem familiar, Santo Ângelo/RS. Circa 1870/90.

Bocal: Com trava de botão que é um cilindro aberto decorado com friso em semi esferas e rosáceas, com recortes (galeria) medindo esta trava 1,65 de diâmetro por 1,2 cm de altura e fundo pele de tubarão. O Bocal em si é preso ao corpo da bainha por um parafuso frontal e é decorado com frisos lisos.

Presilha ou lingüeta: Fundida e reavivada a buril e punção (olhos da cabeça), soldada ao corpo da bainha. Decorada com figura meio torso de mulher estilo Império e leão alado estilo idem e folhagem, medindo 1,35 por 4,25 cm.

Bainha, corpo da: 14,62 por 3,19 por 1,2 cm. Estampada. Estamparia aberta. Folhagem de vinha e gavinhas e 03 cabeças de canídeo rosnando, sendo duas de frente e uma de perfil. Fundo pele de tubarão. Trabalho de reavivamento a buril. Couro na parte interna.

Cabo: Duas secções. Inferior sete facetas lisas; próximo ao botão acabamento em torsade com dois frisos lisos. Parte superior ao anel, que é liso, em secção circular decorada com folhagens, cabeça de canídeo rosnando em perfil e flor (campânula). Fundo granité e/ou pele de tubarão. Aparentemente fundido (devido ao peso e presença de uma "batatinha).

Botão: Diâmetro de 1,3 por 0,98 cm, com duas caneluras.

Lâmina: 12,27 por 2,48 por 0,32. Triangular de secção triangular. Entalhe espanhol junto ao Botão. Dorso reto descaindo 0,68 cm para a ponta. 70 % sem manchas. Marcada: Germano Geher, Porto Alegre. Um fio. Fuste alto e preso ao cabo por martelamento. Cabo e bainha são de liga contendo cerca de 60% de prata – teste de ácido.

Faca sem identificação de cuteleiro e origem da lâmina. Familiar, circa 1920. Rio Grande/RS. Cabo e bainha em Alpaca com banho de prata.

Bocal com trava de botão medindo de diâmetro 0,1,5 por 1,1, trava sem decoração. Bocal decorado por feixe amarrado em "x" e preso ao corpo da bainha por dois parafusos laterais.

Presilha ou lingüeta: 5,4 por 1,7 cm. Soldada ao corpo da bainha. Cabeça de cavalo semi-envolvida por ferradura com 5 cravos e rosas e folhagens.

Bainha corpo da: 15 por 2,7 por 0,87. Estampada. Estamparia fechada reavivada a buril. Folhagens, rosa e pena estilizada e dois escudetes lisos em forma de coração estilizados. Couro na parte interna.

Figura fantástica: Dragão fundido e reavivado a buril, duas caudas.

Cabo: Oitavado. Na porção superior decorado por estamparia reavivada a buril com rosas, folhagens e dois escudetes lisos e de forma ovalada. Porção inferior decorada com desenhos a buril, talvez "art noveau". Anel decorado em "x". Capucha com desenhos a buril idem parte inferior do cabo. Lâmina presa ao cabo por parafuso aparente.

Botão: Secção circular, duas caneluras 1,1 por 0,9 cm. Fuste alto.

Lâmina: Triangular de secção triangular, 15,5 por 1,9 por 0,25 cm. Dorso reto descaindo 0,9 cm para a ponta. Sem mancha. Sem marca ou cunho. Um fio.

O aparente exagero acima se deve ao fato que à época havia muitas facas minhas e uma identificação detalhada se fazia necessária.

Considerações a Respeito da Caroneira

O desmesurado comprimento das Caroneiras pode encontrar sua origem no também desmesurado comprimento das lâminas de algumas baionetas de fins do Século XIX e mesmo início do Século XX. Não é raro encontrar, no livro: "Bayonets An Illustrated History" de Martin J. Brayley de 2004, KP Books, isbn: 0-87349-870-4, nas tabelas organizadas por país, lâminas de baionetas excedendo os 50 centímetros de comprimento. Algumas chegando a mais de 80 centímetros.

Veja-se, agora a Caroneira anunciada no Mercado Livre (YARK 59) com lâmina de 63 cm.

Não lhes parece uma baioneta reciclada? Tanto mais que numa das faces do ricasso está estampada a insígnia nacional do Uruguai.

E as primas nordestinas, as Facas de Arrasto. Das quais a ou as mais famosas são as que constam na iconografia dos Cangaceiros? Baionetas também? É possível. Assim como é possível que tenham sido recicladas a partir das pequenas espadas de oficiais que estiveram em moda no final do Século XIX. Estas espadas "de parada", "passeio" ou que outra designação tenham tido – para diferenciá-las das "de serviço" eram curvas, estreitas e, na medida certa em comprimento de suas lâminas. Nada que um bom artífice nordestino não pudesse retificar e colocar outro cabo.

Cito, a seguir, os modelos de baionetas, por ano de adoção das respectivas, de diversos países, informando também onde as baionetas foram originalmente feitas.

Argentina

1879	465 mm - origem alemã
1891	400 mm - origem alemã
1909	400 mm

Austrália

1907	435 mm - origem Inglaterra

Áustria

1854	594mm – origem austríaca
1870	572mm – origem austríaca

Bélgica

1867	489mm – origem belga

França

1866	571mm - origem francesa
1874	522 mm – origem francesa

Alemanha

S98	521mm (1898 e 1906) - origem alemã

Inglaterra

1838	432mm – origem inglesa
1848	560mm – origem inglesa
1854	610mm – origem inglesa
1879	654mm – origem inglesa

É claro que nem toda Caroneira corresponde a uma baioneta reciclada. Pode corresponder a outra fonte de material, reciclagem ou não.

Encontrei duas citações a uma fonte de material estranha. A "aduela" ou aro de metal que envolvia a parte externa de rodas de carroças. Não sei se todas ou algumas seriam de aço. Mas, é curioso. Um dos autores/fontes, diz que estas aduelas ou aros eram procurados por cuteleiros, pois o material, durante o uso da roda de carroça, era compactado e restava de melhor qualidade. Será? Ou é mais um dos muitos mitos e distorções com os quais se tropeça ao fazer pesquisas?

Empiricamente, parece haver algo de verdade. Forjar Caroneiras e seus parentes, as de Arrasto nordestinas, a partir desta fonte de material até parece razoável. Não é?

Uma última consideração. Sempre no reino das hipóteses, por que não pensar na possibilidade de gaúchos e nordestinos, com suas Facas de Arrasto e Caroneiras, expressarem o desejo de dispor de lâminas semelhantes àquelas dos militares – espadas. Quando menos, em nossa cultura burocrática, a mania de proibir talvez tenha se estendido a lâminas de maior comprimento e ao final, tornar espadas e sabres: "de uso exclusivo" de militares. Faz certo sentido. Não lhes parece?

Também se deve considerar como origem destas lâminas de grande comprimento o Terçado ou Chifarote. E mesmo, por que não, a velha conhecida reciclagem. No caso reciclagem de espadas.

Capítulo 3

A Matéria Prima das Facas: o Aço

O que se segue seria mais bem tratado por Engenheiro Metalurgista. De preferência um que também seja apaixonado por facas e que goste de História. E que tenha a bondade de usar uma terminologia ao alcance do comum dos mortais. Mas, vamos lá.

Algumas pessoas me fizeram uma pergunta aparentemente simples, mas embaraçosa: qual o aço das lâminas antigas? A resposta genérica é aço carbono ou aço ao carbono (e ferro). Um velho conhecido do homem. Nos museus da Europa encontram-se objetos e mesmo lâminas feitas de aço carbono (estima-se) datados da Antiguidade. Eram, então, raridades. Coisas muito caras, fora do alcance econômico do comum dos mortais e obtidos meio por acaso, empiricamente.

Nunca é demais lembrar que um tipo de objeto ou de material é considerado como plenamente pertencente a um determinado período histórico em função de sua difusão. Leia-se: presença numérica e geográfica, territorial, elevada em relação a outros objetos ou material num dado período. A relação é importante. Então, enquanto o material das lâminas foi cobre ou bronze, o ferro e o aço como que não pertenciam a estas épocas recuadas. Eram raridades, algo fora dos padrões.

Antes de entrar no assunto aço, para ilustrar, creio ser preciso falar do ferro. Afinal é deste que deriva o aço. Com a finalidade de contextualizar, citaremos o bronze. Mas não o cobre.

O Ferro

Consta que a Idade do Ferro tem início no segundo milênio Antes de Cristo. Estas divisões cronológicas são, sempre, alvo de controvérsias acadêmicas. A História moderna tende (se bem entendi) a definir uma Idade dos Metais, cuja etapa final seria o Ferro. Hoje, se isto tem importância, estaríamos no que se refere a material, numa idade de sintéticos e compostos.

Na Europa, tem-se que a Idade do Ferro começou em 800 antes de Cristo. Esta indicação cronológica, como sempre acontece nestas questões, é relativa. Mas, relativa por quê? Artefatos de ferro (e mesmo de aço) foram encontrados em pesquisas arqueológicas com datação anterior a 800 AC, na Europa. Mas são, repita-se, raridades. A presença numerosa e geograficamente distribuída de tais artefatos começa a partir do entorno dos 800 a 600 AC.

Mas não é bem isto o que a Arqueologia praticada na terra dos Vikings tenta nos dizer. Ao que parece a mineração e a redução de minérios de ferro teria, naquela região, uma história bem mais longa. Fala-se, é claro, da eterna Suécia.

As primeiras fundições de ferro teriam ocorrido na Anatólia – região onde hoje se situa a Turquia. Estudos recentes tendem a indicar que a redução (ou fusão, qual o termo certo?) de minérios de ferro ocorreu também, em outras regiões. Digo isto pensando na eterna China, por exemplo.

Embora com alguns "defeitos" o ferro parece ter fascinado o homem. Não é para menos. Seu antecessor o Bronze era caro. E complicado de ser obtido, pois o metal base desta liga é o cobre. Cujo minério sempre foi raro, caro e de difícil trato para efeito de obter-se um artefato duradouro.

Era tão cara a liga que chamamos de bronze, a ponto de um incidente menor, dentro de um grande acontecimento Histórico – a Guerra do Peloponeso (entre Esparta e Atenas) ter sido objeto de registro. Demóstenes, um General ateniense, após vitória, recebeu como butim de guerra: "… a quantidade impressionante de trezentas armaduras". O fato ocorreu em 426 Antes de Cristo. Estas armaduras eram de bronze e equipavam o soldado de elite grego, o Hoplita. Perder um soldado destes era trágico, perder sua armadura, era um desastre. A guerra sempre foi cara.

Mas o ferro não foi sempre o metal de escolha para certos artefatos. O bom e antigo bronze encontrou um nicho de uso na artilharia. Nos canhões do final da Idade Media. Os primeiros canhões dignos deste nome – calibre elevado -eram feitos de ferro. Ferro BATIDO. O termo em inglês para o cano do canhão parece, vem desta época, pois era feito de tal modo que tinha semelhança com um barril. Lâminas de ferro batidas (ferro forjado), presas por aros também de ferro. É claro que não funcionava bem. A técnica de fundir ferro e derramá-lo num molde à feição de uma arma de fogo, ou como etapa preliminar no fabrico de uma, demorou um tanto a se tornar realizável.

Voltando ao bronze: as minas de cobre da Saxônia e do Tirol e as de estanho em Flandres, ao começarem a ser realmente exploradas, lá pelo Século XV (1400), baratearam e tornaram relativamente abundantes os metais do qual era feito o BRONZE. E o ferro foi relegado a um plano inferior na feitura de canhões. O que durou muito tempo.

O bronze só foi abandonado quando se constatou que sua resistência a altas pressões era limitada. Altas pressões requeridas pelo desenvolvimento/necessidade de novos tipos de munição e de alcance da artilharia. E, quando este "defeito" poderia ter sido sanado com a descoberta de que pequenas quantidades de fósforo aumentavam sua resistência, era tarde, o ferro e o aço já se haviam implantado como material melhor e mais barato. Ferro e bronze conviveram por uns bons mil anos.

Assim como o ferro e o aço, também conviveram lado a lado durante muitos séculos. Há facas medievais e dos períodos posteriores, feitas de ferro. Segundo umas poucas e controversas fontes, as facas que vieram para o Brasil depois de 1500 como "objetos de resgate" eram, em boa parte, de ferro. Inclusive aquelas que os bandeirantes lavavam em suas jornadas de apresamento de índios e busca por riquezas – tais facas eram também usadas no escambo, no resgate.

O bronze, relativamente abundante (durante séculos) e mais fácil de obter (a temperatura de fusão é mais baixa) foi usado em muitos artefatos, inclusive lâminas e armas curtas, durante muito tempo, inclusive depois da entrada em cena do ferro. E desde aquelas recuadas épocas até hoje, bronze e seu primo pobre e bem mais moço, o latão (invenção, segundo algumas fontes, dos romanos) é o material usado em partes e peças das montagens de lâminas.

Um material assim tão bom, o bronze, dá para desconfiar. E é bom que seja assim. Ele é intratável depois de fundido. É duro, rompe-se se reaquecido e martelado. E, as ligas de bronze

de hoje são piores ainda do ponto de vista do artesanato. Algumas sequer têm um som bonito se percutidas.

Qual o problema do ferro? TEMPERATURA. Não era fácil obter as temperaturas capazes de reduzir, menos ainda fundir, o minério de ferro e assim obter o ferro fundido e /ou ferro gusa (gusa e fundido, o ferro era/é muito "sujo" – cheio de impurezas). Ferro gusa e ferro fundido, novamente, se entendi bem, não são a mesma coisa, mas têm uma característica em comum: teor de carbono. Alto demais ou baixo demais. Os dois são quebradiços e/ou não têm tenacidade e outras características inerentes ao aço carbono de teor compatível com a qualidade almejada para o artefato desejado.

Um dos primeiros povos a resolver o problema da temperatura, segundo algumas fontes modernas, foi o chinês. Os chineses realmente fundiram, liquefizeram o ferro. E tinham tecnologia ou desenvolveram-na para tanto. Chegando a ponto de "inventar" o fole de ação dupla, por exemplo.

Alguns outros fatores ou técnicas e material tiveram de ser descobertos e usados para se obter ferro fundido e, posteriormente o aço. Um deles foi o combustível.

Sem a pretensão de substituir o conhecimento dos metalurgistas, apenas para efeito de uma resenha informativa, o combustível, a fonte de calor, primitiva (digamos) a lenha se mostrava insuficiente para gerar as temperaturas necessárias. Da lenha vegetal, é claro, passou-se para o carvão. Deste para brasas avivadas por ventilação forçada, carvão em brasa e fole. Bem depois para o carvão mineral e finalmente o coque (a partir de 1735) que vem a ser carvão mineral submetido a tratamento prévio. E, mais recentemente, a eletricidade e o gás.

Antes de o fole ser usado para forçar a ventilação e aumentar a temperatura dentro das fornalhas da antiguidade, a mesma era obtida pelo dimensionamento da abertura inferior da fornalha ou, como nas fornalhas japonesas, mediante a realização de orifícios próximos à base e uma "arquitetura geral" da fornalha.

A ventilação também teve de evoluir. Passando de digamos, normal, para forçada via foles. Os foles primitivos eram sacos de couro com dois orifícios tocados pelo auxiliar. Este implemento – o fole também passou por toda uma evolução digamos estrutural. E nos Séculos XI/XII passam a ser acionados por meio hidráulico – queda d´água.

E o fator tempo também foi dominado. Os processos de obtenção de metal fundido e de aço demandavam um tempo certo. A princípio apelou-se para coisas meio "mágicas" como o recitar de fórmulas ou de orações e mesmo salmos bíblicos. Depois ou ao mesmo tempo, sabe-se lá, usaram-se os "instrumentos" de medição de tempo de cada cultura e época.

A ou as técnicas relativas à estrutura na qual o ou os processos ocorriam também teve de evoluir. Houve povos que usaram fornalhas escavadas no solo. Outros cedo ou logo de início passaram a construir fornalhas acima do solo. O material usado na construção destas fornalhas também foi alvo de um processo de evolução. Assim como sua estrutura. Enfim, tudo evoluiu.

Em algum momento do tempo de evolução da metalurgia do ferro (e do aço) a "força motriz", que a princípio era o braço humano, foi transferida para os animais e depois para a energia da queda de água. E até a força dos ventos.

Uma nota: o nosso fiel amigo, o cão, foi usado como fonte de força motriz na cutelaria. E como cobertor dos trabalhadores que faziam desbaste.

Ao que me foi dado perceber, até mesmo detalhes como o tipo de árvore a ser empregado como fonte primária para obtenção de calor, tiveram de ser selecionados. Ou, pelo menos al-

gumas eram consideradas melhores. Com o desaparecimento destas espécies que propiciavam mais calor, as demais entraram na dança. Ao que parece os jesuítas das Missões (o Padre Sepp) esbarraram com uma espécie de árvore nativa que fornecia mais calor que as européias.

Com a palavra os Engenheiros Metalúrgicos e/ou Siderúrgicos para enriquecer e esclarecer. Se bem que estamos mais no reino da História da Metalurgia.

Permitam uma breve digressão. A título de exemplo. Vamos tratar resumidamente do processo usado durante séculos pelos artesãos franceses para obter material ferroso e/ou aço carbono. Vale à pena, para se ter idéia das dificuldades e dos métodos nada refinados para quem vive numa era pósindustrial sofisticada.

A matéria prima era coletada pelos agricultores quando estes, na preparação dos campos, retiravam as pedras encontradas. Aparentemente seixos rolados de minério de ferro. Numa determinada época do ano, os fundidores recebiam esta matéria prima e a colocavam na "Fornalha Catalã". Uma fornalha dita baixa, em contraposição à "alta" que era mais usada no

Norte da França. Cada corrida resultava em algo como 40 (quarenta) quilos de material.

O ferro resultante era então forjado à mão ao mesmo tempo em que se buscava eliminar a escória inclusa. Segundo algumas fontes havia uma etapa intermediária na qual os nódulos – "galets" eram refundidos visando obter material mais limpo e homogêneo e de maiores dimensões. O lingote (formado pela agregação de diversos "galets") era transformado em barras mais ou menos homogêneas. O processo ocupava cerca de nove homens. Três fundidores e outros seis empenhados na obtenção de lenha e transformação da mesma em carvão.

Havia ainda segundo outras fontes, outra etapa intermediária, quando o material ferroso era "tratado". No próprio cadinho (se é que isto era usado) da fusão ou redução. O material era longamente "queimado" junto com ossos, chifre e couro. Por algum meio enriquecido em teor de carbono. A fonte francesa consultada fala em cementação.

Tenho dúvidas. Pode ser carburização. Insuflar carbono no ferro.

De todo modo, a fornalha ou forno catalão foi um progresso que desembocou no chamado "Processo Indireto". Neste caso, obtinha-se primeiro o gusa que era liquefeito e depois "refinado", chegando-se a teores de carbono mais condizentes com o que era desejado. Este Processo Indireto dá ensejo, a seu turno, à entrada em cena do dito "alto-forno. Uma fornalha de dimensões bem maiores – chegando até os vinte metros de altura. O "alto-forno" predomina, enfim, lá pelos séculos XIV/XV.

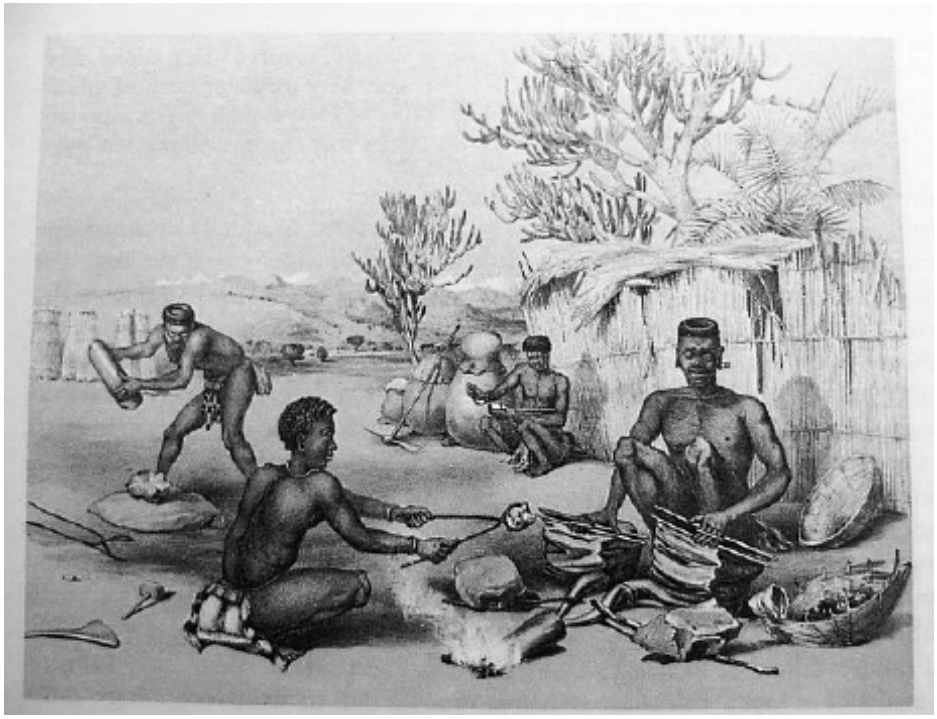
Seria o processo "catalão". Usado nas regiões de Foix, Lacaune, Rodez e Firmi. A época? Final da Alta Idade Média. Mas, os catalãos já faziam isso, em quantidades menores, bem antes. Lá pelos séculos IX e XI de nossa era.

Cabe e é importante ressaltar que o "processo" catalão era sazonal. Havia uma época do ano para se fundir ferro. Isto nos dá bem a medida da raridade do ferro como matéria prima para cutelaria e outros usos.

Seria muito interessante saber-se algo a respeito do processo usado em nosso país. É possível que o ou os processos usados em Toledo e em outros lugares, de Portugal, e na região de Langres, que se difundiram pela Europa, tenham sido absorvidos, copiados pelos ferreiros coloniais do Brasil. Encontrei apenas uma referência do uso de fornalhas catalãs em Minas Gerais já em 1700/1800. A fonte é imprecisa.

A esse respeito deve-se também lembrar que pessoas negras, escravizadas, sabiam como

fundir e dar trato ao ferro. Sabemos que diversas etnias africanas foram trazidas para o Brasil. Algumas delas eram detentoras das técnicas de fundir e trabalhar o ferro. E não se deve desprezar a presença, em Portugal de pessoas de etnia negra, mais corretamente do Congo em épocas muito recuadas. Registro iconográfico europeu de fins do século XIX. Atividade de fundição de ferro na África.



Registro iconográfico europeu de fins do século XIX. Atividade de fundição de ferro na África.

Mas, voltemos ao assunto mais geral e numa tentativa de reproduzir o que deve ter se passado.

O minério de ferro era em relação ao cobre (minério base do bronze) muito mais abundante e o teor de metal no minério, dependendo da jazida, é claro, sempre muito mais alto. O que facilitava e barateava o processo de fundição. Mas não foi fácil trocar o bronze pelo ferro. Este último tinha "defeitos" em relação a seu nobre antecessor. Era quebradiço, enferrujava. Mas o homem insistiu e desenvolveu técnicas para vencer aqueles defeitos.

Volta e meia alguém conseguia obter uma preciosidade: aço.

Um esclarecimento: não desejo incorrer na ira de engenheiros metalúrgicos. Não sei se estou usando a terminologia certa. Fusão ou redução, p ex. E, o que é, afinal a bendita cementação? A da época, não a de hoje.

O Aço Entra em Cena

Como isto acontecia? A técnica de obter aço foi dominada e esquecida, aqui e ali, na Ásia, no oriente médio e distante. Ao que tudo indica segundo apontam restos de fornalhas, o ferro, enquanto minério e/ou gusa e/ou fundido era colocado por um longo período em fornalhas. Estas fornalhas tinham uma característica -eram "ventiladas". Ventiladas por baixo. O que

acontecia? Algum ar passava pelo metal liquefeito e retirava (ou aumentava por insuflamento, sei lá eu) o excesso de carbono.

Antes disto, o aço era obtido a partir de pelotas de material ferroso resultante do processo que ocorria na fornalha na qual se colocava o minério de ferro. Era um material bastante heterogêneo, onde havia muita mistura de ferro com escória.

Trata-se, em parágrafo anterior, do processo de descarbonização. Fazer baixar o teor de carbono usando um fluxo de ar. O processo reverso, carbonizar o ferro, como referido, também era praticado. Com ou sem a intenção de obter um material melhor.

A Metalurgia sempre foi uma coisa empírica. E, conhecimento empírico tem um defeito: as pessoas tendem a esquecê-lo. De propósito ou não. E a "história do ferro" ainda não foi inteiramente desvendada.

Alguma coisa soa conhecida? Sim. A tecnologia de produção de aço pelos artesãos FUNDIDORES DO JAPÃO. É semelhante, APENAS ISTO: SEMELHANTE, ao que os arqueólogos estimam teria acontecido nestas arcaicas fornalhas européias. Mas houve predecessores ou contemporâneos, respectivamente: os Hititas, que incomodaram muito os egípcios e os chineses.

Mais recente a Arqueologia intensificada na China revela que aqueles povos teriam uma refinada metalurgia. Mas, o que se tem como certo aindahoje é que os chineses usavam aço importado do sul da Índia o famoso e intrigante "Wootz". Mais recentemente ficou-se sabendo, afinal, que os chineses dominavam a tecnologia do ferro a ponto de a difusão de seu uso por artesãos fundidores/ferreiros ser extensa, em termos geográficos.

Os admiráveis japoneses, contudo, trabalham com fornalhas estruturalmente bastante sofisticadas se comparadas às do Processo Catalão resumido acima. O processo japonês seria de insuflamento de carbono no ferro. Os conhecedores que se apresentem e contribuam.

O pouco que sei é que o "lingote" que saia das fornalhas nipônicas fornecia aço de algumas qualidades. Parece-me que o aço a ser usado em espadas e tantos vinha das laterais do lingote, por onde passava, durante o processo, maior quantidade de ar ou aonde havia maior presença de material orgânico.

Onde e quando surgiu o aço é motivo para grandes incertezas, e discussões. O fato é que, lentamente, a técnica de produzir aço carbono vai se difundindo. Um ramo interessante é o Indú. Sabe-se que os fundidores indús usaram cadinhos fechados e a "pastilha" ("WOOTZ") que ficava no fundo do cadinho era vendida para os artífices que as trabalhavam chegando ao aço de Damasco. Tem-se alguma informação cronológica. E muitas perguntas sem resposta quanto ao WOOTZ. Há uma resenha abaixo, em tópico aparte.

Todos os interessados em cutelaria sabem o que é este tipo de aço. Mas nunca é demais lembrar, rapidamente, antecipando a tal resenha.

Seria na Índia atual que surge o famoso aço de Damasco. Que ficou com este nome apenas porque os cruzados toparam com ele no Oriente Médio, na Turquia, pois começaram por lá. Deve ter sido uma topada desagradável.

Na época, a metalurgia do ferro na Europa, ainda era primitiva e tinha perdido muito do que os romanos haviam criado ou aproveitado de outros povos. Muito tempo depois, o cruzado que foi tentar a sorte (no sentido econômico e religioso) usava armas muito pesadas. O objetivo era romper a armadura do inimigo na força bruta. E lá vinha o habitante local com uma arminha bem mais leve e "creu" no cruzado.

Ao menos esta é a versão mais corriqueira para o nome damasco, aço de Damasco. Mas, está em curso toda uma revisão deste tema. Havendo controvérsias a respeito do que é o verdadeiro aço de Damasco em contraposição a aço de cadinho, aço com padrão (pattern steel), aço Bulat, e outros.

Fontes diversas informam que a designação: "aço de Damasco" é devido ao fato de que a cidade de Damasco foi um centro de trocas comerciais com a Europa. Da Europa se importava ferro para o Oriente Próximo e, na volta, possivelmente, lá vinha aço.

Mas, vamos retomar o assunto mais abrangente e deixar o aço de Damasco para mais tarde.

Os armeiros (e cuteleiros) europeus faziam o que podiam. Criaram, por exemplo, imitando ou preservando algo inventado, segundo alguns pelos romanos, a técnica de caldear diversas "folhas" de ferro.

Segundo outros esta técnica de caldear finas folhas de ferro seria etrusca e até mesmo egípcia. É uma canseira. Volta e meia surgem os egípcios!

De todo modo, alguns autores informam que o "aço" caldeado era técnica conhecida na Europa, desde o Século Sétimo a.C. e que se difundiu entre os Séculos III e XI depois de Cristo. Desapareceu e voltou a ser usado no Século

XIX. Pessoalmente acho difícil. É mais fácil tratar-se de ferro caldeado. Aço caldeado nos Séculos II e XI Depois de Cristo, pode até ser, mas no VII antes de nossa era, é ruim!

Ou ainda, nossos ancestrais mais recuados usavam o artifício do que hoje chamamos de cementação ou carburização – colocavam a peça de ferro dentro de matéria orgânica de origem animal, principalmente chifres e ossos. O calor entrava nesta dança, é claro. Se o termo cementação se aplica ou não, os especialistas, que venham esclarecer. Parece mais o processo de carbonização ou carburização. Confesso que me perco um tanto na tradução.

E, sempre existem aqueles termos técnicos relativos às transformações pelas quais o ferro pode passar.

Sem falar no, para mim misterioso ferro ou aço martensítico e no austenítico. O incrível é que hoje, sabe-se que o aço é uma estrutura cristalina.

Outro esclarecimento: esta prática de colocar ferro cercado e coberto com material orgânico em fornalhas é semelhante àquela usada por alguns povos europeus para obter aço carbono já na alta idade média segundo alguns historiadores. E teria uma ou mais origens. Sendo a principal a da região de Langres. Pois é, os belgas é que ensinaram os famosos suecos a fazer aço.

Na Inglaterra, na eterna Sheffield, o que pressupõe que em outros centros cuteleiros europeus coisa semelhante ocorreria, desde o século XVII (1600) que este processo de caldear barras de material era usado. Só que o material usado era o "aço de bolhas" ou aço empelotado, em inglês "blister steel" como quiserem, era aço obtido pela carbonização de ferro. As bolhas em questão eram formadas pela fusão (ao menos superficial) do metal e incorporação de escória. É o contrário do processo de descarbonização.

O que se tem no Brasil, em termos de semelhança com cementação artesanal, são registros de técnicas usadas por ferreiros (cuteleiros) nordestinos, passando a lâmina quente através de uma peça de chifre de boi. Alguma troca físico-química deveria ocorrer ou então, esta prática é (era) mera reminiscência de algo bem mais antigo, pois o objetivo seria apenas o de dar têmpera. Ver a respeito o citadíssimo livro de O. Lamartine.

Têmpera é outro assunto do qual, com licença, vou fugir. É muito pouco o que sei a respeito. Têmpera e o tal do "revenir", revenimento, etapa importante no total do processo de forjar uma faca. Ao que tudo indica a coisa toda seria mais bem designada por tratamento térmico. Aço não revenido, não fica bom para cutelaria. E ainda falam alguns cuteleiros da tal "normalização". Que diabos seria isto? Li em alguma parte que: "o coração de uma lâmina é o aço e sua alma é a têmpera".

Outra técnica européia da Idade Média consistia em obter barras de ferro que depois de aquecidas eram torcidas duas ou mais juntas, formando, grosso modo, uma "trança" que em etapas posteriores era martelada, caldeada e limada -desbastada, até se obter uma lâmina ou o objeto/ ferramenta que se desejava. Torcer barras de ferro como passo inicial era mais prático que usar outros artifícios para manter diversas barras juntas enquanto se senta pancada. O Bórax nosso de cada dia ainda não havia sido encontrado e muita peça antiga apresenta fissuras.

Para os iniciados estamos, provavelmente, falando do "pattern steel". Aço com padronagem, desenho. Que ficava aparente na peça finalizada, ou não. Com o alerta de que o aço "pattern" é, segundo alguns, posterior aos processos de caldeamento de barras de ferro com o mesmo intento – obter um artefato mais resistente. Segundo outros, seria anterior. Uma bela confusão.

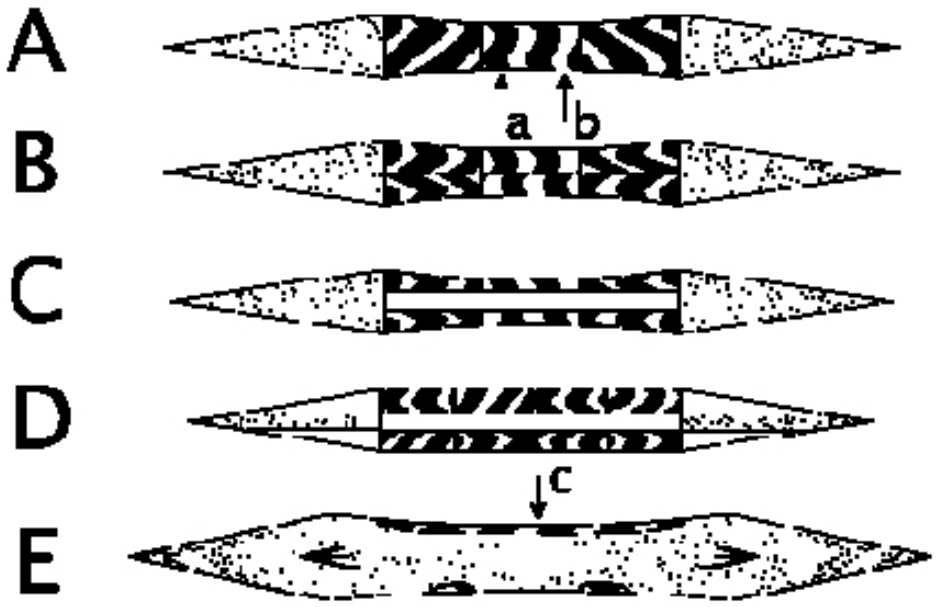
I -22

Exemplo de "aço" "pattern" obtido com a torção de barras e provável caldeamento de barras de aço de melhor qualidade. Alta Idade Média, Europa. Parte de uma espada Viking. As espadas dos vikings não eram maravilhas. Algumas eram até inferiores, em qualidade àquelas de seus inimigos. Mas eram ornadas por enfeites superficiais. Em fim, os Vikings é que eram bons guerreiros.

I -23

Mesma técnica. Usada na feitura de um Yatagan. Século XVIII. O caldeamento das barras de aço de melhor qualidade para formar o fio está mais evidenciado. Outro aço "pattern", com padrão, desenhos.

I -24



Corte esquemático de cinco espadas Vikings (Alta Idade Média européia). Aço "pattern". Das cinco, é evidente em quatro, que um desbaste central visava ressaltar a padronagem obtida.

O aço de padrão não é considerado aço de Damasco. Seu padrão ou desenho é obtido também por desbaste ou, na Idade Média pelo polimento intenso e ataque por ácidos de origem vegetal. O desbaste mencionado pode ser bem visualizado nas imagens "A", "B", "C" e "E" acima.

Outro esclarecimento: quando o Brasil foi descoberto oficialmente, em1500, o período histórico conhecido como IDADE MÉDIA, estava terminando. É bom falar nisto, pois muito do que se encontra escrito menciona que isto ou aquilo aconteceu na Idade Média. Que por sinal foi um período histórico longo.

Por estes tempos, na Espanha, a influência árabe, muçulmana, deu origem a uma avançada metalurgia do ferro e mesmo a produção de aço. O mundo árabe muçulmano gozava de uma vantagem: intensa troca de idéias, técnicas e produtos. Ao contrário do imenso império chinês que, por fim coibiu e acabou por transformar a atividade da metalurgia do ferro, praticamente, em atividade estatal. A troca de informações e idéias na Europa também era mais limitada.

Algumas destas técnicas de dar mais rigidez e resistência, ou dureza ao ferro podem ter sido usadas no Brasil Colônia. Vejam bem, podem. O ferreiro que veio de Portugal em 1500 sabia muito bem o que era aço. Até que se encontrem evidências, provas documentais ou físicas, o máximo que se pode fazer é especular. Em decorrência, podem ter usado técnicas assim ou assado.

Um problema recorrente na fabricação do aço na Idade Média européia era a presença de nódulos de escória. Escória é material de diversas origens que se mistura ao material. A técnica de eliminação da escória mais bem documentada nos vem de Sheffield. O processo não era muito complicado.

Lingotes de aço "encaroçado", cheio de pequenas bolhas de escória, eram partidos e refundidos, num cadinho. A escória, por ser, normalmente, mais leve, flutuava no metal liquefeito sendo, então retirada mecanicamente. Era o aço de cadinho criado em 1740 por um inglês: Benjamim Huntsman, que, vejam só a coincidência, era de Sheffield.

O aço de cadinho do Sr. B. Huntsman era mais duro. E, parece aquela coisa de santo de casa que não faz milagre. O material do bom Sr. Huntsman teria sido esnobado pelos cuteleiros de Sheffield. Mas, como outros centros de cutelaria o adotaram, Sheffield teve de se curvar e aprender a lidar com aço carbono mais duro.

Registros iconográficos chineses parecem mostrar esta etapa de retirada da escória que flutua na massa de metal em fusão. O problema é: que metal? Dominavam a metalurgia dos metais (e ligas) ditos "mais moles" e a do ferro. E foram precursores em algumas coisas essenciais como o fole de dupla ação, e, segundo algumas fontes, no uso do gás natural.

Mas, estes ingleses de Sheffield eram mesmo bons. Antes do aço de cadinho de Huntsman eles já haviam descoberto que aço bom para cutelaria podia ser feito caldeando diversas barras de aço encaroçado (blister steel) obtendo o "sheer steel". Se é que bem entendi.

No entanto, bem antes dos ingleses de Sheffield, e quem sabe mesmo estes, obtinham ferro, digamos "limpo" martelando e aquecendo os já mencionados nódulos ou pelotas de ferro fundido misturado com muitas impurezas. Estes nódulos têm um nome que os metalurgistas certamente sabem melhor que este escriba. Mais acima usei o termo "galet", do francês.

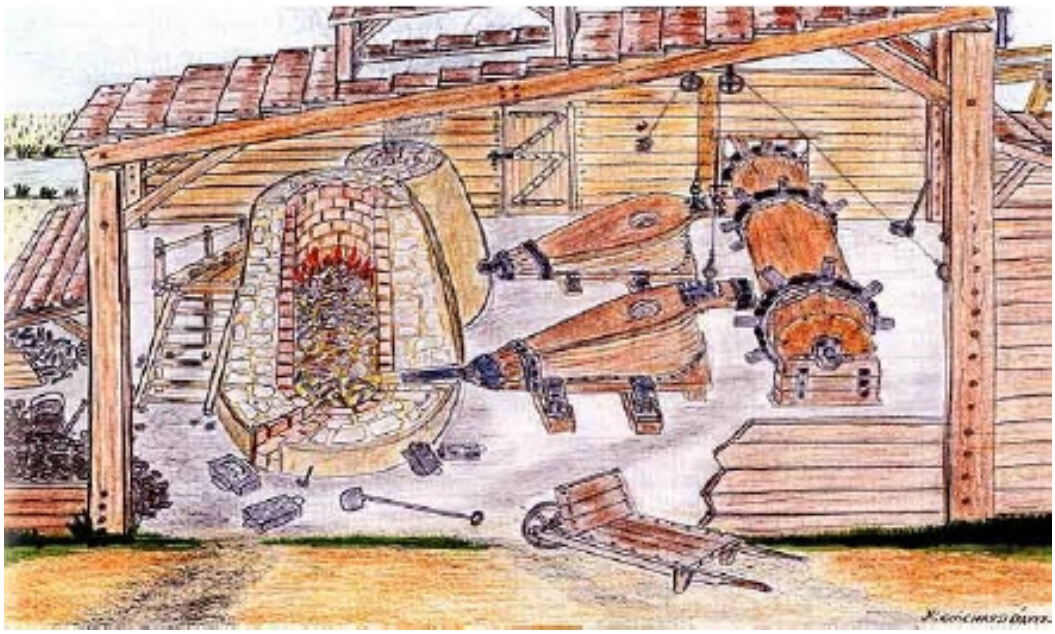
Por diversas vezes mencionou-se a questão do calor. É evidente que não se pode chegar à temperatura necessária usando lenha. Mas a boa nova para os europeus foi a descoberta, ou redescoberta de que o carvão vegetal e mais tarde o mineral podia gerar mais calor. No entanto, o uso geográfico e amplamente difundido do carvão mineral levou alguns séculos até se instalar,

se popularizar. Lembrar sempre que a descoberta de um novo processo ou material era segredo a ser mantido. Historiadores apontam os anos 400 da era cristã como a época da difusão do uso do carvão vegetal em substituição à lenha. Se é que entendi direito.

Se bem entendi, tem certa coincidência nisto. A tal Idade Média começa lá pelos anos 400 e tantos ou, simplificando: 500.

O processo como um todo teria sofrido alterações. A introdução e uso do fole foi crucial para se obter temperaturas mais elevadas. Por outra vertente o uso do carvão mineral foi tentado. Mas não funcionou. O carvão mineral contém substâncias que se incorporam ao metal em fusão e tornam a liga muito ruim. Mais tarde (1735), chegou-se ao coque, que seria um carvão mineral pré-tratado e limpo. Enquanto isso, um desastre ecológico estava em andamento -a destruição de florestas inteiras.

I -25



Fornalha européia. Século XV. Aparentemente, o cadinho está ausente. Ou então seria a estrutura na qual o segundo fole insufla ar. Seria, então, uma fornalha composta, de acordo com uma fonte consultada. Notar que ela já é bastante "mecanizada".

I -26

Fole de cutelaria/fundição européia moderna. Para efeito de comparação com os que se vê na imagem precedente. Parece que alguns implementos da atividade evoluíram pouco.

Uma das atividades incorporadas aos centros cuteleiros europeus e outros era a desenvolvida pelos carvoeiros. Lembra alguma coisa que acontece em nosso país até hoje? Não é?

Uma nota. O primeiro registro de uso de carvão mineral na metalurgia seria relativo às atividades do Sr. Abraham Darby I de Coalbrookdale (Inglaterra) em 1709. Se este senhor usou o carvão já tratado (coque) ou não, fica por conta de quem realizar pesquisa mais a fundo.

A propósito, nunca é demais relembrar que o carvão vegetal também tinha suas espertezas. Certas árvores e arbustos forneciam carvão que rendia temperaturas mais altas. O tamanho das peças de carvão, a seu turno, determina melhor queima e/ou temperatura mais alta ou baixa.

Hoje não nos preocupa muito como aço carbono é obtido. Na Idade Média a coisa era diferente, por outras razões – não sabiam direito o que conferia dureza e resistência ao material. E, naquela época a vida humana e o fator trabalho não eram mesmo "coisas" que preocupassem. As condições eram terríveis. A expectativa de vida média dos fundidores, afiadores e cuteleiros era muito baixa.

Usei o termo afiador. Talvez o mais apropriado seja desbastador. Havia uma divisão do trabalho.

Sheffield, Solingen, e outros centros cuteleiros e metalúrgicos da Inglaterra têm isto bem documentado. Calor, umidade, fumaça, poeira abrasiva e frio se misturavam nestas atividades. E as doenças do aparelho respiratório ceifavam vidas a torto e a direito.

Foto do interior de oficina de desbaste. As pedras eram constantemente molhadas. França. 1910. O método era o mesmo em toda a Europa. E, milenar ou quase isso.

Sheffield, diga-se de passagem, poderia ser considerada como o "paraíso" da cutelaria e da metalurgia incipiente. Na região entorno havia água, carvão (em pé, florestas e carvoeiros, depois carvão mineral), ferro (algum) e pedra adequada para afiação e polimento – arenito. O mesmo ocorria em Solingen e em outras regiões.

Com o tempo, nestes centros cuteleiros europeus começou a haver certa divisão do trabalho. Alguns se especializavam na obtenção do material (aço), outros em melhorar seu teor e/ou pureza e outros mais em forjá-lo e grande número se dedicava ao desbaste e polimento. Não era incomum, ao contrário, que uma lâmina saísse da forja do cuteleiro com seu formato definido e fosse entregue ao desbastador/polidor para o acabamento final e depois para outro que colocava o cabo.

A divisão do trabalho para se chegar a um artefato de cutelaria teria começado em época bem recuada. Alguns registros escritos apontam o ano de 1200 e alguma coisa, como início da divisão de trabalho entre o "forjador" e o encabador. Mas, é claro, a partir de 1700 (lembrar da Revolução Industrial) estamos falando de manufatura artesanal já voltada para certa escala de "produção". Tenha-se em mente que as célebres guildas de cuteleiros medievais evoluíram para o que pode se chamar de um patamar mais elevado, tendo em vista a produção em quantidade e conseqüente preservação da riqueza da comunidade e da região.

Por esta época – anos 1700, a China produzia mais ferro que toda a Europa reunida. Mas, usava aço de origem indú. E também é lá pelos anos 1700 que em Sheffield se monta o primeiro laminador.

Mencionou-se região. A palavra é adequada. É evidente que havia um núcleo urbano mais conhecido ou no qual estavam as autoridades de plantão. Em Solingen, eram autoridades, de início, eclesiásticas. Mas havia, sempre outras aldeias próximas, envolvidas direta e indiretamente.

Este regionalismo ainda é muito forte na Europa. Há diversas associações regionais centradas nestas antigas localidades cuteleiras. Estas associações fazem um trabalho de autopromoção muito bom. Pena que por aqui coisa semelhante não ocorra.

Por que falar tanto nestes tipos de aço e em seus processos de obtenção? A resposta é sim-

ples: apreciadores de facas que foram mais fundo na aquisição de informações são capazes de diferenciar entre estes aços. O que torna tudo bem melhor. É o mesmo que acontece com amantes do bom vinho. Capazes de identificar mil coisas onde o mortal só sente gosto bom ou não.

Para melhor entendimento, veja-se abaixo uma das possíveis cronologias:

Ferro

Egito	1100 a.C. -os Hititas (da Turquia atual) – data imprecisa
Grécia	1000 a.C.
Áustria	900 a.C. – cultura de Hallstat.
Itália	600 a.C. – etruscos.
França	500 a.C. – Gauleses.
Inglaterra	300 a.C.
Espanha	300 a.C. – fontes outras recuam para 600/800 a.C.
China	alguns milhares de anos a.C. -Informação a confirmar.

Durante este longo período o aço era obtido de modo empírico e incerto. O número de artefatos de aço é insuficiente, na opinião da média dos conhecedores, para se afirmar que este material era comum e difundido.

Tentei contrapor Europa e China. O que é muito restrito. A metalurgiado ferro evoluiu em outras partes: África e Sudeste da Ásia, por exemplo. Em tempos muito recuados.

Mas, Celtas (Gauleses), também lá pelos anos 500 a.C. parecem ter aperfeiçoado a obtenção de ferro usando inclusive a ventilação forçada de pequenas fornalhas.

Estas pequenas fornalhas européias foram batizadas pela Arqueologia com o nome de: Fornalhas em Lupa. Antes delas, para obter cobre, usava-se coisa muito mais rústica. Na Idade do Bronze já se encontraram fornalhas mais sofisticadas.

Celtas ou gauleses começam a obter aço carbono de forma mais consistente. Transformam ferro em aço via carburação ou descarburação. Mas isto, a obtenção de aço só se dá bem mais tarde. Alguns autores situam este fato lá pelos anos 200 a.C., e sempre com a cautela de apontar que esta "produção" era muito limitada.

A ventilação forçada – que resulta em maiores temperaturas, não foi uma invenção isolada dos europeus. Há registros egípcios mostrando escravos soprando para dentro de fornalhas via "canudos". Um método que pode ser considerado insuficiente. Mas está lá. Ou seja, já se tinha idéia de que era necessário.

Outros povos, não necessariamente nas mesmas épocas, usaram um artifício um tanto refinado: o uso dos ventos e mesmo tubos venturi para fazer ventilação forçada. Há vestígios arqueológicos de fornalhas com tubos venturi no oriente médio. Na Indonésia a captação de ventos das monções foi feita para os mesmos fins.

Um esclarecimento: efeito Venturi é a aceleração natural da velocidade de fluxo de ar (ou de gazes) conseguida através o formato interno de tubulações. Utilizando também, no caso a tal

convecção – ar frio ao ser aquecido tende a subir.

De todo modo, os aperfeiçoamentos introduzidos nas fornalhas permitiram não só uma produção de ferro em maior quantidade como o seu resultado, uma maior produção de aço. Atenção: esta maior produção é discutida e no mínimo tida como quantitativamente muito pequena.

Notem bem, estas quantidades eram pequenas. E, por uma questão de necessidade o aço indú entra na Europa. Por obséquio, lembrar que o comércio entre oriente e ocidente não é algo "muderno".

O aço, propriamente dito, aço carbono, em quantidades razoáveis só começa a ser produzido na Europa entre 1350 e 1400 da nossa era, na região de Langres (Liége, Bélgica de hoje) ou, no vale do rio Rur na Alemanha. Estas quantidades razoáveis se devem exclusivamente ao fato de que nesta época obteve-se, pela primeira vez, ferro líquido, em estado de fusão e não aquelas pelotas cheias de escória.

Ao que parece, o processo de obter aço, digamos, com maior freqüência de acerto se difunde a partir da Walônia, uma região inserida na eterna e muito mencionada Langres (partes das atuais Bélgica, Holanda e França). De todo modo o registro histórico que poucos contestam é que em fins do Século XVII (1600) o aço "Walloonn" é levado para a Suécia.

Nos dias de hoje há estudos históricos que apontam na direção de uma época ou período compreendido entre fins dos anos 1400 e dos anos 1500 da nossa era, como sendo o de difusão dos processos Walloons para o Norte e Oeste da Europa.

Passa-se da obtenção de aço carbono consistente (dos Celtas), para a produção com qualidade, quantidade e continuidade.

Não confundir consistente, por exemplo, com produção de aço carbono de boa qualidade e sempre. O ou os processos ainda eram empíricos. São os processos desenvolvidos na Walônia que tornam a coisa menos empírica. Apenas, menos empíricos.

Uma última nota: falou-se em dois processos de tornar mais robustos os objetos de material ferroso. Folhas superpostas e caldeadas e barras torcidas e caldeadas. Outro processo, o terceiro, seria o de dobrar e caldear. Mas, sinceramente, na Europa, parece que não se falava ou não se usava muito este último método – o de dobrar.

Uma segunda nota. É curioso, mas, parece que a produção de aço, na Europa, teria um divisor de águas, em termos de cronologia. Este divisor fica localizado lá pelo final do Século XVII (1600) e, mais documentado em meados do Século seguinte – 1700. Isto, em termos quantitativos, asseveram algumas fontes.

Os avanços da metalurgia na Inglaterra não são poucos e, a partir da Revolução Industrial que neste país tem seu início em meados dos anos 1700, alguns processos de trabalhar o ferro e o aço sofrem alterações. Mas a coisa é lenta, só nos anos 1850 é que a estamparia de aço surge na Inglaterra, um século depois da laminação.

Este divisor cronológico, ao que tudo indica, se refere à quantidade e qualidade. Não havia muita preocupação com estatísticas naquela época. As quantidades de "aço" produzido na Europa, à época, variam muito de fonte para fonte.

Do final da Antiguidade Clássica, com o desaparecimento do Império Romano no Ocidente até o início da Idade Média – lá pelos anos 400 da nossa era, as fontes e a produção de aço são, respectivamente, poucas e pequena.

Uma exceção seria o aço de cadinho indú. Existe, se não me engano, no acervo do Museu Histórico de Pernambuco, uma espada portuguesa dos 1500, de aço indú ou de Damasco. Como já se mencionou, a Europa importou, por necessidade, o aço indú. O mesmo acontecendo com boa parte do mundo, durante certo período.

E em Portugal e no Brasil Colônia? Em Portugal a resposta é simples. Na publicação: "Geração Intrépida", Primeira Edição 2007, Curitiba, do Autor e Editor Egberto Ribeiro há menção a registro histórico: "As Forjas (Reais, pertencentes à Coroa?) de Arcebispo e Conceição fornecem aço para manufatura de armas (provavelmente brancas, arcabuzes ou mosquetes, me parece, são coisas mais para frente) em fins do Século XII e início do XIII.

Em 1815 armas de fogo e brancas são produzidas no Rio de Janeiro, numa fábrica que, curiosamente tem o nome de Conceição. A Coroa portuguesa esteve ou estava em guerra com a França. D João, o Rei bonachão enviou uma expedição militar e naval e conquistou a Guiana Francesa. E mais ainda, os registros da Corte em exílio mostram preocupação e iniciativas no sentido de instalar, em nossas terras, fábricas de matériasprimas e de armamento.

Mas, voltando aos anos 1600, à troca comercial entre Portugal e a Suécia (para não mencionar Langres) é alentada. Em 1640, firma-se um primeiro Tratado entre os dois países, mencionando comércio, tarifas, etc. Ou seja, o aço sueco passou a entrar em Portugal de maneira mais intensa.

Mas, é sempre bom lembrar, as quantidades são discutíveis, os registros "oficiais" também. Aço, era matéria prima estratégica. Coisa que governos não gostavam de tornar público.

Aço no brasil

No nosso país a primeira fundição de ferro documentada ocorre na região de Sorocaba, hoje São Paulo, devido à iniciativa do Padre Afonso Sardinha. Esta fundição funcionou até 1629. E sempre há a família Nogueira que nos anos 1700, em São Paulo, fazia machados e cunhas. Será que usava o metal produzido na fundição do Padre Sardinha? Ou de algum antigo fundidor que ali aprendeu o ofício? Há outras referências que pecam pela ausência de documentação complementar. É bem o caso da forte e determinante presença de cristãos novos (leia-se, respeitosamente: judeus forçados a se converter à religião em voga) em nosso atual território desde os primórdios da colonização. Há registros que indicam que estes descendentes de Davi, já em 1530 aqui construíam e operavam fornos. Seriam fornos de fundição de ferro?

A presença de comunidades e ou atividades judaicas no Brasil Colônia é anterior a este registro (1530). Não se deve esquecer que desde os primeiros anos de Brasil Colônia, a iniciativa de Fernando de Noronha ao obter da Coroa de Portugal um virtual contrato de arrendamento do território recém descoberto, fez com que para cá viessem levas e levas de "marranos" ou cristãos novos. Este arrendamento só foi anulado em 1515.

Resumindo, a primeira riqueza destas terras, o pau Brasil, foi inicialmente gerada por trabalho e esforço, em grande parte ao que parece de judeus que, em Portugal viviam um dolorosíssimo drama. Há a probabilidade de que estes "marranos" tenham trazido para nossas terras a técnica de produzir ferro e, talvez, aço carbono.

Algumas possibilidades: os ferreiros lusitanos, os "marranos" ou não, pessoas negras escravizadas de algumas etnias. Isto para uma produção local de ferro e aço. Daí tentar inferir uma cronologia é um risco enorme.

Mas, El Rei era cioso de sua colônia e não facilitava as coisas. Era virtualmente proibido produzir ferro, aço então, nem se fala.

Foi um período de estagnação de mais de um século depois da iniciativa do Padre Sardinha. Veja-se bem: Pe. Sardinha – fundição de ferro até 1629. Próxima informação: fundição em Minas Gerais com o início do Ciclo do Ouro em 1700.

A necessidade é a mãe maior. Com o início do Ciclo do Ouro em Minas Gerais (décadas finais dos 1600 e subseqüente 1700) a turma foi à luta e construiu muitas fundições. Lá vem El Rei e manda por tudo abaixo.

Somente em 1795 o monarca resolve rever o assunto e autoriza a construção de novas fundições em Minas. Fundições de quê, especificamente?

Perdoem, mas, outro esclarecimento: mineiro é bicho brabo e não quero provocar sua ira. Não sei direito o que se passou em Minas. Creio que a coisa toda não ficou limitada a fundir ferro. Ficam os mineiros conclamados a contribuir.

Cabe perfeitamente ressaltar que na Europa, nossa inevitável matriz tecnológica da época, o conhecimento a respeito da produção de ferro e em menor grau de aço carbono, já era difundido. E também cobiçado e mantido em segredo, tanto quanto possível. Veja-se o ou os aços espanhóis, segredo mantido por muito tempo.

A lógica da proibição e autorização da Coroa Portuguesa neste assunto, era simples: proteger os interesses comerciais de Portugal onde havia inúmeras e muito boas fundições que já faziam, inclusive, aço carbono de excelente qualidade em pequenas quantidades, é claro. A outra vertente da lógica era a produção de ouro. Sem ferramentas em quantidade, a produção diminuía.

Por esta época as dificuldades, na Europa, eram muitas. Guerras, impérios que se desfaziam e outros que se formavam. O que teve reflexo determinante na atividade econômica e, lógico, na produção e comercialização de ferro e aço.

Retomando, estou usando o termo fundição. É proposital. Conheço muito pouco o assunto como um todo e não pesquisei a fundo o que ocorreu em Minas. Torno a lembrar.

Há informações, não confirmadas por segundas fontes, de que teria havido produção de ferro e aço, também no Paraná, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Aço até se compreende, podem ter partido do gusa ou de sucata. Mas reduzir minério de ferro parece meio difícil. Ou então se fundia a eterna sucata.

Aço, aço mesmo, em escala industrial (pelos padrões da época) só em 1815. É quando surge a "fábrica" do Morro do Pilar em Minas Gerais e a famosa Fábrica de Ipanema em Sorocaba/SP. Outras se seguem em Minas: Congonhas do Campo, Caeté, São Miguel de Piracicaba.

É curioso registrar que, nesta época (1800), o que L Gazinhato chama, com razão, de "facas clássicas" já estavam definidas e fixadas como tipos "padrão".

Contudo, os acordos entre Portugal e Inglaterra atrapalham a vida dos que aqui nasciam e trabalhavam. Atrapalhavam também a vida dos cuteleiros portugueses que reclamavam ao Rei do avanço de Sheffield sobre seu mercado. O aço e artefatos ingleses saiam mais barato. E, como sempre, uma parte vinha para cá.

Diversos acontecimentos históricos influíram a favor e contra os demais centros cuteleiros europeus. Por exemplo, o Bloqueio Continental imposto por Napoleão quase paralisou Solingen. Atingindo o Brasil Colônia por repercussão.

Sheffield e outros centros cuteleiros europeus logo sofreriam, também, os efeitos do "Tariff Act" dos USA, de 1850. Sheffield sofreu bastante com esta restrição norte americana, pois exportava para lá, muitas "bowies" assim como grandes quantidades de outros artefatos que não facas.

Data desta época – 1850 em diante, a entrada dos nossos caubóis no mercado mundial. Inclusive no nosso. A empresa Collins, famosa pelos seus facões, exportou bastante para o Brasil. Concorrendo com, entre outras, a marca alemã conhecida como "corneta". Segundo uns poucos documentos parecem indicar.

Estes centros cuteleiros europeus sempre sofreram altos e baixos em função de acontecimentos históricos. Ao que parece a cutelaria francesa do final do século XIX lucrou muito com a quase derrocada de suas concorrentes inglesas.

Na região de Flandres (Flandres e Langres não são a mesma coisa, mas podem ser consideradas como origem de muita coisa exportada para Portugal e para cá) a coisa fica complicada. A região como um todo foi um centro de cutelaria. Mais tarde, ao que parece, a ingerência das grandes empresas comerciais, como aquela que financiou a aventura de Nassau em Pernambuco, tumultua um tanto o quadro. E, para piorar, não deixam estas companhias das índias, muitos registros escritos.

Outro breve período de estagnação no Brasil. Que só é vencido quando em 1876 começa a funcionar a Escola de Minas de Ouro Preto – Minas Gerais de novo. Óbvio não é? Em Sorocaba o minério de ferro era de teor baixo. Em Minas, o contrário. A Escola de Minas teve um papel relevante, pois direta e indiretamente, impulsionou a metalurgia nacional.

O resto é história recente. A fundição do ferro e a produção de aço seguem os passos do surto de industrialização das primeiras décadas do século XX – 1900 até 1930. É quando surge a primeira aciaria realmente em escala industrial. A Cia. Siderúrgica Mineira, em Sabará/MG, depois transformada em Belgo Mineira (1921 usina em Monlevade/MG). E, em 1937 surge a Cia. Siderúrgica de Barra Mansa.

Mas, estes são os acontecimentos principais. Fundições de ferro e a eventual obtenção de aço carbono surgiram e sumiram um pouco por toda a parte onde havia jazidas de ferro. Os Jesuítas, na região das Missões, no Rio Grande do Sul, fundiram ferro e fizeram aço, por exemplo.

É imperioso mencionar a figura do Padre J. Sepp. Quem dispuser de maiores e melhores informações a respeito deste jesuíta que fundiu aço em território hoje brasileiro, por obséquio venha vender seu peixe. A pesquisa foi feita pela Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, segundo fui informado.

Na década de 1980, estive em Santa Maria. Havia um início de atividade de pesquisa e mesmo escavações, especialmente na Missão de São Miguel. E, indícios, apenas indícios de fundição. De quê, ainda não se sabia ao certo.

Estudos recentes feitos no âmbito da Universidade Federal de Santa Maria/RS dos quais tive apenas notícias, confirmariam a fundição de diversos metais, inclusive ferro e a obtenção de aço. Mas, as Missões eram em Território espanhol. Se houve lâminas brasileiras feitas com aço desta origem, foi o bom e velho contrabando.

A respeito de contrabando, passo adiante o que dizia minha Bisavó: "…não procurem muito esta história de antepassados, aqui no Rio Grande. Sempre pode aparecer um ladrão de cavalo ou um contrabandista". Com o que se sabe hoje a respeito da extensa rede de estradas que

passou, bem cedo, a cortar o nosso território, contrabando é algo a ser levado em consideração por todo aquele território.

Entretanto, as necessidades sempre foram maiores do que a oferta e, o contrabando imperava. Junto com ele o "jeitinho" brasileiro de reciclar foices, enxadas, o que fosse e o já citado "descaminho". Ou ainda, as importações feitas por quem tinha amigos influentes.

Muitos dos pontos abordados acima podem parecer abobrinha. Que importância teria o relativo tumulto na Europa, Tariff Act, e outros? É que, além de contextualizar o assunto maior, se torna possível aprofundar, na direção mais acertada, uma pesquisa no sentido de descobrir de onde raios veio aquela faca que não se encaixa bem aqui ou ali.

Mas, um alerta é necessário. Ao que tudo indica apenas uma quantidade modesta de facas e outros artefatos seriam, no Brasil Colônia, de aço.

Aço carbono

Mas, o que é aço carbono? A dificuldade começa por aí. Hoje o que tem teor de carbono entre tanto é tanto, é aço carbono. E há milhares de tipos de aço em oferta pela indústria siderúrgica mundial. Não foi sempre assim. A explicação para esta imprecisão é simples. O homem só desenvolveu tecnologia capaz de informá-lo com certeza se uma fornada de aço (carbono) teria tal ou qual teor de carbono, a partir de meados (1855) do século XIX.

Ou seja, é a partir de meados do Século XIX (1800) que o processo de obtenção de aço carbono deixa, definitivamente, de ser empírico.

O que se sabe ao certo é que o aço carbono mais difundido e usado até meados dos anos 1800 tinha como composição química, além de ferro é lógico, em média: Carbono 0,4 a 0,6% Manganês 0,6 a 0,8% Sílica 0,35% Fósforo 0,5% Enxofre 0,5%

Era um aço maleável, temperado a 850 graus e revenido a 400 graus. Quando em vez era obtido um aço mais duro, (hoje chamado de aço à perlite) com teores de carbono que começam nos 0,6% indo aos 1,20% e com um pouco menos de Manganês – 0,30%. Este aço mais duro era usado para instrumentos de corte, como os cirúrgicos e facas "especiais", ditas de apresentação. Aqueles artefatos ofertados aos poderosos da época. Para armamento e ferramentas, também.

Cabe aqui o registro de que a identificação de material é algo recente. Quanto ao aço carbono, discutiu-se muito o assunto até se chegar ao consenso de que o "velho aço carbono", anterior a 1855 deve ter, aproximadamente, os teores da tabela acima. E, também cabe mencionar que mesmo depois de 1855, muitos artefatos de cutelaria são feitos de ferro.

A História da Ciência tende a localizar na Suécia (o que não é de espantar) o trabalho de Tobern Bergman, em 1774. Este "químico" descobriu que a presença de "plumbago" – ou seja, grafite ou carbono, altera as propriedades do ferro fundido ("cast iron"), do ferro batido e do AÇO. Os europeus, na Inglaterra, França e mesmo na Rússia, continuaram o trabalho iniciado por Tobern chegando eventualmente a bons resultados.

Ao que parece, Tobern se dedicou a pesquisar a razão pela qual alguns fundidores de metal suecos conseguiam um material bem superior usando o processo empírico de colocar ferro fundido envolto em material orgânico em fornalhas. Processo este, já praticado na Suécia havia um bom século. Afinal o processo belga ou "Walloonn" já estava falando sueco. Sempre há pontos de vista a respeito da evolução histórica da metalurgia. Trata-se de um assunto que engloba aspec-

tos técnicos o que faz com que alguns autores, por exemplo, citem metalurgistas franceses como os responsáveis pelo avanço em direção ao aço carbono, em detrimento dos ingleses e suecos. Sem mencionar espanhóis e italianos.

Uma nota. Os antigos cuteleiros de Sheffield usaram "aço sueco". De todo modo o aço dito "sueco" daquela época era tido como de baixo teor de carbono. O que era bom. Nas regiões cuteleiras, quando se desejava teores mais elevados, procedia-se à carbonização.

Este aço sueco apresenta, no início de sua vida e fama, uma particularidade interessante. Para chegar a um teor de carbono X ou Y os suecos colocavam aço ou ferro numa fornalha, envolto em chifres e pêlos de animais e folhas. A quantidade do material orgânico e o TEMPO em fornalha determinariam os teores finais!

Não é à toa que se tem constantemente citado Sheffield e seus cuteleiros. Também se deveriam citar os fundidores de ferro e de aço daquela localidade. O que ocorre é que os ingleses são ciosos de suas tradições e de sua História e DOCUMENTARAM extensamente seu passado. Mas, sobre fundidores de ferro e aço, pouco ou nada se encontra.

Mas, vamos para o outro lado do oceano Atlântico. Tudo indica QUE FOI POR LÁ QUE O PROCESSO DE FAZER AÇO, EM ESCALA INDUSTRIAL, teria começado. Ao menos na escala de produção de centenas ou milhares de toneladas por ano. É bom lembrar que antes desta marca cronológica (1850) os indús produziam em grande quantidade o seu Wootz e os suecos produziam em quantidades bem menores, o seu aço carbonizando ferro.

Em 1850, William Kelly (USA) demonstra que ferro fundido pode ser descarbonisado (redução do teor de carbono) soprando-se ar através do metal liquefeito. Poucos anos depois, em 1855, Henry Bessemer melhorou o processo, inclusive comprando Patentes detidas por William Kelly e conseguiu produzir aço em grandes quantidades e com teores de carbono seguros. Depois de sofrer alguns reveses técnicos na transposição do que conseguia em laboratório e o que acontecia em termos industriais.

Uma nota: H. Bessemer partiu do aço sueco. Usou-o em suas experiências iniciais.

Portanto, não foi à toa que o governo dos USA instituiu o Tariff Act.

A tecnologia de produção de W. Kelly, embora ainda crua, era um trunfo, um Ás na manga. As famosas barreiras comerciais de hoje são, como se vê, assunto um tanto antigo.

Antes disso, o que se tinha era – no processo de fabricação do objeto,

o uso de práticas empíricas, calcadas na experiência e, no processo de obtenção da matéria-prima -aço, também um processo empírico. No final das contas era o artesão, o forjador, quem pagava o pato ou, dava um jeito. Não é por nada que o processo de forjar uma lâmina era longo, repetitivo. O que era buscado pelo artesão era: dar coerência à peça, ou seja, fazer com que o teor de carbono fosse o mesmo de ponta a ponta. Dar consistência à peça, ou outro nome que se queira dar à obtenção de uma uniformidade. Não sei se isto se aplica à técnica de alterar o que alguns chamam de grão, e, de quebra alterar a forma destes grãos. Outra coisa buscada pelo artesão era a eliminação de impurezas, a já mencionada escória.

Curiosamente, o artifício de dobrar (muito diferente de torcer barras) e tornar a caldear, também foi usado na Europa. Pouco, mas foi. Quais os objetivos do emprego destas técnicas? Um destes objetivos parece claro, era necessário ou mais prático dobrar para criar uma fenda na qual seria inserido, leia-se caldeado, um aço melhor para o gume ou fio.

Esta técnica está presente em muita cutelaria pesada européia, especialmente, estima-se,

francesa. Machados e outras ferramentas que vieram para cá.

Fica difícil dizer hoje, aqui sentado, com a lista de aços à venda pela Internet se o aço liso é melhor que o torcido, ou seja, lá o que for. Um bom material é, indiscutivelmente a resposta mais adequada. Mas, a beleza, o aspecto estético da peça finalizada não deve ser relegado a segundo plano, esquecida. Fala-se, é claro, de cutelaria, arte na qual bom material e estética (ao menos funcional) sempre andaram juntas.

Por vezes, no meio do processo de forjar uma peça aparecia um nódulo contendo alguma impureza. O artesão valia-se de diversas técnicas, inclusive a de cortar fora o nódulo e preencher o espaço, caldeando um pequeno pedaço no espaço aberto. Querem alguns que depressões de pequeno tamanho e mesmo pequenos orifícios encontrados em lâminas se deva à descoberta tardia de nódulos de escória no artefato já em fase intermediária ou final de feitura. Mas, também asseveram outros, que se trata apenas de embelezamento.

A informação acima é delicada. Estima-se que alguns dos "padrões" de aço de Damasco eram obtidos fazendo-se sulcos ou outras retiradas ou inserções de material, durante o processo de forjamento. Portanto, uma coisa é reparar uma peça na qual surge escória ou outro defeito qualquer. Outra coisa, muito diferente é interferir na estrutura final de uma peça para que a mesma apresente, ao final, um "padrão".

Esta prática pouco honesta de fazer sulcos e depois caldear outro aço não deve ser confundida com a de "damasquinar" ou adamascar lâminas. Este "adamasquinado" se refere, na maioria das opiniões, ao trabalho de inserção de fios de ouro, prata e outros metais nas peças de aço.

Alguns autores também chamam tratamentos de superfície com o uso de ácidos e de banhos químicos que geram diversas cores de damasquinado. Mas, é minoria.

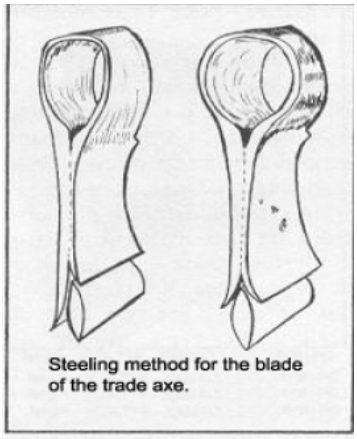
A coisa era muito complicada e trabalhosa. No Japão, terra das espadas dos samurais, chegou-se mesmo a dividir tarefas entre muitos artesãos. Havia o mestre forjador, seus auxiliares e em alguns casos, outro (ou outros) "mestre", encarregado do polimento. O polimento era essencial no final da Antiguidade e início na Idade Média ocidental (Europa). Seu resultado, um desenho superficial ou "pattern" informava o cliente se a lâmina tinha as características desejáveis. Principalmente quando a lâmina tinha certo comprimento – ou seja, uma espada, uma adaga ou um machado "de guerra" como os famosos "francisques".

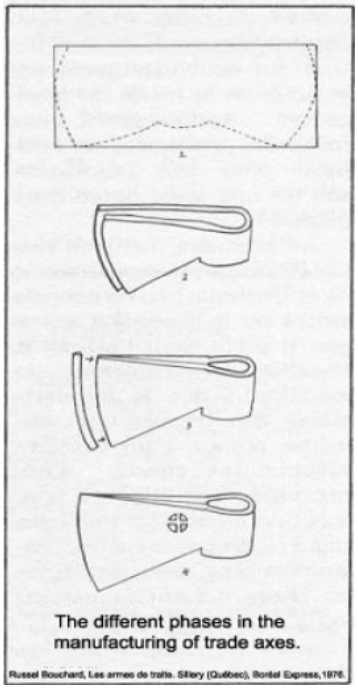
O resultado do polimento era algo levemente parecido com o que se obtém no famoso aço de Damasco. Boa parte senão a maioria das lâminas de certo tamanho era feita a partir de ao menos algumas barras ou lingotes de "aço". Na maioria das vezes, era ferro mesmo.

Além do padrão obtido com barras torcidas, técnicas de marcar a superfície das lâminas com belos desenhos, usando outras técnicas, também ocorriam. Parece que uma boa espada viking seria, então, um tanto carnavalesco, para nós.

Em não poucos casos nos quais, no que viria a ser a região do fio ou gume era caldeado (soldado por martelamento, esta técnica de soldagem tem um nome complicado) no corpo principal da lâmina. O que era caldeado era uma barra ou pequeno lingote de aço carbono de melhor qualidade. Há lâminas brasileiras, Brasil Colônia feitas assim? É possível.

Armas ou lâminas mais baratas eram de ferro com o gume de aço carbono caldeado. Ou simplesmente, totalmente de ferro e o sujeito que se virasse? O que aconteceu com bom número de facas trazidas para cá como "objetos de resgate", ao que tudo indica foi isso – facas de ferro. O que não era raro na Europa medieval e até bem depois.




The different phases in the
manufacturing of trade axes.
Russel Bouchard, Les armes de traite. Sillery (Québec), Boréal Express, 1976.

O caso no desenho acima é o de um machado. Técnica semelhante era usada para facas: inserção por caldeamento de um fio de aço. Trata-se de machado, provavelmente para troca, "objeto de resgate". Observar a utilização da técnica de dobrar.

Afinal ele deveria ficar feliz, pois não estava levando para casa ou indo à luta com alguma velharia de bronze.

Facas com a região do fio ou gume em aço caldeado não eram a tônica. O processo era mais difícil e, portanto, o produto final mais caro. Mas existiram. Não devemos nos enganar. No Brasil do século XIX, já era raro, mas, havia uso de utensílios de latão e/ou bronze. E, a velha necessidade também fazia com que se usassem ferramentas, e lâminas, de material incríveis como osso e madeiras duras.

Ferro, bronze, osso. Quem está lendo deve estar se perguntando a respeito da sanidade de quem escreveu este texto. Desculpem. Acredito que é necessário contextualizar as coisas. Aqui no nosso país, principalmente na extensa região de ocorrência da Floresta Atlântica, umas poucas crônicas coloniais nos informam que madeiras duras como o "Pau Ferro" eram transfor-

madas em caibros, vigas e ferramentas, inclusive facas. Na Guerra dos Farrapos – e veja que isto aconteceu no século XIX (1800), Brasil Império, eram usadas facas e até mesmo espadas feitas de osso de boi.

Ao que parece os nossos colonizadores chamavam de "pau ferro" algumas essências. Quem já encarou fazer um cabo com o terrível Angelim Pedra sabe bem do que se trata. Parece pedra, mesmo.

Ou seja, as facas do Brasil Colônia e Império eram feitas de um tudo, inclusive aço carbono. É evidente que o aço carbono predominava. E este, é outro problema. De onde vinha este aço; que teor ou teores de carbono tinha? Parece-me que se trata de tema para boa pesquisa. Os muitos registros que encontrei no Arquivo Nacional fazem crer que o aço e o ferro em bruto não vinham apenas de Portugal.

Mas também se encontram referências explícitas a ferro. A matéria prima, em lingotes, barras, etc e artefatos, inclusive facas.

O que é aço carbono? Hoje, uma mistura de ferro com quantidades muito pequenas de carbono e quantidades ínfimas, toleradas ou propositais, de outros elementos. No passado, esta mistura, perdão -liga básica, variava bastante. A presença de carbono sempre foi muito pequena considerando a idéia que temos comumente a respeito.

A propósito a primeira liga de aço diferente do básico ao carbono, foi criada por Robert Forrester em 1858. A eterna busca por um material de dureza elevada levou este Senhor a adicionar Tungstênio ao aço carbono. Este senhor "criou" a primeira (e duradoura, ao que parece) divisão técnica entre aços: Aço Liga e Aço Básico ou comum.

Passando para o lado esquerdo da vírgula, dois por cento ou algo no entorno disso, o material era muito difícil de trabalhar e resultava quebradiço. Mesmo que o pobre ferreiro se esfalfasse dias a fio sentando pancada e tentado dar tratamento térmico.

Ao dar marretadas no material em brasa, é possível alterar um tanto o teor de carbono. Mas, muito pouco. Se o "ferreiro" era esperto ele tratava de usar uns quantos truques da profissão. Aqui, o assunto escorrega para o campo dos especialistas. Mas, se era possível, eles o faziam. Os relatos conservados em crônicas dão conta de que o trabalho era literalmente insano. E o resultado poderia resultar numa lâmina com tendência ao empeno. Aliás, como acontece até hoje. Assim como alguns cuteleiros modernos adquirem o "cotovelo de tenista". Uma lesão ósseo-ligamentar que dói muito. Os seus antepassados sofriam de diversas moléstias "profissionais".

Estudiosos do tema já fizeram o impensável: realizar testes semi ou totalmente destrutivos em lâminas antigas. O que encontraram era até certo ponto esperado. Diferenças de teor de carbono por áreas ou seções da peça, variação na dureza, na cristalografia, etc. Fala-se, aqui, de peças antigas mesmo.

Definitivamente não me sinto à vontade para discorrer a respeito deste sub tema. Ele, certamente seria mais bem exposto por um Engenheiro Metalurgista.

Mas, para ilustrar e finalizar deve-se ter em conta que os avanços de algumas outras Ciências contribuiu para que o aço carbono surgisse a plena força como resposta às necessidades humanas.

A Mecânica é uma delas. Presente no martelo hidráulico. E na laminação que surge na Inglaterra ainda em 1700. A Química que criou fundentes melhores e ácidos para o tratamento final. E a Ótica, que permitiu "ver" o que ninguém tinha visto antes, via o Microscópio.

Mas, é bom que se reitere o fato de que até o final dos anos 1800 de nossa era, aço ainda era um material desejado e, em grande parte desconhecido na sua intimidade. Ou seja, tinha-se alguma idéia do que ele era de fato. É o desenvolvimento de outras ciências que, pouco a pouco torna o aço mais intimamente conhecido. O que dá ensejo ao "controle de qualidade".

A título de exemplo, o famoso grão do aço é algo a respeito do qual só se obtém visão clara com o uso de microscópios com aumento muito elevado ou com o emprego de luz polarizada e recentemente pela nova classe dos eletrônicos. A identificação e principalmente o papel desempenhado por outras partículas da microestrutura do aço, ainda é tema de discussões. E de muita pesquisa científica e tecnológica.

A propósito, o que é este famoso grão? Qual sua forma? Pode ser visto a olho nu? Ou com o uso de uma pequena lupa? A questão é que ele é fundamental. E mais, se bem entendi, são nas suas bordas que surgem as "mexicanas", carbonetos muito duros responsáveis pela dureza do artefato, de sua resistência e outros fenômenos apreciados e valorizados.

Reciclagem

Portanto, não é à toa que nossos artesãos buscavam como ouro o aço carbono importado. Legal ou ilegalmente importado. E faziam, que coisa moderna, reciclagem. E desta reciclagem surgem as famosas facas ponta de espada, por exemplo.

Espadas, armas, o glamour destas coisas parece perseguir o pacato colecionador. O que se pode ter como certo é que a grande massa de artefatos de aço que entrou no Brasil Colônia era constituída por ferramentas e uma quantidade enorme de facas que eram usadas como moeda de troca e bens de comércio eram de ferro. Os lusitanos não eram bobos, se o povo da terra dos papagaios tivesse livre acesso a armas como espadas e as, a princípio, muito raras armas de fogo, a coisa poderia ficar esquisita para eles.

Vamos considerar um fato histórico, provavelmente conectável à reciclagem. Na Baía da Guanabara há uma Ilha (se é que já não foi aterrada) que tem o nome esquisito de Ilha das Enxadas. No tempo do ariri canhão um veleiro quase naufragou ali por perto e a carga – de enxadas e outros utensílios agrícolas, foi retirada e colocada na ilha. Mesmo que os navios da época fossem pequenos, uma carga de enxadas era enxada em quantidade. Este fato ocorreu no final do século XVI, lá pelos 1590 e tantos.

É quase cem por cento certo que aquelas enxadas e utensílios agrícolas eram feitas de ferro. Ao menos em parte, umas poucas, seriam de aço carbono. O único então conhecido. Hoje, temos milhares de tipos de aço. Mas, hoje é hoje.

Seria uma ousadia afirmar que todas as tais enxadas eram de aço carbono. Mas há bons argumentos em sustentação. O primeiro, de ordem geral é o pragmatismo lusitano. Ferramentas para a cultura da cana de açúcar deveriam ser de qualidade. O segundo argumento é galho fraco. São crônicas de época e uns poucos registros do Arquivo Histórico Nacional.

Voltemos um pouco às enxadas. Naquela época havia diversos tipos de enxada. Plenamente adaptadas para cada tipo de cultura agrícola. E a frustração de quem vai ler velhos registros no Arquivo Nacional é grande. Quando a documentação alfandegária cita tipos de ferramentas agrícolas, você fica perdido. È outra pesquisa a ser feita para determinar do que falavam aqueles nossos antepassados.

Pode parecer, de novo, maluquice. Mas não é. Cada ferramenta agrícola tinha seu formato, espessura, tamanho e mesmo dureza, dos quais se pode derivar sua eventual serventia para a reciclagem/feitura de lâminas. Algumas destas ferramentas, mesmo gastas, em fim de vida útil, tinham grande quantidade de material. Pode ter sido o caso do ALVIÃO (uma espécie de picareta, parece que há dois tipos um com duas pontas e outro com uma únicaponta) e mesmo do PODÃO (ferramenta para lenhador) e, é claro, o machado.

Para se ter idéia das estranhas designações de ferramentas do Brasil Colônia, cite-se a "almocafre". Uma pequena enxada muito usada na mineração das "Minas Gerais".

O mesmo ocorre quando se trata do que era produzido naquelas "indústrias" de ferro e aço do período colonial e mesmo mais tarde. É possível que aço carbono tenha sido produzido no Brasil a partir do século XVII (1629 – Padre Sardinha). O único marco cronológico bem documentado e disponível é 1815, Morro do Pilar/MG. Onde, ao que parece, foram produzidas quantidades muito pequenas de aço mesmo para as necessidades da mineração de ouro.

Antes disso o que há é desconhecido – ou muito mal pesquisado. Com algum grau de certeza, ficam as fundições de ferro de Minas Gerais, do início do Ciclo do Ouro e as atividades em São Paulo e Missões.

Com a Abertura dos Portos e outras iniciativas do Rei de Portugal instalado no Brasil nas primeiras décadas de 1800, o afluxo e mais devagar a fabricação local de aço cresce exponencialmente a partir de um certo tempo.

Curiosamente, a concorrência européia se faz, em paralelo, fortemente presente.

Os ícones estrangeiros

É a partir da Corte Portuguesa no Brasil (década inicial dos 1800) que ficam mais reforçados os ícones como SOLINGEM e outros, ingleses, franceses, belgas, espanhóis, italianos. Antes disto, desta época da presença do Rei de Portugal em nossas terras, citava-se o país de origem da faca, do artefato ou do material na documentação. E estes centros cuteleiros europeus já não eram uma reunião simples de rústicos artesãos. Não se anotava o nome da "empresa" de onde vinha o ferro, o aço e a faca.

Vamos ver um pouco este sub tema.

Além da histórica e tradicional reunião em "guildas (herança da Idade Média)" sua sensibilidade à oportunidade de negócios era aguçada. A demanda por quantidades alentadas de facas, pregos e outros artefatos que portugueses, espanhóis e outros povos da Europa aprenderam a incluir nas sua bagagem como os já citados "objetos de resgate" está razoavelmente documentada.

Estes ícones europeus devem ser vistos com cuidado. No mínimo, colocados em perspectiva para que se tenha alguma idéia de sua origem e validade quanto à qualidade. Cite-se o exemplo da cutelaria "fourmi" de Thiers – França. É possível que tenha dado origem à marca Formiga, aqui no Brasil. Os ingleses, por exemplo, preservaram o segredo do aço de cadinho, obtida por Benjamim Huntsmam lá por volta de 1740, durante quase um século. A concorrência: Passau, Albacete, Norte da Itália (a eterna Brescia), Guimarães, Solingen, etc. era conhecida e sabia-se muito bem qual o destino de comunidades artesanais que perdiam o momento, que deixavam de ser solicitadas a produzir porque seus produtos não eram tão bons quanto.

Falamos brevemente em aço de cadinho, aquele, "inventado" em 1740 pelo inglês Benjamim Huntsmam. Mas, vale notar que os ingleses, como outros povos, viviam procurando aço de boa qualidade. Assim, em 1795 um certo Senhor Pearson profere na Real Academia (Londres) uma palestra a respeito de aço de cadinho WOOTZ. Sublinhe-se que esta é a primeira vez, no ocidente, que a palavra WOOTZ surge por escrito. Este fato fica inserido aqui por causa da data. Em 1795 ou ainda se usava o "Wootz" ou dele se tinha boa memória.

Quando as armas de fogo portáteis (mais ou menos, um arcabuz de serpentina não me parece muito portátil) foram adotadas pelos mandatários europeus o aço carbono é forçado a evoluir. Com a introdução dos mecanismos de disparo mais eficientes esta pressão por mais qualidade do aço se torna crítica. Os governantes não tardam a exigir que as armas sejam submetidas a testes (a princípio apenas os canos) e os fabricantes de aço carbono se viram forçados a aperfeiçoar seu produto.

Mas este é o caso das armas de fogo. No campo da cutelaria, a França talvez tenha perdido de início, ou bem de início, seu lugar na galeria dos ícones. As cutelarias de Paris sempre produziram artefatos de qualidade. Mas, a verdadeira produção em massa de Chatlleuraut, ficou conhecida por sua qualidade inferior.

A seu turno, os artefatos de Albacete e de Toledo na Espanha também são procurados por sua qualidade e disponibilidade no Brasil Colônia. As tesouras de Albacete e Toledo eram o objeto de sonho de toda dona de casa. E não é à toa, algumas além de excelente qualidade eram muito bonitas.

Solingen é um caso emblemático. Já no século XVIII (1700) o governante local concede uma "licença" o termo em alemão antigo é parecido com isto, para que "fabricantes" locais tenham a primazia no fabrico de aço, armas brancas e de fogo. Mais tarde esta "licença" passa a ser certificada. Os fabricantes podem e devem colocar no que produzem um cunho -uma cabeça humana coroada foi a mais comum. Em meados do século XIX (1800) este cunho é substituído por outro com a designação da cidadezinha de Coligem.

O que quase não se diz é que, com as limitações impostas por Napoleão a partir de 1805, as guildas de cuteleiros alemãs, em especial a de Solingen, passaram por um mau bocado e perderam em qualidade e alcance comercial. Recuperam a qualidade e sua proeminência comercial, é verdade, mas só a partir de 1890 quando se torna um fornecedor de peso para os Estados Unidos.

Nunca é demais mencionar que o cunho SOLINGEM aposto numa faca quer dizer, apenas, que a mesma foi feita na região de Solingen. Na qual existiram e existem cutelarias e cuteleiros de primeira e outros não tão bons. Funciona como a certificação de vinhos franceses. Ou que outro termo seja mais adequado.

Quem se deu mal nesta gangorra foi Sheffield. Os ingleses saíram muito prejudicados pelas conseqüências do "Tariff Act" de 1890, do governo americano. A propósito, vale ressaltar que parece haver uma espécie de "culto" a Sheffield. Outros centros urbanos da velha Albion tiveram e têm, até hoje, seu merecido lugar na galeria da excelência em cutelaria.

Outra região da antiga Alemanha de fama pela qualidade de sua cutelaria é Passau e sua marca, timbre ou contraste é a figura de um lobo correndo. Passau ficou conhecida por sua excelente cutelaria, mas, sempre teve uma tendência pela "cutelaria longa", mal traduzindo, significa cutelaria de espadas. O que também se tornou o caso de Birmingham. Mas Passau não "fez moda" por aqui na época colonial. Não se tornou um ícone.

Uma nota interessante. Corria a Idade Média e os cuteleiros de Solingen começam a se

incomodar com a fama e fortuna de Passau. O que fazem? Alguns passam a usar o timbre ou marca de Passau em suas lâminas. O que, é lógico, deu panos para mangas. A ponto de o fato ter merecido registro.

Voltando ao fio da meada, coisa semelhante ocorreu em quase toda a Europa. Não era mais possível vender gato por lebre, o aço e os artefatos passaram a ter "origem certificada", para usar terminologia dos amantes do bom vinho. Em termos. Ninguém é de ferro e 100% honesto. Ao menos durante toda a vida. Alguns aços europeus podem ser falsificações consentidas. Ou não. Mas, Solingen, por exemplo, foi à justiça diversas vezes para defender seus afiliados.

Entretanto, quando se tratava de vender para alguém na terra dos papagaios, a porca podia e torcia o rabo.

Caro colecionador, não entre em pânico. O que vale é a lâmina que você tem. O resto é de difícil solução. Ou seja, está resolvido. O que acontece é que ninguém vai fazer um teste – que sempre é destrutivo, por mínima que seja a quantidade de material retirado (ou deformado) ou queimado a laser, de uma lâmina, apenas para saber o que aconteceu há muito tempo.

Além disso, onde está a especificação do aço carbono X ou Y? E uma listagem exaustiva dos fabricantes nacionais e estrangeiros daquelas épocas?

Os aços antigos são como aquela caixa de chocolates, cheios de surpresas. E os ícones do passado recente e não tão recente assim podem mascarar boas e más notícias.

O que nos leva a outro método de testagem que pode ser esclarecedor. É o "grau de dureza Rockwell". Se o colecionador não se importar em ter sua peça marcada por dois pequenos pontos, tudo bem. Mas, a informação básica é de que a dureza Rockwell é baixa nas peças mais antigas.

Uma nota relevante: a Escala Rockwell não é considerada como o que há de mais preciso na aferição do grau de dureza de uma peça. Esta escala vai de A a Z e o segmento que interessa à cutelaria é o C. Há duas outras escalas de aferição de dureza: Brinell (européia) e Vickers (USA).

O que se pode fazer? Prestar muita atenção no objeto que se tem em mãos. Seu formato geral e, por exemplo, se ele tem uma "costela" ou saliência ao longo de sua lâmina ou parte dela. Ou se a lâmina tem uma ou mais depressões. O que equivale a material muito comprimido ou retirado na regiãodestas depressões. É claro que só isto não resolve, mas já é algo a mais para se considerar quando da tentativa de posicionar a faca cronologicamente. E mais importante, para uma estimativa da dureza da mesma.

Concluindo, a grande maioria do aço empregado na feitura de facas em nosso país era estrangeiro, europeu. Via importação da faca em si ou não. E este aço era ao carbono ou aço carbono. Com algumas poucas exceções: aço de Damasco, sempre importado. Uma questão não levantada é a da possibilidade de os espertos ferreiros coloniais conhecerem as técnicas de carbonizar e descarbonizar ferro e assim obter aço carbono. Esta técnica ficou bem difundida a partir de certo período da Alta Idade Média.

Hoje em dia, a partir, se não houver muito engano, da década de 80 do século passado, a cutelaria artesanal ou manual brasileira volta a firmar-se, inclusive como opção profissional. Estes nossos atuais cuteleiros têm à sua disposição uma alentada lista de aços nacionais. E, alguns deles continuam, por que não, a reciclar.

Alguns têm o cuidado de informar de que é feita e como foi feita sua lâmina. Mas não são todos. É pena.

Pena, pois já li comentários a respeito desta ou daquela faca como sendo sua lâmina originalmente do fabricante tal ou qual, mas sem que na mesma esteja estampado o timbre, marca e punções daquele fabricante. Como se fica? Era uma lâmina, por exemplo, Mappin ou não.

Se era Mappin (cutelaria de Sheffield e/ou de Londres) por que não está marcada, timbrada e puncionada ou contrastada?

Alguns destes famosos cuteleiros marcavam sua produção desta ou daquela forma, em função do passar do tempo e, em função de a mesma não ter todas as qualidades inerentes ao que consideravam o melhor. Ou, simplesmente, em função de condicionantes comerciais, não as marcavam para se eximir de responsabilidades, com o conhecimento dos dirigentes de suas guildas ou associações.

No meio dos bons conhecedores de cutelaria, este tipo de ocorrência não é segredo. Mas não é muito mencionado, pois muitos são também comerciantes ("dealers") ou a estes ligados de alguma forma.

As "marcas", "timbres", "punções", portanto, não são coisa de tempos contemporâneos. Ao contrário, são muito antigas. E, lá pelo final do Século XIX (1800) o que acontece é uma proliferação espantosa de marcas.

Deriva daí o necessário cuidado com ícones. Tanto pelo lado do material: como pelo lado das marcas, timbres, etc.

Reproduções

Um resumo da história das tão apreciadas REPRODUÇÕES também pode servir como bom alerta.

Centrando a atenção na Europa, o que se passou foi o seguinte. A partir das últimas décadas do Século XIX (1800), ressurge entre os europeus o interesse por artefatos da Idade Média e Renascença. Assim, em algumas regiões cuteleiros e longe delas aparecem "ateliers" de reprodução.

Um dos mais famosos destes "ateliers" localizava-se em Munich, Alemanha e havia sido fundado por Hugo Jubitz em 1868. Entre 1870 e 1930, Ernst Schmidt, comprou a empresa, transformou e ampliou, produzindo armas, armaduras e muitos outros itens. A informação de que peças tidas como autênticas existentes em coleções e mesmo em museus, são na realidade, reproduções esmeradas desta empresa.

Algumas instituições Norte Americanas e Européias colocam lado a lado o artefato original e a reprodução de Ernst Schmidt para que estudiosos do assunto possam examinar detalhes e aprender a distinguir o que é o que. E os material? Há ou houve reproduções? Sim, evidente que sim.

Desde o marfim até o aço de Damasco e seus parentes da alta Idade Média.

Aço de damasco - Breve anotação

Uma breve anotação, pois existem facas do Brasil colonial que foram feitas com este soberbo material. Restaria saber qual deles. Ao que parece, uma mistura de material composto tem sido chamado de Damasco. Aço de Damasco.

Quase se pode sentir a curiosidade meio frustrada de quem lê estas anotações. Sinto muito, vou frustrá-los ainda mais. Penso que este é outro tema para especialistas. Começando por um grupo de pessoas muito especiais que praticam a ARQUEOMETALURGIA. São cientistas que usam os conhecimentos da Arqueologia e da Metalurgia para deslindar a bela confusão deste assunto.

Especialistas, posto que muito do que um aço pode ser depende de sua estrutura cristalina, por exemplo. E o que eu sei a respeito de estrutura cristalina está muito longe de me credenciar a deitar falação.

Principalmente quando se sabe que todo o assunto está em estado de franca ebulição. E, travado, paralisado em algumas regiões e também devido a algumas impossibilidades.

Explico: há notícias de que o aço de Damasco não foi feito apenas na Índia. Mais particularmente na região Sul do território hoje ocupado por aquele país. Alguns afirmam que este material também foi feito no território da antiga Pérsia, hoje ocupado por diversos povos e países. Uma região assolada por conflitos, na qual a Arqueologia está praticamente em suspenso.

O triste caso do Iraque e a exacerbação religiosa no Irã teriam barrado a continuidade de levantamentos e escavações arqueológicas em território da antiga Pérsia.

Outro lugar onde o aço de cadinho foi feito já no século 9/10 (anos 800 e 900) de nossa era, é o Turcomenistão. Mais particularmente próximo à atual cidade de Merv.

Em pleno final da Idade Média ocidental os Mogóis, uma tribo/etnia vindado atual Afeganistão, entram na Índia. Armados até os dentes e vão liquidando resistências. Consta que usavam aço de Damasco. Como chegaram à Índia pelo Norte, fica a questão, onde raios conseguiam o aço?

Por outra vertente, um fato histórico, que foi parcialmente varrido para baixo do tapete, ressurge. Trata-se do sucesso das espadas feitas com aço BULAT, russo, em feiras e exposições internacionais do final do século XIX na Europa.

Este material seria dotado de características ímpares, além de apresentar superfície acabada com padrões semelhantes ao velho e afamado aço de Damasco. Teria sido redescoberto no século XIX, na Rússia. Redescoberto, pois se afirma que era conhecido e usado naquele país no século XV.

O sucesso naqueles eventos mundiais e mesmo a adoção de artefatos (espadas) por forças armadas européias (ocidentais) foi esquecido. E, agora, novamente redescoberto o processo de obtenção do material.

Esta nova redescoberta é recente e, ao que tudo indica, fruto do trabalho de artesãos isolados. Informações assim, que partem de um grupo isolado devem ser vistas com cautela. O aço BULAT do Século XIX, como foi dito apresentava características ímpares, que foram testadas. Entre elas a superplasticidade. Seja isto o que for.

No que se refere ao aço de Damasco, pesquisas arqueológicas parecem indicar que o mesmo também teria sido feito em região bem distinta da Índia e Pérsia. Novamente, trata-se do

resultado da escavação de sítios arqueológicos no Turcomenistão–Merv.

I -29

Foto de fornalha do Turcomenistão encontrada em escavações. Havia dezenas delas no sítio arqueológico. O que parece ser uma tubulação no fundo, ao centro, pode vir a ser um cadinho. E, com isto, o processo seria diferente do indú, que usava muitos cadinhos cozinhando numa fornalha.

A repetição acima tem a ver com o fato de que um dos nomes do aço de Damasco verdadeiro ou de cadinho vem a ser foneticamente muito próximo de Bulat. É ou foi o aço Pulad. Que, ao que tudo indica é uma variante dos muitos nomes regionais dados a este material.

No sul da atual Índia, há muitos sítios arqueológicos escavados. Algumas fornalhas contendo dezenas de cadinhos o que demonstraria que a atividade ocorria em escala intensa. Mas vamos ressaltar que este aço de Damasco era o famoso WOOTZ. Ao menos o WOOTZ era a matéria prima inicial com a qual se trabalhou para chegar a lâminas. Mas há todo um processo a ser deslindado.

Ou melhor, há pelo menos três processos. O do Sul da Índia, e nesta região o de Hyderabad e o que era feito no atual Sri Lanka.

E, correndo por fora, parece que há outro aço de Damasco, o já mencionado Pulad, da Ásia Central, aparentado com o Bulat da Rússia.

Uma pequena indicação cronológica vale a pena. O aço de cadinho – "Wootz" foi muito usado na Europa entre os Séculos VII e XII de nossa era.

O uso dado a material um tanto diferente é retomado na Europa no Século XIX (como já mencionado) por armeiros que chegavam ao requinte de obter desenhos de letras, florões e outras formas muito elaboradas, ultrapassava de muito a obtenção dos padrões mais antigos como "escada do profeta", "rosa" e "água" do "Wootz". Mas, aparentemente estamos no reino do "pattern welded" aços obtidos por caldeamento ou soldagem e que, ao final apresentam um padrão ou desenho. E principalmente dos canos de armas de fogo feitos com FITAS ou tiras de

material ferroso (e aço) enroladas e caldeadas ao redor de um cilindro compacto de aço.

O aço carbono de melhor qualidade e na época contemporânea, o uso de aços ainda melhores, fez cair em desuso este belo e charmoso "aço de Damasco". Que, de todo modo não pode ser usado em armas modernas posto que as pressões internas, quando do disparo, são muito mais elevadas

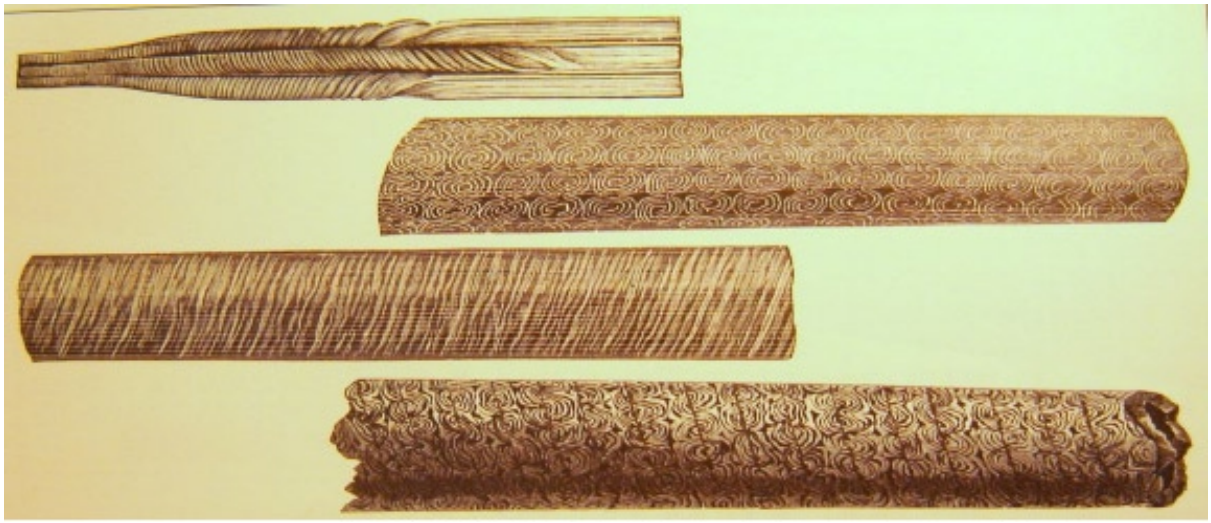
A tentativa de adaptação a estas pressões mais elevadas levou armeiros a usar "luvas" de aço de melhor qualidade na região da câmara e mesmo ao longo do interior do cano. Mas o trabalho adicional/custo implicava em preço o que ao final, derrotou estas belas armas de fogo.

Os artesãos armeiros obtinham e obtêm até hoje, maravilhas com esta técnica. Ficou registrada a espingarda de caça presenteada ao Príncipe Philip lá pelos anos de 1950, a qual, ao longo de seus canos repetia Prince Philip, em belas e legíveis letras.

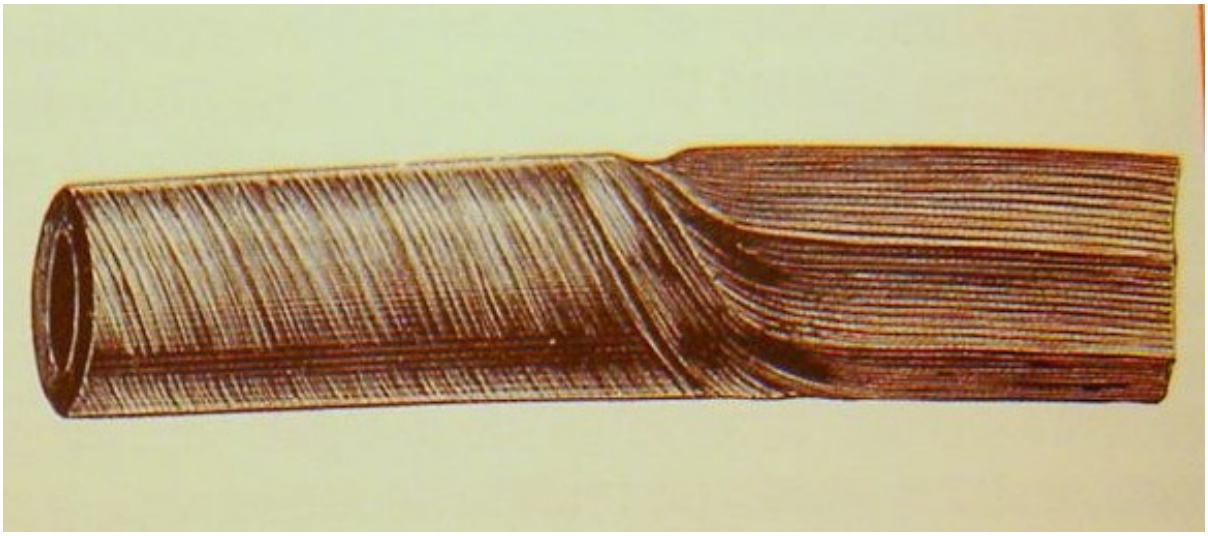
Falar mal dos outros é muito feio. Mas, pessoalmente não descarto que este armeiro inglês tenha usado o artifício de inserir uma luva interna para suportar a pressão das munições de 1950 e preservar a integridade física do príncipe.

Este aço, usado por armeiros europeus na confecção de armas de fogo de pederneira e do que sucedeu a este sistema de ignição, foi bem estudado e, inclusive recuperadas algumas das etapas de sua feitura. Querem alguns que não se trate de aço de Damasco em si e sim de um processo de fabricação de canos de armas de fogo envolvendo o enrolar-se tiras de metais (aço, ferro) o que resulta num padrão de superfície semelhante ao daquele do aço de Damasco. Seria o velho aço de padrão – "pattern steel".

I -30



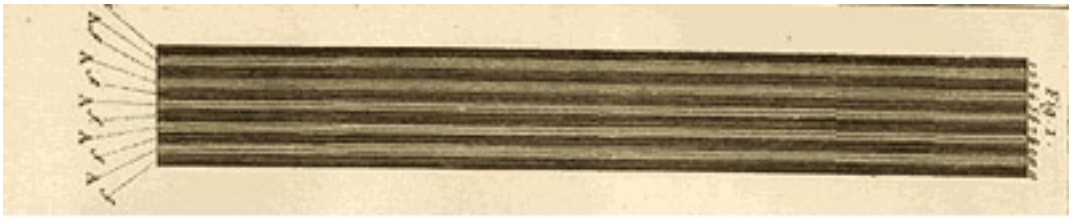
I -31



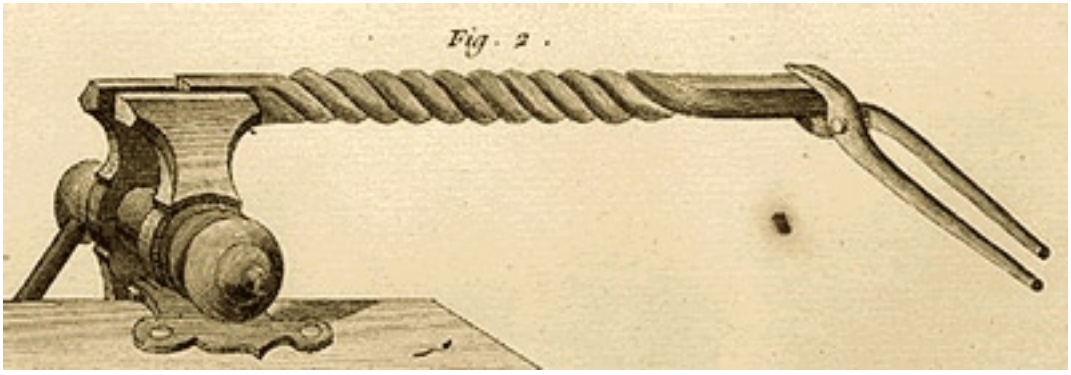
Parte do processo de fabricação de canos de armas com utilização de "aço de Damasco". Bélgica, fins do Século XIX. Documentos da Fn Herstal.

A ou as técnicas de enrolar ou torcer tiras de metal ferroso para obter uma estrutura mais resistente é prática de períodos bem recuados da História. A Arqueologia e a História Inglesa tem isto bem documentado. E a recente Arqueometalurgia tem confirmado e descoberto outros caminhos, outro material e maneiras de fazê-los.

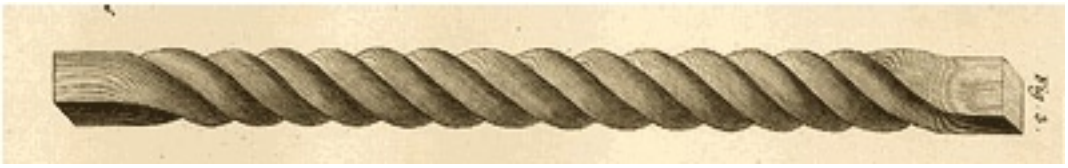
I -32



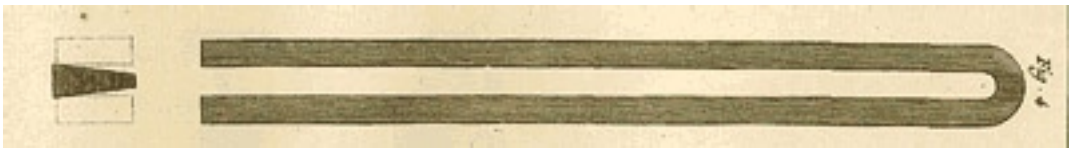
I -33



I -34



I -35



Quatro etapas de processo usado na França para fazer lâminas com "aço de Damasco". Na última etapa mostrada o artesão inseria, por caldeamento, uma barra de aço duro onde ficaria o gume. Em tempos recuados, os artesãos franceses chamavam o material de "tecido", ou "trama". A fonte primária está datada como de 1775. Desconfiei da morsa, tentei aprofundar a pesquisa, mas não obtive resposta. Ao que parece trata-se de LIVRO no qual o cuteleiro francês J Perret registrou seus trabalhos e técnicas. Este livro seria datado de 1771.

Esta quarta etapa (I – 35, acima) do processo de caldear aço mais duro no que virá a ser a região do fio tem um detalhe relevante. Observe-se que a economia de aço superior é muito grande.

Por obséquio, observe-se que o Sr. Perret usou, também, a técnica de dobrar o material – veja – se, novamente, I – 35. Mas fica-se um tanto confuso, pois na imagem I – 32, o que parece é que se partiu de um processo chamado, por algumas fontes, de "empilhamento". E depois o de enrolar. Muito inteligente, cercou-se de garantias. Ver mais adiante o aço "Pamur" ou Pamor.

O curioso é que a atividade de forjaria não é mostrada. Mas, segundo informação obtida, no seu livro o Sr. Perret descreve esta etapa.

Por que mencionar esta(s) técnica(s)? Porque também foi usada na feitura de facas.

Aço de Damasco ressurge, principalmente na nobre e antiga arte da cutelaria. Com seu foco mais forte nos USA da década de 1950 em diante. Mas parece ser portador de uma autêntica "caveira de burro". No sentido de gerar muita discussão.

É então (circa 1950) e nos USA que nasce e é usado até hoje um outro "aço de Damasco" o "cable steel". Trata-se de cabos de aço trabalhados na forja. Diga-se que o resultado, quando plenamente alcançado, é muito agradável, ao menos visualmente.

Hoje, o aço de Damasco dito tradicional ou cujo "segredo" foi perdido é alvo de disputa mais séria. O assunto está descendo a minúcias como a presença de traços de "impurezas" (na verdade minérios outros) talvez nas jazidas originalmente usadas para a extração do minério usado pelos indús para chegar ao Wootz.

Há um início de discussão a respeito do que seria o "verdadeiro" aço de Damasco e de um ou mais similares. O que não é pouco em termos de discussão. E outras dando conta de que os indús teriam usado dois métodos diferentes para chegar a seu Wootz. Por outra vertente, há quem aceite que o aço meteorítico (retirado de meteoros) também seria um tipo de aço de Damasco.

Este "aço meteorítico" é material de uso muito antigo. Segundo algumas fontes abalizadas era usado no Egito antigo. Outras fontes discutem o assunto pelo lado do material em si: ferro de origem meteorítico, ou aço?

Por aí, a tendência parece ser a de se vir a aceitar a existência de outro material tão bom quanto. O que penso ser bom e válido para a moderna cutelaria artesanal.

Um fator deve estar presente na cabeça de quem se interessa pelo assunto: o aço de Damasco da Alta Idade Média, conhecido na Europa – início do movimento das Cruzadas e mesmo anterior a este fato, sendo produto artesanalmente feito, engloba variações. Variações de dois tipos, digamos. O primeiro seria atinente ao desenho (pattern) o segundo diria respeito a aspectos da composição em si e, em decorrência, das qualidades da peça.

Há um estudo bem documentado no museu Beme da Suécia. Espadas e adagas de aço de Damasco, digamos de época, da época em que ele era o que era, foram doadas por colecionador. Estas lâminas foram então, testadas, inclusive usando-se métodos destrutivos.

Mas estes testes foram feitos há algum tempo. Algum tempo implica no surgimento de novos métodos e equipamentos de teste.

Mas há um teste impossível de ser realizado – uma reversão no tempo. Os fundidores que fizeram o material das lâminas há mil e tantos anos passados tinham seus refinados e laboriosos métodos. Infelizmente, não é possível reproduzir a totalidade destes métodos.

Vejam abaixo uma tradução livre de texto em inglês que pretende descrever como a coisa era feita para se obter a "pastilha" de "wootz":

"Minério de ferro misturado com carvão vegetal é colocado num cadinho que é fechado hermeticamente. Diversos aquecimentos e resfriamentos se seguem por um longo período. Um lingote com forma lenticular, de aço de alto teor de carbono, no qual estão inclusas partículas de cementita (de ferro muito duro) é retirado do cadinho de argila. Do lingote, aquecido, recorta-se uma espiral de material que é forjada com suavidade, sendo levados a cabo diversos reaquecimentos. O resultado é uma lâmina com veios formados por nódulos de cementita. A lâmina é flexível e de alta tenacidade. Na região do gume, os nódulos de cementita produzem um serrilhado ínfimo que possibilita inclusive que a lâmina corte ferro sem dano".

O lingote de forma lenticular seria o WOOTZ. Parece evidente que muitas etapas foram simplificadas ou o autor simplesmente tentou explicar para leigos, como se fazia. Não há menção a dobraduras ou torções. Mas o autor parece ter atinado com o fato de que a questão, em grande parte, se resolve pela estrutura, ou melhor – microestrutura cristalina do material.

Mas, a descrição acima é incompleta e deixa mais perguntas em aberto que informações. Por exemplo, que minério de ferro era colocado no cadinho? Era colocado junto com outro material, como? Em camadas, mistura hetero ou homogênea? De que material eram feitos os cadinhos? Foram encontradas variações.

As fornalhas indús eram sempre escavadas diretamente no solo? Havia ventilação? Diz-se que os cadinhos ficavam queimando por longo tempo. Neste caso, como se repunha o combustível consumido? Que combustível era este?

Há ou não registros escritos? A cultura indú usava a escrita.

São pesquisas recentes que começam a fornecer respostas. Pessoas como a norte americana Anna Feuerbach que há quase uma década pesquisa o aço de cadinho. Ela está em vias de lançar um livro a respeito. Talvez muitas dúvidas sejam enfim esclarecidas. As perguntas sem resposta

são muitas. O que também se aplica a alguns dos "tipos" de aço: sheer, pattern, e outros que os ingleses de Sheffield usaram. Os processos não são inteiramente conhecidos. Ou são?

Já no caso do aço BULAT, o que parece haver é muita conversa e pouca informação. O que não é aceitável, pois este material foi "redescoberto" num contexto em que registros mínimos certamente existem. O Bulat foi redescoberto nos anos 1800, dentro de uma empresa, dentro de uma sociedade, de um país que tinha escrita.

O que é bem diferente do "aço" obtido pelos Vikings da alta antiguidade que poderia ser classificado com aço caldeado de ou com padrão. O aço das Katanas japonesas, em última instância, também cairia na classe do Damasco, sutilezas à parte, muito embora algumas fontes o chamem de aço composto. E seu antípoda seria o aço de algumas armas orientais que exibem um padrão muito forte, inusitado, colorido e bonito.

I -36

Aço com padrão "chevron" – algo como as insígnias de cabo e sargento. Espada Indú do século 18 ou 19.

O que há hoje de válido é a existência de alguns tipos de aço de Damasco. Um deles é o Japonês, renomeado como damasco mecânico ou composto. Obtido pelo caldeamento de diversos tipos de aços e material ferroso.

Tem também o aço Pamur ou Pamor que combina, se bem entendi, a técnica de caldear material diferente, finalizado o processo com desbaste, polimento e ataque ácido. Alguns autores o chamam de aço laminado rudimentar. É comum na Indonésia e, ao que parece, também no Sri Lanka

(Ceilão). Seria um damasco mecânico. Para alguns se trata da técnica de "empilhamento". O efeito visual é bonito.

No entanto, grandes conhecedores e colecionadores do famoso "Kris" chamam de Pamur ou Pamor a textura e padrão superficial destas belas lâminas.

I -37

Aço dito de ou Pamur. Alguns especialistas asseveram que se trata de aço obtido por processo de "empilhamento". Mas não explicam bem o que seria isto.

Na Indonésia, aliás, a arte da obtenção de aço é bastante antiga. Usavam fornalhas muito eficientes com ventilação forçada, digamos, natural. Aproveitando os fortes ventos das monções para chegar às temperaturas necessárias.

Entretanto há algumas discrepâncias nas informações. Há informações que dizem tratar-se do desenho ou "padrão" ("pattern") do aço e não o aço em si. Também se diverge a respeito do nome ou designação técnica genérica: seria um aço laminado e não um aço damasco ou "adamascado". Enfim, este Pamor é outra área meio confusa.

Os aços de damasco ditos artificiais como aqueles feitos na Rússia no século XIV e na Índia no Século XIX. Seriam artificiais, pois, se não me engano, usam a queima superficial por ácidos. Vejam acima a menção a damasquinado.

E, por fim, o damasco verdadeiro, oriental ou cristalino, obtido a partir do WOOTZ e seus familiares próximos.

Notem que apenas o último é DE CADINHO. E, trata-se de uma família de aços pequena. Mas sempre uma família. Recordando: Sul da Índia, Hyderabad, Pulad (Bulat?). Seriam pelo menos três.

Uma Nota a respeito de EMPIRISMO e SEGREDO INDUSTRIAL relativo a aços antigos.

Mencionou-se acima, que o aço carbono, até a metade do Século XIX (1850) era obtido em pequenas quantidades e com qualidade variável. Mencionou-se também, que os detentores de técnicas capazes de gerar bons aços carbono guardavam tais técnicas sob segredo.

Os processos de se chegar a aço eram variados. E bastante empíricos.

O empirismo era imperante até o advento do processo Bessemer e outros que o seguiram. E, por outra vertente, o segredo de manufatura era rígido. O que contribui para a dificuldade na obtenção de informações.

A propósito, encontrei na "GUN DIGEST", Edição de Luxo pelo 32º aniversário, 1978

– Follet Publishing Company/ Chicago, USA o artigo: Uma Navalha Centenária, escrito por Samuel J. Rosemberg; fls 93.

Passo a fazer uma resenha do artigo deste metalurgista.

O artefato em questão era uma navalha alemã, marca KROPP, cuja data de fabricação foi estimada… "lá pelos anos 1850, provavelmente antes da Guerra Civil". A navalha foi muito usada, mas conservou-se íntegra e sempre mantendo uma excelente capacidade de corte.

Samuel J. Rosemberg, afeito a procedimentos científicos, estabelece suas hipóteses de trabalho:

1 – A navalha seria feita de aço carbono com teor de carbono muito alto. Perto dos 1,75%.

2 – Ela seria muito dura; Rockwell C 64 ou C 65.

3 – A estrutura (microscópica) do aço seria grossa ("coarse"), grãos grandes.

4 – O aço seria muito "sujo", com altos teores de Fósforo e Enxofre. "Pois

o artefato foi feito numa época durante a qual mal se sabia o que era aço, quanto mais fazê-lo bem". E passa, a seguir a descrever os testes que realizou e os valores encontrados.

Análise química e espectroquímica:

Carbono	1,36%
Manganês	0,20
Fósforo	0,016
Enxofre	0,030
Silício	0,12
Cromo	0,004
Níquel	menos de 0,03
Molibdênio	menos de 0,01
Vanádio	menos de 0,01
Titânio	menos de 0,003
Cobre	0,02
Alumínio	menos de 0,005

Os resultados para Fósforo e Enxofre são uma surpresa total.

Um parênteses: ou muito me engano ou alguns metais seriam impurezas oriundas do minério e só hoje quantificáveis.

As medidas de dureza feitas ao longo de um corte pela largura revelaram valores Rockwell C 61,9; 62,2 e 61,6. Muito longe da hipótese de C 64 a 65.

As análises da microestrutura revelaram – para um aço "vintage" feito no entorno de 1850, um aço incrivelmente limpo. Ele comenta: "Oxalá os aços de hoje (1978) para uso aeronáutico fossem limpos assim".

A estrutura do aço era fina. O ataque com ácidos mostrou que a martensita era de difícil reconhecimento. Ou seja, espremida entre os grãos em camadas muito finas.

E o Sr. Samuel vai adiante, de surpresa em surpresa. A navalha com cerca de cem (100) anos de idade era feita com um aço carbono de excelente qualidade.

Ele compara a dureza Rockwell -usando a escala N assim como a resistência à tensão (dobra) da antiga navalha com os dados de diversas armas de fogo (canos), facas famosas, etc. A navalha fica no topo. Abaixo apenas da lâmina de serra de metais.

Uma navalha alemã de marca/fabricante obscuro (não era uma Solingen, por exemplo), fabricada no Século XIX, feita com um material de primeira.

Até que ponto o fornecedor do aço carbono sabia o que estava fazendo? Suas técnicas eram ainda empíricas? Custa a crer? Elas provavelmente foram para o túmulo com ele.

Aços antigos nos levam a extremos. Muito bons e péssimos.

Cabos -Questão Complicada

Não sei bem se este subtema cabe aqui ou em outro lugar destas notas. Na dúvida, fica por aqui enquanto alguém mais esperto não encontra o melhor lugar para encaixá-lo. Ou ainda, corrigi-lo e/ou expandi-lo. Estejam à vontade. Vou tentar ser breve.

O fato é que o cabo de lâminas antigas é fator determinante em sua identificação e localização cronológica. E envolve material, também.

Se a lâmina de uma faca já é assunto dado a incrível número de minúcias (levei um tempo até entender o que eram "moscas"), o cabo pode ser ainda mais difícil de tratar.

A começar por aquela região da lâmina, próxima do cabo, da qual o fuste surge e entra cabo adentro. Vamos combinar como dizem os jovens de hoje que o fuste ou espiga é parte integrante da lâmina. Antes daquela passagem surge uma região conturbada da lâmina. Ali podem estar presentes o ricaço (ou ricasso) e o enterço. Capaz, esta parte da faca, inclusive de indicar se a

lâmina é desta ou daquela época, região, quem a forjou, quem a embelezou de diversas maneiras e por aí vai. O que pode se chocar com a qualidade do aço nela empregado e sua geometria particular. E mesmo com características do cabo.

Enterço é um reforço estrutural. Trata-se de conferir mais resistência a uma região da lâmina que sofre tensão e torsão. Na maior parte das vezes o enterço é um prolongamento de "entretalas" de metal, ou de aço. Pode apresentar rebites que auxiliam sua aderência à lâmina. Ou então, a faca não é de boa qualidade e o enterço e estes rebites seriam denotativos de um artifício.

Em facas mais antigas pode surgir o falso enterço. Normalmente de metal amarelo. Sua função é discutida. Para alguns é reforço estrutural. Para outros, embelezamento. E, ainda para outros, prevê o uso da lâmina em luta e serviria como "trava" para a lâmina do eventual adversário. Na França também se emprega a expressão: cobre ricasso, ou tapa ricasso ou esconde ricasso, como se queira traduzir.

Em facas nacionais, principalmente nordestinas de certo luxo, não é incomum encontrar falsos enterços. Por vezes feitos de metal nobre como prata. Mas, na maior parte das vezes estão mais para tratamento de superfície com deposição de metais outros que aço.

Uma nota: os fustes podem ser tipo "rabo de rato", finos, pontudos ou largos e chatos.

Fustes "rabo de rato" não são uma solução moderna. E, no caso de algumas facas nacionais, podem gerar uma protuberância na região do ricasso. Protuberância propositalmente forjada ali pelo cuteleiro. O objetivo seria o de disfarçar um fuste mais espesso. Ou baixa qualidade do aço. Ou tentativa de seguir o padrão de lâminas importadas que tivessem o "botão". Ou ainda, mero enfeite, solução estética visando criar um elemento de transição entre lâmina e cabo.

O fuste fino, rabo de rato, é muito antigo. Pudera, feito assim ele gera uma economia de metal.

Já tive em mãos facas que eram verdadeiras sinfonias do vendedor doido. Uma coisa que não batia com a outra e assim por diante. Fustes chatos, por exemplo, em facas do tipo "de ponta".

Também há por ali, uma peça cheia de más intenções. Guarda. Ou sua ausência. Ou ainda o tal botão das gaúchas mais corriqueiras.

Para alguns, o botão é sintomático de artefato mais moderno. Início da industrialização. No entanto há facas de tempo mais recuado (ao menos século XVIII) com o que poderia ser um esboço do botão. De toda maneira, um reforço estrutural ao fim da lâmina. Um reforço que seria integrado à lâmina/ início do fuste. Em algumas facas, este reforço estrutural fica adjacente à guarda, depois dela, e tem uma designação própria.

De todo modo, ao final desta breve resenha a respeito de cabos, vai se ter a respeito dos mesmos, algumas informações a mais.

A princípio é prudente discorrer um pouco a respeito de coisas básicas. Como perguntar qual é o tamanho da sua mão. Mas este tamanho é relativo. Relativo ao cabo. Cutelaria "customizada" faz ao cliente esta pergunta.

Faça uma experiência. Com a sua mão dominante, aquela que se usa para fazer quase tudo, geralmente a direita, segure com certa firmeza uma destas réguas ou metros de marceneiro ou pedreiro. Daqueles articulados.

Segure alinhando o ZERO pela face adjacente ao polegar e indicador. E veja o tamanho de sua mão de segurar facas olhando para a escala que sai pela face onde está o seu dedo mínimo. Se você é realmente curioso, peça para algumas outras pessoas fazerem o mesmo e veja como a medida pode variar.

A média costuma ficar lá pelos 10 ou 11 centímetros, talvez menos um pouco. Mais que isso e você só conhece gente realmente grande. Ou que cresceu um tanto demais nas extremidades. Para ter paz de espírito, veja quanto calçam. A maioria das pessoas tem uma pálida idéia de sua altura. A respeito de suas outras medidas, menos ainda.

Parece brincadeira. Não é. Muitas lâminas antigas que aparecem na iconografia são "medidas" a partir de padrões dimensionais dos cabos. E, de fato, com as exceções de praxe, é possível estabelecer uma razão matemática entre cabo e lâmina. Ninguém faz um cabo enorme e grosso para uma lâmina pequenina. O homem tem certo padrão previsível quando lida com proporções, quando cria objetos, ele busca estabelecer proporções. Equilíbrio proporcional.

Pegue uma régua e segure-a com a mão fechada de modo a poder medir a largura de sua mão fechada. Mãos humanas variam, mas a coisa vai de 8 a 11 centímetros ou um pouco mais no caso dos grandalhões.

Mas vamos adiante e falar um pouco sobre a "pegada". Pegamos facas pelo cabo, normalmente. E usamos uma porção do cabo, o que exclui o pomo e a guarda.

Pegue um lápis e segure-o tendo o cuidado de encaixá-lo na sua mão rente com aquelas almofadinhas que todo mundo tem na base dos dedos, na palma da dita cuja. Aperte. Está bem seguro, não é? Faça um esforço de controle e relaxe o indicador e o maior de todos e puxe o lápis. O polegar não conta muito para a pegada. Se puxar bem ele, o lápis sai.

Para ter certeza, inverta a coisa. Mantenha o indicador e o maior de todos apertados e relaxe o anular e o mínimo. Surpresa! O lápis não sai. Indicador e o maior de todos são os principais responsáveis por agarrar o cabo.

Para manter a pegada estável, lateralmente você vai precisar do anular e do mínimo. E da contraposição parcial ou total do polegar. Dependendo muito do tipo de cabo. Se ele for muito diferente da média, não vale.

Se quiser ou precisar de uma pegada realmente forte, segure o lápis com os quatro dedos já mencionados e pressione a porção do lápis que sai da sua pegada com o polegar. Dá para entender porque algumas facas só têm a parte de baixo da guarda e assim você pode colocar o polegar sobre o dorso da lâmina.

Aliás, algumas facas, como uns exemplares antigos (século XIX e início do XX) de Mappin de Sheffield têm uma curva ascendente logo depois do encaixe da lâmina com o cabo. Outras chegam mesmo a ter nesta parte do dorso uma irregularidade qualquer para que o polegar se firme bem. Mas estas últimas tendem a ser mais modernas ou mesmo contemporâneas.

Mas, quem segura mesmo é o indicador e o anular. Seguram fazendo pressão contra a palma da mão. Assim, alguns cabos são mais grossos perto da guarda, afinando para o pomo ou o fim do cabo.

Outros, ao invés de serem mais grossos perto da guarda ou de onde ela deveria estar, são meio finos e formam uma "barriga" logo depois. Barriga que, às vezes, encolhe, tem outra reentrância perto do pomo. Algo como o cabo de uma boa e confiável sorocabana. É uma pegada excelente.

Nas facas nordestinas, aquela segunda barriga, perto do pomo, é substituída por uma peça chamada carretel. Que cumpre mais ou menos a função da segunda reentrância. Embora os cabos nordestinos sejam mais para o fino, a pegada é excelente.

Atenção, nem toda faca nordestina tem a mencionada peça de metal – o carretel.

Uma nota. Os conhecedores dizem que se você tem de colocar seu polegar sobre o dorso da lâmina, você não está com uma boa faca para briga e mesmo para trabalho. Um polegar exposto é ponto fraco.

Na Idade Média, os maldosos, além da guarda ou de algo que cumprisse sua função (aparar a lâmina do adversário) exigiam e os cuteleiros atendiamnos, soldando ou caldeando uma peça de latão ou outro material fraco, no dorso da lâmina, para travar o fio do adversário. Têmpera seletiva é coisa mais recente em lâminas ditas de ou feitas para luta.

Mas as "moscas" ou desbastes em meia-lua e triangulares feitos por atrito ou outro meio, no dorso das lâminas, é prática muito antiga e, segundo alguns, teria o mesmo propósito do caldeamento de metal mais mole também no dorso da lâmina. E, como sempre, para outros ainda, mera ornamentação.

Há outros cabos com pegadas excelentes. São aqueles que começam finos perto da guarda, engordam e depois afinam de novo perto do fim do mesmo.

Acho que os principais seriam estes. As variações são muitas. Os artifícios para aumentar

a força da pegada também são muitos. Um que foi muito usado seria "anatômico". Quatro depressões na parte de baixo do cabo para acomodar melhor os dedos.

O que isto tudo tem a ver? Tem a ver com as soluções de cabo que o homem vem usando há muito tempo. Com um detalhe, esta busca pelo conforto ao empunhar uma lâmina, ao segurá-la, por vezes é radicalmente rompida em facas antigas.

Um exemplo? O cabo chamado de caixão de defunto (coffin) dos norte americanos. Os antigos eram um estorvo em termos de pegada. Ou ainda o cabo de talas, fino e um tanto longo de antigas adagas francesas muito difundidas no Canadá, lá pelos 1700.

Mas, cabos são feitos de material próprio. Em alguns casos olha-se e pensa-se: que bonito efeito! Sem se dar conta de que estão ali atuando como reforço estrutural, como é o caso de alguns elementos ou partes e peças de um cabo. É bem o caso das arruelas de metal intercaladas nos cabos de embuá nordestinos.

Aquelas arruelas não ficam frouxas, só enfeitando o cabo. Elas são travadas por forçamento no fuste. Ou seja, há pressão das arruelas sobre o fuste.

Facas nordestinas tendem a ter um fuste relativamente fino. As arruelas de metal intercaladas com osso, chifre, ou o que for, presas sob pressão ao fuste, como que o expandem, distribuem a pressão ou tensão. É um jogo de vetores, para quem ainda se lembra disto.

O mesmo se aplica a outras peças que, visualmente, dão equilíbrio e harmonia, beleza, à lâmina como um todo e à região do cabo em particular. Quando bem feitas e bem ajustadas, confere maior rigidez, resistência a tensões, ao conjunto cabo/lâmina quando este conjunto é posto para trabalhar.

Muitas facas sulistas, nordestinas e outras feitas de qualquer maneira, com desleixo ou economia de esforço e material, têm peças de metal de seu cabo ocas. São na realidade uma má reprodução das peças originalmente usadas, que eram maciças. Não exercem outra função que o simples enfeite. Com o tempo, se deformam e não exercem pressão alguma. Pressão e preensão, travamento.

Cabos de metal ocos ou não, de metal estampado são muito antigos. Há registro de um cuteleiro francês do Século XVIII (1700) "inventando" esta técnica.

Cabos de cobre, latão, prata (raros) e bronze fundido sob a forma de figuras humanas e outros motivos, foram comuns na cutelaria européia. Há bons registros destes cabos nos Museus Bredius de Amsterdam e de L´hôtel Sandelin (St. Omer) na França. Datam principalmente do Século XVII e seguinte.

Os de cobre, latão seriam os "populares". Os cabos de luxo desta época eram de marfim. Ou de prata.

I -38

O cabo acima representa um caçador. É oco, de latão fundido na região de Flandres (Langres). Dataria do Século XVIII ou início do seguinte. Eram colocados na faca via a cola ou cimento de cuteleiro. Correspondem, segundo alguns autores, a uma imitação barata dos belíssimos cabos de marfim e material nobre de facas destinadas às pessoas de grande poder aquisitivo ou posição.

Estes cabos de metal fundido: cobre, bronze, latão, não primam pela pouca espessura de paredes. E são devedores das milenares técnicas de fundição de estatuária. Cabos de metal com paredes finas denotam um período posterior. Quando se trata de prata, o mais comum é a trabalhosa técnica de ourivesaria, que inclui a soldagem em uma ou mais de suas etapas.

E no Brasil? Houve cabos assim, fundidos? Sim. Algumas peças escavadas dão testemunho disto. E indo um pouco mais adiante, há peças escavadas – cabos fundidos, que representam santos da Igreja Católica. Ao invés de caçadores, ou outras figuras.

A técnica de estampar, comprimir material entre moldes, foi muito usada em cabos, inclusive os de madeira e chifre.

I-39

Cabo de madeira prensada para embelezamento. França, Século XIX

Cabos de marfim sempre existiram na Europa. Mas, o uso deste material se difunde a partir do Século XVIII chegando, então aos cabos de facas. Não era fácil abater elefantes para usar suas presas. Pense-se no armamento da época e nos riscos envolvidos.

Na cutelaria moderna é freqüente o uso de espaçadores feitos com material inerte em termos de oxidação. Cumprem duas funções: evitar folgas, ou luzes entre elementos do cabo e isolar peças metálicas umas das outras para que a troca de íons não gere oxidação.

Tenho lido, na descrição de lâminas a palavra espaçador(es) usada para designar peças de material diverso, artificiais ou não que, na realidade, completam o corpo principal de material com o qual é feito o cabo. Como madeiras nobres ou chifre de cervo. Tudo bem. Mas para o efeito desta resenha restringiu-se o sentido.

Uma nota: luz ou luzes é folga ou passagem total ou parcial entre elementos, peças ou partes. Por onde sujeira e líquidos podem penetrar e gerar um desastre.

No passado estes espaçadores ou não existiam de todo ou eram feitos com outro material. Nossos antepassados pouco ou nada sabiam a respeito dos fenômenos envolvidos na oxidação. E oxidação na região do cabo e proximidades sempre foi e continua a ser um bom problema.

Cuteleiros de antanho se valiam de seu domínio das técnicas que usavam. Não deixavam folgas. As que vemos hoje em peças de época, na sua maior parte se devem ao tempo e ao uso. Ou, ao fato de que foram mal feitas mesmo.

Um material empregado na feitura de peças de cabos, embora um tanto incomum, chama a atenção. Tem um nome arrevesado, acho que é de origem japonesa: MOKUME. Ou algo por aí. Eventualmente ele surge em espaçadores.

Trata-se de um material composto. Resumindo, é um sanduíche de finas folhas de metais: cobre, latão (ou bronze, o que é raro), prata, níquel. Vermelho, branco e amarelo. No mais das vezes estas folhas de metal eram soldadas entre si com estanho. A solda branca, e depois recortados e furados.

Haviam artesãos especializados na sua feitura, dizem. E que o vendiam aos cuteleiros. Isto, esta participação de outros artesãos era e é (de certa forma) comum. Algumas pessoas usam o termo "furnituras" (retirado da relojoaria, talvez) para este material e mesmo para partes e peças que os/as cutelarias integravam nas facas.

Se o metal branco for alpaca, a lâmina pode datar de fins do século XVIII. Quem bem conhece o assunto informa que a alpaca passou a ter uso intenso depois de 1840. O níquel é um problema. Não era um desconhecido no passado. Se for alumínio, é melhor ter cuidado, trata-se de obra recente. Que pode ser de ótima qualidade.

O alumínio é uma curiosidade muito cara desde sua "invenção" que data de 1870. É na primeira década do século XX que este material passa a ter mais aplicações. Mas, a cutelaria parece o ter rejeitado por mais tempo.

O caso do níquel é mais problemático. Permitam que o deixe para quem tiver mais informações.

Há outros metais brancos. O Cromo é um rapazinho, surgiu mais ou menos em 1930. E hoje se tem alguns outros metais e ligas que a cutelaria artesanal pouco usa. Seja por dificuldades inerentes ao trabalho com este material seja por certo conservadorismo.

A propósito vi num site de vendas europeu algo que me chamou a atenção. Uma faca MUNDIAL. Uma peixeira, com cabo de madeira e como guarda/elemento de fixação à lâmina

uma peça muito simples de alumínio. Coisa da década de 50 do século passado à qual não damos muita importância. Na verdade acho que é um link do site World Knife Data Base o link seria: Pierre Rolly Armes Anciennes, francês. Mas este é um site comercial e a Mundial pode ter sido vendida.

Foi dito acima que o bronze é raro neste material composto, o tal MOKUME. Bronze é uma liga antiqüíssima. Mas tem um pequeno problema, ou vários. É duro em relação aos demais. É difícil de trabalhar no sentido de se obter uma lâmina fina. E bem mais caro que o latão.

O mokume aparece em algumas lâminas brasileiras bem antigas. Estima-se que seria, a princípio, importado sob a forma de pequenos lingotes.

Como material tem vantagens. È fácil de trabalhar. Não é tão duro. Mas, se forçar a mão, as lâminas podem se separar. É até certo ponto "ajustável" quanto à espessura da peça que se quer. Basta limar ou comprimir e fica-se com uma peça menos espessa e na medida para o encaixe ou acoplagem ideal.

Alguns bons artesãos cuteleiros nacionais de hoje, volta e meia o incorporam a suas obras. O efeito plástico, ou visual, é muito bonito.

Há quem se arrepie quando se menciona a baquelite ou seus familiares de época. Como material ela não é bastante idosa. E muito "chifre de búfalo" pode ser baquelite. E mesmo algumas versões coloridas são esnobadas como plástico.

Outro material apreciado para fazer partes e peças de cabos e mesmo o cabo por inteiro responde pelo nome genérico de metal amarelo. Pode ser bronze ou seu filhote o latão. É claro que há uma grande diferença entre as duas ligas, que têm no cobre e no estanho (se não me engano) seus componentes básicos.

Bronze é liga conhecida desde a Antiguidade Clássica. Latão é algo mais recente, teria surgido em fins do Século XII de nossa era ou, como indicam algumas fontes: foi "inventado" pelos romanos. Resta saber que romanos, o império subsistiu por mais tempo do que se tem, comumente, idéia. São ligas diferentes que reagem de modos diferentes a tratamentos diferentes. Principalmente tratamentos à base de calor. Claro, dependendo sempre da liga em si.

Mas o bronze foi utilizado como elemento, peça de travamento de cabos, como guarda, ou o cabo todo, etc. Seu sucessor mais barato, o latão, entra também na composição de cabos, como peça ou parte ou mesmo integral, o cabo todo.

Não são raros os cabos travados ao fuste por meio de rebites de "metal amarelo" ou pelo rebatimento da extremidade do mesmo fuste num orifício da peça (pomo ou não) final do cabo.

Outro uso do metal amarelo é o de espaçador entre o fuste e talas. E outro ainda é o de rebites e arruelas de pressão ou não, em volta de rebites.

A respeito de rebites é necessário esclarecer que muita vez se tem um cabo de madeira ou outro material, como chifre ou osso, por exemplo, no qual foram inseridos pinos, que parecem ser pontos à feição de pregos sem cabeça (ou com). Neste caso têm-se duas possibilidades. A primeira é reforçar a resistência do material do cabo ao desgaste natural pelo uso – principalmente quando o mesmo é madeira. Neste caso, não seriam propriamente rebites.

A segunda possibilidade é o puro embelezamento. Talvez derivado da cutelaria francesa com sua "cruz de pastor". Que era um símbolo cruciforme feito pelo arranjo de pontos ou marcas arredondadas indicando coisas como: boa passagem, bom pasto, água, estive aqui… E que foi transposto para as facas que estes pastores usavam. É o que reza a tradição de algumas

regiões cuteleiras francesas.

O travamento dos elementos do cabo quer sejam talas ou não, pode ser obtido pela via dos rebites transpassantes (transpassam as talas e o fuste) ou pelo rebatimento da extremidade do fuste. O objetivo é manter o conjunto coeso e firmemente aderente (por artifício mecânico – pressão) ao restante da lâmina.

A mania de anotar assuntos era desastrosa, viva o computador que permite inserir algo em texto já bem trabalhado. Volta e meia se descobre no fundo da gaveta uma anotação que vale a pena. É o caso da fixação de elementos do cabo ao fuste e sua seqüência, a lâmina, por parafusos ocos, com rosca oculta.

Este artifício não é moderno. Há belas facas gaúchas do fim do Século XIX e início do XX que usam este tipo de fixação. Por vezes arrematados por uma última peça que L. Gazinhato chama de cupilha (nome bem apropriado, por sinal).

Afora este parafuso também há pomos com rosca oculta.

Outro elemento do cabo ou não, como queiram, mas que o antecede, a guarda, pode ser rebitado ao fuste. Por vezes de modo tão bem feito que o rebite só se destaca com um leve ataque químico (vinagre, por exemplo). Ou, como alguns querem (o que não se discute): "revelação", que vem a ser o mesmo – ataque químico. Os americanos usam muito o seu: "etching".

A outra maneira é mecânica ou termo-mecânica.

Aquece-se a guarda e ato contínuo a mesma é forçada no lugar e depois resfriada.

Quando a abertura feita anteriormente na guarda é de boa medida, justa,

o resultado em termos de aderência é excelente. Evita-se a entrada de sujidades e líquidos pelo que sempre é um ponto fraco das lâminas. Cuteleiros de primeira aplicam estanho no início do fuste e, ao assentarse a guarda consegue-se uma excelente estanqueidade. Mas, hoje existe material diverso, como o epóxi, por exemplo.

Há outros meios de obter aderência, estanqueidade, neste ponto. Martelagem da guarda seria a primeira opção. Ou a operação que os artífices do latão hoje chamam de repuxamento e ainda a inserção, nas fendas, de solda ou de pequenos corpos metálicos com o formato de cunhas e um bom acabamento posterior.

Este acabamento posterior pode incluir a operação de brunimento. Técnica que os mestre japoneses do polimento de lâminas de aço usam até hoje.

A pressão também é usada quando peças ou uma peça só do cabo é rosqueada no fuste. Não nos deixemos levar por preconceitos, a rosca como meio de fixação é algo muito antigo.

As roscas que conhecemos em nosso dia a dia são produto de usinagem em torno ou outra máquina. Antigamente o que havia era um corpo ou peça redonda à qual era soldado em espiral um fio de metal. Na porca ou o que fizesse seu papel, o artífice soldava outro fio também em espiral.

Outro meio de obter rosca e contra-rosca (ou espiras) era a fundição das peças a serem rosqueadas juntas ou não. A fundição a cera perdida é uma técnica dominada pelo homem há milênios.

Simplificações são possíveis. Mas não são tão eficientes.

Nada que o "cimento de cuteleiro" não resolvesse. Este famoso cimento sempre foi uma boa e velha cola. Reforçada ou encorpada pela adição de material diverso como raspas de couro

ou de madeira – a velha serragem. As "receitas" deste "cimento" são muitas.

O cimento ou cola de cuteleiro teve seu ápice de uso quando a indústria chegou e tornou-se necessário ligar muitos cabos a lâminas por dia ou por hora. Depois ou ao mesmo tempo, pois o período de intervalo é curto, usou-se chumbo, antimônio, estanho e outras ligas metálicas indistintamente chamadas de solda branca.

Isto é mais verdadeiro para cutelaria de mesa. Mas sempre se tropeça numa lâmina com cabo de metal. E sua fixação sempre foi um problema. Usou-se de um tudo. Lacres, resina de árvores, são bons exemplos.

Cabos de metal, inteiriços, teriam um divisor de águas. Aqueles que são ocos, tidos e havidos por coisas mais recentes, o que não é inteiramente verdadeiro e os sólidos ou maciços.

Mas a coisa se complica, pois há cabos maciços apenas na aparência. Sendo soldados e mesmo rebitados a partir de duas metades. Depois, um bom polimento e a operação de brunimento podem apagar tudo, ou quase tudo.

Deve-se recordar que a técnica, já referida, de estampar cabos de metal e soldá-los surge com força na França a partir de 1764. A estamparia não era estranha à arte daqueles que se dedicavam a colocar cabos em facas. A técnica de estampar cabos de madeira e chifre com moldes de metal é antiga e persistente.

Acontece que fundir uma peça inteiriça, de tamanho razoável e desenho um tanto intrincado, com um orifício no meio – para a passagem do fuste, não é lá muito fácil. Na melhor das hipóteses, fica-se com uma boa quantidade de refugo.

Mas, há cabos inteiriços de metal amarelo ou outros, fundidos ou não, de boa qualidade. E, quase na extremidade oposta há cabos compostos por fios, arames de metais como latão e cobre enrolados, quer diretamente sobre o fuste, quer enrolados sobre uma ou mais peças de madeira.

Esta maneira de colocar cabo em facas, o enrolamento de fios de metal tais como cobre, latão, é solução antiga e, se bem feita, o resultado é esteticamente bonito.

Mas, antes de chegar ao fim do cabo, vale muito a pena mencionar o cabo estilo lanterna. Nome estranho. Eram cabos de metal amarelo, de secção redonda, que começavam, junto à região da guarda, mais para o fino, engordavam e tornavam a afinar. Pois bem, nesta "barriga" alguns espaços eram deixados ocos. Tais espaços eram preenchidos com madeira ou outro material.

Olha-se um cabo deste tipo e, realmente parece uma lanterna, com suas aberturas nas quais ou pelas quais não passa, é óbvio, luz alguma.

Na tal "barriga" o artesão deixava filetes ligando a primeira parte do cabo ao seu final. Estes filetes podem ser retilíneos ou não e é entre eles que se colocava um material de preenchimento.

Cabos de "lanterna" são bastante comuns na cutelaria espanhola, especialmente na de Albacete e surgem por aqui em antiquários e feiras.

Provavelmente evoluíram ou evoluíram para cabos que mantiveram o mesmo formato geral: fino, "barriga", fino, mas que não têm mais as aberturas.

No início do último capítulo destes registros há um bom exemplar de cabo de "lanterna".

Uma parte ou peça do cabo que tem a seu encargo funções múltiplas é o pomo. Geral-

mente uma peça maior que a porção do cabo com a qual ele é solidário, acoplado. Ou, muito ao contrário, tende a ir se afinando.

O desenho, a geometria de um pomo pode indicar o cuteleiro, a região e a época de feitura da faca

Além disso, pode ter a função de prender o cabo, e suas demais partes e peças à lâmina. Pode também servir como acabamento, elemento de composição do desenho (design) da faca. Eventualmente tem a serventia auxiliar de atuar ofensivamente. Há lâminas orientais nas quais o pomo se prolonga por meio de um chifre ou espigão eminentemente ofensivo.

Algumas adagas ocidentais têm pomos chamados de "quebra cabeças" – skull breakers, em inglês. E esta "solução" não é moderna.

Uma função de destaque é a de auxiliar na "pegada", na empunhadura e evitar que a lâmina saia da mão. Alguns pomos como aqueles das adagas de RONDEL, ou arruelas, levam esta função a um extremo.

Todas estas funções podem ser exercidas a um só tempo. E não são poucas, basta contar, foram listadas seis delas. Na realidade cinco. Quem escreve, tropeça.

Sempre há exceções. Tratemos de uma delas. Há facas, mais para punhais, que têm um pomo anatomicamente desenhado para receber o dedo polegar. Outros são aqueles pomos de "orelhas", que na realidade seriam correspondentes ao aproveitamento da conformação de presas de animal marinho. São peças orientais. Mas há peças européias com estas "orelhas", ou simples concavidades que acomodam bem o polegar.

Bem vamos à guarda. Para começar, ela é uma peça (ou parte) que pode ser integrada ao cabo e/ou à lâmina se assim o desejarem.

Confuso não? É mesmo. Na época histórica do Bronze, a guarda era, muita das vezes, fundida junto com a lâmina, fuste e pomo. Isso quando até mesmo o cabo não o era, também. O que se tinha era um artefato inteiriço. Tudo fundido de uma só vez.

Não é raro encontrar artefatos de aço, bem mais recentes, cuja guarda foi forjada junto com a lâmina. Ficando então integrada, como parte da mesma.

Ou então, tem-se o caso do famoso "botão" das facas gaúchas e de algumas nordestinas e outras. Não é, propriamente uma guarda. Posto que algumas facas dotadas desta parte – o botão, também têm uma bela guarda. O botão parece ser uma solução industrial, mais voltada para o reforço estrutural.

Ao que parece esta parte da lâmina/cabo, o "botão" teria surgido em quantidade, lá pelo final dos anos 1800. É evidente que existiu antes disto e mesmo com formas distantes do "botão" que conhecemos.

A guarda também pode cumprir esta função, de reforço estrutural, caso bem ajustada, como já se mencionou.

Há facas nas quais a guarda está presente apenas como resquício. Como peça ou parte mínima. Tem então a função de simples trava, de elemento no qual o cabo se apóia. Contra o qual o cabo é pressionado. No caso de cabos de talas, a guarda pode estar presente, nas suas variadas formas, ou não.

Mas a função mais importante da guarda, ao menos para alguns, é a de proporcionar proteção à mão que empunha a faca. Diz-se para alguns, pois esta função pode ser executada por uma alteração no alinhamento do fuste em relação ao eixo central da lâmina. E esta última pode

então ser adoçada ou dotada de reentrância(s) capazes de acomodar os dedos e porção da mão.

Dar ou proporcionar mais segurança e poder de preensão seria uma função primordial do cabo e de outros elementos, partes e peças. Mas há soluções interessantes. Foi uma moda que passou rapidamente, mas alguns cuteleiros norte americanos de meados do século XX tiveram a idéia de colocar

uma peça com a forma de um gatilho presa no terço anterior do cabo. Cita-se isto por aqui, pois esta peça seria uma guarda, digamos, intermediária. Uma solução engenhosa, não resta dúvida, mas que não é moderna ou contemporânea. Veja-se a imagem abaixo:

I -40

Trata-se de um canivete enorme. Aberto tem 69 cm, fechado 36 cm. Tem origem em Chatellerault – França, final do Século XIX (circa 1870).

No fundo tudo vai depender do uso ou usos previstos para a faca. E mesmo de modismos passageiros, nem por isso desinteressantes.

Quanto à forma, as guardas podem ser um pequeno mundo. Desde a clássica forma em cruz e sua irmã em "S" invertido e o "U" ou meia-lua. Até aquelas em "cesta" de adagas antigas. Esclareça-se o que vem a ser uma cesta (basket, em inglês) quase ou mesmo fechada, um arranjo mais para o arredondado de tiras de metal, entrecruzadas ou não.

Estas guardas em cesta podem ser muito elaboradas e bonitas. Tiveram sua época e predominaram nas espadas embora algumas adagas as tenham.

Outra guarda clássica tem o formato de um "U" com as extremidades abertas voltadas na direção da ponta da lâmina de adagas e facas. Protegiam a mão e serviam para se tentar travar a lâmina do adversário e mesmo quebrála. Dizem. Talvez seja mais um mito, talvez parcial.

Algumas facas são dotadas de uma "concha" (do francês : coquille) posicionada na região ou como parte integrante da guarda. Servia para proteção de parte da mão. Trata-se de uma peça de metal arredondada que parece "brotar" da guarda. Outras facas têm guardas em forma de "D".

A parte retilínea do "D" seria o cabo e a "barriga" do bendito D protegeria os dedos e/ou

a mão.

O material usado nas guardas é o mais diverso. Ferro, aço, mokume, latão, prata, e outros metais.

Guardas mal ajustadas, que deixam frestas, são o início do fim de uma boa lâmina. Nunca é demais lembrar.

E os cabos das facas brasileiras do período colonial? Novamente, é preciso olhar as quantas andavam a moda na Europa e o muito pouco que se sabe do que acontecia por aqui.

É uma certeza que houve muito cabo de talas – de madeira, chifre ou osso, rebitado a fustes. As guardas eram, na maioria das vezes, prerrogativa das lâminas de maior porte.

No final do Século XIX há uma forma de cabo que parece se instalar. Seria arredondado e com um pomo também arredondado de boas proporções.

Vai-se parando por aqui, pois boa parte do material dos cabos é ainda mais frágil do que as lâminas. Contribuições documentadas são muito bem-vindas.

Cabe uma pequena resenha a respeito da Alpaca. Em função do extenso uso deste material em cabos e outros elementos constituintes de uma faca.

Há um mito ou lenda a respeito da Alpaca, o de que ela foi inventada na Europa.

Na realidade ela foi criada na Índia e/ou na China. Trazida por comerciantes para a Europa sob a forma de utensílios, lá pelos anos 1700 – Século XVIII. Tinha então, diversos nomes exóticos: Tutenag (Índia, por vezes o metal Nickel vindo daquela região tinha este nome). Na China: Paktong, Pakton, Pakfong, Packfong, Paitung, Paitun, Baitun. No ano de 1840, na Inglaterra e na Áustria (que englobava a Alemanha, ao menos em parte), a partir da busca por um substrato prateado a ser banhado em prata ou ouro, surge a EPNS e a Alpacca. Assim mesmo, com dois "c" (s).

Poucos anos depois, nos USA o seu uso se populariza sob diversos nomes e ou marcas: Afgan Silver, Austrian Silver, Brazilian Silver, Mexican Silver, Nevada Silver, Potosi Silver, Tyrol Silver, Venetian Silver, Silverite.

Os ingleses não ficam atrás. No final do Século XIX (1800), entre empresas americanas e inglesas, contam-se mais de 30, fabricando Alpacca, Nickel Silver ou German Silver.

Outros nomes desta época seriam: British Plate, Albata, Virginian Plate, Argentan, Alpakka e Alpaka. Na França a imaginação para dar nomes ao novo material fornece coisas como: Maillechort, Electruon e outros.

Uma destas ligas de "alpaca" foi "inventada" em Lyon – França, em 1858 pelos Senhores Maillot e Chorier que, parece a chamavam de argenton ou argentan.

Muito cedo, na História européia deste material, o que surge é uma família de ligas. A mais comum hoje é a liga número 752 composta por 65% de Cobre, 18% de Níquel e 17% de Zinco.

Eventualmente outras ligas metálicas ou composições metálicas (caso da Sheffield Plate) podem ser encontradas em facas e suas partes e peças constitutivas: Goldoid, Monel, Cupro-Nickel (todas usadas também ou principalmente em numismática e utensílios de luxo – caso do Goldoid); Gun Metal (família do Bronze, cor escura), Pinchbeck (família do latão), Spelter, Tutonia (natural de Birmingham), Britannia Metal.

É raro e denotativo de artefatos de segunda categoria, mas também se encontra incorporado a facas as ligas do famoso PEWTER inglês. Britannia

Metal é uma delas. Outras seriam: Gar-Aloy e Eraydo e mesmo Pewter. São ligas à base de antimônio e zinco. Que são moles e, algumas têm a desagradável tendência a, praticamente, se desmanchar por oxidação. Principalmente quando, por economia se usou chumbo na liga.

A não menos famosa e já mencionada Sheffield Plate é um processo de laminação, soldagem por compressão a quente de camadas de prata e cobre. Ficando, é claro, a folha de prata, por fora. A Sheffield Plate é um processo desenvolvido em 1742 por Thomas Bolsover.

Para terminar é necessário mencionar os cabos que eram forjados e posteriormente estampados junto com lâmina. Ou seja, uma peça única, inteiriça : lâmina e cabo. Também é uma solução antiga. E, aqui no Brasil, este escrevinhador só conhece umas facas industriais pequenas, feitas desta forma lá pelos meados do Século passado.

Capítulo 4

Lâminas e Civilização

Talvez o conceito de civilização não seja o mais apropriado posto que nem toda cultura e/ou etnia merece este status. E, como ocorre com freqüência, há culturas e etnias que fizeram largo uso de lâminas. Lembrando sempre que um fato pode ser determinante na adoção de uma lâmina por uma etnia ou por uma cultura (ambas diferentes de uma civilização) qual seja : o contato. Padrões culturais, objetos, materiais, usos e costumes, a partir de um contato, podem gerar a absorção.

Cabe explicitar que uma civilização é algo muito amplo, no tempo e no espaço. Uma civilização, por vezes, engloba multidões de culturas e etnias. Sendo este o caso da Civilização Ocidental.

Em todo caso, vamos lá buscar nossa velha conhecida a História, e tentar refletir a respeito de lâminas e suas possíveis ligações com civilizações. Isto por que a História nos fala de acontecimentos, usos e costumes de civilizações e mesmo de etnias e de culturas. E dos artefatos que geraram.

Mas sempre há problemas. A História que conhecemos e estudamos tende a ser um conjunto de informações simplificadas e, boa parte das vezes, trazendo em seu arcabouço, visões de mundo distorcidas. Cabe lembrar que há a História dos vencidos e aquela dos vencedores. E, a História que estudamos é ocidental. Ou seja, a História de vencedores, pois a civilização ocidental (se é que isto existe) sempre teve um viés de superioridade.

Um bom exemplo de distorções introduzidas na História é a nossa conhecida Guerra do Paraguai ou da Tríplice Aliança. Quem tiver curiosidade a respeito pode procurar o livro: Maldita Guerra – Nova história da Guerra do Paraguai, de Francisco Doratioto, Editora Companhia das Letras, 2002.

Ou então, que se pesquise um pouco mais a face negra das nossas Entradas e Bandeiras.

Estes percalços são parte, quase sempre, implícitos nas ciências ditas humanas. Percalços ou visões de mundo distorcidas que implantaram em nossas mentes, inverdades, verdades parciais, preconceitos e estereótipos, inclusive no que se refere a, por exemplo, metalurgia, armas brancas e facas.

A História Moderna ou Contemporânea

Hoje, na Europa, e na América do Norte está em desenvolvimento uma autêntica revolução que tem início em meados do século passado. É o aprimoramento da Arqueologia, da Lin-

güística, da Etnografia, da Antropologia e de outros ramos da ciência As descobertas trazidas por tal revolução têm como resultado a revisão isenta de fatos, usos, costumes, etc, alterando substancialmente a percepção e o conhecimento de acontecimentos históricos.

Nos nossos dias, sabe-se que alguns heróis nacionais não seriam pessoas com quem se gostaria de conviver. Sabe-se que batalhas, guerras, foram vencidas ou perdidas devido a erros crassos ou à intervenção do acaso. E por aí vai.

Um tema ainda pendente da solução de controvérsias e relevante para o escopo destas linhas é a Idade dos Metais. Achados arqueológicas e registros escritos parecem mostrar que o homem lançou mão dos metais e de suas ligas aqui antes do que se tinha como certo, ali depois.

Sabe-se que as lâminas evoluíram neste ou naquele sentido, ou desapareceram, devido a novos materiais, novas técnicas, desaparecimento de atividades humanas, surgimento de novas atividades humanas, acontecimentos históricos e grandes movimentos históricos como a expansão da "cultura" indo-européia e da colonização direta e indireta de boa parte do mundo pela civilização ocidental.

A Inglaterra é um bom exemplo. Os súditos de sua Majestade passaram a esmiuçar sistemática e persistentemente o seu passado. O que se sabe, hoje, da velha Albion, segundo tais estudos é que a região passou por processos culturais resultados de sucessivos movimentos históricos. A chegada de tribos Celtas; a chegada de Saxões, Normandos, Romanos e com estes últimos os Francos, Ibéricos, Germânicos, etc.

Os habitantes autóctones da Ilha (ou das Ilhas), em estágio Paleolítico ou Neolítico, é claro, não tinham lâminas de metal. Mas os Celtas acabaram trazendo-as e os que vieram depois, também.

O que seria uma faca inglesa de hoje ou do século XIX? Um amálgama do que tinham estas culturas? A sobrevivência de um dos diversos artefatos por elas trazidos? Há uma faca que se possa dizer inglesa? Creio que não. Creio que existam diversas. O mesmo se aplica a grandes extensões geográficas do nosso mundo.

No entanto esta História Contemporânea ou Moderna, não se ocupa muito de lâminas. De sua evolução, desaparecimento. E de outros fenômenos como o das adaptações.

É emblemático da ADAPTAÇÃO o que fez um certo Senhor Camel, de La Guiolle, na França, nas primeiras décadas do Século XIX (1800).

O Senhor Camel adaptou uma lâmina local, a "capuchadou" (ou algo parecido), à "navalla" espanhola e criou um ícone da cutelaria contemporânea – o canivete Laguiolle. Veja-se abaixo o que era este(a) precursor (a) do Laguiolle.

I -41

Notar que se trata de um canivete. Dimensões ignoradas.

Para quem se interessa um pouco mais, há fortes indicações de que a "navalla" espanhola (ou faca catalã, querem alguns) teria, a seu turno, evoluído de uma faca de lâmina fixa. O assunto é debatido na Europa, sem conclusão.

Quais as raízes históricas da faca ou da lâmina enquanto objeto de uso humano com características perfuro-cortantes? Para responder só nos resta (como já foi dito), recorrer a artefatos pré históricos com estas características : as "lesmas" da Arqueologia.

I -42

A imagem acima é de uma "lesma" com seu cabo de osso. Tenho dúvidas quanto à real antiguidade. A fonte não indica onde foi encontrada, por exemplo.

A Faca Chinesa, Um Exemplo

Vamos a um caso um tanto excepcional. Com o surgimento, na China, da metalurgia dos metais não nobres, cobre e depois bronze, pode-se arriscar (o papel aceita tudo) e dizer que surgem dois "tipos" de faca. Uma cópia aperfeiçoada e muito difundida do velho padrão da Idade da Pedra e… algo sui-generis-a faca chinesa de formato trapezoidal. Talvez o artefato mais antigo dentro deste universo das lâminas.

Mas este artefato trapezoidal demora um tanto a ser A FACA CHINESA. E é difícil e arriscado afirmar que ela é chinesa. Por um lado a China é, desde tempos imemoriais, outra amálgama sócio político e cultural de diversas etnias e/ou culturas. Hoje em dia são mais de 50 etnias. Por um outro lado a civilização CHINESA é a DIFERENTE. É o que assevera Marcel Granet em seu livro O Pensamento Chinês, Ed. Contraponto, de 1997.

Diferente ou não a civilização chinesa não ficou imune, como outras, à mudança de seus padrões devido à introdução de novos materiais, por exemplo. O que resulta em diversas lâminas, facas.

Mas, o arcaico formato trapezoidal persiste, conservando-se até recentemente – final do século XIX e início do século XX.

Infelizmente a China foi palco de grandes e profundas mudanças sóciopolíticas (e culturais) É do século XX a ocorrência de um corte na cultura chinesa. Corte este que impede, hoje, uma visão contínua da evolução ou da conservação de padrões, estilos, etc. Inclusive no que se refere a facas.

Há, em acervos ocidentais, exemplares de lâminas chinesas. Entretanto estes exemplares foram obtidos, coletados, durante uma curta janela de tempo. A China foi uma civilização fechada e/ou pouco receptiva a estrangeiros A não ser por breves e tumultuados períodos. Por outra vertente, exerceu influência plenamente detectável em outras culturas e/ou civilizações de suas vizinhanças.

Cabe ressaltar que China, Koréia, Japão,Mongólia, Tibete, Ceilão, Indonésia, etc, fazem parte de um mosaico de culturas/civilizações que exerceram influência mútua ao longo de milênios. Estas influências, cruzadas e entrecruzadas vão mais longe do que se possa imaginar numa primeira varredura. Para se ter idéia, a arte marcial japonesa do Sumo teria seu ancestral numa forma de luta mongol.

Os povos mongóis tinham sua base territorial bem para o interior, milhares de kilometros afastados do mar e do Japão. É claro que, num passado longínquo, eles, os mongóis, dominaram a China.

Mas, voltando ao artefato trapezoidal, reto ou curvo que chamamos de faca chinesa, o interessante é que seu formato subsiste até hoje em regiões próximas à China continental. Como faca e como facão de uso variado.

Vale o registro de que estas vastas regiões: China, sub continente Indú e Sudeste Asiático, sem esquecer a região dos Himalaias assim como grandes ilhas e arquipélagos próximos, nos trazem uma quantidade de lâminas "exóticas". Algumas com raiz de fundo religioso como parece ser o caso do Kris malaio. Duplamente "exótico" posto que no passado nem tão distante, sua lâmina era feita a partir de ferro meteorítico, um material com propriedades mágicas, para aqueles povos.

Infelizmente esta grande variedade tende, lentamente, ao desaparecimento. Conseqüência

da industrialização e, mais de nossos dias, da globalização. Algumas lâminas destas regiões subsistem apenas em coleções. Ou pior, em artefatos rudimentares feitos para turistas. O que vem aser o caso de grande número dos famosos Koukris nepaleses, "made in Índia" que encontramos em feiras e até mesmo em antiquários por aqui.

Na realidade, depois que a arma de fogo – revólver, pistola ou o sempre presente AK-47 se difundem, realmente não há mais muito sentido para lâminas. A não ser em nichos de atividade humana. Como a atividade dos colecionadores, por exemplo, que freqüentam feiras de lançamento de novos modelos de fabricantes ou de artesãos e não conseguem se conter, compram.

De modo mais abrangente o que parece ter ocorrido é que a faca, de certa forma, retornou para conjuntos de atividades como a agropecuária.

Semelhanças Entre o Ocorrido na China e em Outras Partes

Há algumas semelhanças entre o que ocorreu (e ocorre ainda hoje) naChina, Índia, Himalaia, Indonésia, Japão, Koreia, Sudeste Asiático, Oriente Médio, etc e a vasta extensão territorial da Rússia. Sublinhe-se, certas semelhanças.

A Rússia, enquanto Rússia e não mais União Soviética, é outro cadinho de etnias e culturas, algumas até mesmo com literatura e língua próprias. Outra vasta região submetida a um grande e avassalador movimento histórico de cunho político que resultou em isolamento e em corte, ruptura de padrões, usos e costumes e formatos de facas dos quais pouco ou nada se sabe. E, mais recentemente, da redescoberta de um material muito interessante : o aço BULAT.

Aliás, uma redescoberta posto que consta que este material foi utilizado em cutelaria, na Rússia, até o século XV (1400).

Exceção feita de alguns "tipos" famosos como as longas facas dos cossacos. Por exemplo, ou as adagas ou punhais georgianos. Realmente, pouco se sabe de mais substancial a respeito de lâminas russas.

Mas a Rússia é, como já se disse, a terra do aço Bulat e de belos artefatos feitos com este aço de cadinho (semelhante ao dito de damasco), antes e depois da técnica de obtenção deste aço ter encontrado excelentes artesãos russos e daí resultado em lâminas belíssimas.

Na África Saariana e sub saariana, o ou os processos históricos foram de outra natureza. As etnias, culturas e civilizações simplesmente não tiveram tempo.

É claro que na África houve formatos e mesmo processos de manufatura artesanal únicos. Entretanto, o processo de colonização, que não foi exclusivamente ocidental/europeu, foi avassaladoramente destrutivo. Infelizmente a memória daqueles formatos está preservada, no mais das vezes tardiamente, e num dos piores meios de preservação – o iconográfico.

Por exemplo a grande lâmina dos Niam-Niams, aguerrida etnia do Sudão oriental Que nome tinha, de que era feita, como era feita? Só nos restam desenhos feitos por viajantes europeus do início do século XX e um ou outro exemplar em coleções européias ou em reservas de museus. Exemplares que diferem entre si em detalhes e em medidas.

Viajantes europeus. Praga ou benção? Difícil dizer. Houve muita atividade francamente predatória (estes viajantes vez por outra como que agiam predatoriamente, trocando miçangas por artefatos culturais) lá pelo final do século XIX (1800), início do XX. Mas, eram os hábitos

da época.

Contudo, o benefício está nas coleções ditas "etnográficas" de museus europeus e norte americanos. Acervos enormes e nem sempre confiáveis (devido aos métodos de coleta-anotações vagas a respeito de local e condições de coleta, ou ausência total de anotações) entre os quais figuram alguns artefatos (a serem devidamente estudados) ditos "de aço".

Antes da introdução do aço na África pelos europeus, a metalurgia local chegou ao aço? Na costa mediterrânea e na do Pacífico, possívelmente. Mas nestas regiões o que aconteceu foi resultante da expansão do Islã. E antes disso, na costa do Pacífico, de contatos, diretos e indiretos com a China e coma Índia e ou com suas esferas de influência. De todo modo a tecnologia do ferro era muito bem conhecida.

Nas Américas aconteceu algo semelhante ao ocorrido na África. A partir de 1492 a forma bastante violenta de colonização européia rompe e apaga a possível evolução de diversas culturas e etnias em direção à civilização. É claro que hoje, as discussões estão abertas quanto a civilizações nas Américas. Algumas das culturas encontradas pelos europeus tinham escrita, um marcador de civilização.

As facas, como as entendemos, nas Américas, infelizmente, são européias. A exceção é a de facas religiosas, os tumis, por exemplo. Feitos com uma liga de cobre, em alguns casos. Mas os tumis e muitos outros artefatos sofrem de um grande mal. Foram roubados de túmulos. Ou seja, pouco ou quase nada se sabe ao certo a seu respeito. Exceto que eram de uso religioso.

Os citados TUMIS tinham uma solução de lâmina interessante, em forma de "D" com a borda arredondada afiada. Curiosamente há lâminas africanas com geometria semelhante. Trata-se de mera curiosidade. Não houve astronautas do passado ensinando povos geograficamente separados a fazer lâminas assim ou assado. Por uma outra vertente, um Tumi, pode ser visto mais como um machado que qualquer outra coisa.

Na América do Norte, o resultado de escavações arqueológicas nos revelam artefatos – como machados, de cobre.

E na Europa? Grande diversidade. Muitos povos europeus atingiram o estágio de civilização. Ou seja, passaram a fazer parte da civilização ocidental. Mas estes povos tiveram de um tudo, menos uma história tranqüila. É o que se depreende, por exemplo das etapas iniciais da história do que chamamos de gregos. Muitos gregos foram"civilizados" a ferro e fogo. Ou, a bronze e fogo. Alguns, desapareceram. Outros foram absorvidos de tal modo que de suas culturas originais pouco restou.

O universo das lâminas européias é bom exemplo para a constante evolução das lâminas. Como já se disse, no contexto de uma civilização, cultura ou etnia, salvo acidentes de percurso, as lâminas evoluem e mesmo desaparecem. Como a nossa Lapeana. Pois bem, na Europa é alentado o número de lâminas (facas) que desapareceram ou evoluíram de tal forma que seus formatos originais são de difícil recuperação.

Um dos problemas que afeta o trabalho de Etnógrafos, de colecionadores sérios e de apaixonados pelo tema é que grande parte destas lâminas existiu em regiões delimitadas e, é lógico, portavam nomes, designações locais, muitas vezes no dialeto local. O que muitos dicionários de época, simplesmente ignora ou distorce.

Impérios e a Imposição de Padrões

Hoje a "faca grega" tem mais a ver com padrão oriental-islâmico, ou árabe (se é que se pode fazer esta enorme e injusta redução) do que com o artefato ou artefatos, da Grécia antiga. Possível resultado da forte e prolongada influência do Império Otomano. E antes deste, da presença e influência indireta, oriental, através do Império Romano do Oriente (Bizantino, Bizâncio) e do Império Persa.

O que nos leva a outra "civilização" cuja pujança como que passou um autêntico rolo compressor mundo afora. Romanos. Um rolo compressor e homogeinizante. Temos a natural tendência de "ver", quando se fala em romanos, um indivíduo enrolado naquela panaria branca e a seu lado um garboso legionário armado ate´os dentes. Não era só isto. Havia o "roman way of life".

Esta maneira de ser ou de viver "a la romana" importava em um bom número de artefatos …lâminas, facas. Além da adaga e/ou da faca que os legionários gostavam de ter à cintura para pequenos serviços e atividades do dia a dia. Cujo nome é Pugio e que se tornou comum nos estertores do Império Romano do Ocidente. Registrando-se que o referido Pugio não fazia parte da relação de itens, (que Mário, um general romano preocupado com a "logística,") que um legionário deveria carregar.

Quem fala em romanos além de falar do Pugio, não pode se furtar a falar do Gládio. Os romanos eram utilitários. O nome completo do Gládio, a "espada" romana é: "gladius spanicus". Uma arma que os romanos adotaram depois de ter desagradáveis surpresas com as armas dos guerreiros ibéricos. Arma que diga-se de passagem, passou por diversas transformações e adaptações ao longo do tempo.

A maneira de ser dos romanos oscilava entre o genocídio e a prática de absorver e usar o que julgaram adequado nas culturas e civilizações que encontraram pela frente.

Não fosse assim e até hoje teríamos uma multidão de temas, usos, costumes e mesmo lâminas cartaginesas. Ou seja tendo por base um território africano e de origem real ou mítica na cultura Fenícia.

Falta alguma civilização e ou Império, destas de encher os olhos? Falta. A egípcia.

Em alguma parte destes escritos menciono a adaga encontrada no túmulo de Tut Ankamon. Um precioso objeto feito de ouro endurecido. Artefato cujo formato variou pouco ao longo de diversas dinastias.

O problema é que diversas outras lâminas coexistiram com a bela adaga. Espadas por exemplo. Estas variaram de feitio. E bastante. Facas? Claro que sim. Nosso bom L. Gazinhato se deu ao trabalho de difundir a descrição e fotos de uma faca de bronze egípcia que andou aqui pelo nosso país como parte de uma coleção de artefatos em exibição itinerante.

Há milênios passados, os egípcios tiveram o dissabor de encontrar com os hititas. Um povo belicoso e que dominava bem técnicas de uso do ferro. Passada a tempestade os egípcios, também espertos e utilitários, integraram a tecnologia do ferro a seu vasto arsenal de conhecimento.

Impérios Comerciais

Permitam que se faça um salto no tempo e passe-se a explorar algo mais próximo enquanto possíveis ligações entre civilização e facas. Vamos explorar um tema que muitos insistem em jogar para baixo do tapete: comércio.

Quando os cuteleiros de Solingem – e de outros centros cuteleiros europeus, passaram a dispor de catálogos de amostras muito bem ilustrados com desenhos (e aquarelas) de seus produtos, a "percepção do negócio" cutelaria havia mudado. As razões para a mudança eram muitas. Solingem não era mais um guilda medieval. Processos de produção em quantidade estavam surgindo, era imperioso recuperar o prestígio e o alcance da "marca", etc.

O que haveria por trás desta nova postura?

Ao que tudo indica, o reconhecimento de uma nova força : o comércio organizado em grandes empreendimentos. A ponto de alguns destes empreendimentos poderem ser vistos como IMPÉRIOS de fato. As primeiras multi ou transnacionais.

Desde a Antiguidade Clássica que, aqui e ali se encontram referências a "grandes comerciantes". Ou a comerciantes de sucesso, ou muito ricos, etc. E os resultados de suas atividades era, por exemplo, encontrar-se artefatos marroquinos na Alemanha. Ou seda chinesa na Europa. Ou coral mediterrâneo difundido Europa afora.

Em algum período da Idade Média européia estes "grandes comerciantes" dão início a uma transformação no modo de tocar seus negócios. Não cabe levantar, aqui, se isto se deu em Gênova, Veneza, Amsterdam ou outro lugar qualquer.

O fato é que a geografia passou de um patamar impeditivo para um outro de caráter incrementador. O comércio se estendeu, abarcando o mundo. Era muito lucrativo comprar algo aqui para vender lá, onde o Judas perdeu as botas.

Os grandes comerciantes passaram a atuar, organizadamente, atingindo "mercados" geograficamente muito distantes. Seus negócios adquirem também um caráter quantitativo – grande massa de produtos.

Este processo, sumariado acima, termina na criação das grandes Companhias que passam a explorar o comércio com as possessões coloniais européias.

Fantasiando um pouco: "o meu caro amigo, que tem negócios ou está indo para o Brasil, quer facas? Eu posso fornecer. Encho seu navio com facas. Se você quiser entrar em sociedade comigo, freto navios para levar facas para lá. Se você quiser se tornar meu sócio, construo e opero navios para levar facas para lá".

Estas Companhias, aos poucos, vão adquirindo de navios a terras. Por meios pacíficos e não tão pacíficos assim. Ao final, elas passam mesmo a dispor de milícias e exércitos, além de navios mercantes e de guerra. E de um

grande poder no sentido de impor o ou os padrões das facas que viriam para oBrasil, TAMBÉM.

Passavam um tempo reunindo as benditas facas no porto tal, facas encomendadas a Solingem ou a quem fosse e depois as embarcavam para cá. Pelo que se percebe de documentos da época, se o assunto eram facas, estas eram compradas aqui e ali, pelo melhor preço e embarcadas todas juntas para cá.

Estas Companhias representaram o ápice de um modo de fazer comércio.

Aqui no nosso país, temos boas e más lembranças delas, nem sempre explicitadas.. Seria o caso do empreendimento comercial que foi a invasão e o domínio de Pernambuco pelos holandeses. O início desta aventura comercial foi brutal : o bombardeio naval de Olinda. Por estranho que pareça, hoje há uma tendência no sentido de valorizar, por um lado, as facetas culturais desta invasão, e pelo outro o heroísmo dos defensores da terra. Há uma percepção meio ambígua, não parece? Ambígua? Sim, bastante. Parece que os nossos heróis da expulsão dos holandeses teriam motivações como a dos antigos "senhores" das terras, lusitanos. No período anterior, quando estas Companhias ainda não se haviam formado, grandes "casas comerciais" cumpriam, em parte, este papel.

Depois que estas mesmas Companhias desapareceram, ou se enfraqueceram, outras grandes casas comerciais preencheram o vazio que deixaram.

O poder de "formar mercado", de certo modo impondo um ou diversos padrões de mercadorias, entre elas, facas, é muito subestimado.

Não é possível senão fazer estimativas. Mas, a princípio centenas e depois milhares de toneladas da artefatos de aço, entre os quais facas, foram desembarcadas em nossos portos coloniais por ano. Entre 1500 e 1822, ano de nossa independência e em pleno século no qual a maioria dos tipos de facas que temos por aqui já estavam fixados.

Da mesma forma, só é possível fazer estimativa grosseira a respeito das "importações" de aço. No caso, ele, o aço, vinha junto com ferro. A estória é

conhecida. O imposto para ferro era um, para aço, outro. O descaminho, a atitude de lesar o fisco do governo colonial era uma "moda" que, infelizmente, pegou.

Uma nota, comércio organizado e em grande escala teria mais a ver com civilização que facas.

Ordem de Importância e Cutelaria

Em definitivo, o que lâminas têm a ver com civilização? Vamos deixar de lado nosso fascínio por facas. Lâminas têm muito pouco a ver com civilização. Na ordem de importância das ciências que estudam o homem e sua história, facas, lâminas, cutelaria, ficam lá em baixo. Diria que a metalurgia é muito mais importante. E depois dela, pela ordem, a armaria – artesanato ou fabricação de armas.

A metalurgia seria um marcador de civilização. Lâminas, facas, não. Para a Arqueologia de hoje, ao que me parece, há um segmento mais importante, já apontado: armaria. Como, de quê, eram feitas as armas? É questão alguns níveis acima da cutelaria-feitura de pequenas lâminas e outros objetos metálicos menores.

Veja-se bem. Aqui e ali, em meio ao grande número de informações registradas pela História encontra-se uma que outra referência a fatos históricos que têm algo a ver com lâminas. Mas são, sempre periféricos. Não é o caso das modificações feitas no capacete dos legionários romanos para resistir melhor aos golpes de uma "espada" de um determinado povo a ser definitivamente conquistado. Ou a relatos de cruzados a respeito da superioridade do material de que eram feitas as espadas sarracenas feitas em Damasco. Adiantou de muito pouco, historicamente, terem os sarracenos espadas de melhor qualidade e mais leves. Assim como, no final, adiantou de muito pouco o fato de os cruzados europeus estarem armados com espadas enormes, pesadas

e que literalmente rachavam o inimigo ao meio.

Para apaixonados por lâminas resta a informação de que Damasco foi um centro cuteleiro de excelência. E bastante confusão a respeito do famoso "aço de damasco".

Ao Final, a arte da Cutelaria e suas Soluções

Aceite-se que cutelaria define o domínio de técnicas de feitura de facas. Sabe-se que não é bem isso.

É evidente que uma civilização ou uma cultura, dadas suas características, a região onde surge (base territorial), a sua base econômica, e outros atributos, gera uma lâmina ou lâminas com "estilo" individualizado. O que, a seu turno pode nos levar a grandes confusões. Tome-se as facas "Khiber". Um formato diferente de tudo. Mas espalhado numa região que não se restringe ao vale ou passo do Khiber. No Afeganistão atual.

Ao que tudo indica, o que há de mais consistente são soluções encontradas pelos cuteleiros. Que sempre levam em seu bojo a cultura ou civilização envolvente.

Assim, o artesão cuteleiro do Nordeste do Brasil encontrou uma solução para o "estilo" de suas facas. O cuteleiro de uma região do Paquistão/Afeganistão encontrou a sua : estilo Khiber.

Origem dos Formatos, Uma Hipótese

Venho de dizer – o que é diferente de afirmar, que os artesãos acabam por encontrar a melhor solução para suas lâminas. Artesãos contextualizados, imersos numa determinada cultura, civilização, etnia. Artesãos posto que a cutelaria foi, durante um tempo muito alentado, uma atividade artesanal.

O que parece ocorrer é que haveriam pelo menos duas ou três "categorias de lâminas. A primeira delas seriam as lâminas de uso no segmento da caça/coleta e depois na agropecuária.

Desta primeira categoria se originam lâminas de uso religioso. Bastante específicas. Ou nem tanto, bastando que um formato seja "adotado" para práticas religiosas. Basta ver na net, a história da Falcata.

Finalmente há a categoria da "vala comum". Lâminas de uso geral. Aquelas que por um conjunto de características melhor se adaptam a usos variados, com eficiência. Depois da Revolução Urbana, quando o homem finalmente decidiu viver em cidades, uma outra categoria surge, a das lâminas ou facas específicas dos diversos tipos de atividades artesanais urbanas – como a do açougueiro, por exemplo.

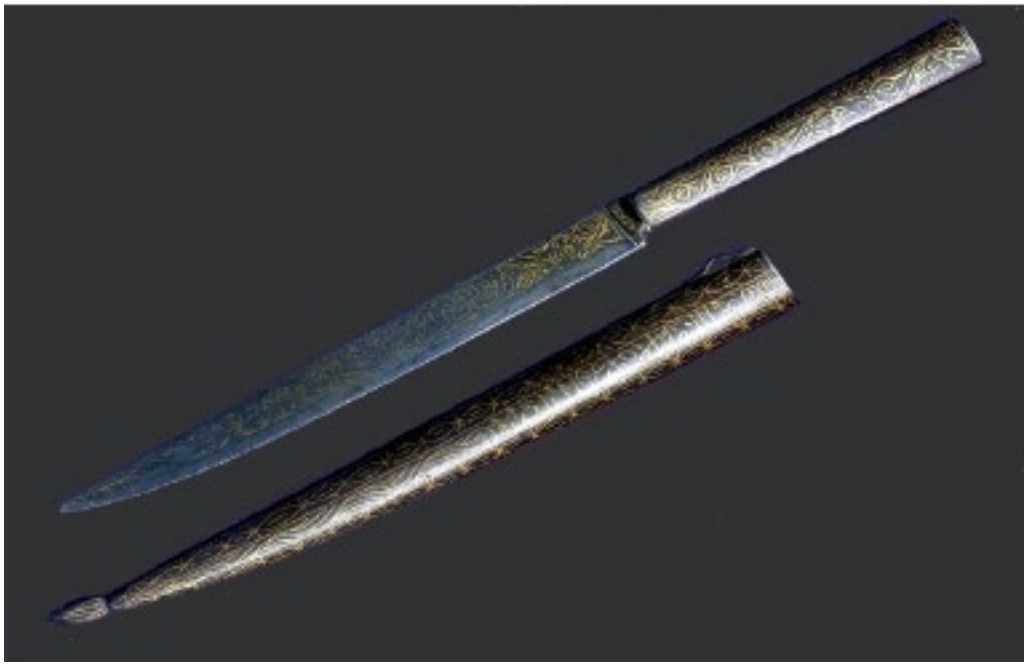
A HIPÓTESE, portanto, é no sentido de que cada civilização, cultura ou etnia criou suas soluções. A faca KHIBER, não surgiu à toa. Ela se fixou como formato, dentro de uma cultura, dentro de uma base territorial e em função de materiais, etc como a melhor solução artesanal para uma lâmina destinada a este ou aqueles usos.

Fixou-se, também, a partir de um universo de lâminas pré existente na civilização, cultura ou etnia/região (a tal base territorial), oriundo de diversos conjuntos de atividades: caça e coleta,

agropecuária, etc. E, posteriormente, a partir de um outro segmento de atividades que evoluem a partir do momento em que o homem se fixa em cidades, nelas desenvolvendo um outro conjunto de atividades e, é claro, o comércio.

Deste longo processo de evolução podem surgir lâminas de muita simplicidade, quanto à sua forma, como os KARDs da região do Cáucaso – ver peças 7,8, 9 e 10 da obra: Catálogo da Coleção de ADAGAS de F.A.B. Coutinho editada por Laerte E. Ottaiano em S. Paulo, 2006. Ou muito rebuscadas e complexas como os KRIS malaios e Indonésios. Assim como as nossas gaúchas, Sorocabanas, Curvelanas, etc

I -43



Acima, imagem de um Kard de certo luxo. Peça iraniana, Séc. XIX. Os Kards têm uma característica, lâmina e cabo são uma peça única.

Exotismo e familiaridade

Não parece restar dúvidas quando se coloca lado a lado duas lâminas tão diferentes como as duas assinaladas acima: o Kard e o Kris. O Kris é, a nossos olhos ocidentais, exótico. Assim como bom número de outras lâminas. Já um Kard nos parece familiar, à feição ocidental.

Nossa civilização judaico-greco-romana-cristã, ocidental, foi profundamente marcada pelo viés do racionalismo. Em aparente conseqüência (não sou credenciado para afirmações categóricas a respeito) adotamos a, de novo, aparente, simplicidade. As linhas retas para lâminas seriam um exemplo.

Em contraponto, o que não é lá muito retilínio nos parece exótico. Isto, é óbvio, hoje. Tendemos a esquecer, por exemplo o estilo rococó, tão rebuscado. E, o Kard. Que seria um oponente estilístico da mania por objetos curvilínios.

Curiosamente esta tendência parece toldar nossa visão. Não percebemos com a devida cla-

reza o elemento curvilínio de um dos formatos de lâmina mais difundidos entre nós. Que seria A SOLUÇÃO ADOTADA DE HÁ MUITO PARA A PONTA DA FACA DE CAÇA. Cujo ponto alto teria sido a famosa BOWIE que de nada adiantou para seu dono e inventor, morto noÁlamo.

Faca de caça, de mato ou sua derivada militar a K Bar da II Guerra Mundial e tantas lâminas saídas do ambiente cultural ocidental, na contra mão de tantas outras "orientais", asiáticas ou o que sejam, que são essencialmente retilíneas mas são consideradas talvez apenas por isso, por sua origem, exóticas.

O substrato mental que nos leva a "ver" exotismo seria, apenas uma postura mental. Basta saber-se que esta ou aquela lâmina é asiática para que coloquemos nossos óculos ocidentais com as lentes da não familiaridade.

A postura mental assinalada acima constitui um obstáculo a ser ultrapassado. Ela nos impede de ver o essencial: a forma majoritariamente retilínia que nossos artesãos cuteleiros adotaram como solução há muito tempo, é a mesma que se nota em artefatos de outras culturas ou civilizações.

O que se pode retirar das considerações acima é que as técnicas básicas empregadas por qualquer artesão cuteleiro, seja ele quem for e aonde estiver, são as mesmas ou muito semelhantes. Ao menos nos dias de hoje, nos quais os "segredos da profissão" tendem a aparecer na net. Se o formato nos parece exótico, é apenas isto, parece exótico. O artefato foi feito exatamente da mesma maneira, respeitando técnicas básicas. Apenas sendo adequado a necessidades de uso.

Apenas para ilustrar até onde pode chegar o suposto exotismo. Duas Koras, hindús, século XIX. São armas e o objetivo era dispor de uma ponta pesada e capaz de romper as proteções de cabeça e ombros do oponente.

Deve ser assinalado que, aqui em nossas terras, a exceção fica por conta da eterna Sorocabana. Cujas principais variantes são curvas. Em contrapartida resta-nos o "mistério" da Curvelana. Há autores que sujerem que a Curvelana descende dos "Sax" europeus.

Falou-se em curvas e a opção por artefatos curvos que aparentemente foi feita pelos artesãos cuteleiros orientais. Há muito exemplo de lâmina com geometria tendendo ao retilínio por lá. Mas, esta é uma outra questão.

O assunto que se aborda a seguir tem mais a ver com civilização e sua ligação com facas.

Muito embora possa ser visto como um modismo que afetou a Europa.

Por uma outra vertente, moda, o fato de um estilo disto ou daquilo, uma moda, passar a ser valorizado, também seria um marcador de civilização, que me corrijam se estiver errado.

O que acontece é que na Europa do Século XIX, por um lado passou-se a valorizar artefatos europeus antigos. Dando início à moda de fazer réplicas inclusive de armaria e lâminas do passado europeu. Por outro, tem início uma moda "orientalista".

Uma moda orientalista que vai do tecido, das roupas, passando pelas drogas : ópio, haxixe, chegando mesmo ao religioso -uma grande corrente esotérica de inúmeros desdobramentos que repercutem até hoje, passa a ser lida, estudada e praticada pelos europeus.

Menciono uma atitude ou crença religiosa pois isto tem a ver com camadas nossas muito profundas. Se esta moda chegou até lá, é porque foi muito forte e difundida.

E onde encontrar esta moda orientalista no nosso país, no Século XIX? Há uma evidência iconográfica. A idílica cena retratada por J.B. Debret de um amante pulando o muro da varanda, tendo na cintura uma faca inconfundivelmente oriental.

Por obséquio, estamos longe de sequer sugerir que este modismo tenha influído na conformação de alguma lâmina brasileira. Ao que parece, era muito tarde. Nossas facas clássicas, no dizer de L. Gazinhato, já tinham a geometria de suas lâminas definidas.

O ponto a ser ressaltado é o de que civilizações, ou ao menos seus núcleos (embora difusos) como seria o caso da Europa, podem sofrer outras influências aparentemente superficiais. Nestes momentos, o exótico é aceito. Mas, modas passam e a tendência é voltar-se aos padrões anteriores.

Em termos de cutelaria, de facas, moda seria o uso do aço de damasco,por exemplo. Moda que começou, fora de nosso país, há pelo menos trinta anos ou mais. Ou ainda a moda japonesa do Tanto. Que hoje é um desenho de lâmina presente até mesmo em cutelaria industrial.

No início deste último tópico, quando se falou na racionalidade da civilização ocidental e depois, aparentemente se descambou para subtemas estranhos, a intenção é a de levar os interessados a apreciar uma faca por outros ângulos. A dispor de elementos que, no nosso entender, fariam parte da ou de uma cultura da faca. Ao menos uma cultura mais abrangente. E restrita, exclusiva. Dos apreciadores destes objetos.

A solução retilínia, o predomínio de linhas retas nas lâminas pode ter uma outra abordagem. Menos exótica. Teria a ver com a industrialização e seu passado remoto em termos de cutelaria, quando os centros cuteleiros europeus começaram a se interessar, como estratégia de sobrevivência face a concorrência comercial, pela produção de grande quantidade.

Produzir uma lâmina, industrialmente ou em grande quantidade (como era ou passou a ser o objetivo de Solingen, Sheffield, Toledo,etc), é muito mais barato se o artefato tiver linhas retas.

Esta seria uma verdade? Diria que foi. Hoje a indústria domina processos e técnicas que lhe possibilitam fabricar em massa, lâminas com as mais complicadas geometrias. Contudo, industrial algum se lança na produção do exótico pelo exótico. A indústria tem imperativos comerciais a ela acoplados.

Mas há lugar para de um tudo. A indústria cuteleira da China Nacionalista, aproveitou um modismo (parece que retirado do Manga japonês) e lançou facas realmente estravagantes. Baratas, de qualidade no mínimo duvidosa. Vendeu como água.

Quem é apaixonado por facas e tem um olho clínico mais voltado para o futuro, não se furtou a colecionar estes itens. Como meu bom amigo e colecionador Cláudio Martins Fialho.

Qual é o mal? Quem manteve funcionando aquêle carrinho, a ROMIZETTA, hoje tem uns trocados no mercado de colecionadores de carros.

Falando em exótico e não exótico é bom ressaltar que, ao menos em parte, fala-se, também em estilo. Em alguma parte destes escritos falou-se que os estilo espanhol era mais rebuscado, em contraposição ao português que seria mais contido, mais enxuto. Exemplo deste rebuscado na cutelaria espanhola não falta. Veja-se abaixo.

I -44

A foto é auto explicativa. Haja geometria de lâmina rebuscada!

Capítulo 5

Facas no Brasil Colônia

O período é extenso: 1500 a 1800, 1822 para sermos exatos. E altamente problemático quando se deseja ou tem a necessidade de estreitar o foco fazendo-o recair sobre um objeto tão comum.

Já se falou em algumas destas dificuldades ou problemas. Faca é assunto micro dentro de um contexto histórico macro. Faca é um artefato culturalmente demonizado. Em conseqüência, relegado a um plano inferior nas preocupações de quem faz História e/ou a pesquisa. O mesmo ocorre quando se trata de pesquisa arqueológica. Faca é um artefato que evoluiu, fez sempre, parte de um processo de evolução. E por aí vão as considerações que se pode fazer para justificar as dificuldades, os problemas.

Para aliviar o que pode haver de maçante, brincou-se dizendo que a faca do Brasil Colônia era uma cabeça de bacalhau. Nem tanto. Mas as informações disponíveis são muito poucas. O que pode, facilmente, levar a erros grosseiros. Principalmente quando, à falta de exemplares intermediários (elos perdidos), se é levado a operar por inferências.

Mas, vamos lá. Este escrevinhador não tem medo de colocar a cabeça a prêmio. Pretende apenas, se tanto, provocar. Levantar a bola e quem quiser que faça o contraditório. (o que será bem vindo e saudável.) O que não é feito sem bases, sem alguma pesquisa e sem um mínimo de sensatez. Hoje, com o concurso da net, pode-se fazer um trabalho aberto. Exatamente para que da discussão surja alguma informação mais válida.

Portanto, retomando, creio que o mais indicado é ressaltar a nossa juventude histórica, nossa posição inicial de colônia de país europeu e, enfim, começar a busca pelas ancestrais da faca brasileira colonial, pela Europa.

Lâminas curtas européias

Facas existem enquanto objetos recuperados a partir de escavações arqueológicas, desde o Paleolítico e o Neolítico, estendendo-se pelo tempo através a Idade dos Metais até nosso tempo, contemporâneo. Evidentemente, na Europa, de onde vieram nossos colonizadores, as facas sempre estiveram presentes. Junto com elas, as adagas, os facões e punhais que são citados dada a boa confusão que ocorre quando se trata de lâminas curtas.

Os artefatos da época do Bronze existem em número mais que razoável. O que nos dizem? Que as lâminas curtas-facas, eram curtas, espessas e com formato mais comum triangular. Cada cultura européia procurou suas soluções quanto a variantes de formato, solução de cabo, etc.

Quando se chega à época do material ferroso, a dificuldade é um pouco maior. Bronze se conserva razoavelmente. Ligas de ferro, não. Ferro oxida e se torna algo de contornos muito pouco definidos. Entretanto, o metal de base, o ferro, pode ser trabalhado de uma forma que o bronze não permitia. Pode ser aquecido e forjado. Seria mais plástico. Permitindo mais liberdade de criaremse formatos distintos. Mas, como se sabe, a temperatura necessária para sua obtenção foi um limite, durante muito tempo. Parece ter havido uma simplificação. Ao invés de dois gumes, apenas um. É o que a simples observação das coleções expostas, por exemplo, no museu Deutches Klingen Museum, de Solingen, na Alemanha (um repositório de informações como poucos) parece indicar.

Dois gumes opostos seria uma característica da adaga. Outra presença constante enquanto formato. E da qual não se deve esquecer, pois pode ter sido a matriz de algumas facas coloniais. Ao menos, foi muito usada no Brasil Colônia.

A partir de matéria prima ferrosa, na Europa, dois "tipos" de faca (lâminas curtas) convivem ao longo do tempo chegando mesmo à Idade Média. Uma delas é minúscula para padrões de hoje. Apenas alguns centímetros de lâmina -é o que se encontra a partir de escavações arqueológicas, podem ter sido maiores, mas não muito. Era, especula-se, a faca domiciliar e/ou a faca de "bolso". Talvez por ter sido consistentemente encontrada junto com restos humanos femininos na Inglaterra. Embora facas muito maiores também tenham sido usadas no âmbito do dia a dia. Veja-se, por exemplo, a ou o Saxe transalpino. Tido como lâmina de uso indiscriminado e de muitas variantes.

O outro "tipo" é mais alentado, alcança e ultrapassa mais que uma dezena de centímetros de comprimento de lâmina por dois ou mais centímetros de largura junto ao cabo. Ambas são espessas. Quão espessas é difícil de dizer em função da oxidação.

Ambas têm apenas um gume ou fio e terminam em pontas que a recorrente oxidação tende a apagar. Mas há exemplares nos quais se podem discernir que o artesão deu à ponta, forma de semi-ogiva ou ainda de formato geral triangular. À feição de nossas facas de ponta.

Estas duas facas medievais teriam sido a faca da cozinha e aquela que

o homem levava consigo para onde ia. Quem se propõe a colocar algo sobre o papel é forçado a fazer escolhas, sempre arbitrárias. Mas não pode deixar de mencionar o que há ao lado do foco que escolheu. No caso, a permanência de lâminas curtas de bronze e mesmo, mais tarde, do simples e barato latão. Os artefatos de que se falou acima, tendo como matéria prima o ferro (ou ligas voluntárias e involuntárias dele) estão bem espalhados geograficamente e presentes no tempo, para se poder realizar esta primeira abordagem. Está-se falando de um período de tempo que começa a três milênios passados.

Também se está, precavidamente, falando em material ou matéria prima ferrosa, pois os métodos de determinação de ligas de artefatos oxidados em profundidade, ainda são objeto de estudos. O aço carbono não é um desconhecido na Europa, digamos, 600 a 800 anos antes do início da era cristã. Mas não se difundiu de modo dominante a não ser mais tarde. Caso contrário os sempre práticos romanos não teriam seus gládios feitos de ferro por tanto tempo.

De ferro, em termos. Gládios e pugios com porcentagens variadas de teor de carbono não são exceção, ao contrário. Por obséquio, notar que o soldado do Império Romano do Oriente, usava armas e outros implementos bastante diferentes.

Segue a procissão e ocorrem sempre na Europa, movimentos históricos como a Idade Média, Revolução Urbana. Movimentos, digamos internos.

Outros movimentos de origem externa são as invasões de povos como os Hunos e depois os Mongóis. E, é claro um movimento anterior que teve a característica um tanto homogeinisante-a expansão do Império Romano.

Todas as informações apontam na direção de que a faca, com a Revolução Urbana, dispara exponencialmente quanto à variedade de formatos e prevalência do uso de aço. Séculos de processos de evolução, dentro de culturas mais ou menos homogêneas: nórdica, francesa, inglesa, ibérica, germânica, sem esquecer os celtas, pouco a pouco vão definindo formatos. Sempre, no mínimo, regionais, culturais. Ficando a exceção (uma delas) com os celtas ou seus descendentes que se espalharam um pouco por toda parte.

Entretanto, chega-se a algumas soluções básicas. Impostas em partes desiguais pelo material, pela cultura e pela técnica de fazer. Sendo pouco desprezível a influência de outros fatores como a riqueza ou a disponibilidade de matéria prima, por exemplo. E, é bom ressaltar, a disponibilidade de florestas para lenha e carvão, que seria uma destas matérias primas.

Antes do carvão mineral, o simples carvão vegetal teve de passar por um processo de evolução. Com os primitivos fornos e carvão não se chegava às temperaturas necessárias. Mas, com o carvão vegetal em "brasa viva" obtida com a ventilação forçada via fole, sim.

O FERREIRO que desembarcou no Brasil Colônia, ao que parece já usava o fole como meio de obter altas temperaturas. Daí a se inferir que ele fazia aço é um passo no imponderável.

Mas vamos voltar à Europa, matriz de formas, usos e costumes, etc.

Um alerta. Está sendo descartado um grande número de formatos, digamos, cativos do segmento agropecuário e outro decorrente do processo de urbanização..

No tocante aos formatos das facas usadas como objetos de resgate, que chegaram aqui em grande quantidade, os formatos encontrados são simplificações dos usuais da época. Simplificações não só de forma, mas de material também. A ponto de ser prudente dizer-se que eram feitas de material ferroso ao invés de aço ou ferro.

É nítida a "economia" nos artefatos nórdicos. As lâminas curtas naquela região tendem a ser de pequenas dimensões. As facas, ali, evoluem e chegam a "tipos", sempre pequenos se comparados a tipos de outras regiões e, tendem a formas que atenderiam a uma variedade de usos. Exclusão feita é lógico, de "facas" de uso específico no campo e no artesanato urbano

Veja-se o "Pukko", é raro encontrar um artefato mais funcional e adaptável a diversas circunstâncias de emprego. Seu formato básico é muito antigo, beirando o arcaico.

Nesta categoria de facas antigas simples e funcionais também se pode incluir o Kard. Mas, Pukkos e Kards parecem e estão longe das lâminas que mais estiveram presentes no Brasil colonial.

Contudo as já mencionadas soluções básicas são o que mais nos interessa.

Entre elas destaca-se, e isto é bastante claro, a faca de formato triangular bem ao estilo das nossas facas de ponta, com a ressalva de que seriam mais espessas e, no geral menos esguias, mais largas. Outros dois formatos muito difundidos são aqueles cujas pontas são semi ogivas e ogivais. Com variantes curvas. Lâminas curvas.

A partir daí, a variedade se transforma em virtual pesadelo. Pode se arriscar e dizer que a "faca francesa" tende a ter leve curvatura ascendente ou descendente próxima de ponta em semi ogiva. Ou ainda que haja um número razoável de lâminas curtas que são mais adagas (dois gu-

mes contrapostos) que outra coisa qualquer.

Os formatos sumariamente descritos acima são encontrados desde os centros cuteleiros alemães como Solingen, passando pelos franceses de Thiers, Chatelleraut e Nogent, pelos ibéricos como Toledo, Segovia e Albacete na hoje Espanha e nos portugueses de Guimarães, Lisboa e outros. Encontrados desde o século XV. O que também parece ser verdadeiro para o caso de Birmingham, Londres, Shefield e outros ingleses e, hoje, belgas e holandeses. Ou seja, desde os anos 1400 que estes formatos de lâminas curtas estão presentes na cutelaria européia que mais de perto nos interessa.

Saltam aos olhos formatos, geometrias de lâminas/cabos espanhóis, franceses (sem esquecer a Córsega) e mesmo italianos. Tudo a ver com nossas facas de ponta sejam nordestinas ou não. Formatos que existiram na

Europa da Idade Média que, nunca é demais lembrar, terminaram como período Histórico pouco antes de Cabral chegar a nossas praias.

Retirando do contexto as facas ricamente manufaturadas, o que de mais comum existia seriam estes formatos. Sua chegada e difusão em meio à cultura que começa a se formatar em nossas terras parece pouco discutível.

O que aconteceu entre o século XVI (1500) e o XIX (1800) no Brasil Colônia, foi o inescapável processo de adaptação de artefatos europeus às diversas realidades de nosso país. E, por outra vertente, a disponibilidade, em quantidade crescente, de aço carbono de qualidade cada vez melhor.

Formato, Um Compromisso

Temos algumas condicionantes a considerar. A primeira delas é a técnica usada pelos artesãos cuteleiros. Esta técnica, ou melhor, conjunto de técnicas, não pode variar muito, pois é necessário respeitar: a cultura envolvente, o material básico, limites de temperatura, disponibilidade de ferramentas e outros fatores de menor ou maior importância como a maior difusão de uma atividade de sustentação econômica numa extensão territorial.

A segunda condicionante vem a ser o uso previsto. O artesão cuteleiro dos tempos coloniais não poderia, por imposições de natureza econômica, por exemplo, se dar ao luxo de "criar" lâminas a seu bel prazer. Assim, a maioria das facas nordestinas e gaúchas: lâminas triangulares, ponta afilada, pouco espessa; são artefatos previstos para cortar. Em último caso, para dar estocadas – uso perfurante. Sendo provável que esta ponta afilada provenha de um uso anterior: o do talher universal.

Alguns outros formatos de lâminas brasileiras ainda do século XIX, quando termina o período colonial, também teriam sido fixados em função do uso como artefato cortante. Repita-se, eventualmente perfurante. Sempre se necessitaria de uma faca capaz de funcionar no abate de gado de porte. Ou animais menores como porcos, cabritos e ovelhas. Decorrendo disto a necessidade de lâminas com maior extensão.

As grandes adagas gaúchas e as facas de arrasto nordestinas poderiam ser derivadas destas necessidades de uso mais "pecuaristas", digamos.

Veja-se bem. Quanto mais extenso e delgado o gume ou fio, mais poder de corte se detém. Ainda mais quando as duas faces da lâmina convergem do topo, costas ou lombo para a região

do gume sem depressões ou arestas. Enfim, duas superfícies lisas.

É claro que a extensão do fio ou gume pode ser aumentada optando-se por imprimir uma curvatura à lâmina. Mas, aí surge o primeiro caso de compromisso, perde-se a possibilidade prática de contar com uma ponta realmente afilada e centrada.

Outro compromisso, sempre levando em conta o formato genérico da "faca de ponta" (gaúcha ou nordestina, e outras de permeio) vem a ser a largura e a espessura das lâminas.

A largura encontrada na junção com o cabo e de resto acarretando um formato geral mais pesado (ao menos na aparência) é comum em lâminas mais antigas (anteriores ao século XIX) e pode retratar um compromisso entre a necessidade de ter-se um artefato cortante e a má qualidade do material disponível.

Esta mesma má qualidade do material faz com que as "costelas" também estejam presentes por um bom tempo. O que tende a confundir as coisas quando se pensa na decantada origem da matéria prima: as espadas e suas indefectíveis pontas.

O fato é que não havia opção para o ferreiro do Brasil colonial. A não ser os sempre presentes pontas de espadas velhas ou quebradas que eventualmente recebia com ferro velho.

Mas, cabe a indagação: haveria espadas velhas suficientes? Suficientes para fixar um formato delgado e esguio ao longo de pelo menos dois séculos? O século XVIII (1700) e o seguinte? Quando a ocupação humana já era significativa e havia contato, troca entre norte e sul, por exemplo? E mais, quando as atividades humanas já estavam bastante diversificadas?

É necessário ousar dizer que a reciclagem de espadas velhas ou de partes de suas lâminas talvez seja algo mais atinente ao imaginário popular que aderente à realidade enquanto costume cronológica e territorialmente difundido.

Sinto muito, mas, descartar as tais espadas como fonte de material ou validar a hipótese – exemplares seriam abundantes e disponíveis de norte a sul, terá resposta adequada quando nossos amigos, os colecionadores de espadas, se propuserem a responder a algumas questões de natureza um tanto técnica.

Não há a intenção de estabelecer polêmicas. Mas há muita pesquisa pela frente antes que se possa afirmar que o formato esguio e delgado ou qualquer outro, se fixou em função do uso da velha reciclagem… de espadas.

A informação de que se dispõe é no sentido de que na Europa, reciclavam-se espadas para obter-se adagas e punhais, inclusive os ditos "stilletos". O que é coerente com as adagas vistas em museus e a geometria e espessura das lâminas de espadas e, mais ainda com o aço das mesmas. Afora o formato das pontas destas mesmas espadas, anterior à popularização de aços carbono razoava.

Vale anotar que na Europa, a família das adagas é muito grande e antiga. Indo desde a "minúscula" adaga que os escoceses levavam à cintura até as enormes CINQUEDEA italianas e outras igualmente alentadas.

Uma nota: estudiosos do tema restringem as adagas européias a cinco "tipos". Alguns destes tipos são bem próximos do que chamaríamos de punhais. E os "Dirks" tiveram sua fase de punhais bastante delgados.

Perdão por estar falando em Dirks. Mas o que acontece é que a evolução desta lâmina foi bem estudada e está bem documentada.

Em termos de faca – lâmina curta (ou nem tanto se consideradas as inúmeras variantes) na

Europa e no período que nos interessa: 1500 a 1822 há, como já tive a oportunidade de colocar, um formato que, ao lado das adagas parece estar sempre no cenário. Trata-se do formato da tão falada faca mediterrânea. Aceitando-se certo número de variantes.

Contudo este formato de faca mediterrânea não figura como muito ou expressivamente numeroso dentro da, digamos modelagem de facas européias que mais de perto nos interessa.

Ao que tudo indica estes dois formatos: adaga e faca (mediterrânea ou não) teriam formado a base a partir da qual evoluíram muitas das facas brasileiras.

Por outra vertente, o formato dito mediterrâneo parece ser a solução de compromisso que mais se fixou e difundiu em nossas terras.

Que razões haveria para isto? A influência das facas ibéricas seria uma parte da resposta. A outra seria o fato de que desde os tempos iniciais da nossa colonização houve comunicação (e trocas, difusão) entre Sul e Norte.

Existem as exceções? Claro que sim. A Sorocabana é um formato em si. É de se notar que a Sorocabana não parece privilegiar o uso ou a necessidade de uso perfurante. Veja-se que há uma curvatura ascendente para a ponta e que esta fica fora do eixo central e mesmo do alinhamento pelo dorso da lâmina.

O compromisso da Sorocabana enquanto formato é interessante. Houve a necessidade dar ao artefato mais resistência (material x formato/uso) ou o formato se fixou em função mais do uso previsto, privilegiando a capacidade de corte – fio, gume mais extenso?

Para finalizar com as Sorocabanas, além das discussões a respeito de suas origens, há que se repetir que esta Lâmina tem variantes. Uma delas, ao que parece é ou ficou bem mais curta, de dorso ou lombo reto, ponta afilada para a qual o fio se dirige em meia elipse ou meia ogiva. De todo modo, tudo indica que a Sorocabana seria mais caracterizada por seu cabo e pela presença de enterço.

Lâminas são, quase por definição, extensões da mão humana. E, para

o uso como instrumento perfurante, uma ponta fora do eixo central do artefato ou fora de um alinhamento em relação à parte superior da lâmina, não se adeqüa bem ao manuseio humano. Autores estrangeiros dizem que uma ponta assim desalinhada perde em controle. Ou seja, quem manuseia tem menos controle, fica um tanto mais difícil colocar a ponta no local desejado.

Ao que tudo indica isto seria fato. Observe-se que facas ditas de luta, normalmente têm pontas alinhadas com o eixo central da lâmina. E mesmo muitos formatos ditos utilitários-de campo, de caça, de uso geral, apresentam característica semelhante.

Nestes formatos ditos utilitários (ou de uso geral), ao que parece, prevalece o, digamos, conceito, de dar à mão humana capacidade de perfurar e de cortar.

Uso previsto como artefato perfurante e/ou cortante parece ter sido a solução de compromisso da faca Curvelana, de Minas Gerais.

Na escassa literatura disponível (inclusive aquela existente na net) o formato é dado como existente a partir de 1800.. Pouco importa. O formato aceito como definidor de uma Curvelana inclui uma ponta bastante alinhada com o eixo central da lâmina, embora nem tanto alinhado com o dorso da mesma. Outra característica do formato é que esta ponta é obtida por meio de um corte na região próxima da ponta da lâmina (cliping, ou "spey"), corte feito no dorso.

A extensão do fio ou gume é razoavelmente preservada. O que nos leva a pensar num uso

previsto para corte. O compromisso do formato se dá na localização da ponta em relação à geometria da lâmina.

Considerando que o fuste é alto, ou seja, alinhado com o dorso da lâmina, ficando o cabo, e em decorrência a mão do usuário, relativamente fora do alinhamento tido como ideal: central ou alinhado pelo dorso, surge um compromisso real.

As características do formato da Curvelana encontram similaridade com formatos europeus. O que não é surpresa, pois parte significativa dos povoadores de Minas desembarcou no Brasil com o objetivo de estabelecer-se naquela região, com a expectativa do enriquecimento rápido, proporcionado pelas lavras de ouro. Este fator histórico nos leva a pensar, especulativamente, que o formato da Curvelana tenha surgido lá pelos 1700.

Besouros e Formigas

Quem está afeito às tradições gaúchas no tocante a facas conhece bem as duas "marcas" acima. De certo modo, as duas viveram em baixo do coqueiro e ouvindo uma corneta ao longe. Certamente o cavalo do gaúcho comeu um bom pedaço do arbusto que os gringos chamavam de boker.

São alusões a facas importadas da Europa. E apresentam um formato recorrente naquelas plagas. Um formato que encontramos em acervos dedicado à preservação da memória do artesanato cuteleiro europeu, durante o período que mais nos interessa: época do Brasil Colônia.

É evidente que as variações existem e não são poucas. O fuste, por exemplo, pode estar alinhado com o eixo central da lâmina, ou deslocado para cima, ou ainda com sua porção superior alinhada pelo topo da lâmina. Este fuste ainda pode ser largo e terminar num corte vertical em relação ao eixo do artefato. Ou terminar com um recorte mais rebuscado, arredondado e com uma proeminência para baixo. Ou mais retilíneo e sempre com uma protuberância para baixo.

Mas, é quase sempre largo e assim destinado a receber rebites para a colocação de talas. Fustes tipo "rabo de rato", entretanto, surgem em grande número.

O predomínio da solução que opta pelas talas não parece surgir por acaso. Era necessário baratear a feitura da faca. E torná-la fácil de reparar. Em fossas de lixo encontraram-se restos de cabos com o que poderiam ser cravos de ferraduras contrapostos. São poucos exemplares para indicar claramente na direção de algo além de uma solução de reparo de emergência.

Como são, de resto, as Formigas e Besouros (e mesmo algumas Coqueiro)?

Quanto ao formato, à geometria da lâmina: um fio que se recurva para cima (semi elipse ou semi ogiva) em direção ao dorso reto aonde termina em ponta razoavelmente afilada. Na outra extremidade, um fuste achatado e perfuado ou o sempre presente "rabo de rato".

O formato sugere uma solução que tende a privilegiar o corte

No que concerne o material, estas duas marcas seriam conhecidas por serem de baixa qualidade em comparação à Coqueiro. O que se reflete na sua espessura. Besouro e Formiga foram duas marcas populares. Em contraposição à Coqueiro. As três eram importadas da Europa continental.

O que valida a existência e a difusão de formatos semelhantes ao das Formiga e Besouro no nosso território é o fato de se encontrar formatos similares nos registros e nas coleções de

museus e coleções européias, devidamente datados do período colonial.

Para quem não tem muito trato com Formigas e Besouros, cumpre esclarecer que foram marcas difundidas, principalmente no Sul a partir das últimas décadas dos anos 1800.

Não foram só estas, é claro. Mas repertoriá-las aqui, não cabe. Esta seria uma tarefa para quem se dispuser a trazer mais informação a respeito do que ocorreu em nossos Pampas e região adjacente, o que pode alcançar Paraná, Santa Catarina.

A menção ao Paraná e Santa Catarina é necessária, pois se é real que traços muito pronunciados do regionalismo gaúcho cedo estiveram naqueles territórios, também é real que o fenômeno da chegada de imigrantes europeus certamente atuou como modificador de padrões anteriores.

Nunca é extemporâneo citar o caso da "Naife" gaúcha. Feita por imigrantes aproveitando tesouras de tosquia de ovelhas.

É verdade que este fluxo de imigrantes é tardio em relação ao Brasil colonial. Mas não deve ser desprezado.

Sendo este tópico – imigrantes europeus com seus usos, costumes e padrões, leia-se formatos de facas, assunto para quem, mais uma vez, deseje contribuir.

Outra contribuição importante pode ser fornecida por quem dispuser de um ou mais exemplares da adaga sulista chamada de Caroneira. Consta que não raro esta lâmina, que não é curta, seria feita aproveitando-se espadas velhas.

O nosso país é tido e havido como uma fonte de espadas antigas. Por diversas razões. Sendo a principal delas, corrijam-me se estiver errado, a variedade de origem. Houve, por aqui, espadas oriundas dos mais diversos países europeus.

Neste ponto reitero o apelo aos colecionadores de espadas. Acontece que o formato, a geometria das lâminas de espadas impõe um limite a sua transformação em lâminas curtas. Há pouco espaço e material para compromissos.

É razoavelmente fácil de explicar. Tive em mãos uma adaga gaúcha de boas proporções, inclusive no tocante a seu comprimento de lâmina. Havia um detalhe. A lâmina da adaga tinha uma seção em corte que nos dava um losângulo irregular. Um triângulo afilado acoplado pela base a outro de lados mais curtos.

Outras facas que vi em coleções eram óbvias. O artesão não quis apagar a "costela". Na contramão, assisti a conversa de colecionadores a respeito de outra faca na qual também havia uma costela típica de espada, apenas irregular. Os dois concluíram que não se tratava de aproveitamento de uma lâmina de espada e sim de hábil trabalho buscando reproduzir uma conhecida característica de diversas lâminas daquele artefato.

Facas Holandesas ou Flamengas

Estas facas têm um formato de lâmina bastante incomum. Suas pontas são "caídas" a partir do dorso em direção ao fio. Alguns as colocam na categoria, quanto a formato ou geometria de lâmina, de "pé de ovelha".

I -45

A imagem nos vem dos USA. Origem, região de Flandres. Circa 1780/1810. Notar a marca estampada e o cabo enriquecido por trabalho de prensagem. Medidas ignoradas.

Só conheço dois exemplares semelhantes, sem cabo, recuperados em trabalhos de Arqueologia no Estado de Pernambuco. Um deles deixa dúvidas quanto ao formato particular da ponta. Os dois não têm o reforço estrutural no final da lâmina.

Parece que tudo se encaixa. Pernambuco, origem, formato. Mas, são apenas dois exemplares. Não dá para exclamar: "achei!" um elo perdido.

O que se sabe é que este tipo de faca foi muito exportado para o Canadá e USA no Século XVIII (1700).

Encontrei e anotei apenas um registro de carga desembarcada em Salvador em 1678, dando conta de um barril contendo duas grosas de facas de Bruges. Bruges é um pequeno porto na costa da atual Bélgica. Houve muito comércio entre portos brasileiros e esta cidade européia que também foi um centro de cutelaria.

Quanto ao mais, tenho dúvidas se o exemplar da imagem acima é belga ou francês. Naquela época, a presença de grandes empresas de comércio pode ter embaralhado muito as cartas. E, depois, a região de Flandres foi formada por territórios que hoje são franceses, belgas e holandeses.

I -46

A imagem mostra uma faca francesa da mesma época – 1700/início de 1800. O formato da lâmina é apenas perceptível. Notar o cabo de talas e o que parece ser um "botão". Medidas ignoradas.

De todo modo, se tais facas estiveram por aqui, não fizeram escola.

Para finalizar, um pequeno acervo de facas identificadas como Holandesas. Note-se a variedade de geometria de lâminas. Datam do final do Século XVIII.

I -47

Os dois últimos exemplares nos falam mais de perto. Estamos mais familiarizados com eles. O terceiro, de baixo para cima poderia ser um "filhote" de Curvelana.

Particularmente, APOSTO UM POUCO MAIS NOS FORMATOS IBÉRICOS. Ver a respeito o último capítulo.

Capítulo 6

Facas, Costumes e Economia no Brasil Colônia

Quando se brinca um tanto, para aliviar a tensão gerada pelas muitas questões sem resposta satisfatória, dizendo, por exemplo, que as facas do Brasil Colônia são como cabeça de bacalhau ou que um artefato europeu pode ser um filhote de Curvelana, isto se deve ao fato de que o assunto; facas, é micro, dentro de um universo histórico macro. Nunca é demais repetir.

As facas eram muito importantes no tempo da colonização. Ferramenta (ou arma) indispensável no dia a dia urbano ou rural. Mas a mencionada demonização da faca e sua importância periférica na vida moderna fazem com que o historiador, o etnógrafo, o arqueólogo, não lhe dêem muita importância.

Antes de tentar caminhos que levem a descrições ou desenhos, pinturas e outros registros é interessante levantar, trazer à consideração dos interessados algumas informações colaterais. Tanto mais que os raros registros que encontrei não estabelecem, no meu entender, uma linha sucessória da qual se possa inferir que foi assim e evoluiu nesta ou naquela direção.

Sabemos que era costume ter e portar facas. No processo de colonização de nossa terra, além de suas mil e uma utilidades, a faca tinha outra utilidade muito interessante e importante. Principalmente no que se refere à difusão e, sabe-se lá, da fixação de "tipos" ou formatos.

Facas quase sempre estão entre os "objetos de resgate". Desde muito cedo em nossa História. O primeiro registro se refere a atividades desenvolvidas, na realidade contato entre índios e portugueses, na região do Atual Estado de Santa Catarina, em 1526/7.

Tais objetos eram de grande importância e variedade: contas de vidro, anzóis, machados, tecido, pontas de ferro (punções ou pontas para lanças), foices, espelhos, tesouras, facas. Eram a moeda de troca usada para fazer escambo com os indígenas e para pagar por serviços prestados por colonizadores.

No caso majoritário, escambo com os indígenas. Portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, holandeses e quem mais aportasse por aqui cedo introduziram o costume de realizar trocas usando os objetos de resgate.

Isto era economicamente vantajoso e necessário. Os indígenas eram mão-de-obra, instável, é verdade, mas eram. Eram também aliados nas lutas, fonte de comida e materiais como pedra, madeira, barro, etc.

No território que hoje engloba os USA e o Canadá, os "objetos de resgate" tinham outra designação: "trade", ou seja, bens de comércio, de troca. E foram usados da mesma maneira que por aqui. Com intensidade, um tanto mais tarde, é verdade.

Nos territórios de colonização espanhola, o mesmo se deu.

Por outra vertente, cunhar moedas era uma atividade cara. E o governo português estava em grande dificuldade econômica e financeira. Ou seja, na colônia quase não circulou moeda, por um largo tempo. Razão pela qual se faziam "pagamentos" usando os objetos de resgate e outras mercadorias como "ferro velho", até mesmo a altos funcionários.

Mas, sabia-se quanto custava cada objeto de resgate e a transposição para valores da época -em moeda, não era simplesmente esquecida. Note-se que Portugal estava dando início a uma cultura da burocracia, na qual tudo era registrado. Ao menos registrado.

As naus portuguesas (assim como as de outras nacionalidades) traziam a bordo grande tonelagem desta "moeda" que eram os objetos de resgate, entre os quais: facas.

Quanto custava aos portugueses uma faca? A melhor estimativa fica entre 50 e 100 "réis" ou reais (verdadeiro nome desta moeda divisionária). Dependendo, é claro, da faca.

Lá pelo final do Século XVI (1500) os custos, no Brasil, eram em média:

Uma espada	450 reais
Uma enxada	150 reais
1 Kg de farinha de mandioca	8 reais
Soldo (salário) mensal de pedreiro	600 reais
Salário mensal de marinheiro	900 reais
Salário de bombardeiro (artilheiro)	800 reais
Salário de espingardeiro (arcabuzeiro)	600 reais
Salário de besteiro	550 reais
Salário de soldado raso	500 reais

Uma faca não era barata, considerando os soldos mensais acima.

Vamos a uma tentativa de estabelecer um paralelo com nossa moeda atual, o Real.

A moeda era o Cruzado e pesava continha, 3,5 gramas de ouro dito "fino". Aí e nos desmandos em que andava a economia e o governo português reside um dos perigos. Por isso, trata-se de uma estimativa.

Este ouro puro custa hoje, R$44,40 por grama na média dos três meses Fevereiro, Março e Abril de 2007 na Bolsa de Commodities de SP.

Mas, o Cruzado era uma moeda privativa da Coroa, das grandes Ordens religiosas (como a Ordem de Cristo) e dos grandes negócios. O Cruzado tinha como primeira moeda divisionária o Real ou Reais (cuja grafia foi alterada para Réis), e o Vintém, equivalente a 20 Reais.

Cada Cruzado valia 400 Réis. Portanto, o valor atualizado daqueles bens e soldos na razão de aproximadamente, 1/400 (considerando cada Cruzado português com 3,5 gramas) seriam:

Espada	148,50 CR$
Enxada	49,50 CR$
1k farinha	2,64 CR$
Soldo pedreiro	198,00 CR$

Bombardeiro	264,00 CR$
Marinheiro	297,00 CR$
Espingardeiro	198,00 CR$
Besteiro	181,50 CR$
Soldado raso	165,00 CR$

Aqueles primeiros valores representam a média no Brasil Colônia no Século XVI. Transplantar tais valores ao longo de 500 anos equivale a realizar uma operação um tanto ou quanto "quântica". Como foi dito, serve para ilustrar, para que se tenha uma idéia.

O valor das facas, que se teve o cuidado de fazer variar dentro de um intervalo de 50 a 100 réis (notem: o dobro) dependendo da faca, foi levantado a partir de registros de embarque de mercadorias para o Brasil, a partir de Lisboa.

Na realidade aqueles registros variam num intervalo mais amplo: 20/30 a 80/120 réis. Isto se deve ao fato de que eram embarcadas facas de uso específico, menores, para uso de seleiros ou sapateiros, por exemplo. Além de menores, mais rústicas. E o custo principal era o da matéria prima – o aço e em boa parte, ferro mesmo. Cabendo o registro de que facas de resgate eram anotadas, por vezes, com o qualificativo de: baixa qualidade. Havendo as exceções, também qualificadas – das alemãs.

I -48

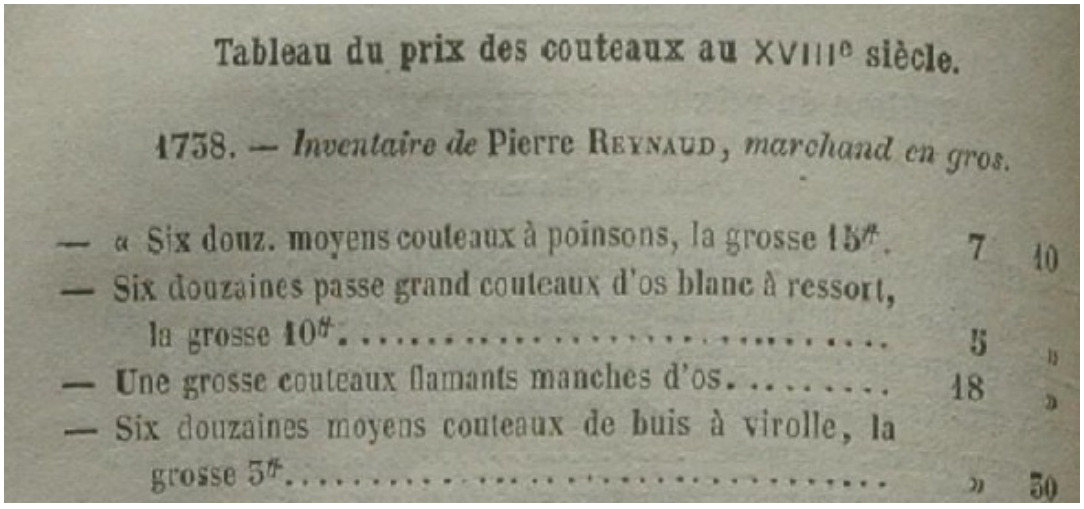


Tableau du prix des couteaux au XVIII^e siècle.

1738. — *Inventaire de* Pierre Reynaud, *marchand en gros.*

— « Six douz. moyens couteaux à poinsons, la grosse 15#. 7 10
— Six douzaines passe grand couteaux d'os blanc à ressort, la grosse 10#. 5 »
— Une grosse couteaux flamants manches d'os. 18 »
— Six douzaines moyens couteaux de buis à virolle, la grosse 5#. » 50

Acima a transcrição de parte de um Inventário de comerciante canadense do Século XVIII. Uma tabela indicando o valor dos bens deixados. O primeiro item se refere a seis dúzias de facas "médias" e o terceiro a faca "flamants", provavelmente flamengas – belgas/Langres. Observar a variação de valore : 15 para 18. Moeda ignorada, possivelmente, Libra francesa.

Havia uma gradação. Em diversos níveis. A faca do sapateiro "mestre" era uma, a do aprendiz, outra. As portuguesas variavam de acordo com a maior ou menor fama de qualidade da região cuteleira. E, entre portuguesas e estrangeiras o diferencial era maior ainda. Uma faca ou tesoura de origem alemã tinha mais valor. Bem depois, por um período, as de Sheffield eram valorizadas acima das lusitanas e espanholas.

Vale a nota de que comparações de valores expressos nas moedas da época são muito difíceis e de resultado impreciso.

No quesito quantidade, é possível apenas dizer que eram alentadas. A forma dos registros é, no início do período colonial, conducente à imprecisão. A unidade de transporte dos navios era o tonel. E há registros de "x" tonéis contendo facas. Ou ainda por peso: duas arrobas de facas. Ou ainda algo mais preciso: "y" milheiros de facas. Mas, fica a questão, como seriam estas facas? Eram os costumes da época. O formato das facas era de conhecimento geral. Porque especificar, descrever? Outras medidas eram a grosa e a dúzia.

Para as medidas pequenas um dos sistemas adotados era o de linhas e pontos. Mais difícil de transformar em centímetros e milímetros. Cabe mencionar que na indústria relojoeira de hoje ainda se usa o sistema de linhas e na ourivesaria, notadamente no tocante a dimensões de diamantes pequenos, usa-se "pontos".

Para ilustrar um tanto mais vale a pena trazer um pouco de informações a respeito da situação macroeconômica de Portugal no Século XVI.

De modo super simplificado, Portugal, a Coroa Portuguesa, estava em situação falimentar. Tudo o que era arrecadado em impostos tornara-se insuficiente para sequer pagar os credores da Coroa. Em sua maioria, financistas da região de Flandres. Desta região há imprecisas informações dando conta de fornecimento a Portugal, de facas e ferramentas. Estamos nas quarenta primeiras décadas dos 1500.

Uma nota relevante. Flandres ou Langres, ou ainda Wallônia seria uma designação genérica para uma região da Europa que hoje compreenderia partes da Bélgica, França e Holanda, se não me engano. Justamente nesta região havia centros cuteleiros. Daí a se saltar para uma "reciprocidade" tão ao feitio de nossas casas bancárias de hoje, que nos empurram outros produtos é um pulo. Pulo arriscado. Facas daquela região certamente aqui chegaram. Mas sempre há um más.

Esta dependência financeira do Reino de Portugal com o Flandres de então, nos leva a mencionar a grande presença de cristãos novos (marranos) e mesmo de judeus que, expulsos de Portugal reassumem sua religião e costumes. Como, por outro lado no Brasil Colônia, desde muito cedo, haviam comunidades formadas por indivíduos de mesma origem, é provável que facas de flandres tenham chegado por aqui. Tornando mais explícita a possibilidade aventada : "marranos" / cristãos novos ou judeus expulsos de Portugal se fixaram na região de Flandres. Negócios, trocas comerciais e de técnicas entre Flandres e Brasil Colônia devem ficar no radar. Comprovar ou provar é outra história.

Falou-se um pouco a respeito do que acontecia nas vizinhanças das facas de resgate. Mas não se falou de seu formato. As poucas informações de que se dispõe levam a crer que eram pequenas, com o formato de lâmina triangular, algumas com cabo de talas ou feito para receber talas, outras com cabos que seriam uma continuação das lâminas e com o formato ovalado. Outras ainda com fustes rabo de rato ou assemelhado, boa parte tendo ao final de sua lâmina um reforço estrutural à feição do "botão" presente em facas gaúchas e mesmo em nordestinas.

Facas ou adagas de resgate? As duas coisas. Basta ver no anexo: Iconografia, a figura do índio aculturado (ou pudicamente vestido pelo retratista europeu) com o que parece ser uma pequena adaga pendurada ao pescoço. A adaga em questão (ver Iconografia) não é grande e o registro iconográfico é de 1800. As adagas eram mesmo pequenas. As de grande tamanho eram raridades.

Vamos voltar à situação econômica de Portugal da época. As receitas provenientes de ultramar: Índia, Angola, Guiné, Marrocos, Ilhas da Madeira e São Tomé (onde cristãos novos se ocupavam lucrativamente na produção de açúcar), Açores, Mina, estavam em declínio. O Brasil

com pouco ou quase nada contribuía. Em 1547 a situação era difícil: Recursos do Tesouro Régio – 3 milhões e 200 mil Cruzados; Dívida externa Total – 3 880 700 Cruzados.

Esta situação de fragilidade econômica só seria sanada 200 anos depois com o advento do Ciclo do Ouro no Brasil. A Coroa Portuguesa suspirou com o ouro do Brasil. E depois prosperou devido a seu comércio exterior incrementado por razões conjunturais, principalmente externas.

Até lá, durante os já mencionados 200 anos, o Pau Brasil, o Açúcar e as "drogas do sertão" (copaíba, castanha, sorna, balata, ucuquirana,etc) e medidas administrativas e financeiras proporcionaram altos e baixos na renda proporcionada pela colônia e, altos e baixos na economia portuguesa. Uma destas medidas foi o incremento do fisco.

Ninguém gosta da atividade fiscal do Estado. E o Estado Português necessitava muito de arrecadar impostos. Deste modo, havia impostos sobre quase tudo. Inclusive facas. Importadas ou feitas aqui.

Enquanto isto, em 1545, a Espanha descobre um pote de prata. Potosí no Vice Reinado do Peru. Como se não bastasse todo o ouro e pedras preciosas rapidamente "confiscados" na América Central e Andes até então. A prata vinda do Peru, de Potosí, chegou cedo ao Brasil, diga-se.

Mas o espírito de luta português não estava vencido. Ao romper o ano de 1549 a Coroa Portuguesa dá início a um gigantesco passo: colonizar efetivamente o Brasil.

Por razões estratégicas, políticas e econômicas, os bravos lusitanos alteram radicalmente sua maneira de colonizar. É o fim do curto período dos Donatários e Capitanias e a instalação de um Governo Geral, central e centralizador. Que tem início com a construção de Salvador na Bahia em 1549.

Curiosamente há uma exceção. Ver ao final: Uma Certa Torre. Um breve relato a respeito da criação tardia e do desenvolvimento de uma verdadeira "capitania". Quase um feudo.

O grau de ousadia era imenso. Econômica e militarmente. O "exército" português que chega à baia de Todos os Santos (em 1549) era composto por 132 "homens de armas". Entre eles, ainda, besteiros. Enquanto isso, não era ignorado que os indígenas inimigos no entorno daquela baía somava milhares de guerreiros. E ainda havia Franceses e outros, estabelecidos ao longo da costa.

Comente-se que Portugal não tinha um exército regular. Boa parte destes "homens de armas" eram aventureiros e gente do povo, sem a menor noção do que era combate, fortificações, etc. As queixas a respeito estão registradas.

Cabe fazer um comentário. O primeiro embate de grandes proporções entre portugueses e indígenas, nos arredores de Salvador, causando um enorme número de baixas entre estes últimos, não envolveu apenas os 132 homens de armas. Era costume levar civis, por vontade própria ou à força, para o combate. E, aqueles homens de armas tinham aliados indígenas arregimentados pela figura de Caramuru.

Portugal estava entrando de vento em popa na Contra Reforma e criando um Estado com suposta base no conhecimento e no mérito. Eram os "letrados". Gente que havia estudado em Salamanca e Coimbra e formavam uma burocracia e um poder judiciário. A Contra Reforma incluía, é claro o fervor religioso e os Jesuítas. E a terrível Inquisição.

Este Governo Geral trouxe a burocracia e os tribunais portugueses para o Brasil. E trouxe

também a cobrança de impostos. O que gerou uma farta documentação. De difícil consulta, mas, informativa. Difícil, pois está, em sua maioria em Portugal, manuscrita e redigida num português arcaico cheio de armadilhas. É necessário o uso de dicionários da época.

Voltando à instalação do Governo Geral em Salvador em 1549, com a expedição que chegou à baía de Todos os Santos, além da frota, digamos, governamental, cuja carga e pessoal é razoavelmente conhecida (carga que englobava facas) vieram duas outras embarcações pertencentes a Fernão d´Álvares de Andrade, abarrotadas de mercadorias cujo destino, além de escambo e comércio eram destinadas a tornar aquele senhor ainda mais rico.

As duas naus de Fernão d´Álvares traziam a bordo uma outra expedição completa. Com menor número de pessoas que a oficial. Mas lá estavam os artífices e entre eles, dois ferreiros. A Coroa mandou para cá nove ferreiros.

Fernão d´Álvares não era um fenômeno isolado. Ricos e poderosos comerciantes, donos de "casas de comércio" pontuam a história do Portugal da época e de sua colônia, O Brasil.

Outro costume da época. Não se viajava sem levar de um tudo e de todos. Inclusive ferreiros.

Os artífices da expedição oficial ganhavam soldos mensais. Entre eles, os ferreiros eram dos mais bem pagos. A média era de 900 a 1200 Reais. Ou, em moeda nossa de hoje: R$297,00 a 396,00 (2007). A gradação, nunca é demais repetir, se deve ao fato de que havia uma hierarquia regida pelas regras da Guilda. Um Mestre Ferreiro ganharia a partir de 396, um aprendiz perceberia pouco mais de 170 e assim sucessivamente.

Estes artífices, os ferreiros, eram valorizados. Suas "tendas" – era esse o termo usado já na época, eram uma fonte de riqueza para seus patrões e/ou empregadores. Nestas tendas faziam-se desde pregos e anzóis (quando o estoque trazido se esgotava) até peças de reposição para armas de fogo, peças e conjuntos de mecanismos para embarcações, moendas de açúcar, etc. Regidos em parte pelas regras de sua Guilda e em parte pelo contrato feito, podiam dedicar parte de seu tempo para fazer artefatos para terceiros por sua conta e risco. Via de regra era-lhes vedado interferir nos negócios de seus senhores fazendo em suas tendas artefatos que aqueles tivessem em seus armazéns. O que, de início, incluiria praticamente tudo, pois as embarcações vinham de Portugal abarrotadas de tudo o que seria ou se estimava ser necessário.

Antes de continuar, vale mencionar que se chamavam tendas (de ferreiro), pois as construções eram rústicas, contendo muito material inflamável e o ferreiro, que não era besta, armava um toldo em frente, em baixo do qual executava boa parte de seu ofício. E, é lógico havia o calor ao qual não estavam habituados.

Há documentos interessantes a respeito tanto do costume de fazer escambo usando inclusive facas e desta figura precurssora: o ferreiro. Nas cercanias da Ilha de Santa Catarina, onde se não me engano hoje está Florianópolis (SC) o navegador Sebastião Caboto, entre 1526 e 1527 viu-se em apertos. Um funcionário de Caboto "paga" pela palha destinada à casa da ferraria, 3 facas e 20 anzóis. Por vinte cargas de carvão (para a tal ferraria) troca 4 cunhas, 2 espelhos e 10 anzóis. E por aí vai, usando os objetos de resgate – tesouras, anzóis, e facas.

Com o passar do tempo, contudo, o caso mudava de figura. E havia outro costume da época. Trocar bens e serviços por "ferro velho". O que englobava até as decantadas e famosas espadas.

O que se tem, então? Fruto da economia e dos costumes, facas coloniais feitas em Portugal e mais ainda em outros países europeus e, a partir de certo tempo, facas feitas aqui. E, duas

notas relevantes: facas alemãs eram mais valorizadas e o costume de realizar pagamentos em ferro velho.

Isto é bem evidente nos registros da época quando se encontra anotações dando conta que se "pagou" aos indígenas (por isto ou aquilo, bens ou serviços), uma lista de objetos de resgate e "uma faca das alemãs".

Parece, ressalte-se : parece que as facas alemãs eram melhores, mais caras e, em decorrência mais raras.

Outro problema com o qual se defronta quem deseja estudar o assunto "facas" se refere ao sistema de medidas adotado em Portugal e transplantado para o Brasil, como já foi mencionado. Era crime adulterar ou falsear medidas e pesos. Mas, como já se deixou bastante claro o sistema de controle/fiscalização e punição não era lá estas coisas.

No Portugal de 1500 e por muito tempo no Brasil Colônia, utilizavam-se padrões de medida e peso cuja precisão variava em função de diversos fatores. O principal deles, sem exagerar demais, era de natureza políticoadministrativo.

Em Portugal estavam em andamento dois movimentos históricos que se entrelaçavam. O primeiro era a Contra Reforma, de natureza religiosa. O segundo, de natureza político-administrativa foi a forte Centralização do Poder da Coroa. Tais movimentos, principalmente o segundo, influenciaram fortemente a vida em seus aspectos mais corriqueiros.

A Corte, o Rei, passou a depender progressivamente de uma categoria de súditos: "os letrados". Ou seja, sua versão do funcionalismo público. O critério de seleção destes letrados e de sua carreira/promoção, não eram baseados essencialmente (como inicialmente desejado) no mérito e conhecimento. Com isto, a corrupção, mal que conhecemos bem, se instala inexorável e progressivamente.

Não era a gente do povo, o comerciante, o artesão ou artífice e outros que falseavam as medidas e pesos. Era o aparelho fiscal e judiciário (composto pelos letrados) que eventualmente punia ou não. E, era este mesmo aparelho fiscal/administrativo e judiciário que fazia os registros.

Desta forma, quando se tem diante dos olhos um registro da época que fala em "… um tonel contendo "x" facas, das miúdas…", tem-se, na realidade apenas uma indicação do real. Posto que a realidade de tamanho e quantidade era o que determinava quanto de imposto se pagaria.

Outro grande fator de imprecisão vem a ser o "descaminho". A Coroa deficitária precisava arrecadar o máximo de impostos. Do outro lado, a população, sabendo da venalidade e constantemente em busca do enriquecimento rápido, descaminhava. Sonegava, ocultava do fisco e da justiça. Ressalte-se, o objetivo do colonizador era enriquecer e voltar a Portugal.

Caso emblemático é o testamento datado de 1604 de Afonso Sardinha. Neste testamento ele lega 80 000 Cruzados de ouro em pó garimpado em são Paulo. Ouro que, em vida, jamais ofereceu ao fisco para taxação e outros procedimentos. Seus descendentes devem ter ficado com uma batata quente nas mãos.

O tonel, por razões de segurança de navegação, embora artesanal, tinha medidas externas e internas (capacidade) que pouco variava. No entanto as demais medidas e pesos, não podem ser totalmente confiáveis. Resta esclarecer que o tonel era a embalagem, o contêiner da época. Segundo alguns historiadores deriva do termo tonel, a medida de deslocamento/capacidade de carga de um navio – tonelagem.

Para afinar o registro acima, a respeito de tonéis, a conversão mais fidedigna informa que 300 tonéis corresponderiam a algo como 260 toneladas. Daí, um tonel armazenaria cerca de 870 kilogramas.

Por estas razões, mesmo que um artefato descrito venha acompanhado de suas medidas, a simples conversão para o padrão métrico que adotamos hoje dá margem a razoável imprecisão. Tanto mais que esta conversão implica em aproximação de certa importância em função do número e valor das casas decimais.

Além das medidas e pesos a terminologia adotada na época tende a gerar confusão. Dois exemplos: cutelo – poderia ser uma arma de marinha ou um tipo de cinzel utilizado em trabalhos com pedras (cantaria) e, podão – hoje seria uma tesoura de poda; nos idos de 1500, se referia a uma ferramenta pesada, robusta, grande e curva destinada a trabalho com madeira, muito utilizado no desmatamento e na carvoaria. Não deve ser confundido com a foice.

Outra ferramenta, o alvião merece comentário. Pode ser uma forma de picareta ou de enxada pesada. Ambas usadas pelos caboqueiros: trabalhadores braçais especializados na abertura de buracos (caboucos) destinados a receber as fundações de uma edificação ou no corte de taludes para abertura de estradas.

De todo modo, ferramentas pesadas, com boa maça de metal e sujeitas a desgaste bastante rápido. Restos de alviões possivelmente foram empregados pelos ferreiros para a confecção de outros artefatos, inclusive facas.

Felizmente, dentro do micro universo que nos interessa: o das facas, a terminologia se manteve. Com a exceção daquelas especializadas, de uso no segmento agropecuário e no artesanal.

As facas do Brasil colônia não são cabeças de bacalhau. Apenas estão fora do Brasil, e/ou bem guardadas em insuspeitas coleções. A grande maioria delas era importada. E conhece-se razoavelmente o que eram e como eram as facas européias da época.

Deve ser ressaltado que tais facas, aqui, se alteraram, se adaptaram, evoluíram. O meio ambiente europeu era diferente do nosso. O tipo de atividade agropecuária também. Este processo de evolução permanece bastante desconhecido e envolto em dificuldades.

Linhas acima se fez a pergunta: como eram estas facas? As que para cá vieram como objetos de resgate larga e profusamente difundidos(as) eram artefatos simples. Mesmo as estrangeiras – alemãs, inglesas, etc. Os poucos registros disponíveis apontam na direção de facas curtas, largas e espessas, cabos de talas de madeira rebitados ou cabos a serem fixados em fustes finos. A geometria das lâminas é de difícil estabelecimento. Os formatos variavam muito. Um deles parece ser majoritário, o que tem ponta afilada. O eventual leitor terá a bondade de somar o que vem de ser dito com as referências ao assunto feitas mais atrás.

Há indícios de que estas facas vinham para o Brasil, em boa parte, sem cabo, mesmo as de talas. As que vinham usavam nas talas madeiras européias pouco afeitas ao clima daqui. Osso e chifre eram outros materiais muito usados.

Quem e como se colocavam cabos nas facas cujos fustes eram afilados, tipo "rabo de rato"? O que se vê na iconografia é a improvisação. Simples cravamento do fuste a uma peça de madeira. Ou ainda a inserção num pedaço de osso e fixação com cavacos de madeira e resinas. Mas, era sempre assim. Ou as casas comerciais que importavam as lâminas cruas se davam ao trabalho de colocar cabos? É pena, não encontrei registros.

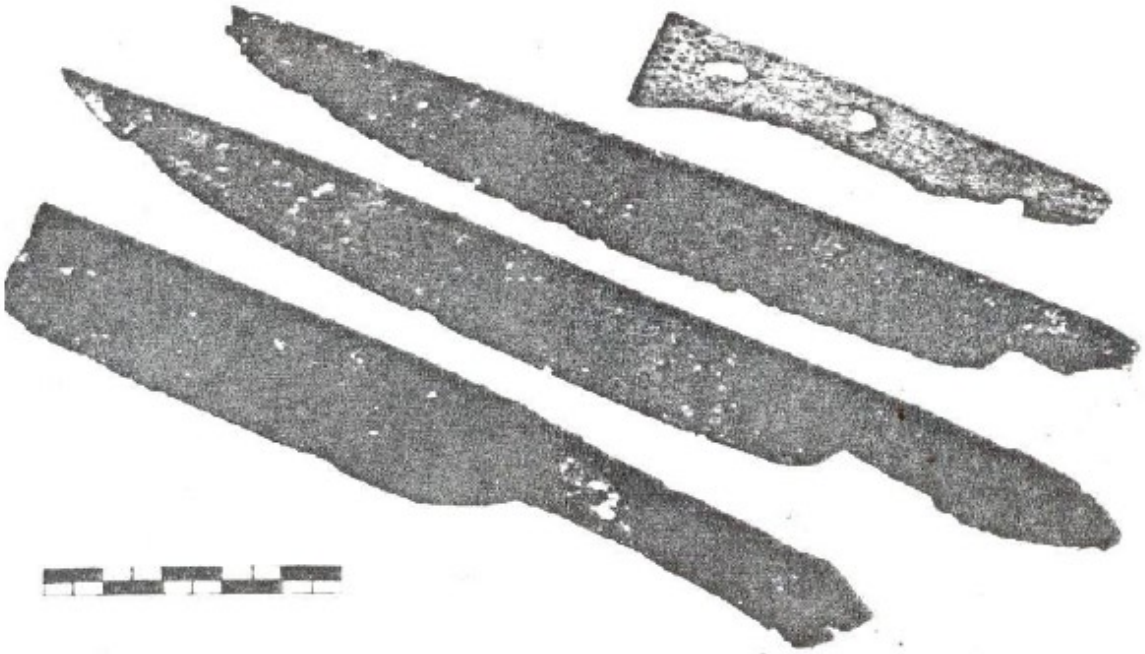
O formato destas facas importadas podia e variava bastante. Teriam pontas ogivais e semi-

ogivais e, ainda o formato "clássico de uma faca de ponta". A ausência de guardas e outras partes de metal amarelo (o latão era caro, importado) era uma constante.

As dimensões variavam num intervalo de 3 a 5 (cinco) a sete (7) polegadas de lâmina. Acrescentando-se o cabo fica-se com um objeto entre vinte (e oito) a trinta e cinco centímetros de comprimento total. A espessura seria algo como 3 a quatro milímetros próximos do cabo.

Há uns poucos registros que indicam a espessura expressa em linhas. Cada linha equivaleria a, grosso modo, algo um pouco além de 2 milímetros.

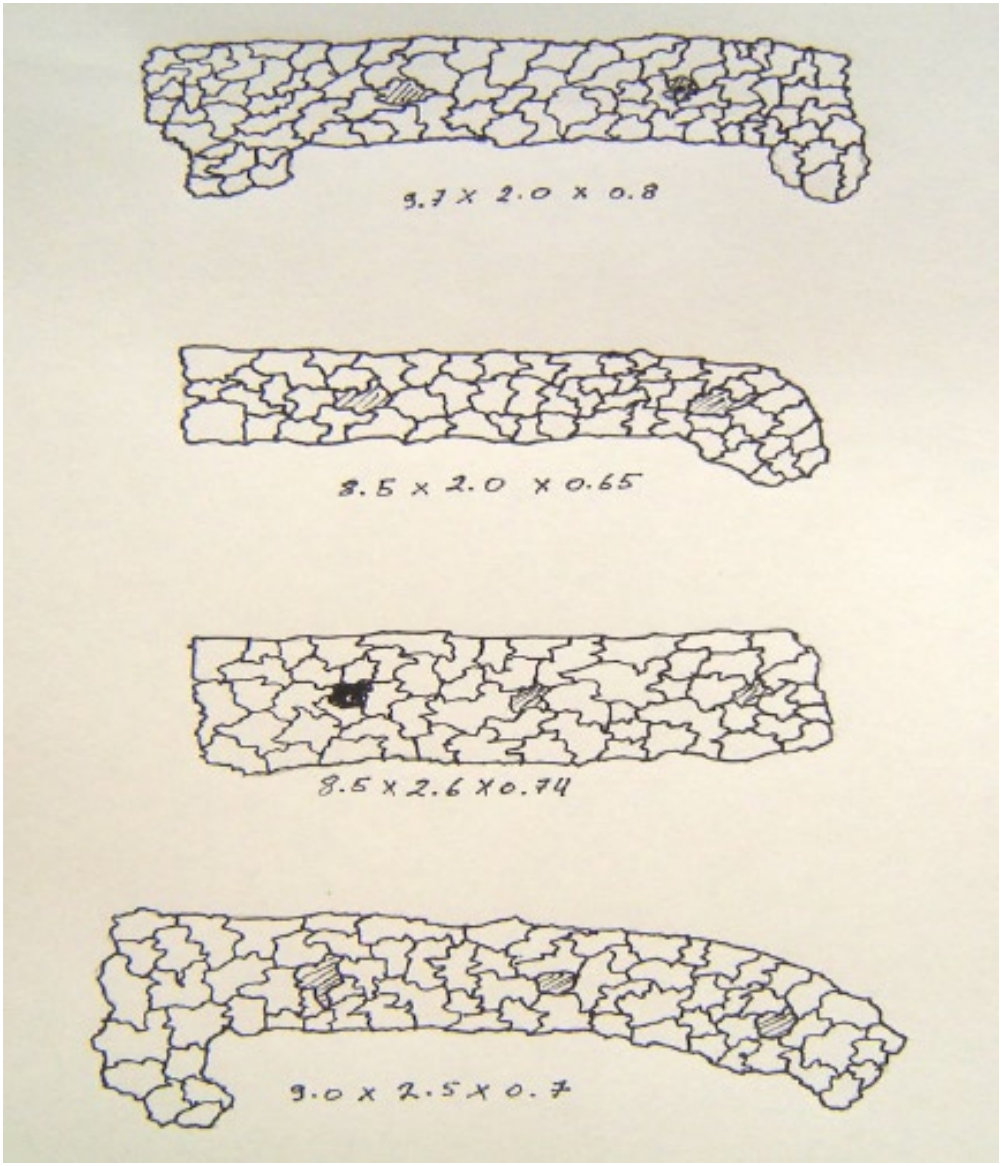
I -49



Lâminas e tala de facas européias do Século XVIII escavadas no Canadá.

Os raros artefatos de cutelaria escavados pela Arqueologia Histórica aqui no Brasil tendem a confirmar a descrição acima. Notando-se que a raridade fica à conta do uso até, praticamente o desaparecimento do objeto. Uso e provável reciclagem.

Veja-se bem, o fuste de uma faca é, era metal. Aço carbono ou ferro. Usar este "resto" como ferramenta de ocasião, ou transformá-lo em outra coisa, era mandatório. Desta forma, não é de causar espanto que nas fossas de lixo de assentamentos agropecuários, indígenas (raríssimo) e urbanos, a arqueologia escava até mesmo poucos restos de facas e, muito raramente, a faca em si.



Restos de fustes escavados em fossa de lixo em Campos/RJ. Horizonte 1600. Os fustes "rabo de rato" muito mais finos e frágeis, com o tempo, certamente desapareceram ou foram transformados, por exemplo, em anzóis.

De todo modo, a partir de facas ou de seus restos escavados em terra ou recuperados de naufrágios e sítios submersos, a descrição genérica acima, ficaria validada.

Outro ponto interessante a ser ressaltado é aquele referente à mística do estrangeiro, do não lusitano. Encontrar registro escrito disto no Brasil Colônia de 1549 atesta que esta mística foi, quase certamente, herdada de nossos colonizadores. Por quê?

Não é preciso ir muito longe. Os cuteleiros portugueses viviam a realidade utilitária de produzir quantidades alentadas sabendo tratar-se de "objetos de resgate", destinados a uma longínqua colônia. Sua responsabilidade profissional ficaria como que atenuada. Ao passo que o artesão cuteleiro alemão, inglês, francês, etc., teoricamente, não sabiam do destino final da encomenda e, era cultural e profissionalmente movido por outras imposições. Suas facas deveriam, sempre, ser de qualidade. A começar pela matéria prima, indo até o acabamento. Mesmo que o

solicitado dissesse respeito a facas simples.

É necessário frisar que estamos no território das hipóteses. Plausíveis. Mas hipóteses. E mais, que o artesão cuteleiro português daquela época era perfeitamente capaz de produzir facas de qualidade.

Entretanto, detalhes levam a confirmar a hipótese. Registros oriundos da região cuteleira de Passau, Alemanha, indicam que a espessura média das facas era ligeiramente inferior ao que se pode depreender dos restos de facas recuperados aqui pela nossa recente Arqueologia Histórica. O que seria indicativo do uso de material de melhor qualidade.

É bom insistir no termo material. Existem indicações poucas e confusas de que cuteleiros alemães compravam (já em 1500) alguma matéria prima da Wallônia. Ou seja, pode ter sido aço carbono.

Também se deve anotar que as informações obtidas, por exemplo, junto à Sociedade Martins Sarmento, da região cuteleira de Guimarães, em Portugal dão conta de artefatos que se encaixam na descrição constante de linhas atrás. Estas descrições têm como apoio pesquisas históricas (documentais e iconográficas) e alguns trabalhos de arqueologia. Infelizmente, tais informações são pouco detalhadas quanto a dimensões

A Faca No Brasil

A intenção desta resenha é a de indicar caminhos e, talvez, hipóteses de pesquisa. O assunto seria o processo que afetou, aqui, as facas européias, resultando nos "tipos" de que se tem notícia.

Perdão pela necessária repetição de alguns aspectos.

Como mencionado, o meio ambiente brasileiro era diferente do europeu e as atividades aqui desenvolvidas também. A pecuária e a monocultura (cana de açúcar) sobrepostas a um ambiente diferente, forçosamente resultaram na demanda por artefatos diferenciados.

Outro fato de grande relevância é que o meio ambiente brasileiro, além deser diferente do europeu (a colonização da áfrica e Ásia estava em declínio) a seu turno, variava de região para região, gerando mais diversidade e mais diferenciação dos artefatos.

Partindo, então, de, digamos, "modelos" europeus conhecidos, a faca no Brasil passa por um processo de seleção e/ou evolução.

Como se viu no início deste capítulo uma quantidade certamente muito grande de facas européias foi trazida para nosso país. Em bom número seriam facas simples. Com uma ocorrência de facas oriundas de outros países. Estas seriam as raízes históricas da faca brasileira.

Como diz um amigo cuteleiro: Jean Hugo Callegari, de Bento Gonçalves (RS) é preciso olhar para a faca como um todo. Ele tem razão pois exceto o artefato muito simples, uma faca é um objeto razoavelmente complexo. Formada por um número de partes e peças. Utilizando materiais diversos, processos variados de forja, acabamento, montagem e seu acessório indispensável, a bainha. Basta que se pense em toda a cadeia de produção necessária para se chegar a uma faca.

Mesmo aquelas facas de um passado distante, como aquelas trazidas como "objeto de resgate", embora simples, funcionais, até mesmo rústicas (para os padrões de hoje), eram artefatos

complexos.

Como se mencionou acima não é aconselhável deixar de lado a cutelaria artesanal espanhola. O que se passa a ter, em decorrência, é uma cutelaria ibérica.

Não há exagero nisso. Sabe-se que a proximidade e a presença espanhola em território hoje brasileiro não ocorreram apenas no Sul do país. E, sabe-se também, que durante um período Portugal e Espanha formaram um único ente, embora por curto período, justamente durante o processo de colonização.

Considerar, como se deve, uma cutelaria artesanal ibérica é um complicador. Não houve e não há uma faca ibérica típica. Ao contrário há um bom rol delas. Incluindo uma aparentada, a exótica e bela faca das Ilhas Canárias.

Explorando o assunto por uma vertente mais antiga, a influência árabe e talvez mais marcante, a Marroquina, traz outro rol de "tipos". Novamente, não se deve considerar o Marrocos como um todo homogêneo. O que também ocorre com Portugal e com a Espanha.

Centraram-se as raízes históricas da faca brasileira na cutelaria portuguesa e na espanhola, ou numa cutelaria ibérica para depois ampliar o leque para o Marrocos. A rigor não se deve excluir também: franceses, holandeses, belgas, alemães, ingleses. Todos foram parceiros comerciais de Portugal e Espanha, todos estiveram por aqui, ou aqui mantiveram negócios.

Não se pode ignorar a presença de D João VI no Brasil e a Abertura dos Portos. Um fato histórico que termina por nos trazer lâminas de facas em grandes quantidades para aqui, a partir dos 1800. O Brasil não era mais simples colônia. O volume de navios que chega aos portos brasileiros cresce exponencialmente depois da "Abertura dos Portos". Com um detalhe: a maioria era de navios ingleses.

Este quadro, de uma intensa chegada de navios ingleses e suas cargas, não é uniforme – em todos os portos, e não se mantém por um longo período.

Casas comerciais com representações de outros países europeus surgem com ímpeto.

Mas, fica uma questão. Como seriam as facas brasileiras, importadas ou feitas aqui, a partir de "ferro velho"? Se a incipiente arqueologia brasileira pode indicar um padrão este seria: majoritariamente: curtas, espessas e largas. Seus cabos seriam de talas fixadas por rebites ou, mais raramente, cabos de seção arredondada com fixação ao fuste por rebites ou pelo pomo via peça metálica ou ainda, parte integral da lâmina de corte ovalado. Enfim, a simplicidade personificada.

A lâmina seria majoritariamente retilínea, pontas afiladas, ogivais ou não.

Isto é muito vago. Não há como não concordar.

Mas, como já salientado, as raízes, os modelos a partir dos quais a faca brasileira evoluiu são conhecidos. Seriam, potencialmente e por hipótese, os modelos ibéricos. O que nos traz outro problema. A arte ou ofício da cutelaria e da armaria era milenar tanto na Espanha como em Portugal, mas, havia uma diferença de "estilo".

Sem estudos mais profundos o máximo que se pode dizer é que o gosto pelo rebuscado é descendente do estilo espanhol. Sem que isto implique em demérito para a cutelaria portuguesa.

Não se engane o leitor. Os ferreiros portugueses e seus herdeiros brasileiros a partir de 1822, eram perfeitamente capazes de elaborar artefatos sofisticados. Por outra vertente, aquele processo de evolução não parte de facas de luxo, sofisticadas. Ele é fruto da presença numerosa

deste ou daquele "tipo" de faca numa área geográfica razoavelmente extensa.

A presença numerosa e por certo período fixa um "tipo" um formato, uma faca clássica, como nos diz L. Gazinhato. Um artefato que, por cumprir bem o papel para o qual foi concebido, se populariza. A transposição deste formato popularmente aceito, consagrado, para facas sofisticadas, com rico acabamento usando metais e outros materiais nobres é comum. Faz parte, felizmente, do processo de evolução de formatos de facas.

Outras facas surgem por necessidades específicas, um tanto à margem deste processo. Parece ser este o caso da "knife" ou naife gaúcha. Uma faca que, embora de vida curta existisse como formato consagrado. Sua história é conhecida.

Sendo bom assinalar que facas gaúchas com lâminas triangulares curtas, à semelhança da mencionada "knife" ou naife, não são raridades.

Para concluir, a disseminação do uso de facas deve ser visto.

Por uma vertente, a da demografia e da distribuição da riqueza se é levado a inferir que o volume das facas em uso pela população era muito grande. Mas, grande como? O que se tem é, entre 1500 e início dos 1700, uma população pequena e pobre. O raciocínio de que a tantos habitantes podem corresponder tantas facas, é falso.

Mesmo depois de deflagrado o Ciclo do Ouro, que provocou uma explosão demográfica, até meados do século XIX (1800) as questões do aumento da população e da riqueza (capaz de comprar facas) deve ser vista com muito cuidado. A começar pelo fato de que a presença reprovável da escravidão produz fenômenos demográficos como uma minoria branca em contrapartida a uma maioria negra e, em sua maior parte escrava.

Mas, os costumes da época eram curiosos. Escravos podiam usar facas e, em alguns casos, boas facas. Por exemplo, aqueles que encontravam diamantes de tamanho expressivo, ou encontravam pepitas de ouro de peso acima do normal.

São relatos e crônicas da época que nos falam disso. Em 1810, o viajante estrangeiro John Mawe informa que escravos ocupados no garimpo de diamantes, em Minas Gerais, eventualmente eram premiados com roupas e "uma bela faca".

Os registros "policiais" também indicam isto. Em 1809 encontra-se:..".escravo de … foi preso. Tinha em seu poder uma faca de ponta".

Na iconografia anexa a este trabalho há inúmeros registros de "escravos" portando facas. Pouco importa se eram libertos ou não. O acesso e o porte eram permitidos.

Assim como era permitido aos demais habitantes de outras etnias. John Luccok descreve uma refeição na casa de comerciantes em 1808: " Somente os homens usam faca, mulheres e crianças se servem com os dedos"… cada pessoa deveria comparecer com a própria faca, "em geral larga, pontiaguda e com cabo de prata."

A respeito de tropeiros, Thomas Ender nos informa em 1817: "Os homens traziam na cintura ou no cano da bota uma faca comprida, de cabo prateado".

Crônicas e registros escritos ou iconográficos de períodos anteriores à "invasão" de estrangeiros que se deu com a vinda da Corte para o Brasil, são bem mais raros. Mas confirmam o que foi visto por aqui nos anos 1800.

Processo de Evolução das Facas Brasileiras, uma Síntese

O que se segue é, além de uma síntese, uma hipótese. Que tem seus fundamentos. Mas aberta para discussão e eventual correção.

Este processo de evolução teria etapas e partiria das facas trazidas ao Brasil da Europa.

A primeira etapa tem início no século XVI (1500) e termina no século XVIII (1700). É evidente que esta cronologia encerra uma dose de arbitrariedade. Mas, como tentar descrever algo tão extenso sem cometer arbitrariedades?

De todo modo seriam dois séculos de predomínio de artefatos simples e pouco diferenciados. Isto se explica, em parte, porque a riqueza, em termos macro, era concentradíssima. As atividades econômicas eram poucas: extrativismo, monocultura e pecuária. A presença humana era esparsa e próxima à costa. Nos raros e acanhados centros urbanos, o comércio era de pequeno porte e as atividades seguiam os padrões portugueses. Ou seja, as facas seguiam as atividades calcadas em modelos europeus.

Poucas adaptações foram feitas, principalmente na monocultura (cana de açúcar) e na pecuária. Recorde-se que a cultura da cana de açúcar foi praticada pelos portugueses em ilhas antes de ser trazida para cá.

Estes dois séculos se caracterizam pela presença de facas simples, curtas (no entorno de 20 e poucos centímetros, se tanto) , espessas e largas. Com predominância de cabos simples.

Entretanto, nem tudo se quedava parado, seguindo os formatos ou padrões europeus. A propósito, apenas como ilustração, tem-se que, com o incremento da atividade de Entradas e Bandeiras, surge em São Paulo, uma pesada lâmina, longa e curva. Quando surgiu e sua evolução, é matéria certa para controvérsias.

Há diversas possibilidades para o surgimento desta "espada curta". Entre elas a adaptação do sabre de abordagem naval (ou o Alfange ibérico, um cutelo) e mesmo do que, a futuro, seria o "machete". Este, de nacionalidade também controversa, mas, na América do Sul, bastante usado por franceses. A influência francesa, no período do Brasil Colônia não é desprezível. Sem o desejo de ser assertivo ou de levantar outra controvérsia inútil, cabe anotar que o formato dos cabos das Sorocabanas clássicas ainda está presente em artefatos franceses do início do século XX. Outro dado histórico: logo que por aqui chegou em fuga ou retirada estratégica, pouco importa, o Rei de Portugal envia uma força composta por tropas de terra e navios para o que hoje chamamos de Guiana Francesa. Pouco se sabe a respeito desta ação militar a não ser que teve sucesso. Agora se o "machete" francês já estava por lá e veio para nossas bandas, é outra estória. Desconhecida.

Prosseguindo, é no século XVIII (1700) que o tropeirismo começa a atingir sua magnitude como instrumento de atividades econômicas – serviço de transporte e comércio. Parte do comércio lícito ou não, passa, cada vez mais a ser feito por tropas de mulas. Quais as razões deste fenômeno, o tropeirismo? Diversas, entre elas, talvez, a tentativa de escapar aos controles da Coroa Portuguesa, mais presentes e atuantes nos portos costeiros.

Com o tropeirismo surgiria a Lapeana. Faca, ou mais acertadamente : facão, dado seu comprimento – dois palmos e meio (cêrca de 50 cm) de acordo com sua melhor descrição em literatura.

De todo modo, uma faca sulista que sobe até São Paulo. Talvez derivada dos artefatos utilizados na pecuária. E que talvez tenha dado margem ao surgimento da Sorocabana.

Resta anotar que o tropeirismo provavelmente tenha sido responsável pela troca, introdução e difusão de facas, modelos ou tipos de facas, desconhecidos pelos habitantes do interior de nosso país. Por interior, à exceção do que hoje seria a Amazônia, entenda-se praticamente todo o "sertão" do Brasil.

A seu turno o tropeirismo talvez seja marcado por duas fases. A primeira centrada no comércio e a segunda muito ligada ao Ciclo do Ouro. O Ciclo do Ouro é um fato de grande importância posto que ele dinamiza e cria condicionantes que influiriam até mesmo em aspectos mínimos do cotidiano. Seu caráter "explosivo" dada a rapidez com que gerou incremento demográfico, econômico, etc. se faria sentir a médio e longo prazo.

A segunda etapa do processo de evolução da ou das facas brasileiras iria do final do século XVIII ao final do século XIX, prolongando-se até o início do século XX.

Esta segunda etapa corresponde a uma gradativa redução na largura e na espessura das facas. Parece evidente que nossos ferreiros (e aqueles do resto do ocidente) retiram vantagem do aperfeiçoamento dos processos de fabricação do aço carbono. Na Europa, uma fase conturbada de guerras resulta num interesse dos governantes pela tecnologia do aço. Por razões óbvias, necessitavam de quantidades crescentes de aço de boa qualidade.

Anote-se que a siderurgia, em si, só desponta em moldes passíveis de serem reconhecidos como a atividade que é hoje, em pleno século XIX.

Por outro lado, há uma incipiente importação de facas de melhor qualidade e mesmo de aço não trabalhado. Ou seja, a riqueza da Colônia passa a permitir que se disponha de recursos para a aquisição de maior variedade de bens e recursos para o artesanato local. Frise-se: artesanato. A cutelaria permanece artesanal. A indústria cuteleira, na Europa, durante esta etapa do processo que se desenrola aqui, apenas dá seus primeiros passos.

Já no século XIX (1800) aquelas importações aumentam e culminam com a importação de facas semi-acabadas ou de lâminas cruas. É indicativo deste fato que mesmo no Nordeste, um elemento de reforço estrutural, o "botão" aparece em facas artesanais daquela região. Há pálidas indicações de que lâminas cruas também foram importadas no nordeste.

A maior disponibilidade de aço faz com que no Sul, uma faca evolua até se consolidar na faca e na adaga gaúcha. Acompanhado, talvez, de seu irmão, o facão. No Nordeste difunde-se outra lâmina de porte que caiu em desuso, o facão Canindé.

Também desta etapa é o surgimento, difusão e fixação de outras facas. A Sorocabana que faz cair em desuso a Lapeana e a Franqueira, ambas em São Paulo. Em Minas Gerais tem-se a Curvelana. No Nordeste a faca-de-ponta também se difunde e fixa, assim como no Sul se fixa o formato da faca gaúcha que segue o padrão uruguaio e argentino. Esta última seria uma faca regional com a característica de ser usada em mais de um país.

Todas estas facas, que evoluíram até fixar seu formato, dele derivando sub-tipos ou variantes, especialmente no Nordeste, encontram seus apogeus no século XIX e são majoritàriamente artesanais. No máximo, e já em fins do citado século, são feitas em pequenas fábricas. Notadamente no Sul, onde se tem marcas famosas com a "Dois Coqueiros" e outras.

As últimas décadas do século XIX e as iniciais do século XX seriam uma sub-etapa de transição, pois já existem "indústrias cuteleiras". E configura também, como decorrência, o canto de cisne da faca puramente artesanal.

Um alerta deve ser dado, na Inglaterra e depois pela Europa, a partir de meados dos anos 1700, o que se tem é a Revolução Industrial. Que afetou a cutelaria. As facas e ferramentas eu-

ropéias tornam-se progressivamente mais baratas. E, em decorrência, exportáveis.

Atribuir exclusivamente à industrialização a decadência da cutelaria brasileira artesanal ou "típica" pode ser um erro. Dois outros fatores parecem ter contribuído. A crescente importação de facas prontas e a introdução e difusão das armas de fogo, com base no desenvolvimento do cartucho metálico.

Se há uma arma de fogo curta neste período, diria que a mesma é a garrucha. Barata, em contraposição a revólveres e pistolas, a garrucha importada e depois fabricada aqui, desbanca a faca. Não totalmente.

A faca permanece como ferramenta e arma de ocasião em regiões onde predomina a escassez, a pobreza. E permanece com a característica artesanal até meados do século XX quando, aí sim, a industrialização entra de rijo no mercado da cutelaria artesanal e quase a extingue.

Esta etapa de transição do processo de evolução da faca brasileira apresenta algumas características. Dentre as quais as mais marcantes são o virtual desaparecimento ou descaracterização de facas como a Curvelana, Franqueira, Sorocabana, a adaga gaúcha. A segunda é o surgimento e difusão de facas ricamente trabalhadas. Uma nova classe sócio-econômica toma vulto e passa a demandar maior número destas peças.

Tais facas ricamente trabalhadas sempre existiram. Entretanto é sua difusão e conseqüente presença numérica que parece firmar-se. Felizmente. Pois são as versões entesouradas e, em decorrência, preservadas, de facas artesanais. Mesmo em suas versões intermediárias, nas quais a alpaca substitui a prata em si.

Uma última etapa deste processo de evolução da faca brasileira está em pleno andamento. Tem início provável na década de 70/80 do século passado e começa a expandir-se com mais ímpeto na década de 90.

Sem saudosismo, é com alegria que se vê no "site" da SBC e o E Zine e outros, que artesãos cuteleiros estão retomando, por exemplo o "modelo" das facas gaúchas. E se constata com tristeza, uma presença de réplicas mal intencionadas.

Arqueologia, Uma Nota

Vez por outra falo em Arqueologia, sendo necessários alguns esclarecimentos.

O primeiro deles é que fui à cata desta ciência e de suas descobertas, para tentar seguir os rastros, não da faca brasileira, mas do processo de evolução da mesma. Não encontrei muita coisa.

O que é explicável pelo fato de que facas são feitas de metal, portanto sujeitas à corrosão. E, também sujeitas ao aproveitamento de seus restos.

É claro que sempre se pode ter uma idéia do que foi a faca. Mas, apenas isto, uma idéia.

Por exemplo, quando deparamos com o resultado de escavações em fossas de lixo, os artefatos se resumem, em sua vasta maioria, à porção que teria sido o cabo. É possível discernir que boa parte dos cabos era simples. Além disto, corre-se o risco de erro grosseiro.

Os raros artefatos recuperados em escavações, que mantiveram alguma integridade, apresentam como era de se esperar, alto grau de corrosão. O que prejudica ilações no que respeita

suas dimensões. O formato é até presumível. Com exceção das pontas, na maioria das vezes ausentes e/ou alteradas pela mesma corrosão.

Ao falar em fossas de lixo, o que pode parecer inusitado, a Arqueologia em apreço é o que já há algumas décadas se designa por Arqueologia Histórica. Ou seja, aquela que procura vestígios e artefatos de período histórico – no qual já se tem registros escritos. No Brasil, isto se inicia com o processo de colonização.

Também é interessante para o efeito de esclarecimento, que há uma Arqueologia Subaquática. Que tem recuperado do mar e de rios ou de seus estuários, artefatos, entre os quais, facas.

Neste caso específico a questão relativa à identificação de formato e dimensões é mais difícil ainda. A natural corrosão faz com que objetos metálicos sejam fragilizados em extremo e, sua conservação em acervo, muito difícil em função do custo dos processos de estabilização. Fica-se com fotografias e desenhos.

De todo modo a Arqueologia foi e será mais um recurso que, usado com a cautela recomendável, certamente contribuirá para se entender melhor como evoluiu a faca em nosso país.

Mas a Arqueologia é uma das diversas "filhas pobres" da academia brasileira. O arqueólogo só recentemente passa a dispor de cursos de nível superior para sua formação. E, são poucas as instituições que matem núcleos de ensino, pesquisa e difusão desta disciplina.

Uma certa torre

Já se falou de Bandeirantes e de Tropeiros. Para aguçar a curiosidade dos interessados e tentar trazer alguma luz, embora indireta, a respeito do sertão nordestino, seus hábitos, costumes e facas, vamos sintetizar o que pode ser uma das muitas sagas brasileiras.

Sem esquecer que outras mereceriam ser resenhadas aqui para que se possa ter idéia de que em nossa terra, em termos de esforço humano nada ficamos a dever a outros povos. E por obséquio, sem a ressalva piegas do tipo: guardadas as proporções.

Antes de entrar numa breve resenha da saga da Torre de São Pedro de Rates, resta esclarecer que no Brasil Colônia, embora a Coroa Portuguesa tivesse dado início a uma "reforma de base" no sentido de modernizar o Estado, muitos hábitos, costumes e instituições seriam ainda medievais e feudais.

Talvez outros povos europeus já não fossem mais tão medievalistas em seus costumes e instituições em 1500. Mas esta é uma questão para historiadores destrincharem. Ao certo, a Idade Média teve seu prazo de validade expirado em 1453 da nossa era. Pouco menos de um século depois, muito de Idade Média ainda estava de pé.

O que importa é que, em 1550 um desbravador português – Garcia D'Àvila construiu a quase 100 kilometros ao norte de Salvador a tal torre. Com isto dando início ao estabelecimento de um verdadeiro FEUDO, (ao menos em suas características principais) nos sertões baianos.

Este feudo durou três séculos e chegou a ter a extensão de 300 000 kilometros com eixo no Rio São Francisco.

Esta extensão de terra, é lógico, tinha donos: os índios. Os D'Ávila, seguindo os costumes da época liquidaram com os indígenas. Um episódio documentado é a contratação de Domingos Jorge Velho, um Bandeirante paulista, para "limpar" o terreno. E lucrar com o "apresamento" de

índios.

A atividade principal foi a pecuária e isto explica, em parte, porque a maior parte do "feudo", era desabitada. Desabitada mas não abandonada. A pecuária da época era do tipo extensiva, gado solto para pastar e reproduzir e, de tempos em tempos ser reunido para contagem, marcação e destino final.

Inúmeras cidades de hoje, do interior da Bahia e do interior de estados nordestinos resultam das atividades desenvolvidas no território deste "feudo".

O que chama a atenção de historiadores é que esta vasta extensão de terra foi alvo de uma organização. Os esparsos assentamentos humanos não surgiam a seu bel prazer. As atividades, todas eram regidas, organizadas. Inclusive a militar, com milícias sob o comando dos mandatários da vasta região.

O sertão baiano e nordestino foi por assim dizer, conformado a partir desta organização territorial com base, ao menos parcial, em costumes e institutos feudais.

Para finalizar, quem fala em pecuária da época, fala em pecuária extensiva e no manejo do gado, no cavalo ou mula, na ferradura, nas ferramentas de trabalho com gado, e outras da agricultura de subsistência e, por conseqüência, no ferreiro.

Não sou historiador para encontrar nesta estrutura feudal bases para usos e costumes da cultura nordestina.

Mas, em se tratando de facas, posso aventar duas hipóteses. A primeira delas é a difusão, pelo sertão nordestino (que começa na Bahia) da figura do FERREIRO e de sua TENDA.

A segunda hipótese é mais arriscada. Com o início do Ciclo do Ouro, em fins do Século XVII (1600), a "estrada real" que liga Salvador aos sertões das Minas Gerais corta o FEUDO. O que parece se formar é um enorme "sistema" de comunicação em cruz. Um dos braços desta cruz vai de Salvador, corta o São Francisco (e o usa em parte como via navegável) e atinge as Minas. O outro braço vai em paralelo ao citado Rio e à linha da costa, ligar as Minas Gerais aos sertões do que hoje são estados nordestinos.

Esta(s) ligação(ões) com Minas Gerais era amaldiçoada pelo governante colonial. Era mesmo tida ou chamada de a(s) estrada(s) do descaminho. Nela passava de um tudo e os funcionários do governo colonial tinham grande dificuldade para cobrar os tributos.

Este "sistema de comunicação, a seu turno, se conecta a São Paulo e dali ao Sul do país. Não seria de admirar se formatos de lâminas tenham trafegado por esta vasta rede. Difundindo e fixando um certo padrão genérico e, ao mesmo tempo, gerando alguns padrões locais como a Curvelana, por exemplo.

Capítulo 7

Influências Geográficas

Uma Visão Geral da Questão

A Geografia é uma ciência bem mais complicada que a estudada pela maioria de nós, simples e ignorantes advogados, engenheiros, economistas, e apaixonados por facas.

Qual dos diversos ramos da Geografia se usaria para uma tentativa de identificar influências sobre a conformação de facas? Geografia Física, Humana, Econômica, Política?

Portanto, será preciso que se tenha em mente que, ao discorrer a respeito disto ou daquilo vou falar de cobertura vegetal, países distantes. Ou seja, de Geografia Física, Política e outras.

Com o pouco que sei e o que fui buscar em livros, Internet, na Biblioteca Nacional e outros lugares, correndo o risco de ser corrigido (o que seria bom e desejável) vamos lá.

No Brasil Colônia havia alguns problemas geográficos capazes de determinar influências sobre o formato geral de facas. O primeiro deles é que havia um oceano entre quem precisava de facas e o pobre europeu que veio tentar a fortuna por aqui ou foi degredado – veio à força.

Uma nota: falar em degredados evoca ladrões, assassinos, enfim criminosos. Não era bem por aí. Muitos degredados haviam cometido "crimes" que a nossos olhos soariam como bizarros; coisas de pouca importância. E seu número não foi assim tão grande.

Mas, havia um oceano no meio. E por aqui as coisas eram muito diferentes da velha e boa terrinha. Ou seja, muita ferramenta e FACAS eram de pouca utilidade por aqui. As necessidades eram outras. Ficava difícil encomendar algo que servisse. O que se resolveu com o passar do tempo.

Muito tempo. A se crer nas evidências e na palavra de quem já estudou mais a fundo o tema (como L. Gazinhato) as facas brasileiras surgem como tipos, formatos, definidos, AO QUE TUDO INDICA a partir de meados do Século XIX. Gazinhato as chama apropriadamente de "facas clássicas".

No reino das suposições somos levados a pensar na primeira ocorrência de exploração de minério de ferro, feita na região de Sorocaba/SP. Pode haver uma conexão nestes fatos? Pode. As artes dominadas pelo ferreiro eram necessárias à exploração do Pau-Brasil, à monocultura da cana de açúcar e à pecuária, primeiras atividades econômicas desenvolvidas por aqui.

Uma determinante geográfica para a existência do nosso ferreiro, ou artesão cuteleiro vem a ser um conjunto de fatores atinentes à Geografia.

O primeiro destes fatores é de cunho geo-demográfico, se isto existe, ou seja, presença humana. Atrelada a esta presença humana ficaria a existência de atividades humanas.

Este subconjunto de fatores – atividade humana pode ser inerente a concentrações urbanas ou não. Pode estar disseminado na atividade pastoril, pecuária extensiva e ao tipo ou tipos de agricultura que surgiram por aqui.

Outro fator seria a existência de combustível: carvão em pé, florestas, ou seja: cobertura vegetal.

Temos ainda o fator água. Sem água o ferreiro fica impedido de exercer seu ofício. Não é por nada que centros cuteleiros se formaram ao longo de bacias hidrográficas. Principalmente quando a atividade cuteleira foi pressionada para produzir mais, criando o "martinet", por exemplo. O martinet é o nome francês do que seria um martelo movido a força hidráulica.

O último fator seria a presença de matéria prima – minério de ferro ou então acesso ao mesmo via transporte rodoviário, hidroviário, etc. Não sei se houve exploração de jazidas e fundição/redução de minério de ferro antes de, pelo menos, as últimas décadas de 1700. Talvez com a exceção das Missões ESPANHOLAS, no Sul.

Um Artesão Básico: O Ferreiro

Entre as gentes que os primeiros colonizadores trouxeram para cá, lá estava o ferreiro. L Gazinhato registra que o primeiro destes profissionais chegou ao litoral de São Vicente (SP) nas primeiras décadas dos 1500.

Na região do Rio da Prata (hoje Argentina e Uruguai) o registro mais antigo é dos primeiros anos de 1500 e dá conta de alguém fazendo facas "como as de Flandres".

Um ferreiro não era simplesmente alguém habilitado a colocar ferraduras em cavalos. Sabia fazer muito mais que isto. E, se tivesse vindo de Guimarães ou outro centro tradicional de cutelaria portuguesa. Sabia como poucos, fazer uma faca. E ferramentas, anzóis, peças e partes de maquinário, tesouras, pregos, enfim de um tudo.

Havia, no entanto o problema do reabastecimento de matéria prima – aço. E surge a reciclagem. O que não é invenção brasileira. Os colonos norte americanos que foram para o oeste bravio, tinham um continente entre eles e as fontes de reabastecimento. Seus ferreiros também reciclavam ferramentas agrícolas, velhas limas, tudo. Bem mais tarde que os portugueses de 1500, é verdade.

Mas, voltando à figura do ferreiro.

Havia um hábito, um costume, uma necessidade. Qualquer expedição de longo alcance e expectativa de permanência levava consigo a figura do ferreiro. Até em muitas das naus da época, havia um ferreiro disponível. Aquelas frágeis embarcações não eram feitas só de madeira. Havia peças críticas feitas de ferro e de aço. O mesmo valia para quem se aventurava em terra. O ferreiro era um profissional imprescindível.

Parece indiscutível que o ferreiro não estava apenas a bordo das naus que vinham para o Brasil e depois partiam. O processo de colonização lusitano apoiava-se também nas FEITORIAS. Estabelecimentos governamentais, construídos, de início, em pontos de interesse da nossa costa. Sendo razoavelmente certo que ao menos em alguns deles, a figura do ferreiro

estivesse presente.

As Feitorias não ficavam isoladas no território. Sempre havia uma pequena aglomeração urbana e, não raro uma fortificação ou ao menos um espaço para o abrigo de "soldados". Nunca é demais lembrar que estes "soldados" não eram profissionais. Desta forma uma das condições para a existência de atividades do ferreiro, a presença e atividades humanas estariam cumpridas.

Não só nas Feitorias litorâneas, mas também naquelas implantadas nas primeiras povoações interioranas. Assim como nas nossas primeiras estradas e mesmo nas vizinhanças de estabelecimentos agropecuários que, aos poucos foram ganhando os "sertões".

Por vizinhança de estabelecimento agropecuário entenda-se, no mínimo, a localização da ou das feitorias em algum ponto de passagem obrigatória. Uma localização no entroncamento de "caminhos", por exemplo.

Note bem. A tenda do ferreiro era imprescindível. Nela faziam-se partes das moendas de açúcar, peças de arreios de animais (não só de cavalos; mulas, bois de tração), dava-se fio a ferramentas gastas, fazia-se ferramentas, recuperava-se ferramentas quebradas, reciclava-se metais, faziam-se anzóis, faziam-se pregos e cravos, ferraduras, etc. Um sem fim de artefatos necessários à vida e à produção econômica, sempre é bom repetir.

Não se trata de explicar a presença disseminada do ferreiro com base na existência de feitorias. Antes, o que se pretende é tornar evidente que a figura do ferreiro não se localiza aqui ou ali por acaso, desvinculada de atividades humanas com valor econômico.

Infelizmente nossa Arqueologia não estudou, ainda, sítios contendo restos das atividades destes artesãos, os ferreiros coloniais.

Chega de Geografia, no caso, talvez sócio-econômica.

Contato entre Colonização Portuguesa e Espanhola

Outra possível fonte de influência que teria uma componente geográfica vem a ser a proximidade física entre o processo de colonização portuguesa e aquele praticado pelos espanhóis. Geograficamente cedo estiveram em contato, no mesmo território.

Outros colonizadores se fizeram presentes: ingleses, holandeses e franceses. Temos o hábito de esquecer as Guianas e o Caribe. Geograficamente, mais próximos que a Europa.

Outras regiões da América Latina, bem distantes, mantiveram relações comerciais com nossos colonizadores. É bem o caso dos "peruleiros", comerciantes de prata peruana que por aqui apareciam vendendo aos ourives parte da produção de Potosí.

Havia também os parceiros econômicos de Portugal na Europa e, longinquamente, os contatos portugueses e espanhóis na África e Ásia. E agora estamos falando de Geografia Econômica – trocas internacionais.

O caso da ADAGA MEDITERRÂNEA, hoje desbancada para faca mediterrânea, é emblemático. Em algum lugar destes escritos questiono aquela denominação argumentando que ao usar o termo mediterrâneo na realidade se está falando de uma alentada e variada porção de culturas, países, e mesmo de duas civilizações que ali até hoje convivem. O formato apontado como sendo o da faca mediterrânea é encontrado também na cultura hindú, que não tem nada

a ver com o Mediterrâneo. Mas, quanta faca mediterrânea não veio, por acaso, aportar em terras brasileiras?

Ao pesquisar o tema da origem de formatos de facas brasileiras teve de ir em busca dos formatos antigos de facas européias. E o formato aproximado da referida "faca mediterrânea" lá estava. Por vezes distante do Mediterrâneo em si.

Um cuteleiro conhecido, Jean Hugo Callegari, indica, com razão, que não se deve olhar para detalhes ou para algum detalhe de uma faca. É necessário olhar primeiro para a faca como um todo. Para o caso aqui, se uma bela faca tem partes e peças de marfim, por exemplo, aí está uma "inescapável influência" asiática e/ou africana. Pouco importa se a sua lâmina é assim ou assado. Em resumo, influência asiática ou africana é um pouco demais, não é?

Olhar para uma faca brasileira com partes de suas furnituras feitas de marfim e extrapolar, asseverando que se trata de uma faca com influência africana ou asiática é, no máximo uma verdade parcial. O marfim é um material usado na África e na Ásia desde tempos imemoriais, isto é inegável. A questão é mais abrangente e, a meu ver, de outra natureza que a simples influência geográfica. Parece-me que há mais de cultural.

No tocante ao formato, não adianta de muito olhar os detalhes de uma faca. Ao menos numa primeira abordagem.

Esta seria uma visão geral da questão. As facas brasileiras não surgiram por encanto. Fazem parte de um longo e seletivo processo que começou em 1500. Processo este que foi influenciado pelas necessidades, pelos novos usos impostos pelas condições locais e por artefatos ou modos de fazer de culturas distantes.

Este processo pode muito bem ter sido uma via de mão dupla. No seguinte sentido:

Parte significativa deste processo pode vir a ser explicada em função do contato entre os esforços de colonização despendidos por espanhóis e portugueses. Os registros históricos coloniais exibem uma farta presença de espanhóis em território colonial português. E a recíproca deve ter sido verdadeira.

Linhas de Exploração a Respeito da Faca Brasileira

O termo usado: exploração cabe bem. A ausência de exemplares (facas) e de informações torna tudo um tanto vago e impreciso. Ou seja, merecedor de pesquisas e, principalmente de colaboração.

Repetindo: sem exemplares, sem artefatos fisicamente existentes ou, pelo menos registrados em desenhos, pinturas, ou recuperados pela Arqueologia, fica muito difícil estabelecer linhas de tempo, etapas de processos de evolução, de adaptação, etc.

Nada melhor que um exemplo. Perdido no meio do oceano Atlântico está o arquipélago das Canárias. Por lá há um tipo de faca. Ao que parece sua lâmina tem algo a ver com a lâmina de um tipo de faca do Sul do Brasil (a "knife" ou naife), mas… há o seu cabo. Que não fica longe do cabo de embuá das facas nordestinas. E agora? Se a influência for real, se algum dia puder ser comprovada, como se fica?

Finalizando o capítulo no qual se fala do material das lâminas, o aço, há um apêndice tratando de cabos. Vale a pena dar uma olhada, pois o cabo de "embuá" não é bicho papão criado

pelo bom sertanejo nordestino.

A ou as influências geográficas enquanto elementos do processo cultural de conformação das facas brasileiras não devem ser tomadas isoladamente. Por si, significam pouco. O real é o processo, digamos, cultural.

Mas por menos que signifiquem estas possíveis influências geográficas, vamos prosseguir na direção de sua análise. Atentando sempre para o fato de que se está analisando uma parte, uma condicionante de um processo.

Já se viu que atribuir influência a um ou dois países/culturas, não é válido.

A faca gaúcha seria o resultado de contatos centenários entre ocupantes de regiões sob o domínio colonizante espanhol. Este, ao que tudo indica é um fato. A pergunta, por mais estranha que pareça é a seguinte: algum modelo de faca espanhola teria influenciado o formato das facas nordestinas? A resposta é: é possível.

Houve contato entre os processos colonizatórios espanhol e português. E este contato não ocorreu apenas no Sul.

Vamos ver isto mais de perto.

O primeiro ponto a ser destacado é o rápido sucesso espanhol. Sucesso traduzido em ouro, prata e mesmo esmeraldas. O que, certamente, levou os portugueses a acelerar suas buscas na Terra dos Papagaios. Levou tempo – praticamente todo o século XVI (1500) adentrando o seguinte até 1700. De permeio, muitas manobras para ultrapassar o Meridiano de Tordesilhas. Um marco geográfico limitante.

Portugal teve de se contentar com Pau Brasil, açúcar e pouco mais. Muito pouco ouro, por exemplo. Mas, o marco geográfico do Meridiano de Tordesilhas foi enfraquecido pela união dos reinos de Portugal e Espanha durante o período 1580 a 1640. (Geografia Política; percebem a dificuldade?)

Mas os dois processos de colonização cedo se tocam. Curiosamente, pelo extremo Sul e pelo Norte. Pelos extremos. É isso, vamos em breve falar da Amazônia.

O outro aspecto importante é que os dois processos de colonização eram diferentes. Ao menos operacionalmente, se o termo pode ser usado. A violência contra os índios é a mesma, inicialmente. Mas a Espanha parece tentar mudar de Estratégia.

A ponta de lança da ocupação/colonização espanhola passa a ser "religiosa" com as Missões. O zelo catequista dos Jesuítas e outras ordens a serviço da coroa espanhola. E não "empreendedores", nobres, ricos comerciantes e militares como era a tônica inicial de Portugal, economicamente e politicamente enfraquecido enquanto governo, ente político supremo e central.

Não se deve esquecer que o modo de colonização lusitano sofreu radical mudança ainda em meados do Século XVI (1500). Mas, permaneceu com supremacia laica digamos operacional, tanto quanto é possível separar laicismo de religião naquela época.

A artimanha, a jogada inteligente dos espanhóis ao Sul e pelo Norte seria um amplo movimento em tenaz sobre a colônia de Portugal, histórica e geopoliticamente fraco. Atenção, isto pode ser, apenas um delírio!

A jogada era bem mais sagaz que um amplo movimento em tenaz (real ou não, mas inquietante). O modelo colonialista espanhol era inteligente. Os religiosos ocupavam território, iniciavam processos produtivos, e, sob o manto da catequese, davam início a um processo civilizatório, culturalmente espanhol. Que chegava a detalhes além do ferreiro português. Por

exemplo, há fortes indícios levantados pela Universidade Federal de Santa Maria (RS) de que até aço era ou foi produzido no território das Missões espanholas.

A catequese, também se traduzia em (relativa) proteção aos silvícolas o que negava aos portugueses um "bem" econômico de grande importância : mão de obra barata e, para a época abundante. Catequizado o índio passava a ter "alma". Em tese não deveria ser morto ou escravizado. Parece que isto não importou muito.

No Norte, em plena Amazônia, os espanhóis avançaram, lentamente, é verdade, mas se fizeram presentes. Ao romper o século XVIII (1700), aldeamentos (Missões) religiosas espanholas ali estavam estabelecidas. Os portugueses, a partir de S Luís (Capitania de São Luís e Grão Pará) realizavam incursões para a coleta das "drogas dos sertões" – as especiarias amazônicas. Os contatos e choques ocorriam.

Um missionário espanhol merece destaque. O Padre Samuel Fritz. Seu zelo e trabalho resultaram num sangrento choque em 1709.

Um trabalho profícuo e inteligente o deste missionário. Em menos de uma década este religioso tinha fundado mais de 40 aldeamentos. Produziu mapas da Amazônia. Informação estratégica a respeito da geografia local. Coisa que Portugal não tinha e quando alguém fazia, confiscava e/ou destruía. Percebem a diferença?

De todo modo, em 1709 uma expedição militar portuguesa arrasou com tudo.

O mesmo formato básico de faca espanhola que influenciou as facas gaúchas teria chegado ao Nordeste via estes contatos? É uma possibilidade.

Esclarecer a dúvida só com extensa pesquisa. O que se sabe é que o formato não era incomum em centros cuteleiros espanhóis como Albacete e Toledo. Antes e durante o processo de colonização. E mesmo na França, Itália e Alemanha. Para citar uns poucos.

Ver, a propósito o capítulo: XI – Um Contemporâneo Ibérico.

Outro fator geográfico capaz de ter exercido alguma influência sobre facas brasileiras vem a ser a barreira da Serra do Mar. E, por extensão, sua cobertura vegetal tão maltratada – a Mata Atlântica.

Saltando, então, para a Geografia Econômica, o primeiro produto da colônia foi o famoso Pau Brasil. Árvores de boas para grandes proporçõesencafuadas na bendita Mata Atlântica. Árvores que em 1503 começam a ser derrubadas e levadas para a Europa, por franceses.

Para se chegar ao Pau Brasil era necessário abrir picadas, clareiras, derrubá-lo, trazê-lo para a costa onde estava o navio ou a Feitoria lusitana, mais tarde. Resumido assim parece fácil.

O machado para a derrubada e o corte de galhos de maior espessura, etc., estava lá. Mas, com que lâmina se abriu as picadas, as clareiras? E uma boa faca para trabalhos adicionais?

Certa vez coloquei esta questão e meu interlocutor foi rápido na resposta: nos navios, é lógico. Calei-me respeitosamente.

Fazia sentido. Nos navios. Claro, quem vinha para cá explorar o Pau Brasil trazia o que necessitava. Mas, e depois? O tal navio ia embora para Portugal, França e outros lugares com sua carga. E os devastadores ficavam aqui.

Tudo bem, por um tempo os devastadores eram índios pagos com "objetos de resgate". Mesmo estes, crônicas o asseveram, ficavam encarregados de derrubar mais tanto de Pau Brasil para a próxima nau ou para próxima viagem da mesma que levou a primeira carga.

Mas a questão não foi respondida. Um machado sempre foi um machado. Mas os portugueses não eram afeitos ao trabalho de abrir picadas na mata densa. Sua experiência na Ásia e na África era incipiente e mais comercial.

Uma ferramenta usada no segmento agrícola, em Portugal, o Podão, talvez tenha sido usado por aqui nesta atividade.

Tinham facões, é claro. Mas o facão português da época era um tanto curto e leve. Em Portugal era usado, é verdade, mas para outras funções bem diferentes. Ou seja, o facão que acabou sendo usado por aqui foi uma adaptação. E o mesmo deve ter ocorrido com uma boa e robusta faca.

Outra ressalva deve ser feita. Portugal tinha já naquela época certa tradição na cultura da cana de açúcar. Este bem econômico de alto valor foi cultivado pelos lusitanos em ilhas do Mediterrâneo antes de ser maciçamente introduzido por aqui. Isto pode implicar em ferramentas-facões, por exemplo, trazidos para este lado do Atlântico.

As facas do Brasil colônia parecem cabeça de Bacalhau. Existiram. É o que se sabe.

À falta de exemplares preservados ou recuperados pela Arqueologia, onde procurar? Um filão certo seria, voltando ao assunto, pesquisa a respeito das artes do ferreiro de então. O que procurei suscitar relatando experiências minhas com descendentes destes artesãos, ancestrais de nossos atuais cuteleiros. No entanto, onde estão trabalhos de pesquisa acadêmica a respeito? Não sei. E as perguntas, e-mails e cartas, ficaram sem resposta.

Falo em Arqueologia. O que pode parecer pretensioso. Mas não o é. De modo algum. O histórico da presença de certas facas aqui ou ali e sua influência sobre os tipos que se fixaram são informações que nos vem da Arqueologia. Curiosamente, há, nos USA, Europa e Canadá, colecionadores de facas e outras pessoas, ligadas a museus, por exemplo, que patrocinam escavações ou as realizam de moto próprio.

Mas, a Arqueologia é, infelizmente, uma ciência muito maltratada em nosso país. De fato, o que há é falta crônica de Arqueólogos e de cursos de formação.

A Busca de Modelos Hipotéticos

O que era a cutelaria portuguesa no período da colonização é algo que sempre se pode recuperar. Em termos. Também não há exemplares (lâminas, facas) conservados em museus e coleções por aqui. Mas, há instituições como o Museu Etnográfico de Lisboa e a Sociedade Martins Sarmento localizada em Guimarães, um centro da cutelaria lusitana desde tempos imemoriais.

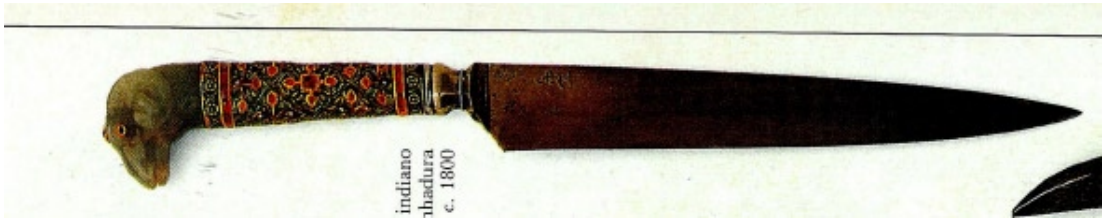
Visitei instituições portuguesas deste tipo na década de 70 (1970), portanto há cerca de trinta anos. As informações existem. São, em sua maioria, bibliográficas com DESENHOS e iconografia, que pouco auxiliam.

Do que pude ver, a variedade é muito grande. Nunca é demais lembrar que o homem sempre se serviu de lâminas. Na caça e coleta, agricultura, pecuária, um sem número de atividades ligadas a estes campos e a outros que surgem com o processo de urbanização.

Lá estão facas e outras lâminas. Muitas de uso específico em atividades agropecuárias e artesanais. Entre elas, alguns formatos podem ter sido a fonte, a forma básica da qual derivou

ou derivaram as facas brasileiras ditas "de uso geral" que interessam mais ao aficionado de hoje. Cabe ressaltar que sempre se esbarra com o formato da faca mediterrânea. Que, como já se apontou, também existiu na Índia. Formato semelhante, igualdade absoluta é algo difícil quando as lâminas são definidas, etnograficamente, e sabidamente artesanais.

I -51



Um exemplo de "punhal" hindú do Século XIX

Afora estas imprecisões iniciais, também merece ressaltar, de novo, o relativo entrelaçamento cultural entre portugueses e espanhóis, e o ativo e variado comércio entre as nações européias de então. Nem tudo foi pacífico nestas relações comerciais.

A vida dos cuteleiros portugueses não foi fácil. Principalmente depois dos acordos entre a Coroa Portuguesa e a Inglesa. O governo português, em 1700, sofria as pressões de seus cuteleiros que com razão, reclamavam da concorrência inglesa – especialmente de Sheffield. E a região cuteleira de Birmingham provavelmente também tinha seu papel.

Este nome, Sheffield, está na cabeça de qualquer um que se interesse por facas. Assim como outros centros europeus de cutelaria: belgas, franceses, holandeses, alemães, espanhóis (Albacete e Toledo) e mesmo italianos. Viajei muito. Na maioria das vezes, a trabalho. Quem sabe o que é viajar a trabalho não terá inveja. É uma pedreira. Principalmente quando se tem mania por alguma coisa. Facas, por exemplo. Lembro bem das correrias para ir a museus e outras instituições na hora do almoço.

É ver para crer. Em todos os países que estive, em alguma época contemporânea à colonização brasileira por Portugal, lá está o bendito formato da faca mediterrânea. Assim como outros com lâminas guardando mais paralelismo entre fio e dorso e pontas em meia ogiva ou ogivais. Mas, é bom ressalvar que o formato aproximado da faca mediterrânea está longe de ser o mais freqüente ou comum.

Será que descobri os fósseis da cabeça de bacalhau? É possível. Mas é necessário tornar bem claro que esta é apenas uma possibilidade. Há outros formatos. Dos quais, "tipos" de facas brasileiras podem ter derivado.

Conversei com Etnólogos. Daqui e da Europa. Há um denominador comum.

Utensílios evoluem, ou desaparecem, na medida em que a cultura evolui.

Um utensílio, uma faca, não é algo baixado dos céus. Imutável.

E o que se viu por aqui foi muita evolução. Não seria delírio dizer que a evolução das culturas européias se dava a passos de cágado enquanto a nossa, de repente, sofre um acelerado processo de mudanças. O Brasil Colônia passou rapidamente de uma "economia extrativista" para o patamar agropecuário. Sofre um novo surto extrativista (O Ciclo do Ouro), engrena no comercial e lá pelo fim de 1800 dá início a uma tímida, mas sempre uma industrialização.

Estão todos, desde já, autorizados a sentar o chanfalho nesta linha de pensamento. Que

tomou por base a observação e certo trabalho de pesquisa.

Um paulista de boa cepa pode contra-argumentar: e a Sorocabana? Ela tem alguma curvatura, sua solução de ponta é outra, não evoluiu de algum formato básico retilíneo. Mas cabe uma ressalva: há "tipos" de Sorocabana. Alguns não têm curvatura de lâmina, têm o dorso retilíneo.

Claro. Mas os paulistas que "criaram" a Sorocabana eram inteligentes. Dar curvatura a uma lâmina é conferir-lhe mais resistência. Ter uma solução de ponta em meia elipse (ou ogiva) confere maior variedade de usos. E o uso primeiro da Sorocabana exigiria resistência e versatilidade.

Não é à toa que muitas delas são enterçadas. Um enterço "completo", da ponta final do cabo à porção inicial da lâmina, em minha opinião, pode representar o desejo de reforçar a estrutura da faca ali, onde tensões tenderiam a se manifestar quando do uso. Ou então, o quê?

Há outra hipótese? Pode ser. Tudo depende de pesquisa. A Sorocabana pode ter evoluído da lâmina mais curta e pesada que os Bandeirantes adaptaram das espadas de então para seu uso. Esta espada (ou sabre curto e pesado) era curva? Se foi, ou mesmo se existem ou existiram exemplares variantes curvos, a hipótese de pesquisa é válida.

E sempre há o alfange historicamente registrado em Portugal.

Há referência bibliográfica dando conta de que "assim se chamava pois o povo de lá fazia umas espadas curvas, curtas…"Trata-se da antiga vila de ALFANGE, nas margens do Rio Tejo, que foi englobada pela cidade de Santarém.

Esta lâmina ficou associada à atividade marítima. Mas pouco ou nada tem a ver com o "cutlass" inglês ou com o "coutelas" francês. Ao que parece, seu uso, fora de navios era comum. Há dois formatos básicos. O primeiro guarda sua origem dita sarracena, com ponta mais larga que o restante da lâmina. A segunda tem a geometria de sua lâmina mais moderna, digamos, a ponta não apresenta tanto das características orientais

Lâminas assim estiveram pela América Latina.

Há referências iconográficas. São gravuras seiscentistas mostrando o dramático incidente da morte do Padre Roque Gonzáles de Santa Cruz ocorrido em 1628. A obra que contém estas referências nas páginas 29 e 30 é: "O Rio Grande do Sul Histórico", Painel Editora, Porto Alegre, Vol. I. Edição numerada: XXX0362, já citada.

Neste caso específico seriam alfanges de origem espanhola.

A Engenhosidade do Artesão Cuteleiro e Informações Finais

Permitam-me fechar a questão da influência geográfica com algo que tem, longe, mas tem a ver com Geografia econômica. E com a engenhosidade de quem tem que reciclar.

A reciclagem é uma tônica na cutelaria antiga. No nosso país, a origem provável desta tônica foi o hábito, o costume de fazer pagamentos usando "ferro velho".

O ponto pode ser desenvolvido a partir de uma constatação. É mais fácil recortar aço aquecido em linhas retas. Uma ferramenta agrícola oferece razoável espessura e um plano bastante amplo para que o nosso bom ferreiro, usando a punceta, o malho ou martelo, a bigorna ou safra e uma tenaz (com o auxílio do sempre presente aprendiz) recorte uma bela faca ou o que seja.

Isto ninguém me contou. Vi uma foice de cabo partido ser recortada e dela surgirem duas facas "de ponta" em Campina Grande, interior da Paraíba, lá pelos 1980 e poucos.

Esta engenhosidade é inata no artesão brasileiro. Ou algo por aí. Mas, sempre como hipótese de trabalho, vale assinalar que engenhosidade dá ensejo à criação do novo. Da adaptação, até o ponto em que o modelo original fica apenas na lembrança.

Qual era o modelo original? A esguia faca mediterrânea ou algo com lâmina mais larga? O modelo mais esguio tem uma vantagem: economia de material. E pouca largura de lâmina não é exclusividade de alguma região européia a partir do momento em que o aço disponível assim o permitiu.

É aconselhável pensar no citado material. Quais as características do aço disponível? Tais características permitiriam chegar-se a lâminas esguias, pouco largas e pouco espessas? Julgo pouco prudente recorrer à iconografia. Ela nos mostra sempre algo como as belas imagens egípcias-duas dimensões. Paciência é o que se tem. Mas o que nos mostram os estudiosos estrangeiros que por aqui passaram em bom número já em fins do Século XIX (1800) são lâminas mais largas e, possivelmente encorpadas, espessas.

Possivelmente, pois as lâminas, normalmente, estão enfiadas em bainhas ou roupa a dentro.

O material – aço carbono note-se, só se torna realmente barato a partir de 1855, quando o processo Besserman é difundido. E isto, bem longe daqui. Em outro hemisfério.

E os cabos? A mudança, a evolução fica bastante evidente na iconografia bem como em outras fontes como escavações em fossas de lixo. Os raros restos de cabos escavados parecem indicar que a primazia era a dos cabos de talas. Um elemento do cabo que mudou muito foi o pomo. Outro foi uma tendência ao abandono parcial (Sorocabanas e Curvelanas estão aí) do uso de talas e uma preferência (ou ressurgência) pelo que chamo de cabo envolvente.

Ainda no que se refere a cabos, aquele cabo de prata de Franqueiras (e outras, ver o Livro já citado de L Ottaiano) cheio de pequenas pontas adoçadas, pode vir a ser um resquício lusitano – o pau de zambujo (oliveira brava). Muito usado para fazer cabos.

I -52

Não é uma faca e sim um punhal. Mas tudo é típico da FRANQUEIRA.

O belo cabo de embuá, solução de artesãos nordestinos, pode ser outro resquício, desta feita dos cabos das facas das Ilhas Canárias. Ao que tudo indica, mesmo considerando a ausência de alguns elementos do artesanato nordestino, é notável a semelhança de solução encontrada para a fixação do cabo ao fuste. Mas, cabos assim surgem em outros lugares, na Europa, há muito tempo.

Estudiosos da faca Canária apontam a solução encontrada para o cabo como de provável origem marroquina. A COSTA AFRICANA NUNCA ESTEVE

LONGE DA ESPANHA E MESMO DA CÓRSEGA OU DA ITÁLIA. E Portugal sempre teve certa nostalgia de seus tempos de dominação no Marrocos.

O certo é que na Europa, este tipo de cabo, usando rodelas de chifre, não foi incomum. Há mesmo exemplares de facas de açougueiro ("butchers knife") de Sheffield com belos cabos feitos desta maneira.

Fica pendente de boa pesquisa tanto a possível influência das Canárias como, talvez mais importante, a época em que este tipo de trabalho se popularizou no nordeste. Cabos envolventes feitos com peças pequenas e sempre de secção circular de chifre e osso são raros acima dos 1700. Aqui e na península ibérica. Mas não são raridades absolutas.

Para terminar o assunto cabos, é válido ressaltar que boa parte das facas exportadas de Portugal e de outros países europeus para cá, chegavam sem cabo. Apenas o fuste a ser coberto por talas ou envolvido por peça ou peças.

São as facas incluídas na categoria de objetos de resgate. Muito simples e, em bom número ditas de ferro. Ou ainda, o fuste era integral com a lâmina e de seção arredondada ou ovalada.

Nas bainhas, a influência da ourivesaria portuguesa e espanhola é evidente nas facas gaúchas e mesmo nas baianas. Como registrei em outra parte destes escritos. Muito embora os

ourives sejam profissionais um tanto aferrados a desenhos tradicionais, em facas mais antigas (início dos 1800), eventualmente há motivos gravados a buril ou (o mais comum) obtidos por repuxamento (na realidade prata batida contra um molde e posteriormente retrabalhada a buril), como dizia, os motivos em certas peças são arcaicos.

Os materiais são sempre importantes. Uma bela peça com acabamento em alpaca é, de pronto, um limite superior de antiguidade. Esta liga (25% níquel, 25% zinco e 50%cobre) é razoavelmente moderna. Nada colonial e muito européia, inventada na Europa em fins de 1800. Ou lá "reinventada". A ponto de ser chamada de "prata alemã" e ter nome francês: Maillechort e outros como argentan, etc.

Em último caso, se existe a possibilidade de se ter na prateleira da vitrine uma peça colonial, há um teste bastante informativo: dureza Rockwell. O aço carbono de antanho, via de regra não ultrapassa a barreira dos 50. É a maldição da cabeça de bacalhau.

Maldição que é muito ampliada pelo fenômeno da industrialização. Fenômeno que de norte a sul liquidou, ou quase, com o que hoje se chama de cutelaria artesanal. E de resto com a figura do ferreiro.

Processos de Evolução Diferenciados Regionalmente

Tudo muito bem e muito bom. Mas, como é que se fixaram facas clássicas tão diferentes entre si? Sendo de lei considerar que de norte a sul o artesão brasileiro, o ferreiro, além de ter uma origem comum – portuguesa em sua maioria, ou apesar disto, podia ver e comparar seu trabalho com aquele de outros colegas de muito longe. Sejam facas vindas de além mar sejam facas vindas de outras paragens da colônia?

Por obséquio, não me tomem por chato, mas as "estradas reais" cortavam a colônia de norte a sul e entravam sertão a dentro chegando a Mato Grosso e outras regiões.

Uma explicação plausível é a de que as atividades desenvolvidas nesta ou naquela região exigissem o formato, a geometria de lâmina e solução de cabo tal ou qual.

Pode haver exceções a estes processos diferenciados? Pode. Parece razoável que o processo ocorrido no SUL esteja mais ligado a determinantes dependentes de influência extra-fronteiras.

Fica-se com as seguintes batatas quentes: Sorocabana, Franqueira, Curvelana, Nordestina e suas variantes, assim como outras das quais se tem apenas notícia (como a de Mato Grosso ou pantaneira) e as demais que eventualmente sejam plotadas e identificadas.

Caros admiradores de facas. À falta de exemplares que configurem estágios intermediários de um processo de evolução, fica-se…..a ver facas. Ou seja, estou jogando a toalha. Quem tiver mais e melhores informações, por favor, se adiante. Mas, sempre é possível estabelecer uma hipótese, a ser confirmada ou refutada. É o que se faz no último Capítulo.

Facas que também podem ser consideradas clássicas, como a Naife gaúcha, têm processo de "evolução" conhecido. Esta faca, além de poder ser considerada como clássica, também representa um acidente, ou melhor, um incidente bem localizado no tempo e no espaço e condicionado por imposições de finalidade – uso previsto em atividade específica.

A pergunta seria: como e porque surgiu a Curvelana? Ou a Franqueira?

Elementos teóricos e práticos para iniciar um trabalho que eventualmente nos leve a conclusões satisfatórias foram apontados no capítulo acima e em outros.

Como elemento teórico, cito, por exemplo, a questão da função x formato. De prático, o recurso à Arqueologia. Ou a pesquisa histórica, que me levou ao alfange feito em localidade do mesmo nome, hoje englobada pela cidade de Santarém, em Portugal.

Regionalismo e Territorialidade

Comecemos pela obra literária de José Cândido de Carvalho – O Coronel e O Lobisomem (29ª edição; Livraria José Olympio Editora, Rio/Rj, 1980). Este escritor fluminense, na obra citada, retrata o que teria sido a vida, ou aspectos da vida na região de Campos de Goytacazes – Norte do Estado do Rio.

Há referências a dois tipos de facas : a "de ponta" e a um "facão-dearrasto". Muito interessante, não?

A ou as explicações pertinentes para o uso, para a presença, supostamente no início do Século XX, no Estado do Rio de Janeiro, de dois "tipos" de lâminas nordestinas – se é que o tal "facão-de-arrasto" seria um artefato semelhante às facas-de-arrasto nordestinas, podem ser levantadas por diversas vertentes.

A primeira delas é que, entre as atividades da região de Campos, no Norte fluminense, está a de "Invernada". A engorda de gado para subseqüente comercialização. De onde viria o gado? O autor do livro em questão cita diversas vezes: Piauí.

Há, portanto a hipótese de que, com o gado veio o piauiense e suas lâminas. E mais, sempre no início de Século XX, veio o "usineiro de açúcar" nordestino estabelecer-se mais perto de grandes centros de consumo de seu produto.

A segunda hipótese é bem mais remota no tempo. Trata-se do "Caminho ou estrada dos Caminhantes" que no início de nossa colonização ligava Bahia ao Rio de Janeiro.

Então, "a territorialidade" de lâminas nordestinas alcançou o Estado do Rio de Janeiro? Parece que sim.

E as lâminas sulistas? Sua territorialidade seria bem mais extensa que o imaginado. A presença de facas "gaúchas" no Paraguai, desde o Século XIX é indiscutível.

A esta altura é de bom alvitre mencionar que territorialidade de um artefato seria o uso disseminado num dado território, de um artefato. Regionalismo seria algo diverso, mais restrito.

No território, a faca e principalmente seus componentes – partes e peças tenderiam a apresentar variantes de designação. Facão-de-arrasto seria típico disto.

Capítulo 8

A Questão Cultural

Faca, Ferramenta ou Arma

Nos Capítulos anteriores, quando se esboçou alguns tópicos sobre o que seriam as Raízes Históricas, Lâminas e Civilização, indicou-se que a faca transitou da caça e coleta para a agricultura e pecuária e depois para a cidade.

Apontou-se também, que seu uso na guerra foi e é até hoje restrito. Restrito a alguns tipos de facas e algumas culturas. Depois com a evolução da baioneta e por fim da faca de trincheira que sempre foi e é um uso restrito – situações extremas. Afora situações de guerra – conflito armado de proporções. Uma outra utilização é a religiosa.

Na vida normal a faca teve seu papel como arma enquanto os governos centralizados e institucionalizados o permitiram. Esta "permissão" acabou, legalmente lá pelos anos 1700 e depois foi declinando seu uso como arma. Na realidade, tudo indica que surgiu um novo tipo de faca, como vai se ver.

É interessante assinalar um viés político, social, ou o que queiram. Os nobres, se não me engano, na França, podiam, a partir de um certo momento, portar punhais.

É evidente, também, que a passagem de ferramenta para arma é rápida, quando a situação o exige. Até hoje isto ocorre. Assim como ocorre de o criminoso, intencionalmente armar-se com uma faca para delinqüir. Mas, o mando é da arma de fogo.

O bom deus dos cuteleiros e dos colecionadores há de permitir que a expressão que escolhi usar: artefato perfuro-cortante, caia em desuso e termine fossilizada no Direito Penal ou que outro seja. Tanto mais que há facas, como as de formato "pé de ovelha", nas quais a ponta (perfurante) é, para fins práticos, inexistente.

Naquele mesmo Capítulo indicou-se que a faca, a lâmina curta, cai no domínio popular um pouco antes da Revolução Urbana, ou com esta como querem alguns. Mas, o fato é que na cidade ela se diversifica, se especializa ainda mais. Permanece no campo, na agropecuária, já muito especializada, mas na cidade, assume papéis, usos, e as decorrentes especializações exigidas pelas artes e ofícios dos artesãos e depois, das necessidades industriais. Em suma, transforma-se, por excelência, numa ferramenta.

Mesmo no campo, no âmbito da agro-pecuária a faca se especializa. A cidade passa a exigir do campo uma enorme variedade de cultivares e de derivados da pecuária. Surgem, no campo, facas tão especializadas, com formatos tão distantes entre si, como uma ferradura e uma fivela

ou um estribo. É claro que algumas lâminas, digamos, clássicas, permanecem no campo. São, ali, de uso geral. Mas, são todas, ferramentas em primeiro lugar. Seu uso defensivo-ofensivo passa para um segundo plano.

Parece evidente que há um caráter dúbio como que embutido na faca. Talvez reminiscências atávicas nos façam indagar hoje se ela é ferramenta ou arma. Infelizmente esta dubiedade ainda acompanhará o objeto de nosso desejo e admiração por mais tempo.

Vamos tomar o exemplo de uma atividade ancestral do homem: a caça. Até hoje o homem caça. Em tempos de ecologia e, a meu ver, exacerbado, mas atuante espírito de defesa dos animais, parece lógico que qualquer objeto, ainda que remotamente ligado à caça seja demonizado. Nós, colecionadores e admiradores vemos uma beleza aonde a maioria vê agressão, sangue de inocentes, de vítimas. É isto que a cultura envolvente vê. Em alguns países, menos. Mas este menos é condicionado ao grau de racionalidade da cultura local, nacional.

No Brasil, somos latinos, menos racionais. Mais emocionais. Nossa cultura seria mais complacente. Mas, experimentem ser apanhado pela polícia portando uma faca.

Mas, retomando, a faca na caça. Ferramenta ou arma? Dubiedades à parte ela sempre foi mais ferramenta que arma no tocante ao ato de caçar o animal. Só uma figura de cinema como Crocodile Dundee caça crocodilos com uma faca.

Depois que o mamute ou a onça em extinção, entrega sua alma ao criador, é que a faca entra em ação. Como ferramenta para retirar couro, estripar, etc.

E aquelas belíssimas facas de caça européias? Usadas para dar o golpe de graça no javali, no urso ou no cervo. Coisas do passado, era chique e necessário, pois as armas de fogo, a lança (no caso do javali) não eram cem por cento, digamos, terminais. Na maioria dos países europeus, hoje, usa-se a arma de fogo, está nos códigos ou legislação que rege a atividade. Muitos cavalheiros, cheios de graça e empáfia levaram a pior por não ter acertado direito o animal e lá iam tentar espetar o bicho com suas belíssimas facas. Daí, proibição. A ética na caça passa a ser outra. Feriu, dê outro tiro. Deixe de ser sovina e gaste sua munição.

Curiosamente é na Europa que a faca começa a evoluir para a faca de caça de uso geral. Um artefato que lembra a famosa Bowie. Alguns autores até citam Bowies Européias. Mas, isto é uma questão comercial, de exportação para os USA. De todo modo a atividade da caça, que nunca sofreu solução de continuidade na Europa resultou, também, num pequeno universo de facas especializadas. Por animal caçado e por uso: desentranhar, esfolar, esquartejar, etc. Mas o tempo das vacas gordas passou e a caçada na Europa simplificou-se. Não existem mais empregados à disposição. Surgiu a necessidade de contar com uma faca de uso geral.

Haveria uma "cultura da faca" na Europa? Difícil dizer. Há países em que isto seria verdadeiro. Em outros, não. É de interesse ressaltar a mania dos franceses por canivetes. E as severas leis inglesas a respeito de qualquer objeto que lembre uma arma.

Não é este o caso dos USA. Lá, cedo (fins dos 1700, início dos 1800) alguns tipos de facas essencialmente ligados à caça – muito em função do terreno e dos animais vão se fixando em tipos, formatos. Com bastante rapidez tudo acabou se fixando em uns poucos formatos.

Estas facas essencialmente ligadas à caça seriam, mesmo o "tipo" de uso geral, antes de tudo, ferramentas. Artefatos com características específicas, destinadas a atender às necessidades de uma atividade.

Na pesca o mesmo ocorre. Existem facas específicas por tipo de pescado e outras decorrentes -de filetar, por exemplo. Ligadas a outra atividade ancestral – a coleta e hoje cultura de

conchas e moluscos, também tem alguns tipos, algumas ferramentas, bem específicos.

Nas cidades, a diversificação atinge um extremo. Ir além desta assertiva seria mero preciosismo. Mesmo hoje, depois do intenso processo de industrialização, ainda restam nichos artesanais usando "facas" estranhas. A dimensão do fenômeno pode ser aquilatada consultando alguma enciclopédia ilustrada de época. A quantidade de facas disto e daquilo é enorme.

Em contrapartida, nestas obras, a quantidade e a diversidade de armas de fogo é pequena.

Todas estas facas-ferramenta guardam a característica perfurante ou a cortante ou ainda ambas. Mas os formatos são no mínimo, exóticos. Vi, em Paris, uma exposição de ferramentas antigas. Com início no século XIV (1300), lá estavam, em quantidade, facas. Algumas até com nomes próprios. Nesta exposição encontrei um cidadão que colecionava, dentro do universo das ferramentas, facas.

Quero crer que o divisor de águas cultural é o uso. Atividades específicas geram, exigem lâminas específicas. Em qualquer cultura. Sempre restando um nicho para artefatos "de uso geral".

I -53

Acima imagens de facas do início do Século XX, França. Note-se que os franceses chamam indiscriminadamente de faca o que nomeamos de modo diferente.

O fato de uma lâmina – faca, ser eventualmente usada para defender-se ou para atacar outro ser vivo, animal ou homem, não parece defini-la como arma.

As facas que são Armas

Já foram muitas. Hoje são poucas. Até mesmo aquelas preconizadas como ideais para o exercício da "grande arte", a luta com facas, são facas de uso geral de boa qualidade e bom tamanho. Foi o que pude observar num curso ministrado por um professor de origem israelita. Que abriu este curso aqui no Rio, no rastro de um filme nacional: "A Grande Arte".

Hoje um novo conceito luta para se firmar: a faca tática. E mesmo o canivete tático. Desejo boa sorte aos cultores deste conceito. Para colecionadores e cuteleiros, abrir-se uma nova categoria/conceito, é ótimo.

Há algumas décadas surgiu outro conceito: a faca de sobrevivência. Até hoje alguns fabricantes mantêm em produção modelos de sobrevivência. Como já se passaram algumas décadas, é possível que o conceito se fixe. De novo, ótimo.

Resta averiguar se trata-se de ferramentas ou de armas.

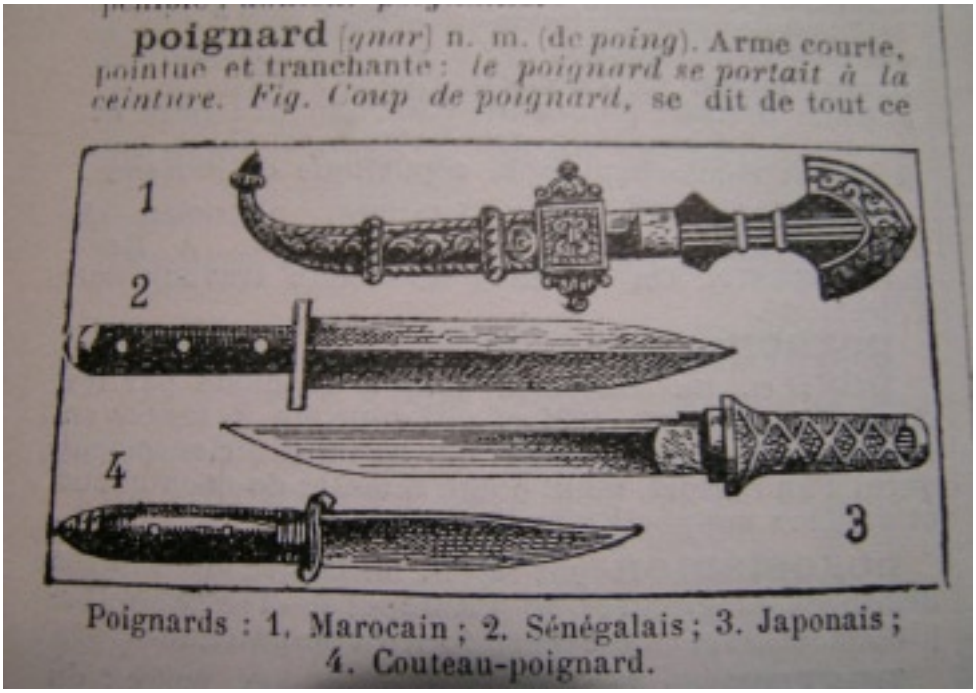
A idéia subjacente é o uso dentro de situações extremas. Conflito armado de grande proporção ou não – há facas/canivetes táticos preconizados para uso policial e a de sobrevivência, para situações um tanto neuróticas, resultado da guerra fria, de hecatombe mundial. Posteriormente a coisa evoluiu da hecatombe mundial para as solitárias peripécias do Rambo. E mais recentemente o "marketing" parece tomar o rumo de algo como: o dia depois do furacão ou outro cataclisma natural.

Situações extremas têm a faculdade de desandar completamente e, eventualmente, colocar alguém na contingência de ter de espetar a barriga de alguém ou de algum pobre animal. Mas, tudo bem, são armas.

A idéia de ter uma lâmina capaz de ser multitarefa não é nova. Na Primeira Guerra Mundial o exército alemão criou uma baioneta multitarefa. Uma lâmina enorme com o dorso serrilhado. No mundo dos canivetes esta idéia também é antiga. O bom e confiável canivete suíço é exemplo emblemático. Vejam bem, são dois tipos de artefatos criados para uso em situações limite. O canivete suíço caiu no gosto geral. Conheço quem tenha dezenas deles. Já a baioneta da primeira guerra, ficou por lá. Não por muito tempo, pois o conceito é retomado depois da II Grande Guerra.

Mas chega de coisas que ainda estão evoluindo ou já evoluíram e vamos examinar o que seriam facas/lâminas concebidas para serem armas.

A liderança é, para nós, de descendência européia, fornecida por artefatos de formato muito antigo : punhais e adagas.


poignard [gnar] n. m. (de poing). Arme courte, pointue et tranchante : le poignard se portait à la ceinture. Fig. Coup de poignard, se dit de tout ce
1
2
4
3
Poignards : 1. Marocain ; 2. Sénégalais ; 3. Japonais ; 4. Couteau-poignard.

Parece evidente que o problema da Nomenclatura, abordado em outra parte, não afeta apenas a nós. São registros franceses do início do Século XX.

O punhal é inquestionavelmente uma arma. Seu uso para outras tarefas é tão limitado pelo seu formato que chega a ser inconcebível usá-lo de outra forma. Consta que uma de suas primeiras funções era a de perfurar as cotas de malha da antiguidade ou entrar pelas brechas das armaduras. Crônicas da alta Idade Média européia dão conta que o combatente não raro sacava seu punhal e o mantinha seguro na mão esquerda junto com o escudo, à espera da oportunidade e/ou para estocar lateralmente.

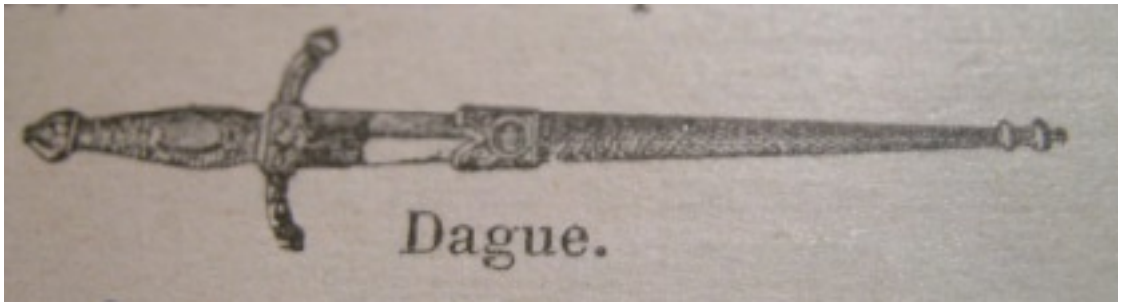
Não estamos falando de simples soldados e sim do nobre que ia para a guerra. Nunca é demais repetir que armas eram objetos caros. É claro que um nobre europeu levava para a guerra, se tinha dinheiro para isso, alguns ou muitos homens armados. Mas havia uma grande diferença no armamento.

É possível que este uso tenha evoluído para o estilo de esgrima primitiva no qual se usava espada e punhal. Ou adagas, os franceses chamavam estas armas complementares à espada de "main gauche" – mão esquerda.

Alguns colecionadores chamam de adagas a punhais de lâmina mais espessa deste período. De todo modo, alguns destes punhais tinham mesmo dois gumes. E suas guardas eram especiais, destinadas a travar a lâmina do punhal do adversário, ou mesmo a de sua espada se houvesse a chance.

O que nos traz às adagas. Também não há dúvidas quanto à idéia que havia por traz delas. Hoje estão tendendo ao desuso. A não ser, assim parece, no âmbito da cutelaria artesanal. Mas o punhal continua firme. Ao menos no linguajar popular.

I -55



Outro registro francês do início do Século XX. Vale realçar que o autor do verbete define o artefato como: "punhal de lâmina larga".

I -56

Imagem de uma "Cinquedea" italiana. Renascensa. Aqui, sim a lâmina é larga.

Algumas lâminas antigas destinadas à luta entre animais inteligentes têm uma particularidade que as distingue. São dotadas de um dorso recoberto por metal amarelo. Normalmente latão ou bronze. Como se trata de metal mais frágil, a intenção era a de ali travar o fio da faca do adversário. Muito sinistro, não é? Mas, estes artefatos são muito raros.

Para alguns, outras facas que têm ao menos parte do seu dorso (porção sem fio da lâmina) recoberta com metal amarelo e mesmo com prata, o objetivo seria o mesmo, seriam facas para luta. Como foram poucos, fica a dúvida. É possível que se trate de simples ornamentação e/ou reforço estrutural.

A porção final do dorso da lâmina tem uma cobertura de metal mais maleável. O Yatagan não servia a outro propósito que a luta.

Facas (algumas tem formato, geometria de lâmina, mais para faca que adaga, embora assim designadas) orientais que têm, projetando-se de seus pomos um verdadeiro chifre, são eminentemente ofensivas.

O mesmo ocorre com aquelas, sempre orientais, que têm um pronunciado formato de "J". A luta deve ser interessante. Fico imaginando dois barbados enganchados pelas suas facas, cada um puxando o outro.

Arma por excelência vem a ser a já mencionada baioneta. Desde o tempo do mosquete não tinha outro objetivo que a defesa e o ataque. De início, concebida para substituir a lança longa e mais tarde a curta, ou ainda a alabarda, na defesa, principalmente contra ataques de cavalaria. A evolução das táticas de guerra levou a baioneta a seu auge como arma ofensiva. A famosa carga com baionetas caladas. Mas isto só ocorria depois que não havia mais tempo para uma última recarga.

Como também já se mencionou a baioneta vem evoluindo. Passou por um período de, digamos, multitarefas, até mesmo a de cortar arame farpado. O que foi abandonado quando este, a seu turno, evoluiu para algo praticamente impossível de ser cortado a não ser com ferramenta específica.

O conceito a surgir mais recentemente é o da faca-baioneta. O soldado passa a carregar apenas uma lâmina. Teoricamente. Mas a teoria é boa, pois a arma de fogo com automatismo e os diversos tipos de granada, eliminaram muito do que a baioneta poderia fazer.

Um outro conceito muito antigo que foi revisitado a partir da Segunda Guerra Mundial foi o da faca de trincheira. Em essência uma faca tática. O fato é que já nos exércitos da França Imperial a tropa foi agraciada com uma faca de alentado tamanho. Os franceses têm seu lado irreverente e a soldadesca apelidou a novidade de: "coupe chou" ou seja: corta repolho.

I -58

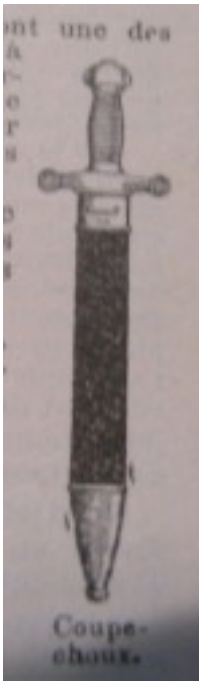


Imagem de um "corta repolho". Faca de uso dos infantes, Segundo Império.

Soldados são um tipo especial de homem, ao menos pelo período durante o qual estão incorporados. Lançam mão do que encontram pela frente para suprir suas necessidades. Sempre os franceses, na Primeira Guerra Mundial, apenas com suas belas baionetas, trataram de dispor de uma faca de trincheira, o "prego francês". Improvisado, mas eficiente.

I -59

Um "prego francês" da I Grande Guerra. Improviso do "poilu" (peludo), soldado francês.

O soldado norte americano não fica atrás. No Vietnam, tendo de se virar com artefatos dos

quais não gostava muito tratou de dar início à celebrização de algumas facas.

O tempo dirá se o conceito de faca baioneta irá sobreviver ou não. A velha discussão de que a trajetória do disparo é afetada pela baioneta não tem mais sentido com o automatismo e o encurtamento da distância média de combate.

Outras facas que são armas, (foram concebidas para tal uso/função) não faltam. É o tanto nipônico, a faca creole de Nova Orleans, o "Palito de Dentes" norte americano e tantas outras. Inclusive aquelas bizarras que já mencionei em outra parte.

Entre elas as facas de arremesso. Que podem ter as mais variadas formas, inclusive, como se viu, a circular. Hoje há uma revitalização sadia deste uso das facas. Está tomando ares de um esporte. O que é muito bom.

Cuteleiros passam a ter mais um nicho de mercado, mais uma categoria ou tipo de lâmina a ocupar suas forjas e imaginação criadora.

I -60

"Chakram" (designação geral em Páli para roda). A inteligência da coisa fica bem aparente na gravura: primeiro um tiro (longa distância), depois faca de arremesso (digamos – distância média), a curta distância – pistola e depois o sabre ou cimitarra.

Criminalização da Faca

Como já tive a oportunidade de dizer, na cultura ocidental a faca tornou-se um objeto dúbio. Esta dubiedade foi exponencialmente aumentada quando seu custo relativo chegou a um patamar baixo. E, nas cidades. Ou seja, o fato é, em termos de História, contemporâneo da Revolução Urbana.

Até ali, a faca era um objeto que todos podiam usar, sem restrições. Quem tinha mais posses podia inclusive usar sua espada ou suas versões mais curtas as "hangers" ou espadas curtas. E, suas facas. A faca era pau para toda obra, inclusive nas cidades. Entre outras serventias era um talher universal.

Mas o homem é agressivo por natureza. E um Chefe de Estado e homem da Igreja, o famoso Cardeal Richilieu, no Século XVII (1600) dá início à criminalização da faca. De pronto criou-se uma outra faca. Que usamos até hoje, com a ponta rombuda.

Contam que este chefe de estado e prelado ordenou que todas as facas em uso na cozinha do palácio fossem limadas. Um exagero que deve ter feito os chefs de cuisine arrancar os cabelos. Contam outras coisas a respeito deste episódio. Onde está a versão original de algo ocorrido em 1600, fica difícil de dizer.

Outros governos centralizados não demoraram a editar normas legais que, em suma, retiram da faca uma de suas características ancestrais: sua ponta aguçada. E vão, aos poucos é verdade, mais longe, proibindo o porte de facas.

Há, portanto, e não é de hoje, restrições à faca. Seja arma ou não. São restrições de ordem moral transposta para o âmbito legal, forçando uma nova postura cultural. O fato inicial, verdadeiro e chocante é que os franceses se esfaqueavam à mesa. Isto foi esquecido e o que passou a ser a tônica dos governantes foi a imposição de um comportamento pacifista.

Cabe ressaltar que havia uma componente por baixo disso. Sempre há. É que os brigões também faziam parte da nobreza. E era impensável, para um governante, ver diminuindo o número de nobres do reino. Por diversas razões, entre as quais a de que era a nobreza que ocupava postos de mando, inclusive na hora do vem cá meu bem, nos exércitos e marinhas da época.

Mas a cultura dos povos é algo muito forte. Até hoje, onde a Lei criminalizante não existe, ou se tornou letra morta (como no nosso caso), boa parte dos cidadãos têm facas e mesmo as portam ainda que em situações específicas. Não se trata de facas de cozinha ou talheres. Ou, até podem ser, aqui no nosso caso com o desaparecimento de muitas cutelarias industriais de pequeno e médio portes.

Esta criminalização ou demonização seria a grande responsável por aquele caráter de dubiedade da faca. Caráter que nos leva a indagar se ela é arma ou ferramenta.

Parece claro que pode ser ambas as coisas. Em situações extremas. Normalmente existem na realidade três categorias distinguíveis. Armas; ferramentas (profissionais, industriais, artesanais, pouco importa) e a vala comum daquelas que podem ser as duas coisas a um só tempo.

A Falta de Cultura Geral e Específica no Brasil

Lendo os jornais de hoje, fevereiro de 2007, o que se verifica é o fracasso parcial das políticas governamentais voltadas para a Educação. Descendo um nível, a transmissão de valores, dentro do contexto da Educação e da sociedade, da nação, é algo que deixa muito a desejar. Apenas a tradição religiosa continua como responsável por este segmento da formação de gerações futuras. O milenar: "Não matarás" expressa um valor que a nossa cultura tem, como um verniz genérico. O que é muito fraco.

Nos ditos jornais, lá estão notícias de que pessoas continuam se matando com facas.

Resta anotar que, em outras culturas, como a inglesa, por exemplo, este valor, o apreço e respeito pela vida e integridade física do outro, foram incutidas na população a chibata e forca. Posteriormente veio a Educação. Por aqui tivemos chibata e forca, mas a Educação ainda deixa muito a desejar.

A posição expressa acima pode ser considerada como extremada. Mas não é. Posso dizer de cadeira. Trabalhei no antigo MEC e depois na Televisão Educativa aqui no Rio, viajando por boa parte de nosso país. E tenho sessenta e poucos anos de janela. O que ainda se matava a faca era uma festa.

Um exemplo pode ser esclarecedor. Meu bom amigo Ivonésio Ramos, artista plástico, atentem bem: artista plástico, bom pai de família, excelente amigo, andou durante uma época, com um daqueles estiletes "profissionais" de lâmina afiadíssima e retrátil, que ele usava para cortar telas. E quantos de nós não saímos à rua sem aquele canivete. Parece-me claro que o verniz genérico não é suficiente. Toda uma revisão na transmissão de valores via Educação deveria preocupar… Bom, deixa para lá.

A outra vertente cultural que nos afeta é o "descaminho" do Brasil Colônia. Descaminho foi um termo muito empregado durante o Ciclo do Ouro. Tratava-se de evasão de impostos – corrupção. Acoplada a uma certeza total ou parcial da impunidade.

A lei, a justiça, era rápida e eficiente em Portugal embora viciada já em 1500. Por aqui, parece que não fincou raízes.

Figurem-se a cena. Com a Corte presente, um carregamento de ouro é trazido diante do Trono. Abrem-se as arcas… e não havia ouro. O(s) responsável(eis) parece que não foram punidos como deveriam. Parece piada, mas é um fato registrado pela História.

Ou seja, se um crime de lesa majestade não era punido, porquê se preocupar se, num momento de raiva se espeta um desafeto?

Cultura Específica

A faca esteve presente em nossa cultura desde os tempos coloniais. E a Coroa portuguesa volta e meia tenta restringir seu porte. Em vão, segundo os cronistas da época.

É evidente que não se chegou jamais à situação dos habitantes da Ilha de Okinawa, vencidos e dominados pelo poder central nipônico e obrigados a ter apenas uma faca por aldeia. Consta que criaram o Karatê em função disto.

As tentativas de criminalizar o porte de faca foram inúmeras. Inclusive no Brasil Repúbli-

ca. Não eram bobos os governantes coloniais ou posteriores. Sabiam perfeitamente o que era e é a natureza humana e como é o povinho que Deus colocou por estas bandas.

Por outro lado a nossa "Revolução Urbana" é recente. A explosão de nossas cidades começa, realmente, depois da Segunda Grande Guerra. Até então o que predominava era um Brasil agro-pecuário, no qual a faca era indispensável.

O homem do campo brasileiro não sai de casa para trabalhar, até hoje, sem levar, ou ao menos que alguém do grupo não leve faca e/ou facão. Esta necessidade está ficando mais rara, regional, mas ainda está presente na cultura de nossa gente.

É uma "cultura da faca", específica de nosso país? Custo a crer. A faca foi e é um objeto entranhado em nossa cultura, mas de um modo utilitário antes que outra razão.

Graças a esta inclusão, a este estranhamento cultural, traduzido no presentear figuras gradas, autoridades ou velhos patriarcas com facas ricamente embelezadas com prata, ouro e afins é que temos, hoje, um registro do que foi a cutelaria artesanal brasileira. As facas do povo tendem, rapidamente, a virar honestidade de político – outra cabeça de bacalhau.

Claro, existe o machismo. Que não é exclusividade dos habitantes desta ou daquela região. Machismo existe em toda parte do mundo. O patriarcado ainda é um traço cultural forte do Ártico ao Antártico. Entre nós há a exaltação, por exemplo, do cabra macho nordestino. Ou da valentia do gaúcho. Mas, é evidente que existem mineiros, baianos, goianos e por aí vai, tão prontos para uma boa briga como qualquer um.

Esse nosso machismo tem, é claro, suas nuances próprias, até mesmo nacionais, se quiserem. Mas colocar este traço cultural como algo específico que dê embasamento a uma cultura da faca seria forçar um pouco demais as coisas.

É inescapável pensar na terra de Tio Sam. Lá existiria uma tal cultura da faca. Não me parece fato. O que está entranhado no modo de vida norte americano é o direito, constitucional, de ter e portar armas, ao que parece, pensavam nas de fogo. O que foi uma resposta, uma reação às rígidas imposições do governo Inglês e uma visão de futuro – possibilidade de conflito armado. Era necessário, portanto que o cidadão se transformasse rapidamente, em defensor da pátria. Ou seja, dispor de armas, inclusive facas e saber usá-las. O que implica em prática, o que implica em porte.

Entretanto há um reparo que deve ser feito. Os Estados Unidos da América do Norte são o que o nome diz: estados unidos. Em alguns daqueles estados, o porte de armas não é assim tão livre e desimpedido. Depende do que reza a Constituição destes estados.

Mas, ái do americano que esfaqueie alguém. Lá, a justiça, em qualquer estado, é mais rápida e eficiente.

Mitos e Distorções

O brasileiro jamais foi "bonzinho". Este é um mito que, segundo alguns estudiosos (Sociólogos, Historiadores, etc.) tenderiam, hoje a indicar como um factóide "das elites". A intenção seria clara, manter a turma na linha, todos bonzinhos. Não é o que vemos ao desenrolar nossa História. Afora as guerras contra invasores franceses, holandeses, as guerras se sucederam em nosso país com nomes estranhos: conspiração, revolta, etc. Algumas com nomes próprios como Cabanagem, Emboabas e Canudos. Parece, e é disfarce. Afinal, para quê, em nome de Macuna-

íma, se colocar na cabecinha de inocentes crianças, esta face desumana dos brasileiros "bonzinhos"? Perdão pela ironia.

Houve, também, grandes movimentos armados contra nossos silvícolas. Paulistas que saem de São Paulo e vão até o território das Missões, no Rio Grande do Sul arrasar as tais missões e… apresar índios. Aliás, apresar índios parece ter sido uma atividade econômica muito lucrativa e alegremente conduzida por todo o nosso país, ao longo de muito tempo. Na realidade, um terror.

O termo que disparou este apelido de bonzinho parece ter sido o "cordial". Que hoje é mais bem visto como emocional, emotivo. Foi usado por Sergio Buarque de Holanda em seu Livro: Raízes do Brasil: "… o brasileiro é, antes de tudo, um homem cordial". Queria dizer emocional, emotivo e não coração mole ou "banana".

É evidente que esta cordialidade exclui o porte e o uso de facas. E auxilia, dá embasamento aqueles que percebem a faca como um artefato primordialmente agressivo. Embasamento para punir quem ousa não ser "bonzinho".

Felizmente a Legislação a respeito de porte de facas caiu em desuso. Felizmente nunca foi proibido ter coleções.

Alguns outros mitos merecem comentários

O primeiro deles é o que volta e meia tenta se insinuar dizendo ou dando a entender que houve uma cutelaria nacional, 100% brasileira, feita aqui artesanalmente, desde o Brasil Colônia.

Para tanto deveria haver registros em bom número, coisa que não existe. O que há são informações esparsas, imprecisas e o testemunho físico: facas indiscutivelmente feitas aqui. Mas, elas ou desapareceram ou estão entesouradas em coleções e museus. Se é que existem. Já se falou na famosa "cabeça de bacalhau".

Colocando os pingos nos iis. Em termos etnográficos, históricos, ou o que desejarem, um artefato só existe quando não é a exceção. Ele deve existir física e documentalmente. E, em número razoável.

Houve diversos ciclos no Brasil Colônia: do Pau Brasil, da Cana de Açúcar, da Pecuária, do Ouro. Estamos falando de atividades econômicas de vulto suficiente para gerar fenômenos sócio-econômicos e políticos. E, em decorrência, deixar para a posteridade, usos, costumes e artefatos, entre outras coisas.

Por que diabos a carga de um navio era de enxadas? E disto se tem registro histórico? O fato em si, para a época deveria ser relevante. E era. Estava em curso o Ciclo da Cana de Açúcar. Tão importante que a coroa portuguesa proibiu que se criasse gado a não ser depois de 10 léguas a partir da costa. São quase setenta kilometros. Uma enormidade para a época: 1701.

Mas houve ferreiros e ferrarias aqui, ali e mais além. Sim. Mas, além de fazer facas, qual sua atividade principal? O que era necessário para a pecuária e a cana de açúcar e mais tarde, lá pelos 1700, para extrair ouro e diamantes.

O Brasil Colônia era eminentemente importador. Traços da importação de lâminas e de facas acabadas são encontrados em algumas facas brasileiras. O que não deveria surpreender.

O mito da cultura única

A primeira informação documental de um artefato, que não se sabe bem se era feita aqui ou importado nos fala de faca de ponta. Lá pelos 1700. Pena que hoje haja uma tendência a generalizar a designação.

Nesta época o Brasil era sacudido, literalmente sacudido pelo início do Ciclo do Ouro. Segundo as crônicas da época, multidões se deslocavam da costa para as Minas Gerais e para Goiás e porções de Mato Grosso. Vinham principalmente dos núcleos urbanos do litoral e vinham de "além mar" e dos mais distantes lugares do território em si.

Usavam para tanto uma intrincada e extensa malha de caminhos (leia-se – estradas e algumas muito bem feitas) que já naquela época conectava grande parte do citado território. Na nossa historiografia estes caminhos são genericamente conhecidos como Estrada Real. Houve, é verdade, uma ou duas estradas reais. Saindo do Rio e de São Paulo. Mas o povo as chamava de estradas reais. Dos nossos portos, pessoas e toda sorte de ferramentas, bens, alimentos, gado em pé ou carne seca ou de sol, e de facas, afluíam para o centro do território – as Minas Gerais. Gado em pé, por exemplo, descia dos sertões do Piauí, Pernambuco, Maranhão e Sergipe.

De Salvador na Bahia partia uma destas estradas que o governo colonial abominava. Era a própria estrada do descaminho, sobre a qual os governantes tinham pouco ou nenhum controle com a decorrente evasão de impostos.

Os impostos eram cobrados sobre as mercadorias que transitavam. Para o ouro havia um imposto específico.

Estas conexões, ligações, reforçaram e fixaram componentes e traços culturais, certamente auxiliando na formação de nossa cultura. Mas, daí a se descrever a cultura de nosso país como única, uniforme, em decorrência destes fatos (intercomunicação) e de outros: língua única, miscigenação, etc., vai uma enorme distância.

A começar pela língua. Os estudiosos -lingüistas -nos dizem que há uma língua individual, de cada um de nós. E depois se estranha que tangerina e bergamota sejam a mesma coisa.

No entanto, outro mito que se cultiva é o da cultura homogênea. Ela pode ser semelhante, ter bases, como a língua, que lhe dão um caráter próprio. Mas existem sub-culturas. Temos a tendência inata de perceber o Nordeste, por exemplo, como uma região e povo, de cultura, homogênea. Não é assim. É um mito.

Já ouvi colecionadores de peso se referirem à faca de ponta como um artefato cuja área geográfica de incidência vai do Sul da Bahia até o Maranhão. Como designação genérica vá lá. Mas as diferenças são bastante acentuadas. Para um olhar experiente, no mínimo, bastante claras. Enquanto não houver uma pesquisa séria e abrangente corre-se o risco de consagrar uma "geléia geral".

Bahia à parte, é como se houvessem, ou tenham existido, no mínimo três Nordestes. O praieiro, zona da mata e sertão ou agreste. E isto passando por cima de outras regiões inteiras, que não respeitam fronteiras estaduais, com geografia, cultivares, pecuária, cobertura vegetal, usos, costumes e artefatos diferenciados. Inclusive facas.

Falar de um nordeste praieiro pode parecer desvario, mas não é. A pesca artesanal e todo um modo de vida foi desfigurado pela proximidade ou pelo avanço da cultura urbana. Mas de onde teria vindo o gosto pela "peixeira" industrial? Houve uma faca de ponta, de lâmina pouco espessa, larga e um tanto mais curta antes da avassaladora entrada da faca semelhante, mas in-

dustrial.

O Mito da Faca-de-Ponta-de Espada

É verdade que existem exemplares de facas, tanto nordestinas como sulistas feitas a partir de espadas. Mais tarde até de baionetas Mauser e outras com aço suficiente para aproveitamento.

Mas, há dois problemas. O primeiro é a relativa raridade. Ou seja, é um tanto difícil dizer que este recurso (o aço de espadas) tenha sido largamente usado a ponto de constituir uma variante. O outro é que os mesmos artesãos passaram a reproduzir em suas facas as características próprias daquelas originalmente feitas, realmente, a partir de espadas.

Não se sabe bem o que ocorre, mas é perceptível que os exemplares de facas exibidos em publicações são, em sua maioria objetos de luxo. Em decorrência, é bastante provável que a "encomenda" de tais facas ao artesão tenha, implícita ou explicitamente evidenciado a necessidade do uso de material especial.

No entanto os raros exemplares de feitura mais simples parecem ter sido forjados a partir de aços provenientes de outras fontes que "espadas". É provável que nisto – se esta for a realidade, resida um viés sócio-cultural e não apenas econômico. Um viés que é comum em nossa cultura. Às pessoas gradas, apresenta-se o melhor. Desde bananas até facas.

Na outra ponta da questão haveria o fato de que o artesão cuteleiro, que não usava aço de boa qualidade, não mantinha clientela. Ou seja, a entrada constante de receita proveniente de facas, como motivação econômica para a atividade da cutelaria seria a quantidade da manufatura de facas de boa qualidade.

Outra dúvida pertinente se refere à produção total daqueles artesãos cuteleiros. Sabemos que alguns deles teriam se dedicado exclusivamente à produção de facas e outras lâminas. Mas, seriam exceções. Eles existiram, estes artesãos cuteleiros, em bom número pelo Brasil todo. O que é muito bom para quem se interessa por estes artefatos. Mas, é razoável ter certa cautela.

Para o homem não urbano, uma boa ferramenta seria tão ou mais valorizada quanto uma boa faca. A observação de atividades ou de ambientes culturais específicos indica que o ferreiro de antanho, fazia de um tudo. Tudo que a atividade ou o ambiente sócio-econômico e cultural necessitava.

Na atividade do tropeirismo, por exemplo, e naquela da condução de boiadas e mesmo no manejo de gado, diversas ferramentas eram utilizadas. Entre as quais, artefatos que, em última análise, são lâminas – facas especializadas, mas facas. Definir uma faca como "de ponta" ou de tropeiro, pode ser ou induzir a erro.

O Mito do Sertão Inculto

Até hoje, quando se fala em sertão, "ir para a roça", "no mato", há uma concepção subjacente: ausência de cultura. Ou uma cultura estranha e primitiva.

Pode até ser estranha, mas primitiva não. A questão é de onde vem esta idéia um tanto

preconceituosa. Não é de muito longe. Ela começa a ser difundida a partir do final do Século XIX (1800) quando por aqui passaram em alentado número, os cientistas europeus da época. Estes homens maravilharam-se com os diversos aspectos de nossa natureza e tiveram a infelicidade de registrar que os habitantes dos sertões eram pobres de cultura.

O que lhes escapou foi que a cultura existente nos confins para onde viajaram era a cultura disponível numa colônia. E mais, uma cultura que lhes era desconhecida. Desde a arquitetura, que era lusitana adaptada.

Esta cultura desconhecida gerou o Barroco Mineiro e outras expressões culturais, como a música sacra, chegando a figuras como a do Aleijadinho. Para citar apenas os mineiros.

Cultura não é algo que floresce da noite para o dia. E, se o caso dos sábios europeus que por aqui andaram era uma cultura européia, ou que lhe fosse mais próxima, ela surgiu de fato. Algumas gerações mais tarde. Pois D. João, o Rei exilado por aqui promoveu o deslanche de um processo de difusão cultural. O que contribuiu para criar uma cultura bem brasileira.

Distorções

Aproveitando a proximidade do que se tentou levantar acima, a primeira distorção a ser apontada se refere exatamente ao conjunto de atividades, e de "produtos", do artesão cuteleiro brasileiro, e mais remotamente do ferreiro colonial.

Parece haver uma tendência no sentido de ver estes profissionais como produtores de facas e lâminas e mais nada. Ao que tudo indica trata-se de uma

visão distorcida de uma realidade mais complexa. Não seria bem uma distorção. Seria algo mais para a tendência natural da simplificação, que ocorre com mais freqüência quando se conhece pouco uma determinada realidade.

Não me sinto bem no pretenso papel de andorinha solitária, dono de alguma verdade. De ter andado por boa parte do Brasil fuçando inclusive assuntos diversos relativos a facas. Outros podem ter feito a mesma coisa. Mas, vamos lá, vamos a um exemplo. Bigornas são objetos de difícil destruição. Quem os tem, volta e meia faz sua manutenção e até mesmo guarda as que não usa mais.

Com aproximadamente as mesmas dimensões e peso estimado, vi ao menos cinco "tipos" de bigornas. Algumas convivendo na mesma ferraria. E sempre fui informado de que cada uma tinha seu uso razoavelmente delimitado.

Algumas, já num canto menos usado, e indicadas como tendo pertencido a familiares já falecidos ou que largaram o ofício ou a outros artesãos. Quero crer que isto nos fornece boa indicação da diversidade da produção total por se referir a um elemento básico na feitura de artefatos forjados na bigorna. Sem esquecer que a atividade de reparo, conserto, e outras de manutenção, também eram realizadas pelos nossos ferreiros em suas tendas.

A imagem que vem à mente do homem urbano, quando se fala em bigorna, é a de um objeto com uma superfície plana, duas projeções laterais, uma delas chama mais a atenção e é próxima daquela de um cone. Esta é a bigorna dos filmes de caubói. Coisa lá de fins do século XIX, destinada mais a fazer ferraduras.

Há diversos tipos de bigornas, com algumas delas seria muito difícil fazer ferraduras. Em

resumo, o ferreiro fazia de um tudo.

Outra distorção já mencionada e que também seria uma simplificação é a tendência a designar objetos um tanto diferenciados de "faca de ponta". Facas, quase que por definição, têm ponta. Nordestinas ou não, as facas brasileiras primam por suas pontas afiladas, com as exceções de praxe, é claro.

Quem sabe se o nome não surgiu ou se fixou a partir da necessidade de diferenciar algo de uso fora do ambiente caseiro no qual já era razoavelmente comum a faca de ponta rombuda, introduzida à força por Richilieu.

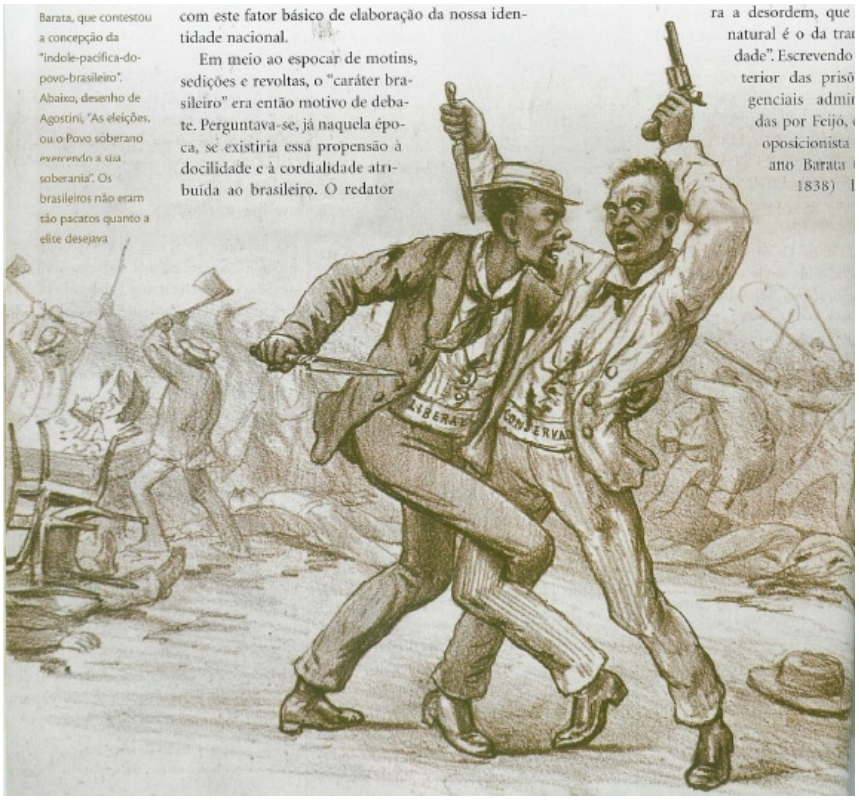
Ou ainda para diferenciá-las de outras facas importadas ou não, mas que por aqui andavam, cujas pontas eram semi-ogivais ou semi-elípticas, como queiram.

Por uma outra vertente, existem facas de ponta, nordestinas ou não que, por seu comprimento se aproximam mais do facão. Ou vão bastante além deste quanto ao comprimento, mantendo a largura de facas – estou falando das "de arrasto".

Este tópico: faca de ponta vai aparecer em outras partes destes escritos. Pode parecer paranóia. De repente é mesmo. Mas há um fato subjacente que realmente preocupa. Na medida em que se nomeia, indistintamente, um artefato que varia bastante, com um único nome, o que pode se criar é uma baita distorção. Ou, como já disse, a tal geléia geral.

No linguajar popular nordestino, é bom lembrar, as facas de ponta não raro eram chamadas de punhal. O que era uma distorção. Ao que parece a este modesto apaixonado por facas, há facas e punhais nordestinos, bem diferentes no que toca a geometria das respectivas lâminas.

Outras distorções foram apontadas acima, nos respectivos contextos, por exemplo, a do "brasileiro cordial".


Barata, que contestou a concepção da "índole-pacífica-do-povo-brasileiro". Abaixo, desenho de Agostini, "As eleições, ou o Povo soberano exercendo a sua soberania". Os brasileiros não eram tão pacatos quanto a elite desejava
com este fator básico de elaboração da nossa identidade nacional.
Em meio ao espocar de motins, sedições e revoltas, o "caráter brasileiro" era então motivo de debate. Perguntava-se, já naquela época, se existiria essa propensão à docilidade e à cordialidade atribuída ao brasileiro. O redator
ra a desordem, que natural é o da tra dade". Escrevendo terior das prisõ genciais admi das por Feijó, oposicionista ano Barata 1838)
LIBERAES
CONSERVAD

A imagem acima é caricata. Mas muito expressiva. As manifestações políticas sempre, como que libertaram o bicho que há dentro das pessoas.

Capítulo 9

Nomenclatura

Com o tempo, a colaboração de colecionadores e outros interessados é possível chegar-se a consensos, dirimir dúvidas, desfazer mal-entendidos e chegar-se a um corpo de informações a respeito de nossa rica herança cuteleira.

A intenção não é a de proceder como os antigos chineses que tinham a mania de dar nome (e atribuir um ideograma novo) a tudo. Mas, qualquer um que se interesse por facas esbarra num alentado universo de designações, tanto de tipos de facas como de suas partes, peças e material.

A literatura especializada européia registra algo nas proximidades de 1.500 palavras, termos ou expressões relativas a facas. Nossos dicionários não são tão ricos assim. Tudo isto porquê há certos perigos à vista. Veja-se a bela França. Na terra de Voltaire parece haver um predomínio do gosto pelos canivetes e uma certa confusão se instala a partir do momento em que os franceses chamam seus canivetes de "couteaux" – facas. Raramente há uma designação diferenciada para outras lâminas. Faca de cintura, por exemplo: couteau de ceinture. A propósito já li textos em inglês falando em: "waist blades" – facas de cintura.

Não conheço ou conheci, aqui no Brasil, colecionadores de facas dos segmentos agrícola ou pecuário, ou ainda de facas de uso em profissões, artesanais. É todo um universo à parte, com nomes, formatos, material, partes e peças, em boa parte muito diferente do usual.

Há algumas questões inerentes que tendem a escapar-nos entre os neurônios. Seria também o caso da necessidade de traduzir a descrição de uma lâmina para o francês, por exemplo. A coisa toda deverá ter início dizendo-se que se trata de uma faca de cintura ou fixa ou de lâmina fixa. Senão, eles podem entender outra coisa: canivete. A troca de informações, quando não se expande, empobrece.

Na literatura de um modo geral a menção a facas e menos ainda sua descrição é rara. Um pequeno refúgio são as crônicas e relatos de viagens. Sempre pecando pela falta de descrições mais acuradas.

De minha experiência pessoal, trabalhos acadêmicos podem e devem ser levados em consideração. A dificuldade, neste caso é que o assunto facas ou cutelaria é um tema menor no mundo acadêmico. E, além disto, os registros raramente são acompanhados de fotos ou desenhos, menos ainda de nomenclatura (como a usada regionalmente), dimensões, local de manufatura, etc.

Outra fonte são os estudos sobre o folclore. Não são muitos em nosso país. Mas, alguns registram tipos de facas, designação de partes ou peças, designações regionais e mesmo a maneira de portar.

Já passei os olhos por trabalhos acadêmicos nacionais de Etnografia nos quais lá estavam registrados tipos de facas de uso em artesanato ou em profissões, mas a faca de uso geral, raramente é citada.

Outro, entre os diversos problemas de ordem geral, seria, por exemplo, a designação de "faca de ponta" conferida a artefatos das mais diversas origens geográficas e formato básico. Assim como a designação "punhal" quando o que se tem são facas de lâmina triangular de um único fio ou gume.

Pode até ser que o caboclo nordestino chame, em seu linguajar regional, faca de punhal, mas, para efeito de tipificação mais técnica, digamos assim, admitir isto pode se tornar num indutor de erro.

O mesmo acontece quando se tem aqueles outros artefatos nordestinos com lâminas de fio duplo (afiados ou não, pouco importa), seção de lâmina losangular ou em lombo de burro. São punhais. Seriam os punhais nordestinos. Ou então, o quê?

Outra vertente destes problemas é o regionalismo, a ser necessariamente, respeitado e preservado. Com o intuito de se preservar a própria memória da cutelaria brasileira. No meu entendimento não há porque nomear uma faca nordestina sem deixar de registrar, por exemplo. o regionalismo "lambedeira", para o caso de faca com dois gumes, embora de formato ou manufatura assim e assado. Exceto o caso descrito imediatamente acima.

No tocante a esta memória outro assunto a ser esmiuçado é a evolução dos artefatos. Muitas lâminas brasileiras sofreram todo um processo de evolução e mesmo em alguns casos de virtual desaparecimento.

A difícil a tentativa de estabelecer "tipos" de facas

Seria o caso da famosa e amiúde citada Lapeana. De pouca ajuda são os registros literários, acadêmicos e historiográficos. O objeto em si parece que foi engolido pelo tempo, ou substituído pela Sorocabana como afirmam alguns.

Perdão se insisto na Lapeana. O caso é que esta lâmina pode ser um "elo perdido". Vejam bem, no Sul, a atividade pecuária exigia uma lâmina forte, ponta afilada e de bom comprimento total. Algo neste padrão parece surgir na obra legada por J. B. Debret quando retrata um "Saladero". Ver imagem I -10, no Capítulo 1, ou ainda a bela imagem de Domingos Jorge Velho, bandeirante, no Anexo – Iconografia. Pode ser uma Lapeana, pode ser uma variante de Sorocabana.

A bela, enorme faca que o bandeirante ostenta na cintura não está ali retratada por acaso. O pintor fez boa pesquisa antes de definir roupas, chapéu, etc. Quanto à enorme faca em sua cintura, diversas fontes afirmam que aquele "modelo" ainda era usado em São Paulo no início do Século XX.

A pergunta seria: esta lâmina, a Lapeana, teria derivado para as grandes adagas sulistas? E sua origem? Seriam as grandes, mais para triangulares e espessas facas portuguesas, inglesas e belgas que mais tarde parecem migrar para o ambiente urbano e ficam com os açougueiros do Século XIX? Como se vê na Iconografia apensa a estas notas.

No tocante à evolução, parece ser este, também, o caso da adaga gaúcha. Há algumas indicações no sentido de que ela aumentou de comprimento e teve sua função ofensiva/defensiva

alterada. E mesmo seu nome ou designação pode ter sofrido alterações passando a ser chamada de facão, em função da geometria de sua lâmina não ser muito clara – gumes parciais.

Sabe-se, através dos folcloristas riograndenses, que facas, a partir de um certo comprimento de lâminas eram chamadas de facão, "facon". E que estes "facões" evoluíram quanto à geometria de suas lâminas para artefatos mais esguios, com menos largura de lâmina.

A grande adaga sulista, a Caroneira, é tida como feita a partir, vejam só, de velhas espadas. Mas, será que foi mesmo? Ou o que temos em mão é de outra natureza. O uso das enormes baionetas européias para delas derivar caroneiras é fato, o restante, fica pendente de exemplares porventura existentes em coleções. E de bons estudos a respeito de espadas capazes de nos indicar se uma Caroneira teve sua lâmina derivada, reciclada, a partir de uma de espada.

Há questões relevantes a serem debatidas para, eventualmente, chegarse a consenso. Estas notas são, também, provocativas. Espera-se que os provocados não se limitem a uma indignação passageira e se disponham a colocar seus argumentos colaborando efetivamente para se chegar ao almejado consenso.

Mas, não é somente o nome ou designação do "tipo" de artefato e suas variantes. Facas, lâminas, são objetos compostos por partes, peças bem distintas. Em muitos casos, seu nível de complexidade é elevado. São artefatos manufaturados artesanalmente (os de maior interesse, ao menos) com o concurso de inúmeras partes e peças e o emprego de diversas técnicas e materiais.

Técnicas artesanais: suas designações e descrições

No tocante a técnicas de forjamento, têmpera, revenimento, polimento, afiação, etc., é bem melhor que os atuais cuteleiros tragam as informações. A final pouco mudou.

Quanto às demais técnicas, sem pretender esgotar o assunto, penso ter anotado no corpo deste trabalho, o que julgo saber.

Em alguma parte destes escritos falei, por exemplo, em cabo "envolvente" com o intuito de estabelecer uma diferença para com os cabos de talas. O que há de subjacente a esta pretensão é um raciocínio simples, intuitivo, pois há cabos que envolvem o fuste e outros não.

Mas, dizer que um cabo é envolvente é uma grande simplificação. Pode ser que se chegue ao consenso de que há, basicamente, cabos que o sejam. Entretanto, tais cabos envolventes ou não, são compostos por um número, por vezes alentado, de partes e peças. E, mais além, de material e técnicas de construção.

Um exemplo? Os belos cabos de "embuá", nordestinos, usam peças de chifre. Vi artesãos aquecendo lascas de chifre para a seguir enfiá-las no fuste. Mas também vi artesãos retirando estas lascas de água fervente e mesmo de soluções contendo vinagre. O resultado? Diversas técnicas envolvidas.

A eterna questão da "antiguidade"

Outra vertente do assunto nomenclatura, que tende a escapar à atenção que o tema merece, se refere à idade do artefato.O conceito de antiguidade parece que vai esmaecendo, principalmente porque estaríamos no século XXI.

Havia um parâmetro no sentido de que antigo era o objeto com mais de cem anos, este parâmetro parece não estar mais em vigor.

É o que se depreende dos termos usados por alguns negociantes.

Alguns colecionadores parecem indicar que facas artesanalmente feitas até os anos 60 do século XX seriam já, antigas. Adotado o conceito dos cem anos, tais objetos só seriam antigos a partir de 2060 ou 2030. O mesmo ocorreria com as lâminas feitas por alguns cuteleiros de renome que atuaram nas primeiras décadas do século passado. Tenho em mente Domingos De Meo, de São Paulo.

O problema é mais intrincado do que parece à primeira vista. Há facas gaúchas, nordestinas e paulistas claramente importadas, no todo ou em parte, sabendo-se quem as fez. Mas, até o ano tal, quando o artesão morreu ou a pequena indústria fechou as portas. Este ano tal, em boa parte, situa-se justamente nas primeiras décadas do século XX.

Outro fato a ser considerado é que nas plagas gaúchas muitas facas não são brasileiras. São uruguaias, argentinas, com lâminas importadas (ou não) e "formatadas" naqueles países. Mas, seus donos eram brasileiros. O que seriam, em termos de nomenclatura? Facas gaúchas "internadas" e antigas?

Se o tema for levado à ponta de faca, facas gaúchas seriam apenas aquelas feitas pelos cuteleiros regionais. Com uma exceção parcial para as que tiveram suas lâminas importadas e, feita a sua montagem definitiva por aqui.

A datação adequada de uma faca é algo que exige "olho de colecionador". Foi o que já ouvi. Gostaria apenas de observar que o conhecimento prático, empírico, a respeito de uma categoria de artefatos pode não ser suficiente.

Tenho um bom amigo que se especializou em Guerra do Paraguai. Tem vasta literatura a respeito, em diversas línguas, documentação primária (cópias de relatos de época, listas de nomes de combatentes, documentação sobre aquisição de armamento, etc.). Pois bem, para dirimir dúvidas a respeito de medalhas conferidas a combatentes, não raro realiza, este amigo, testes de vários tipos, para se certificar de que se trata de medalha de época ou de cópia.

Datar uma faca, além de conhecimento prático, exigiria conhecer o material, a evolução do artefato, território de ocorrência e fabrico, técnicas utilizadas e uma série de outras informações. Pessoalmente não me arrisco a datar, categoricamente, uma faca brasileira. Nem que me ameacem espetar com uma delas.

Um preconceito: as facas de ferreiro

Nunca é demais lembrar, por séculos existiram artesãos brasileiros atuando no território sulista. Aparentemente, um tanto desvalorizados. Porquê? Muitas de suas facas são tão boas quanto outras feitas no nordeste.

Descartar este rico artesanato me parece preconceituoso.

Apenas a título de ilustração, o famoso punhal PEBA. A nomenclatura é regional e brasileira. Ligada a uma espécie de Tatu, mais particularmente ao formato de seu rabo. Ou seria da língua? Parece haver um consenso de que tal objeto surgiu durante a Guerra da Tríplice Aliança. Cronologicamente lá pelos anos 60 do século XIX. Mas, tudo indica que se isto é verdadeiro, os primeiros PEBAS foram feitos por ferreiros de acampamentos militares, a partir de lâminas de baionetas e possivelmente também de lanças importadas.

Mencionei acima diversos fatores que são, na realidade, complicadores. Vamos mais além. Sempre houve facas brasileiras feitas aqui em nosso país desde o Brasil Colônia. É inequívoca a iconografia que nos foi legada por artistas estrangeiros ou não. É inequívoco o fato de que, por exemplo, o TELES que deu nome ao Arco do Teles no centro do Rio de Janeiro, era um ferreiro que por ali tinha sua tenda, sua ferraria.

A ser destacado, o Senhor Teles não era o único. Havia outros, muitos outros trabalhando no que hoje é parte do Rio de Janeiro. O Teles fazendo uma faca não me soa impossível, ao contrário.

Também é inequívoco que nos mais diversos rincões, ferreiros de Sesmarias e Capitanias forjavam os mais diversos artefatos, entre eles, facas.

Tentei encontrar o rastro destes artesões. Desisti. Centrei o foco em outras questões. Será que algumas boas almas poderiam contribuir?

Posso estar redondamente enganado. Mas o descarte puro e simples das ditas "facas de ferreiro" pode ser um erro. É evidente que os artefatos que faíscam em nossas coleções são atraentes e significativos. Mas, sua base, sua origem popular existe e deveria ser tratada como o que é: a origem dos diversos tipos e variantes de facas que temos.

A questão das importações

Por outro lado, sabe-se que no Brasil Colônia era proibido importar isto e aquilo, que não fosse autorizado. Armas, ou o que tivesse potencial ofensivo então… Mas, em contra partida sabe-se que quem era amigo do Rei ou tivesse contatos nos altos planos, importava. E não era só de Portugal que as coisas necessárias vinham.

O Brasil Colônia era uma esponja, "importava" das colônias espanholasna América Latina, importava da Europa, do oriente e da África. E, como as esponjas são organismos vivos, e não apenas porosos, fazia-se de um tudo por aqui.

A notória família Nogueira que em São Paulo dos anos setecentos faziammachados e cunhas será que se restringiam a isso? É pouco crível. A Fábrica de Ferro de Ipanema (1812) teria fabricado apenas armas de uso militar?

O grande problema de facas coloniais brasileiras decorre, portanto, de diversos aspectos e se avoluma dada a impermanência de um objeto de uso como facas e lâminas.

Em síntese, não há teste de carbono 14, metalográfico ou o que seja que possa provar sem sombra de dúvida que um artefato é Brasil Colônia e que foi feito aqui e quando. Apenas o olhar experiente de colecionadores pode, em alguns casos, matar a charada.

Explico. Os próprios aços usados teriam sido das mais diversas origens e fontes. Por origem,

leiam-se países ou regiões. Por fontes, leia-se o uso de ferramentas agrícolas, por exemplo.

Mas, aonde quero chegar? A uma nomenclatura consensual. Algo como: faca colonial. E então, toda esta falação serve de quê? Serve para que se tenha boa idéia da fragilidade e precariedade de nossos registros históricos e do natural cuidado e reserva embutido na designação faca colonial brasileira.

Um bom exemplo de nossos problemas pode ser a própria iconografia. A retratação de facas em desenhos, aquarelas, pinturas só surge com força no Século XIX (1800). Antes disso é muito rara e um tanto indistinta, para que se possa usar como referência.

Se o consenso for cronológico e/ou histórico, parece-me que alguma divisão deve e pode ser feita. Qual? Facas Brasil império a partir da época de nossa independência? E depois, facas Brasil República?

E o fator regional? Um exemplo: a Curvelana, era difundida e usada em que região ou regiões além é claro, da sua cidade de origem? Dizê-la simplesmente: mineira de Curvelo pode não ser a solução ideal. Pode se revelar uma arbitrariedade muito forte.

Esta questão da "territorialidade" de uma faca é um assunto espinhoso. Muita faca se difundiu para além de sua origem geográfica. Outra pode ser que não. Um exemplo? A boa e velha faca gaúcha, além de ocorrer na Argentina, Uruguai e Brasil, também era muito difundida no Paraguai.

Ora, todos sabem como estas divisões arbitrárias: facas daqui e dali podem trazer dores de cabeça.

Parece prudente dar início, via esta "provocação", por questões mais gerais.

Penso que uma proposta pode ser feita. Que se nomeie de FACAS BRASILEIRAS ANTIGAS os artefatos do Brasil Colônia até aquelas presumidamente feitas até o final do século XIX.

Uma questão permanece. Aqueles artefatos inequivocamente feitos em outros países. Pode haver uma saída. Que sejam nomeadas como FACAS ANTIGAS SUL AMERICANAS. Ou: FACAS ANTIGAS DE ORIGEM ESTRANGEIRA.

Algum tipo de restrição deve haver. Embora se saiba muito pouco a respeito do que seriam Facas Brasileiras Antigas, é razoável que se aplique estas poucas informações de modo a chegar-se a uma classificação – nomenclatura, tão próxima da realidade quanto possível. O mesmo se aplicaria àquelas de Origem Estrangeira.

Também é necessário respeitar a opinião de outros. L. Gazinhato aponta a designação: "facas clássicas", e com toda razão.

Quando realizei pesquisa no Arquivo Nacional e em diversos museus nacionais, o que pude encontrar foi pouco auspicioso. Informações conflitantes, imprecisas, descrições sumárias, etc. Talvez tenha pesquisado nas categorias erradas: inventários, registros de alfândega, registros de reservas de museus.

Quando me refiro a museus, onde se supõe encontrar peças catalogadas, ou seja, particularizadas por época e região, no mínimo, o dissabor pode ser muito grande. E o constrangimento, enorme.

Em museus estrangeiros, particularmente os da Europa, a coisa muda de figura. Mesmo pequenos museus mantidos pelo equivalente a prefeituras mantêm seus acervos e reservas bem documentados e conservados. O problema é ter acesso. São bastante rígidos.

O breve relato de uma experiência pessoal pode ser elucidativo. Depois de algum trabalho no sentido de explicar o que eu desejava e porquê, depois de uma burocracia, lá fui eu junto com um funcionário, para a reserva do dito museu nacional daqui. Para encurtar, aberta a caixa o conteúdo era triste.

Peças haviam desaparecido -outras literalmente destruídas por armazenagem feita de modo impróprio e um funcionário constrangido a me pedir que não comentasse o que havia visto.

Para evitar maiores problemas tentei valer-me, no possível, das fichas de reserva.

Há uma fonte. A questão é que ela é iconográfica: pinturas, aquarelas, desenhos de Rugendas, por exemplo. Ora, artistas não são lá muito dados a reproduzir (há exceções, e boas) em detalhe, justamente um detalhe, uma faca.

Estas exceções podem ser vistas no anexo do primeiro capítulo destas notas: Iconografia. Elas saltam aos olhos. Mas, não ajudam muito.

Muito que bem, chegou-se a uma proposta para facas até o Brasil Império, com a chegada de D. João e sua Corte. E daí até as primeiras seis décadas do Século XX? Contemporâneas é que não são. Seriam clássicas? Discutível. É melhor deixar a conceituação proposta por L. Gazinhato intacta.

E mais, porque este marco cronológico dos anos sessenta (ou 30) do século passado? A boa opinião de O. Lamartine não bastaria. Pode se considerar um fato: é a partir da década de sessenta (1960) que o fenômeno da Industrialização impacta a sociedade brasileira atingindo até os mais distantes rincões. A industrialização começou bem antes, é verdade. Mas sua imposição a todo um modo de viver e de fazer levou algum tempo.

A Revolução Industrial européia – que começa nos anos 1700, só parece ter atingido o nosso país de forma mais impactante a partir de meados de 1800, com a abertura dos portos. Portanto, não é só o resultado prático (facas industrializadas ou semi) da nossa industrialização que interessa examinar.

A questão envolvida é o modo de fazer. A cutelaria brasileira, até meados dos anos 1950, com a exceção de umas poucas fábricas já existentes no sudeste e no sul, ainda era domínio do artesão. Muitas destas fábricas, indústrias de pequeno, no máximo médio porte, tiveram vida curta. O que seria todo um outro campo a ser levantado.

Para citar o outro extremo do Brasil, no final da década de sessenta, encontrei no Rio Grande do Sul o que seriam resíduos de intensa atividade cuteleira artesanal, espalhados por um sem número de CTGs (Centros de Tradição Gaúcha); lá estavam os "facões".

Junto com as boas facas da Eberle e outras, é verdade. Mas estes facões eram obra local. Bastava perguntar e lá vinha uma fileira de nomes de artesões regionais. Em Pelotas, se a memória não me falha, ao menos cinco.

Cabe esclarecer que em 1968 passei minhas férias de faculdade viajando pelo Estado do Rio Grande do Sul a reboque de meu primo, Carlos Reinghantz, genealogista, que fazia um trabalho para a Sociedade Brasileira de Genealogia.

O trabalho de secretariá-lo nas infindáveis e enfadonhas visitas a sacristias de igrejas, copiando (bom número de vezes, decifrando a caligrafia de párocos) registros de nascimento, casamento e óbitos, ou o contato com parentes aqui e ali sempre me permitia comparecer, nos fins de semana, a reuniões de CTGs, atrás de namoradinhas, bons churrascos e "prosa" a respeito de armas, facas e outros assuntos distantes da tal Genealogia.

Em fins da década de setenta (1970), já como funcionário público, voltei a visitar diversas cidades gaúchas. Os facões já eram coisa rara. Os gaúchos voltavam a chamar qualquer faca um pouco maior de facão.

O fazer artesanal, já era algo do passado. Apenas dez anos decorridos.

Esta "situação" parece estar no rumo de se inverter. São as notícias que tenho. Há bom número de cuteleiros artesanais em atividade nos dias de hoje.

Enfim, parece-me que a proposta poderia ser: Facas Contemporâneas, para artefatos do Século XX até a década de sessenta. As demais poderiam ser modernas

Não havendo muita gritaria, pois isto, é claro, vai englobar facas industrializadas. Que fazer? Em minha opinião, que pode e deve valer apenas como uma idéia inicial, apenas destinada a uma primeira separação entre o joio e o trigo, coisa na qual o tempo e o olho clínico do bom colecionador são mestres, o critério principal seria a qualidade.

Existem facas industriais deste período de muito boa qualidade.

Ficaríamos apenas com facas antigas, facas clássicas, facas contemporâneas (e modernas). Fazendo, é óbvio, subcategorizações expressas. Por exemplo: coloniais, império, século XX, artesanal, industrial.

E, a seguir, um grande nó. Claro, não se trata de inventar nada. A nomenclatura já existe. Ao menos em parte. O problema reside na grande variedade que gera impasses.

Por exemplo, é inquestionável que existem facas Santa Luzia. Mas esta nomenclatura seria abrangente demais, pois há exemplares marcados com o cunho SL e outros não. O que se poderia ter, então, como nomenclatura? Uma faca poderia ser designada como: Contemporânea, NE, Santa Luzia, de ponta, circa 1940; artesanal, com timbre (ou cunho) SL com dimensões dentro dos padrões, etc.

Como se nota a NOMENCLATURA preconizada por si já estabelece uma tipologia. Seguida de uma descrição mais detalhada comportando dimensões, material, técnicas de feitura, estado de conservação. Assunto, enfim, para um colecionador não amador.

A esta altura alguém pode estar se perguntando porquê a relativa insistência em COLECIONADORES. Em primeiro lugar por que, a meu juízo, são os maiores interessados. Em segundo são os detentores de parcela mais que significativa de conhecimento específico e de PEÇAS.

Conhecimento regionalizado. Ou porquê o colecionador está fisicamente na região X ou Y ou porquê se dedicou a fazer uma coleção temática. Enfim, conhecem a terminologia adotada na base regional de origem de seus artefatos.

Voltando a detalhes, vejam bem. É comum que bainhas tenham um acabamento em sua ponta. Já li em obras norte americanas o termo "finial", designando, nomeando tal acabamento. Por sinal nada a ver com os intrincados motivos das facas gaúchas, ou o "violão" das franqueiras e de algumas nordestinas. Quase sempre o tal "finial" seria um simples e pequeno adendo esférico ou ovalado.

Adotar a nomenclatura norte americana não me parece apropriado. Penso que algum colecionador certamente terá a resposta. A princípio pode até ser que se trate de um regionalismo, mas, diversos colecionadores trazendo suas contribuições será melhor que nada.

A propósito, o termo ricaço, grafado ricasso, com dois esses, também é usado nos USA. Os franceses usam a designação "rincasso". No dicionário: Novo Dicionário da Língua Portuguesa,

de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, primeira edição – 11ª impressão, Ed. Nova Fronteira; 1975, Ricaço é: homem muito rico. E mais nada.

Na literatura especializada francesa há o termo "rincasso". Será que o que temos em mãos é um galicismo? Nos dias correntes os franceses estão usando ricasso.

No mesmo dicionário, enterço, sequer existe. Mas é sempre possível que meu velho Aurélio seja apenas isto, velho. Desconfio que não. Desconfio que esta terminologia, esta nomenclatura que os colecionadores de facas e cuteleiros usam, não está nos dicionários.

As atividades humanas são assim mesmo. Acabam por criar seu jargão, seus termos. Uma iniciativa louvável é a de L. Gazinhato que coloca na internet seu glossário. Em respeito a este velho mestre que tanto ensinou aos neófitos, caberia expandir seu trabalho.

O. Lamartine, outro velho mestre, na página 60 de seu livro tão citado por mim (foi o único que encontrei) nos traz outro problema de nomenclatura. Há um desenho esquemático de uma faca nordestina e, na lâmina uns riscos que aquele autor parece chamar de cavas. Já tenho visto, em facas nordestinas, sulcos rasos. Seriam cavas? Já li que cavas são linhas que separam planos de uma lâmina. E agora?

A nomenclatura, portanto, não se limitaria à tarefa de se chegar a uma designação para tipos, subtipos e variantes de facas. Há todo uma campo a ser explorado e designado.

Técnicas de embelezamento das lâminas

Falei das benditas cavas. Mas não é só isso que pode surgir na lâmina de uma faca, além de coisas como fio ou gume, etc., existem facas cujas lâminas são lindamente ornamentadas com o concurso das mais variadas técnicas. Que nomenclatura adotar para estas ornamentações? E não fica só por aí. Basta ver o que consegui escrever a respeito em outras partes destas anotações.

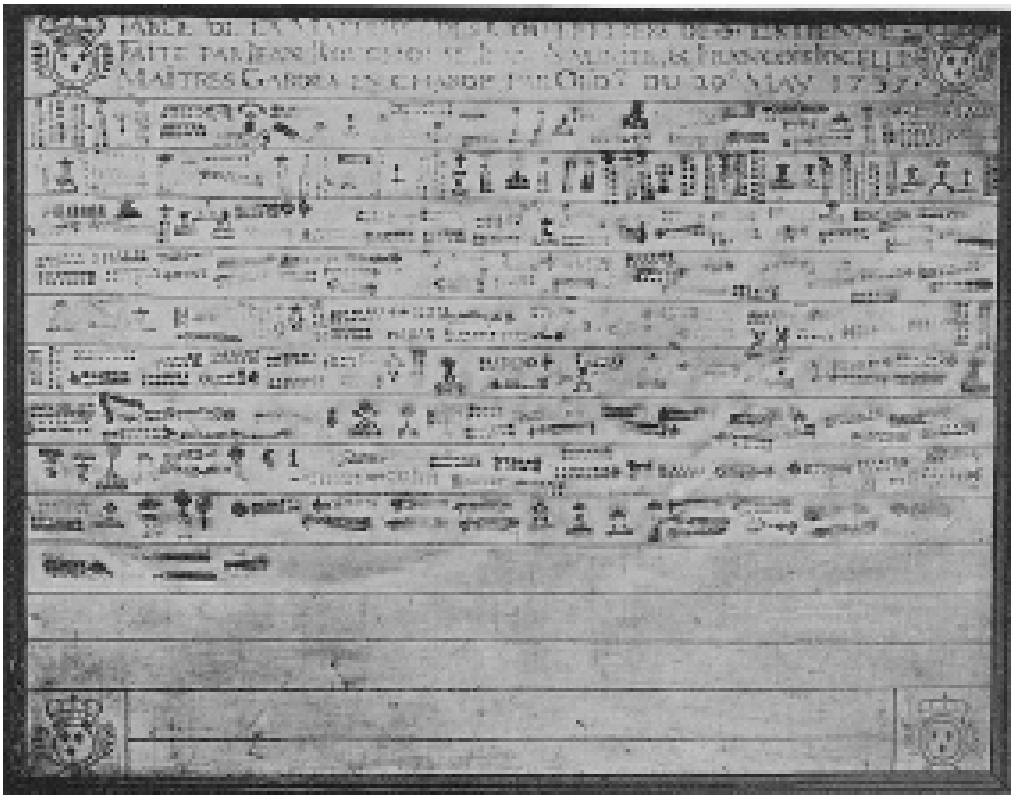
Há quem use a designação bisel ou biséis para estas linhas que dividem os planos ou áreas de uma lâmina. De onde teria vindo esta designação? Da interpretação ou transposição do termo inglês: "bevel"?

Cunhos e marcas

Um subtema de grande importância vem a ser as diversas marcas por vezes existentes nas lâminas e cabos de facas. O que é cunho? O que é marca? O que é punção? Na Europa e nos USA há catálogos registrando estas marcações. Suas variantes e evolução e até mesmo suas falsificações.

Na França, onde cutelaria é algo levado a sério, há boa literatura especializada contendo registros destas marcas de antigos cuteleiros.

A Arqueologia européia nos informa, através exemplares da facas escavadas, que o uso de marcas, punções ou a simples adição superficial de uma forma geométrica de estanho, é prática para lá de antiga. O famoso e raro Lobo Correndo de Passau era laboriosamente cinzelado.



Fonte primária. Placa de chumbo original contendo os cunhos de cuteleiros franceses, datada: 29 de maio de 1737.

O assunto é, em minha opinião, relevante e reclama certa pressa. No sul de nosso país há problemas sérios envolvendo: Boker, Corneta e Coqueiro, apenas para citar alguns.

Colecionadores escolados conseguem ler estas marcações. Verificar que o artefato tem esta ou aquela origem, fabricante, cuteleiro e se foi considerado de boa qualidade ou não. Há facas que indicam claramente se o fabricante a considerou de "primeira" ou não. Seriam facas industriais, sim, e daí? Não deixam de ser colecionáveis.

Tenho duas facas francesas marcadas PARIS. Uma delas tem apenas o nome da cidade Luz. A outra tem também um cunho que é um pássaro estilizado. Lá, em Paris, num antiquário especializado, me foi explicado que PARIS desacompanhado de qualquer outro cunho significa que se trata de artefato de segunda. Mas que é passável (passable), ou seja, pode ser comercializado.

A marca PARIS e o cunho (poinçon) de pássaro estilizado significam que a bendita faca é melhor que a outra. A cutelaria que a fez assumiu sua paternidade e qualidade. Não totalmente, pois não se identificou plenamente.

Um Problema

De início, perdão se retomo a questão da territorialidade.

Um outro problema, este de boas proporções, relativo à designação de facas brasileiras. Algumas, por exemplo, tomaram o nome da região ou cidade onde tiveram origem ou foram popularizadas. Enfim seria o caso das Curvelanas e das Franqueiras e mesmo das Sorocabanas. Se bem que haja toda uma região chamada sorocabana em São Paulo.

Caso um tanto difícil é o da Lapeana. Poderia se aventar que o território de possível origem tivesse o topônimo Lapa. Mas não foram poucos os lugares e mesmo cidades chamadas ou contendo em seu nome a palavra Lapa.

Como sabem todos, a feia mania de dar novos nomes a cidades é um mal que assola nosso país. Recuperar estas informações demanda tempo e esforço de pesquisa, mas valeria a pena tentar resgatar a localidade de origem da desaparecida Lapeana, de quem não se separava o pai de Anita Garibaldi.

Mas há as nordestinas: Baixa Verde, e outras oriundas de regiões do Nordeste.

Na Bahia houve uma surgência de cutelaria artesanal muito antiga. O que restou foram vagas indicações: Sul da Bahia e pouco ou nada mais.

No Sul há a Naife, bem específica quanto à região e mesmo do tipo de uso, época e população envolvida. Ao lado de algumas outras como Campeiras, Carneadeiras, ou Charqueadeiras e outras.

O miolo do nosso país: Mato Grosso, Goiás e outras regiões/estados impõem outro problema. Há informações da existência de facas usadas pela população nestes sertões.

Por fim, se é que o assunto tem fim, há um tipo bem específico de Minas Gerais, a já citada Curvelana, que teria origem na cidade mineira de Curvelo.

A propósito, até que não ficamos mal no filme. Temos, de início, um bom acervo de facas brasileiras. Recuperar o que se extraviou e descobrir o que falta é muito interessante.

É difícil resistir a certas coisas. Uma boa alma passou a L. Gazinhato a informação de que a Charqueadeira ou Carneadeira estaria conectada a um incremento na atividade da charqueada. Isto em tempos relativamente recentes se bem entendi.

A questão é que o charque, carne seca, e a Charqueada, é atividade gaúcha de há alguns séculos. Aliás, o termo "charqueada", era usado no norte fluminense para designar matadouros nos quais também se fazia carne seca – charque.

Durante o predomínio do "espanholismo" no sul do país, dizia-se saladero. Era o lugar onde se matava o gado e salgava-se a carne. Este bem de consumo viajava das paragens sulistas até, pelo menos, o interior de São Paulo e mesmo mais adiante, por terra, trazido pelo tropeiro no lombo de burros e mulas. Trazer tropas de mulas lá dos pampas, sem uma carga em cima seria burrice. No mínimo, deixar de trazer comida a ser consumida durante a viagem, seria algo para além da burrice.

Disse boa alma, a respeito de L. Gazinhato. E deve ser mesmo. São poucas as pessoas que colaboram desinteressadamente. Mesmo que a colaboração seja contestável, cumpre seu papel, provoca o esclarecimento e a formação de informação mais sólida, mais densa.

Hoje se sabe que as estradas Reais cortavam nosso país de norte a sul, bem cedo em nossa História. E por elas passavam os tropeiros e suas mulas. É conhecimento cuja difusão é recente.

Literatura

Com o recurso da internet é fácil ter acesso a boas e, em alguns casos, farta e detalhada informação. Mas também se observa o problema de nomenclatura. Topa-se com a mesma faca ou partes e peças com designações diferentes.

Na Europa de um modo geral há boa e judiciosa literatura sobre cutelaria. Livros com densidade de informações e quantidade de detalhamento. Mas, também livros do tipo "para o grande público". Alguns esmeradamente editados, com riqueza de imagens e muito pouca informação e detalhamento quase nenhum.

Nos EUA, algo semelhante ocorre. Neste país existe um bom número de revistas e outros periódicos a respeito de cutelaria. Infelizmente a tônica é cutelaria contemporânea ou moderna.

Quando o assunto de interesse é o resgate de informações sobre lâminas do passado distante, por exemplo, o período do Brasil Colonial, a dificuldade sobe alguns graus.

Existem obras européias básicas, normalmente de difícil acesso, como o volumoso "La Cutellerie dês Origines à Nos Jours" de Camille Pagé. A reedição (o original foi editado em 1896): ISBN 2-86276-259-8, tem seis (06) volumes. Consultei esta obra, edição antiga e dei-me ao trabalho de fazer resenhas de capítulos quando de viagens. Transformei as resenhas em notas e incorporei aos textos do presente trabalho.

Existem trabalhos que chegam das fontes mais improváveis como o liderado por Kevin Gladysz, canadense que há mais de vinte anos pesquisa e estuda a cutelaria antiga, em especial aquela importada da Europa para o Canadá e EUA.

Este pesquisador canadense é de uma honestidade intelectual gritante. Ele assinala suas dúvidas ou coloca indagações para as quais não tem resposta.

Aqui em nosso país são relativamente fáceis de encontrar belas coletâneas de fascículos e alguns livros a respeito de armas. E uns poucos a respeito de armas brancas. Na sua maioria são traduções de obras estrangeiras. E sofrem ainda do que se pode chamar de síndrome da imagem. Muita fotografia e pouco texto.

Nestes textos, problemas de tradução se somam àqueles de nomenclatura.

O que vale para facas também pode valer para armas de fogo. No livro: "Historia Da Arma de Fogo Portátil" de Luiz Mardel, Lisboa: Imprensa Nacional em 1887 encontra-se, no segundo parágrafo do início da obra: "A descripção das… N'aquella epocha cada nação tinha a sua arma peculiar e empregava na nomenclatura os termos que julgava mais adequados. Quando esta arma depois se vulgarisava, a nomenclatura adquiria successivamente accentuações, ortographia e termos próprios do paiz em que se tornava conhecida e dahi provém a grande confusão que constitue uma das principaes difficuldades do estudo das armas antigas."

No universo específico das facas, a confusão pode ser bem grande. Já vi ou ouvi bela confusão entre os termos BOUCHERON e BUTCHER, respectivamente: lenhador em francês e açougueiro em inglês. A lâmina em questão era grande, pesada e as pessoas que conversavam estavam envolvidas, realmente, numa conversa asnática.

Traduzir é trair. O fuste ou espiga, aquela parte da lâmina que normalmente não se vê, pois está dentro do cabo, pode ser "fusée" em francês ou ainda, na mesma língua "queue" – literalmente: rabo, cauda. Mas quando se desce aos detalhes, pode ser "rat tail", rabo de rato em

inglês, designando um tipo de fuste que é fino e tende a se afinar mais ainda em direção ao final do cabo.

Traduzir pode não ser a melhor solução. Citar termos estrangeiros pode levar a um certo esnobismo e à incompreensão do interlocutor ou leitor. Fica parecendo conversa ou livro de Filosofia com aquelas expressões em grego e mesmo grafadas em grego. Que só os iniciados entendem. Ou pelo menos passam a impressão de entender.

De todo modo, nunca é demais repetir, este trabalho quer ser tudo, menos um livro que esgota o assunto. Nos dias que correm, não teria muito sentido.

Capítulo 10

Dimensões

Ao longo destes textos coloquei uma questão: a partir de que comprimento de lâmina um artefato deixa de ser uma faca para se tornar um facão?

A pergunta se refere a apenas uma dimensão. Uma lâmina seja faca, punhal, adaga, cutelo, facão, o que for, tem diversas dimensões.

Ninguém, em sã consciência admitiria que um cutelo fosse uma faca ou mesmo um facão. O mesmo se aplicaria a um punhal. A questão (em parte) neste caso, é de formato. O que não se aplica às dimensões, às medidas de um artefato em geral. O fato é que as dimensões de facas, tantas dimensões ou medidas quanto possível, raramente são indicadas.

As notas a seguir se referem a artefatos comumente designados como facas. E, facas de certa idade ou, para quem gosta de cutelaria independentemente de época de fabricação, como os primorosos exemplares da moderna cutelaria nacional. Os demais "tipos" de lâminas são referidos quando necessário.

Entretanto, para realçar a importância das dimensões, veja-se que aquela ferramenta usada no corte de cana de açúcar (há diversos formatos, registrese) tem suas dimensões. Uma delas, sua espessura, parece-me, estabelece o primeiro diferencial entre ela e uma faca. Trata-se de uma ferramenta para trabalho pesado e contínuo, ou seja, há que economizar o esforço de quem a maneja. O que é obtido pelo peso, aumentando-se a espessura e/ou comprimento total, ou seja, no mínimo, duas dimensões.

O que se tem hoje, na internet, catálogos de coleção, revistas e livros especializados, "sites" e fóruns? Em boa parte, as dimensões ficam restritas ao comprimento da lâmina ou ao comprimento total do artefato. Em uns poucos casos se tem indicação – por vezes um tanto vago, da largura da lâmina. De sua espessura, quase sempre, nada ou indicações ainda mais imprecisas. O mesmo se aplica à literatura – livros especializados.

A espessura de uma lâmina é tida por conhecedores como forte indício de sua época de manufatura.

Mas, a medida mais usada para espessura de lâminas, na época que interessa, é a "linha". O que torna as coisas um tanto difícil. Se, por acaso a medida empregada for uma fração da polegada, também não se fica senão com aproximações.

Perdoem-me, mas, na maior parte das descrições, fotos, desenhos, ficase com uma visão "egípcia" do artefato. Duas dimensões, definitivamente, não bastam.

Está-se lidando com objetos tridimensionais relativamente complexos. Se estiverem completos, com suas bainhas originais, o nível de complexidade sobe de patamar.

Facas feitas no Brasil até os anos sessenta (1960), época preconizada por O. Lamartine em seu livro já citado, como a do início da decadência do artesanato nordestino, são em boa parte produtos tipicamente artesanais ou, se a expressão tem cabimento, pré-industriais. Por sua origem e/ou processo de manufatura, fica determinada a variedade de dimensões. Sempre é bom lembrar que os cuteleiros desta ou daquela região ou mesmo localidade, faziam suas facas de acordo com padrões mais ou menos restritos.

É claro que, a partir do final do século XIX e início do século XX tem-se, em crescente quantidade, lâminas industrializadas, importadas e retrabalhadas localmente. Um caso emblemático é o do cuteleiro paulista Domingos De Meo, que a partir de certo ponto no tempo importa lâminas (semi-acabadas) e as monta e altera, em alguns casos, de acordo com padrões de facas tipicamente brasileiras.

A trajetória deste cuteleiro é conhecida e documentada. Pena que tantos outros não foram alvo destes cuidados. A fonte primária descritiva daquela trajetória é o artigo de Laércio Gazinhato: "O Rico Legado de Domingos De Meo", publicada na revista Magnum de julho/agosto de 1998. Ao ler o citado artigo há de se notar que o mesmo informa apenas uma dimensão: comprimento.

Bem mais abaixo, e lá pela mesma época, em Pelotas, se não me engano, uma casa comercial, a famosa Laporte, também importa lâminas. Algumas com formato um tanto antiquado, largas, outras bem ao gosto surgente do final do Século XIX, afiladas e delgadas.

O caso específico de Domingos De Meo nos traz a questão das facas "sorocabanas". Aquele cuteleiro nos deixou suas versões desta famosa lâmina. São inconfundíveis. Ele as marcava com seu "timbre".

O que acontece no mercado é coisa bem diferente. Há sorocabanas de todo jeito e feitio. Tudo bem era produto de artesãos. Mas, além do formato geral e das soluções específicas tudo indica que há uma variação muito grande quanto às dimensões. O comprimento até pode ficar dentro de certos parâmetros, mas, por exemplo, a espessura das lâminas, em minha experiência pessoal, varia um pouco além da conta. E há algumas diferenças alentadas de formato.

Há sorocabanas de dorso retilíneo. Um forte indicador de herança das enormes facas que se vê, portadas por bandeirantes retratados no anexo: Iconografia.

Tenho por hábito ir a certos lugares: feiras de antiguidades, antiquários, etc., munido ao menos de uma pequena lupa e de um paquímetro de ourives. Quando me dão licença, uso. Ia esquecendo, faz parte de minha tralha de feira um pedaço de giz; ótimo para realçar timbres, cunhos, marcas de ferramenta, etc. Por isso, me é lícito dizer que a espessura varia. Também levo uma pequena trena.

Neste ponto, quem está lendo estas notas já se deu conta que, para criar ou definir categorias, tipos, subtipos, variantes, seria necessário contar com um número razoável de artefatos medidos em suas diversas dimensões – inclusive de cortes das lâminas e cabos e, quando existirem, das bainhas originais. O objetivo seria, por exemplo, chegar-se à média da Franqueira e estabelecer que estas facas variam entre tanto e tanto admitidas variantes com tanto e quanto.

Desta forma, a coisa se torna menos empírica, a informação mais democratizada, a possibilidade de fraude mais afastada, a preservação de um nicho de nossas tradições resta reforçada.

Além de tempo e da colaboração de muitos, outros obstáculos previsíveis seriam, por exemplo, as réplicas bem intencionadas e as falsificações que caem no mercado e, passando por alguns deixam de levar consigo a informação do que realmente são. Mutilações propositais ou

não são outro obstáculo. Já vi um pouco de quase tudo neste campo. Envelhecimento forçado é algo raro, mas já vi acontecer. Um "antiquário" adquiriu uma faca, trocou o cabo e "envelheceu" o objeto usando processos um tanto rudimentares, mas, eficazes.

Mal entendidos são inevitáveis e devem ser superados. Um exemplo? L. Gazinhato lista uma faca de médico. Pela descrição, conheço este artefato desde criança como "dosador". Meu avô materno foi o que se chamava de médico de roça. E eu levava uma parte de sua bagagem em longas peregrinações pelo que hoje são subúrbios do Rio de Janeiro.

Uma parte da bagagem era uma farmácia portátil. Vidros, caixas, pequena balança, espátulas, pequeno almofariz e, o dosador. Que era uma mistura de abridor de cartas com mão de pilão. O cabo era uma pequena mão de pilão usada para triturar fármacos no almofariz e a ponta da lâmina era usada para "dosar". Certa quantidade de pó disto ou daquilo era adicionada à mistura. A lâmina em si não tinha fio, era estreita (no máximo pouco menos de um centímetro) o perfil em corte era em "lombo de burro" – suavemente arredondada. A pergunta é: estamos falando da mesma coisa?

Retornando às dimensões, parece-me necessário dar atenção aos detalhes dos artefatos. Alguns destes detalhes podem se constituir em obstáculos ou em diferenciadores. O enterço seria um deles. Aliás, enterço ou ricaço, ou seria ricasso? Já ouvi pessoas confundirem as coisas.

A questão não é menor ou que não mereça atenção. Trate-se de formato ou de dimensão. Muito bem, de que é que este doido está falando?

Ricaço é ricaço e seu formato é retangular, certo? Nem sempre. Pode ser quadrado. Pode se estender cabo adentro e tomar a forma do dito cabo. Aí seria o que muitos conhecedores afirmam ser o verdadeiro ricaço. O outro, tenha a forma que tiver, seria uma imitação, não cumpre a função de reforço estrutural. Ao menos de forma condizente.

No pé em que as coisas estão há dois componentes da lâmina bem diferenciados: ricaço (ou ricasso) e enterço.

Algumas lâminas terminam, junto ao cabo, de forma reta, em ângulo reto em relação ao eixo da lâmina. Outras terminam de forma arredondada. E algumas chegam mesmo a apresentar um recorte triangular.

Apenas quanto a este pequeno recorte triangular já ouvi as mais variadas versões: serve para melhor travar a faca introduzindo ali a unha do polegar quando a faca é empunhada com o fio para cima; serve para afiar outras facas; serve de enfeite; serve para quebrar gravetinhos; serve para aliviar tensão durante o processo de forja e evitar a abertura indesejada de trincas.

Trata-se de detalhe. Sem rima, por obséquio. O detalhe tem nome: entalhe espanhol. Veja-se a figura abaixo que em termos de entalhe e de origem nada deixa a desejar.

Sendo arredondado, tem-se o gavião das gaúchas.

I -62

Data do Século XIX e foi feita em Albacete. Uma adaga por excelência. O cabo seria de "lanterna". Quem aprecia entalhes, aqui se tem uma "festa".

Com a palavra quem tem outras ou a melhor versão.

Apenas neste plano de uma lâmina – o enterço, ricaço, concentra-se algumas outras questões. Ocorre que é uma parte da lâmina aonde muitos artesãos se esmeram em ornatos, timbres, cunhos e/ou marcas.

Outros obstáculos surgem da grande variedade devida ao processo artesanal. Algumas facas têm suas lâminas curvadas. As dimensões desta curvatura devem ser levadas em consideração. Outro aspecto são as pontas. Ao que tudo indica há, em nosso país, um "império" das facas de ponta: pontas afiladas triangulares.

Mas há uma variedade de outras pontas. Dimensionar curvatura de lâminas e de pontas, além de chegar-se a uma denominação destas últimas é um obstáculo a ser necessariamente vencido.

A região de Flandres (partes da atual Holanda, Bélgica e França) era manufatureira de facas. Eram as facas holandesas ou flamengas (nada a ver com a dança espanhola) e tinham, em boa parte das vezes, uma ponta muito esquisita. Ponta formada por uma curva que partia do dorso da lâmina descendo até se encontrar com o fio ou gume único.

Facas com esta ponta diferente vieram para o Brasil Colônia? Certamente. Não em grande número, mas vieram. Com Nassau em 1600 até fins do século XVIII.

Mencionei acima a questão do corte (diferente de gume ou fio) das lâminas. Ocorre que nem toda lâmina de faca apresenta um corte transversal triangular perfeito, liso. Muitas têm "cavas" (o que são cavas?) ou depressões (sangradouros?), contra-fios, e outras particularidades. Tais particularidades podem estar presentes apenas em partes da lâmina. O mesmo ocorre em relação aos cabos. Em corte, um cabo ou punho pode ser ovalado, achatado (caso do uso de talas), redondo ou sextavado ou oitavado, ou ainda ser composto por diversos elementos distinguíveis, sejam estes de metal ou não.

Por favor, leia-se corte ou seção.

Quem fala em medida, em dimensões ou em dimensionar é levado a adotar padrões. O

primeiro deles seria o sistema. Sugiro que se adote o métrico e, quem o desejar, anote a correspondência em polegadas.

Sugiro que dimensões de um ou dois milímetros sejam registradas de alguma forma. O que pode acontecer é a leitura nem sempre fácil de um paquímetro e mais ainda a estimativa, quando se trabalha com régua e compasso de ponta seca, ou em visitas a museus.

Depois dos padrões haveriam procedimentos de tomada de medidas e, instrumental. No caso, o recomendável seriam réguas de boa qualidade, paquímetros, compassos de ponta seca, etc.

Mas, por que toda esta preocupação com medidas? Em primeiro lugar, deixei, aqui e ali, esboçada a hipótese de que lâminas de facas largas junto ao cabo seriam antigas. Outra dimensão também seria indício de antiguidade: a espessura da lâmina. E, para alguns, se a lâmina vista em corte, teria concavidade e não o padrão retilíneo de hoje.

Sugestão de Procedimentos

Os procedimentos poderiam ser divididos em básicos e complementares.

Como procedimento básico sugiro: comprimento total do artefato, comprimento da lâmina, largura da lâmina ao menos em três pontos, comprimento do ricaço ou enterço, largura do enterço, espessura da lâmina em três pontos, espessura do ricaço ou enterço. Quanto à bainha, sugiro: comprimento total, largura em três pontos, comprimento – largura e espessura da peça ou reforço junto à "Boca" da bainha (se houver), comprimento e largura da peça destinada a enganchar a bainha na cintura ou comprimento da corrente.

A partir deste ponto entra-se nos procedimentos complementares. Que serão necessários no todo ou em parte, dependendo da complexidade da faca.

Marcas, timbres, cunhos, numeração, gravação a buril, ácido (ou águaforte, se preferem), etc. Sugiro que se procure: dimensões da área total ou das áreas contendo estas aposições à lâmina e ou no cabo. Altura e largura de letras e números, altura e largura de timbres ou cunhos, espaçamento entre timbres, cunhos em altura e largura quando for o caso, considerando como altura em relação ao fio e ao dorso da lâmina e como largura o espaço entre o início do cabo e/ou guarda (ou seja, em relação ao eixo longitudinal da faca), espaçamento entre partes do timbre (ou marca contendo mais de uma palavra ou nome), espaço entre letras e números de uma marca (como entre o SL de Santa Luzia; ou entre Domingos e De e entre De e Demeo, por exemplo).

Alguém, com justa razão, pode indagar o porquê desta preocupação com dimensões e mesmo localização de marcas, timbres, cunhos. Lembro que se trata de artefatos artesanais. E mais, que se tem boa notícia de que alguns afamados cuteleiros do passado mudaram suas "marcas", e, que sempre é possível falsificar uma marca. É caro, mas é possível.

Cavas, (ou seriam biseis -bisel) como linhas divisórias entre planos da lâmina, ou depressões na lâmina. Sugiro: comprimento, largura e profundidade bem como espaçamento em relação ao dorso e ao fio principal (ou fio e contra fio, se for o caso) e entre a ponta e o início do enterço ou, na ausência deste elemento, entre o final da cava ou depressão e o início do cabo.

Sempre lembrando que algumas destas cavas e depressões, por vezes são mais ranhuras bastante estreitas e pouco profundas. Em outros casos são típicas de molas chatas (de feixe) de

viaturas ou ainda decorrentes do uso de lâminas de baionetas, por exemplo. Ou ainda, as "linhas" divisórias entre um plano e outro da lâmina – tomando por plano, a área do fio ou gume, por exemplo, em relação ao restante da lâmina.

Uma nota: haveria dois sentidos para cava; linha divisória de planos em uma lâmina e depressões ou ranhuras e uma denominação moderna: bisel.

Há, ainda a considerar, e a serem medidos, os reforços estruturais de lâminas de espada, presentes em facas sulistas e nortistas. Sugiro: diâmetro ou largura/altura (em relação ao fio principal). Há que ressaltar que, em nosso país utilizou-se lâminas de espadas das mais variadas procedências e formatos antes que nossas forças armadas estabelecessem padrões. O mesmo ocorreu com baionetas.

Alguns artefatos (facas) são mais elaborados (complexos), sendo dotados de bainhas de metal ou de couro, com ou sem elementos de metal, de bainhas de metal articuladas ou ainda de bainhas metálicas com correntes – estas correntes serviriam para prender o conjunto faca-bainha à cintura. Embora alguns considerem que tais correntes se destinavam a prender o citado conjunto à cava do colete. De fato, recordo-me de ter visto coletes em confecção num alfaiate com uma "casa", que me pareceu estranhamente colocada. Informou-me o alfaiate que o cliente tinha por hábito portar uma bela faca de prata com uma correntinha que passava pela "casa".

Contudo é preciso recordar que o uso de uma faixa razoavelmente larga de tecido atada à cintura fazia parte do vestuário normal no século XIX e mesmo início do século XX, ao menos para trajes ditos típicos e, nossos antepassados usavam cintos bem mais largos.

Em algumas bainhas fica bem evidente que a corrente é um elemento, digamos, de segurança, pois são dotadas, também, daquela "lingüeta" que serve, normalmente para prender o conjunto faca-bainha na cintura, em um cinto, cinturão ou faixa de tecido.

O local onde fica presa esta corrente pode variar.

No procedimento complementar de tomada de dimensões de bainhas de couro, sugiro: comprimento e largura de eventuais peças de couro costuradas à ponta da bainha (cuja forma lembra, em geral o corpo de um violão); largura e comprimento de eventuais de peças de couro costuradas como reforço do corpo da bainha ou peças não necessariamente de reforço e sim decorativas nas suas porções iniciais e finais. No caso de bainhas de couro com aplicação de peças de metal – bainhas compostas, se quiserem: largura máxima e comprimento de tais peças de metal.

No tocante a bainhas de metal sugiro: quando articuladas – largura e comprimento de cada peça, largura máxima e mínima da peça da ponta; espaço entre as peças articuladas; largura e espessura – se for relevante, da peça de reforço da "boca" da bainha; comprimento e largura máximas e mínima de eventuais peças de acabamento e/ou reforço soldadas à ponta da bainha.

Em se tratando de bainhas inteiriças de metal (digamos; "modelo gaúcho" embora haja bainhas sulistas de couro e metal ou só de couro), sugiro: largura e altura (se for relevante) da peça de fechamento da "boca" da bainha; comprimento e largura de recorte destinado a dar mais fácil entrada a lâminas curvas; diâmetros externo e interno da peça cilíndrica de travamento do "botão" (se for o caso), altura desta peça, largura do rasgo de entrada da lâmina nesta peça. Largura e comprimento das áreas trabalhadas a buril ou por pressão contra moldes ou outro processo que resulte em trabalho decorativo de baixo/alto relevo. Vide parágrafo acima a respeito de timbres, marcas, cunhos, no aplicável. Comprimento e larguras máxima(o) e mínima(o) de peças soldadas ou não à ponta da bainha.

Sempre no campo dos procedimentos complementares vamos ao universo dos cabos, punhos, talas, pomos e guardas.

Antes, uma digressão talvez necessária. Na iconografia (desenhos, telas, aquarelas e mesmo fotos) e na hoje escassa realidade é razoavelmente comum encontrar cabos terminados com pomos (porção final do cabo) com a vaga semelhança de uma cabeça de animal, ou seja, lateralmente protuberante. Como se o focinho ou bico se alinha pelo fio da faca. Caso alguém tenha uma peça com este formato de cabo e dependendo da peça, pode ser o dono de algo bem velho, no mínimo alguma coisa lá pelos anos 20 ou trinta do século XX e se for um felizardo, mais antiga ainda.

Cabos com este formato eram feitos de chifre maciço, osso e chifre e madeira esculpida ou, aproveitando uma junção galho/galho ou galho/tronco.

Quando disse, acima, "universo dos cabos", não há exagero de minha parte. Desde os mais ricos cabos de marfim e ouro até os mais simples e estranhos, feitos com o que havia mais à mão -material exótico como sementes de jarina, coquinhos "baba de boi" e escamas daqueles peixes horrorosos da Amazônia. Cabos torneados em voluta (estrias helicoidais profundas ou rasas). Talas de casco de tartaruga ou de chifre tratado quimicamente para parecer tartaruga. Aqueles estranhos cabos com protuberâncias das franqueiras.

Até parece que o cabo, por ser a porção mais aparente da faca em sua bainha serve como marketing do dono da faca. O cabo mais estranho que vi, na Bahia, era feito de piaçava e arremates de metal amarelo. Infelizmente, seu dono, além de ser um autêntico armário, não estava para conversa com um carioca branquelo. Outra coisa estranha? Um exótico cabo nordestino feito com grossas contas de rosário. A explicação do dono foi meio macabra se entendi bem: "mandei fazer quando cumpri promessa feita a minha mãe que rezou pelo meu irmão".

Vamos aos cabos. Logo de início, um obstáculo: a guarda. Uma peça entre a lâmina (entre o ricaço e o cabo, quando há ricaço) e o cabo em si. Por vezes, pode ser apenas, digamos, residual: um anel de aço ou outro metal, ou uma peça metálica de pouca espessura e que em nada ou muito pouco sobressai à largura da lâmina ou ricaço/enterço. É preciso cuidado para determinar se não se trata de parte integrante da lâmina – caso de utilização de lâminas forjadas importadas ou se trata do "botão", típico de facas sulistas, mas também presentes em facas de outras origens geográficas.

Laércio Gazinhato nos fala em seu Glossário de "bolster" ou calço. Ao que tudo indica não se trata deste resíduo de guarda de que estou tratando. L. Gazinhato menciona "reforço estrutural". O que pode ser aplicado ao que vez por outra se encontra em lâminas forjadas importadas ou suas imitações nacionais. Foi proposital meu uso da palavra: peça.

O problema da guarda não termina por aí. Ela pode ter os mais diferentes formatos e dimensões. Para fugir ao problema, neste caso de formato, sugiro que se tomem duas medidas: altura e espessura. Altura total da peça e sua espessura junto ao cabo/final da lâmina/enterço.

Logo após a guarda ou seu lugar, é bastante comum encontrar-se outra peça, agora dos mais variados materiais (e formatos), sendo o mais comum nas nordestinas uma peça de metal. Pouco importando se esta peça é maciça com furação central para passagem do fuste ou apenas algo estampado. Sugiro: largura (ou diâmetro) máxima(o) e mínima(o)largura e comprimento.

Na maioria das peças segue-se a primeira ou segunda ou terceira porção do cabo (caso queiram considerar a guarda ou o "botão") como primeira. Podendo ser do mais diverso material, sugiro: largura máxima e mínima e comprimento.

Pode surgir mais adiante, em direção ao final do cabo, um ou dois "anéis" (diferente das arruelas metálicas por vezes presentes em cabos de embuá), sugiro: largura (ou diâmetro) e comprimento. Neste caso talvez o mais apropriado seria diâmetro máximo e mínimo e largura. Diâmetro máximo e mínimo para cobrir a hipótese de cabos sextavados, oitavados, etc.

No mais das vezes segue-se outra porção do cabo em si a ser medida em comprimento e espessura, diâmetro.

Nas facas nordestinas quase sempre existe outra peça. O "carretel". Peça geralmente metálica. Sugiro: diâmetro máximo e mínimo e comprimento.

A seguir temos, em alguns casos o pomo, o final do cabo. Mais um obstáculo. Nas facas sulistas o pomo se reduz a uma, no máximo duas peças geralmente metálicas que acompanham o formato sextavado, oitavado ou o que seja do cabo. Nas nordestinas e outras pode haver peças de chifre, osso, marfim, etc. seguidas de uma peça metálica e outra pequena peça de metal de travamento (por rosqueamento ou rebatimento da extremidade do fuste). Sugiro medir o que seja em diâmetro máximo e mínimo (se for o caso) e comprimento ou largura/espessura.

É em momentos como este que qualquer um se ressente de uma nomenclatura/glossário ou designação estabelecidas.

Vamos aos cabos de talas. Além das dimensões de peças já mencionadas acima, se existirem no artefato, sugiro: largura máxima e mínima das talas; espessura máxima e mínima das talas; diâmetro dos rebites, diâmetro das arruelas (à falta de uma designação) entre rebite e tala ou, altura e comprimento das ditas arruelas se não forem circulares. Espessura das entre-talas e seu comprimento. Atentando para não confundir entre-talas com enterçamento.

Quando se pretende já ter visto tudo, lá vem aquele artefato bizarro. É possível que cabos de talas tenham um pomo. De minha experiência pessoal vi apenas duas facas obviamente feitas a partir de velhas baionetas. Uma delas tinha tudo para ter sido feita a partir de uma baioneta Mauser a outra provavelmente partiu de uma baioneta mais antiga ainda, pois o cabo de metal amarelo havia passado por um bom torneiro e soldador realizando um pomo oval.

Pode ser que se queira, também, considerar a última porção do típico cabo das Sorocabanas como pomo. O mesmo talvez se aplique às Curvelanas. Quanto às Franqueiras, não parece que possam surgir dúvidas. Fica a questão, entre muitas, em aberto para discussão.

Em algumas facas o pomo inexiste. Há apenas uma peça metálica de fixação do fuste. Em sua maioria, diria absoluta, são artefatos recentes. Ou nem tanto, como parece ser o caso das facas sulistas chamadas de "Campeiras" que podem ser a contrapartida das "facas de ferreiro" nordestinas. Embora, em geral, de melhor qualidade quanto ao acabamento.

Contudo este variado e surpreendente mundo da cutelaria sempre espera na curva para surpreender o "expert" com alguma bizarrice antiga.

Como se pode notar há uma questão que me parece básica. A imprecisão, variação ou ausência de designação das diversas partes e peças que podem compor uma faca interfere em tentativas de estabelecer dimensões.

Quando me referi ao regionalismo e ao fato de ser importante preservá-lo, estava, também, pensando nas diversas designações dadas a partes e peças, sejam das facas em si ou das bainhas. Penso que seria recomendável obter-se uma nomenclatura, digamos, padrão, mas sempre que possível, registrando adiante as designações regionais.

O que consta acima tem o defeito de ser detalhista. O que certamente incomoda. Mas, sem

detalhamento, quero crer que não se vai chegar a bom termo.

O que se fez foi tentar reproduzir técnica de documentação de artefatos de Museus cuja administração se modernizou, Casas sérias de Leilão, não consideram suficiente ter em arquivo algumas fotos dos artefatos. As descrições podem ser bem mais minuciosas que o resultado da adoção do que se vem de propor.

Boas fotografias podem ser enganosas se desacompanhadas de uma boa e minuciosa descrição, o que inclui dimensões. Principalmente se houver o objetivo de chegar a estabelecer tipos, subtipos e variantes.

No que se refere a dimensões de antigos registros, como já mencionado, a transposição para o sistema métrico pode dar margem a imprecisões. Nossos antepassados valiam-se de padrões muito diferentes. Veja-se a descrição de época de elementos da arquitetura do já referido Forte Real do Bom Jesus: "… tinha a profundidade de uma lança."

Na época do registro, presume-se que as pessoas saberiam ou teriam uma boa idéia da altura ou da profundidade de um elemento arquitetural ao se mencionar: lança. Mas, o que isto significa hoje? O mesmo se aplica a palmos e dedos, a linhas e pontos.

No Brasil Colônia e Primeiro e Segundo Império adentro, foram usadas lanças de dimensões as mais variadas. Por exemplo, havia milícias (nada a ver com as que dominam favelas no Rio de Janeiro de hoje), para simplificar – regionais, e cada região, se tanto, estipulava seu "padrão" de lança.

Em tempo. No Brasil Colônia usava-se um sistema de medidas português. Para as medidas de facas o que nos importa é o Palmo. Que convertido em centímetros dá 20 cm. Para frações, raras vezes vi a menção a "meio" Palmo. No mais tinha-se Dedo, correspondendo a dois centímetros. Enfim, para medições menores tem-se a Linha – aproximadamente 2 milímetros e, a última seria o Ponto. Cuja correspondência para o Sistema Métrico me escapa. A Dança do Material

Um saudoso amigo, colecionador, Sérgio Alava tinha uma curiosidade insaciável. Engenheiro e dono de uma indústria mecânica de porte médio em São Paulo/SP conhecia bem seu ramo de atividades.

Mencionei em conversa minha preocupação com o material. A resposta veio rápida, numa ligação telefônica. Ele testou a dureza de três Sorocabanas muito avariadas. Os resultados o surpreenderam. De faca para faca a variação era de boa monta.

De modo algum estou advogando no sentido de que os colecionadores testem a dureza de suas preciosas lâminas. Ou, pior ainda, que usem um esmeril para tirar fagulhas e inferir de que tipo de aço são feitas. Outros testes são muito caros. O caso concreto é que dureza ou a composição são quantificáveis. Guardam semelhança com medidas. E são capazes de trazer informações.

Até agora, o foco tem sido o da lâmina e seu material: aço. Mas existe mais material envolvido. Infelizmente as dificuldades sobem de patamar. A identificação correta do material de origem orgânica, aqueles que normalmente compõem um cabo, são assunto para especialistas.

A partir do momento em que se tem uma profissão como a de Arqueólogo, não regulamentada ainda em 2008, é de se perguntar onde estariam os especialistas em madeira, chifre e osso. Para resumir, o quadro tende ao desalentador.

De qualquer forma, a questão fica colocada.

Torno a ressaltar que para se chegar à faca tal ou qual, para recuperar sua evolução e definir seus tipos e variantes, é necessário contar com peças. Peças medidas e, de uma forma geral – bem descrita, não simplesmente fotografadas. Imagens ajudam, mas não descrevem e são, de certo modo culpadas pela visão "egípcia" -duas dimensões.

Resta ainda esclarecer que não inventei essa estória de dimensões e descrições. Aprendi em museus e com colecionadores.

Capítulo 11

Um Contemporâneo Ibérico

Usou-se o termo contemporâneo, pois as imagens e comentários a seguir retratam facas e outros artefatos, dos anos 1800. Época na qual o formato de nossas facas "clássicas" já estaria definido.

Para todos os efeitos são peças antigas. Mas retratam o que era feito na Europa, num período que nos parece próximo. E o que era feito na Europa no Século XIX (1800), chegava ao nosso país.

Contemporâneos em referência a quê? Em referência a facas brasileiras ditas clássicas. Tipos de lâminas que se fixaram ao longo do Século XIX.

Existem, também, imagens de artefatos bem mais antigos. Que não seriam contemporâneos e sim, formatos, digamos de origem ou precursores dos formatos "clássicos". Inclusive, artefatos retratados em uso no nosso país.

O artefato abaixo é proveniente de Albacete, Espanha e é do Século XIX, mas tem ancestrais por boa parte da Europa. Principalmente na península ibérica.

I -63

Atenção: trata-se de um falso enterço. Artifício de embelezamento muito usado. Medidas ignoradas. A solução usada para o cabo é típica da Espanha. Na França também se usa a expressão: "couvre ricasso" – cobre ou tapa ricasso. O cabo é do tipo "lanterna".

É claro que se trata de artefato já pertencente a uma primeira etapa industrial. O que seria

atestado pela presença do botão e estilo da ornamentação. Facas mais antigas, não industriais de todo, não são tão ornamentadas, ou, ao contrário, são excessivamente ornamentadas. Ao que parece, espadas Vikings seriam muito ornamentadas.

O estilo é típico da cutelaria espanhola. Rebuscado, com extenso trabalho de cinzelamento na bainha, cabo e lâmina; talvez uso de água-forte, e esta, com uma ponta que é descendente em direção ao eixo da lâmina.

O trabalho de cinzelamento na bainha – mais visível é dito "aberto". Ou seja, o desenho tem muitas áreas não trabalhadas. Ornamentação "fechada" feita por meio de que técnica o for pressupõe o quase total preenchimento da área.

Seus ancestrais pré-industriais podem ter um fuste mais largo e aqueles feitos em Portugal são menos rebuscados e um tanto mais pesados, de concepção mais simples, se quiserem.

A semelhança com facas muito conhecidas nossas é evidente.

O artefato não foi escolhido ao acaso. É emblemático de um "tipo" de lâmina muito difundida na Europa e que pode ter influenciado a conformação de nossas lâminas curtas.

Também fica claro que o artefato acima seria de certo luxo ou esmero em seu acabamento. Não foi feito para o comum dos mortais. Mesmo no final do Século XIX a riqueza não estava difundida a ponto de permitir que alguém menos agraciado pela fortuna pudesse ter acesso a uma faca como a acima. Mas, como já disse em alguma parte destas notas, o que importa é o padrão cultural expresso no formato do objeto.

O que pode e deveria ser exercitado seria uma operação intelectual de desnudamento, ou melhor, de simplificação do artefato mostrado acima e de outros, para se obter uma imagem mental de como seria este objeto despido de sua "riqueza". Com isto se chega ao artefato de uso comum, do "povão", o mais difundido, numeroso e mais raro.

Como falamos bastante a respeito de cabos, vejam abaixo dois bons exemplos de cabos compostos por rodelas de chifre e outros materiais.

I -64

Mesmo incompleta a bainha é digna de nota. Lembra bainhas brasileiras ditas "picazo". A época de feitura é do Século XIX, Córsega.

I -65

A solução do cabo é interessante. Ele é "envolvente" e a peça de travamento – "pomo", tem formato que nos remete a coisas nossas.

Os dois artefatos são europeus. O primeiro (I-64) é da Córsega, Século XIX. Cabendo esclarecer que a Córsega era província francesa. O "estilo" das facas feitas na Córsega influenciou e foi largamente imitado na França. O segundo é uma adaga de origem italiana, sendo provável que tenha sido feita em Brescia ou Scarperia. A época de feitura desta adaga é discutível. Em todo caso pode se dizer sem temor de erro muito grosseiro que dataria do Século XIX.

Ela é curta de lâmina. Adagas européias de fins dos anos 1700 e dos anos 1800 são, em bom número, pequenas, com lâminas curtas. É sempre difícil dizer algo sem, em seguida, fazer observações pertinentes. É bem o caso do comprimento das adagas – há muita exceção: lâminas longas e mesmo muito longas – dos 1500 até os 1700 e adentrando os 1800 de modo mais brando. Mas não são, de modo algum, punhais. O punhal europeu, a partir do momento em que o aço carbono de qualidade começa a se difundir, a partir dos aços suecos e de Toledo e Albacete, têm lâminas cuja espessura seria a metade daquela da peça mostrada imediatamente acima.

O que chama a atenção é o cabo. Não parece nordestino?

I -66

Atenção para a riqueza do cabo feito em parte com chifre de cabra. Há quem veja influência marroquina.

A respeito das duas facas acima (I – 64 e 66) é pertinente comentar que a geometria de suas lâminas conserva uma função que hoje, por razões óbvias, esquecemos. A ponta afilada. Que seria remanescente do período em que a faca tinha de ser dotada de boa extensão de corte e de uma ponta que permitisse ao usuário "garfar" as porções de pão, queijo ou carne. Dispor de um talher completo: garfo, colher e faca era um luxo para a maioria da população. Luxo que só começa a esmaecer um tanto a partir da Revolução Industrial e da imigração interna nos países – do campo para as cidades.

A imagem I - 66 é outro artefato europeu, sempre do Século XIX e já bem próximo da era Industrial. Trata-se de faca espanhola de Albacete, com detalhes de acabamento denotativos de certo luxo. O cabo, em especial, como já comentado.

As imagens I – 64 e I – 66 guardam uma semelhança com a decantada adaga ou faca mediterrânea. Suas lâminas são afiladas, esguias. Mas a solução de cabo difere muito.

Peço licença para um parêntese. O formato geral das duas facas acima mencionadas é recorrente na cutelaria européia. Mais largas e mais espessas na medida em que o tempo recua. As duas soluções de cabo mostradas em I 64 e 66 são evidentemente próximas de facas nordestinas e gaúchas. A bainha de I – 64 uma faca da Córsega, pode ser dita de "picazo". A respeito ver também a bainha da adaga mostrada em I – 08. Estas bainhas compostas por bocal e ponteira de metal e corpo de couro ou madeira também são recorrentes na cutelaria européia desde tempos muito recuados.

I -67

Uma faca européia, Langres, de 1700. O cabo foi refeito por indígenas americanos. É um exemplo importante, pois há registros históricos de que a manufatura de facas "como as feitas em langres" aconteceu na região do Rio da Prata nas décadas iniciais do Século XVI (1500).

I-68

A faca de cima é original, européia, provavelmente alemã do século XVII ou XVIII. Seu cabo foi posteriormente refeito à exceção das partes em metal amarelo. Na reprodução moderna, em baixo, fica evidente o caráter – "de uso geral", há dois "dentes" na ponta para facilitar que o usuário a usasse como garfo. Característica existente no artefato antigo que foi reforçada ou recuperada na reprodução moderna. Notar a semelhança com os "stilettos" de origem italiana e da Córsega, quanto à geometria da lâmina.

Não é desejo de quem escreve agredir o eventual leitor com alguma sentença dogmática.

Mas dá vontade de se referir ao famoso: "óbvio ululante" do saudoso Nelson Rodrigues.

Mas, o que se pode afiançar é que facas afiladas e esguias são recorrentes na cutelaria européia do passado.

No entanto, voltemos à primeira imagem. Um artefato espanhol de uns duzentos anos de idade. Embora de ponta afilada, a lâmina como um todo não é esguia. Ao contrário, é larga na proximidade do cabo. A questão seria, então, há chances desta geometria de lâmina ter influenciado algum padrão ou tipo de faca brasileira? A resposta é sim.

Tanto no nordeste como no sul facas de fins do Século XIX e início do XX, importadas ou não, primavam por uma largura mais alentada. E, ao seu lado, havia a esguia e com ponta afilada.

É evidente que as pontas destas facas mais largas nem sempre eram alinhadas com o dorso das lâminas, mas, este caimento das pontas também não é estranho na cutelaria européia antiga. A geometria de lâminas francesas é emblemática. A ponta pode ser descaída em direção ao eixo central do artefato como um todo ou àquele de sua lâmina.

Há, portanto algumas razões para se acreditar que o formato geral de algumas de nossas "facas clássicas", do tipo "faca-de-ponta" tenha fortes raízes européias. E mesmo, se não fosse assim, seria de estranhar.

Aos interessados recomendo uma visita ao site www.medievalwares.com/medievalironantiquities.htm. Ali estão artefatos escavados e datados desde Século VII até o XVII. É importante sublinhar que se trata de um site comercial e mais, que as informações a respeito da localização das escavações e da autenticação da datação não são informadas. Mas o material é consistente com o que se vê em coleções de museus europeus.

Infelizmente não foi possível colher, com a devida licença, imagens de artefatos italianos, mas, pode-se asseverar que desde o Século XVIII (1700) firma-se e se difunde o estilo genovês. São lâminas afiladas, pontas pronunciadas. Estilo este que é semelhante ao estilo das facas da Córsega e a algumas das centenas de facas regionais francesas. Enfatizem-se as "centenas"; principalmente a partir de meados dos anos 1800. O formato é, no mínimo, próximo da "faca de ponta".

Mas, voltando às relíquias que podem ser vistas no site acima mencionado, ali há de um tudo. Mesmo facas de ferro de uma única peça – faca e cabo forjado juntos.

Seria até possível, depois de olhar estas relíquias, pensar em alguns casos, com certa semelhança com as Curvelanas. Seria o caso do "sax" em sua evolução. Mas as Sorocabanas são fugidias. Podem ser produto de adaptação de sabres. Podem ser descendentes do alfange português, ou ainda ter um parentesco com o "machete" francês e mesmo aparentadas com facas da Sardenha. Ou ainda de uma versão reduzida do "chifarote" ou, como é mais conhecida esta espada curta : terçado.

Duas "facas clássicas", portanto, escapam a uma influência européia bastante evidente. Trata-se da Curvelana e da Sorocabana. No entanto, convido o leitor a um bom exame do material apresentado no Anexo I – Iconografia. Há, ali, tipos de facas dos quais, ao menos a Sorocabana poderia ter evoluído. Quer em suas variantes curvadas, quer nas de dorso retilíneo.

Entretanto, as facas gaúchas e nordestinas não podem negar sua descendência européia. Tanto mais que ambas têm em comum um formato de lâmina que, com facilidade, pode ser dito: "de ponta", e a propósito, autores europeus, como Gabriele Mandel dizem com todas as letras: "couteau de pointe".

Uma referência que fica faltando é o canivete. Uma "invenção" romana. Era um artefato usado no lar e para o sacrifício de pequenos animais, e também fazia parte do equipamento de legionários.

O canivete é um artefato que se difunde muito na Europa a partir de meados do Século XIX (1800). Passa a ser a "faca" do trabalhador urbano. Mas, permanece no campo e suas soluções de lâmina, aí, no campo, nas atividades agrícolas e pastoris, são as mais diversas. Enfim, o canivete tornase um objeto comum, corriqueiro, popular e substitui a faca por comodidade, em função de restrições legais, e em função de preço mais acessível.

O que se pode extrair do palavrório acima seria no sentido de que haveria diversas "raízes" européias e não apenas uma.

Longe de querer estabelecer ou reiniciar polêmicas, vejamos, de início, o que nos diz um estudioso do assunto facas. Com um detalhe, trata-se de cidadão da Córsega, terra de Napoleão. Joseph Antonini Coutelier, em artigo de 1992, publicado na internet nos fala: "…deu nascimento, a partir do mundo mediterrâneo, a modelos próprios de diferentes países bem diferentes. É o "genoui" do Marrocos…é o "facon" dos argentinos, a grande faca dos gaúchos."

J. Antonini nos fala da faca à Genovesa. Um artefato italiano que influenciou o ou um dos estilos/formatos de facas da Córsega. Que alguns autores chamam de "stileto". A partir daí, todo tipo de confusão pode surgir. E atrapalhar mais que ajudar.

Vejamos: J. Antonini assevera que facas em diversos lugares do mundo seriam descendentes de um artefato italiano cuja forma se estabelece ou se torna muito comum a partir do Século XV (1400). Na Córsega teria influenciado a conformação do Estilete. Que, apesar do nome, era uma faca.

Mas como, em nome de São Benedito, esta faca também fez moda naÁfrica? Aqui a confusão tende a ser grande. Desde tempos imemoriais Europa e África (ao menos a porção mediterrânea) trocavam figurinhas. Basta pensar em Fenícios, depois em Cartagineses, Gregos, Romanos e Cruzados. A presença árabe na Espanha. A multidão de palavras portuguesas de raiz árabe. Uma linha de sucessão em termos de contatos, de trocas, de influências cruzadas.

E também não se pode ignorar o que se passava no resto da Europa. O formato, embora mais largo e pesado está bem presente e difundido. Vejam o material reunido na "Iconografia" e em outras partes destas anotações.

Parece evidente que, ao se obter avanços no material – aço carbono de qualidade melhor tornou-se possível criar e difundir um artefato mais afilado, mais pontiagudo e mais leve, menos espesso.

Os italianos sempre foram "estilosos", como se diria hoje. Talvez tenham se cansado da enorme "Cinquedea", aquela adaga de enorme largura. E os habitantes do outro lado do Mediterrâneo, que erradamente chamamos genericamente de árabes? Culturas refinadas e, desde a Alta Idade Média dominando a arte da cutelaria com maestria, fazendo lâminas leves e muito afiladas.

Temos a tendência a associar a cimitarra e facas curvas à civilização árabe, se isto é cabível, são muitas as etnias e culturas talvez erroneamente aglutinadas. Não é assim. Lâminas retas e "árabes" estão por aí até hoje.

E Portugal? E a Espanha? As ligações, amistosas ou não destas entidades ibéricas com a África, digamos mediterrânea, se perdem no tempo.

Vira, mexe, e termina no mesmo lugar? É, pode ser.

Mas também existem as trocas comerciais entre Portugal e a Itália. Comércio muito antigo e alianças para combater a pirataria marroquina. Indo mais a fundo, e relembrando velhas lições de História, a presença de "profissionais da navegação" italianos na epopéia lusitana é mais que conhecida. E mesmo as mais que possíveis influências marroquinas no formato de lâminas portuguesas. É preciso não esquecer que Portugal colonizou, em tempos remotos, o Marrocos.

Parece aquele velho enigma que se propõe às crianças: "Quem chegou primeiro? O ovo ou a galinha?" Formato de faca "à Genovesa" ou os formatos marroquinos e do Hoje Saara Espanhol?

Portanto, não é só pela via destas relações com o Marrocos, com a África mediterrânea, que o formato da faca "à Genovesa" pode ter influenciado cuteleiros portugueses e, por extensão os "ferreiros" do Brasil Colônia.

Marrocos! Há um quê de romantismo na possibilidade de influência na cutelaria portuguesa. Mais forte seria, por outra vertente, a influência da cultura sarracena presente na Espanha. Necessitando constituir um exército, a coroa portuguesa, em 1385 (Século XII) – Baixa Idade Média, decide fabricar canhões. E, o registro histórico nos diz que: "Fundições portuguesas produzem canhões com técnica sarracena".

No entanto, apenas para sublinhar, refaço o pedido de voltar ao anexo: Iconografia. Facas com, concedam-me, um início de "afilamento" já estavam presentes em outras partes da Europa lá pelos anos 1600 e talvez antes, se considerarmos a geometria de lâmina um tanto curvada para cima ou não.

Concluindo, a origem do formato de nossas facas pode ter, na realidade, muitas raízes. Raízes que, desta ou daquela forma, confluíram para nossas "facas clássicas". Até mesmo a nossa Sorocabana, em suas variantes curvas, pode derivar de artefatos europeus.

Confesso que é penoso, para quem tem um gosto pelo estudo, pela pesquisa, a falta de artefatos nacionais, feitos aqui, a partir dos quais se possa, eventualmente, traçar uma linha do tempo quanto ao processo de evolução de nossas facas.

É pena, também que a Arqueologia, no Brasil, tenha sido relegada a um plano muito inferior durante tanto tempo. É recente, por exemplo, a publicação na internet de imagens de alguns artefatos escavados. Entre eles chama a atenção alguns cabos de metal fundido. Cabos com motivos florais e assemelhados e cabos com formas humanas. Talvez pelo espírito de religiosadade estes cabos antropomórficos retratam santos. Vejam no corpo deste trabalho cabos semelhantes com origem em Langres.

Na falta de informações, dados, registros iconográficos etc o máximo que se pode é aventar, por exemplo, um possível parentesco entre a enorme Caroneira do Sul com os enormes punhais exibidos por Lampião. E até ir um pouco mais longe neste terreno de suposições fundadas apenas numa lógica – que pode ser capenga, e indicar como origem destas lâminas de comprimento tão avantajado, a presença no Brasil Colônia do já mencionado Terçado.

Pelas mesmas razões fica-se a pé no caso do "Facon" gaúcho. A iconografia tardia (anos 1800) nos mostra lâminas de grande comprimento. Um registro literário a respeito da Lapeana nos fala de algo com "dois palmos e meio de comprimento". Outro registro literário menciona o facão do gaúcho com três palmos e guarda em "S".

Em conversas nos CTG's no Rio Grande do Sul, já no Século XX, o que se depreende é que o gaúcho passou a chamar de facon lâminas de menor porte. Apenas mais longas e robustas

(pesadas) que as facas “de virilha”.

Um gaúcho, um paulista, mineiro, baiano, sempre poderia dobrar o corpo e alcançar a faca em sua bota. Mas um “peão” nordestino teria muita dificuldade para dobrar seu corpo, contido pela “armadura de couro”. Como se fica? Na Iconografia mostrada neste trabalho, lá estão “facas de bota”. O que houve? Migraram para a cintura?

A questão se coloca pois o uso e a maneira de portar lâminas se entrelaçam.

Anexo I

Iconografia

O que se segue imediatamente são imagens das pranchas contidas no livro: A Corte de D. João no Rio de Janeiro, de Luiz Edmundo, editado pela Imprensa Nacional em 1940, no Rio de Janeiro.

Algumas outras reproduções não são integrais posto que as obras originais, salvo a retirada da revista História e esta foi cortada em parte, são coloridas e/ou salvaguardadas pelos tais Direitos Autorais e outros.

Algumas cenas mostradas por J. B. Debret e Rugendas devem ser tomadas com cautela; tudo indica que foram feitas a partir de relatos ou vivências posteriormente retratadas.

Os artefatos retratados por J. B. Debret, considerando a autoria, datam de fins do Século XIX.

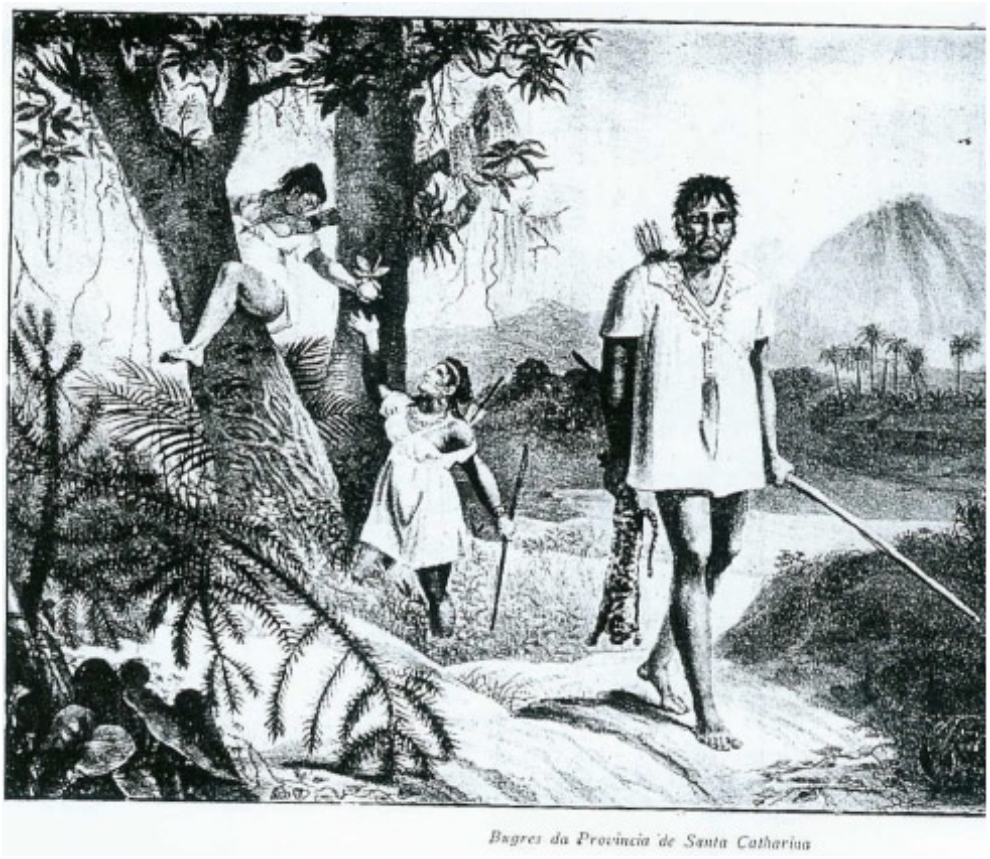
Suas dimensões podem, eventualmente, ser deduzidas a partir do padrão: 8 a 11 cm dos cabos, eliminado o pomo e guarda, em alguns casos.

Diversas outras imagens de autoria de Debret e de outros artistas, conhecidos ou não, como Rugendas, também mostram lâminas. Optou-se por não utilizá-las por repetirem formatos ou serem cenas com muitos personagens, levando à confusão.

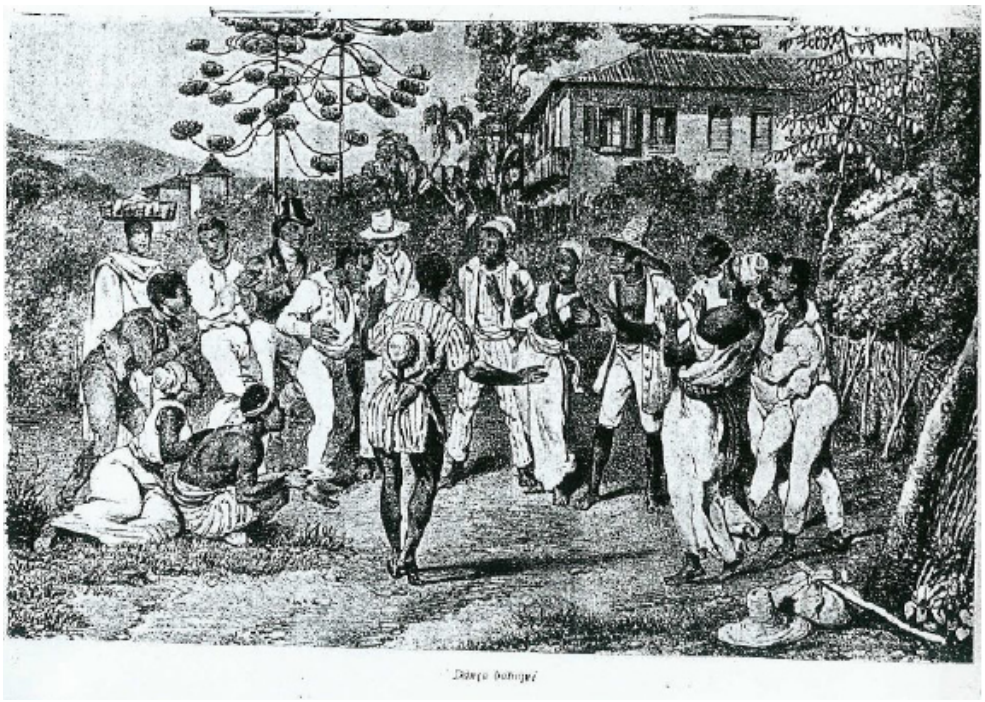
Também há partes (detalhes) de obras de arte européias do período que se inicia logo após o final da Idade Média (1500). Estas obras de arte, em seus detalhes (mostrados) indicam a permanência continuada de formatos de facas. Isto se o leitor tiver a bondade de comparar os formatos com os de épocas posteriores. Ou seja, o critério é livre.

Resta tornar claro que o recurso à iconografia não é uma inovação ou invenção de quem escreve. É muito comum entre os interessados em cutelaria e armaria como fonte de informação. Em nosso país, a iconografia é rara e um tanto tosca à medida que o tempo recua.

Também se colocou algumas imagens de artefatos e mesmo aqueles que colecionadores chamam de "em estado de relíquia", para que se possa, eventualmente, inferir uma eventual linha cronológica, por comparação.



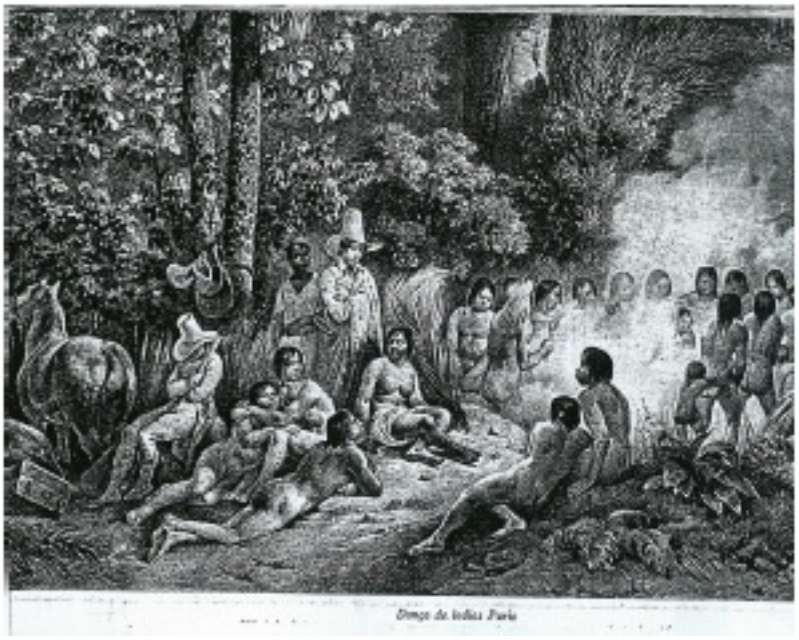
A faca está bem evidente, de talas. Debret, Séc. XIX. Índios e negros, inclusive aqueles ainda escravizados, podiam portar facas.



A figura central, com roupa listrada, tem na cintura o que pode ser uma adaga. Debret, Séc. XIX.

A figura de homem junto à árvore, à direita, porta uma faca afilada. Debret, Séc. XIX.

A faca está evidente. A cena tem tudo par ser considerada como imaginada, retirada de relatos, etc. Debret, Séc. XIX. O soldado que avança para a onça porta uma indiscutível faca-de-ponta. E note-se que ele dispõe de uma baioneta.



O homem à esquerda, dormindo, porta uma faca de expressivo tamanho. Atente-se para o pomo do artefato. Uma sorocabana? Ou uma lapeana? Debret, Séc. XIX. Outra cena que tem tudo para ser imaginária.

As duas facas estão evidentes. Ou seriam facões? Na imagem da charqueada, Capítulo 1, as lâminas para abate guardam certa semelhança, principalmente com a da esquerda. Comparar com outras imagens a seguir. Estas seriam do Século XIX, Debret. O formato da faca da esquerda é algo que permanece por séculos, com dorso retilíneo ou não.

Na bota, faca com cabo de talas. O cabo não é reto. Ver figura abaixo. Ambas são de Debret, Séc. XIX.

Na bota da figura à esquerda, outra faca de talas. Como na imagem anterior, o cabo não é retilíneo.

Na bota do tropeiro de fins do Século XIX. Parece dotada de uma guarda. Detalhe de óleo sobre tela de Rancho de Tropeiros, 1827, Charles Landseer.

Uma pequena gaúcha. Na verdade Uruguaia, Arboleto. Furnituras e bainha em prata contrastada. Coleção do autor, peça de família. Notar a geometria da lâmina – ela é proporcionalmente larga junto ao cabo.

Uma outra gaúcha, que nunca deixou a Europa. Manufatura alemã, Século XIX. Sem marcas de cuteleiro ou região. Furnituras em alpaca. Obtida em site comercial europeu. Notar a presença de um ricaço e a largura junto ao cabo, que é uma constante em facas desta época.

Facas de escavações na Europa. Região: próximo a Liège, Bélgica. Camada datada, aproximadamente do Século XVII (1600). Todas em material ferroso. Coleção de Luc Beaumont, Bélgica, dispersada em 2002.

Faca européia, provavelmente de Passau – Alemanha, cabo em chifre esculpido. Datação: fins do Século XVIII (1700). Obtida em site comercial europeu, com autorização.

Detalhe de gravura do livro Rio Grande do Sul Histórico. Retratando a morte do Padre Roque Gonzáles e dois companheiros seus em 1628. Notar o formato da faca. Interessante comparar com a foto de facas de escavações, acima e "Armazém de Negociante de Carne de Porco" – Debret. Autor e data de feitura da gravura, desconhecidos.

Detalhe de outra gravura mostrando o mesmo incidente de 1628. Notar o cutelo ou alfange. Este artefato foi retratado em seu formato dito "sarraceno". Talvez por ter ocorrido o incidente na região do Prata – espanhol. O importante é que havia lâminas curvas. Autor e data de feitura da gravura, desconhecidos. Lâminas, inclusive de espadas, da Idade Média européia, tinham suas pontas aguçadas ao estilo dito sarraceno.

Detalhe da pintura "Meninos Comendo Frutas" de Bartolomé Esteban Murillo, datada de 1645-55; observar o formato da faca. O artista era espanhol.

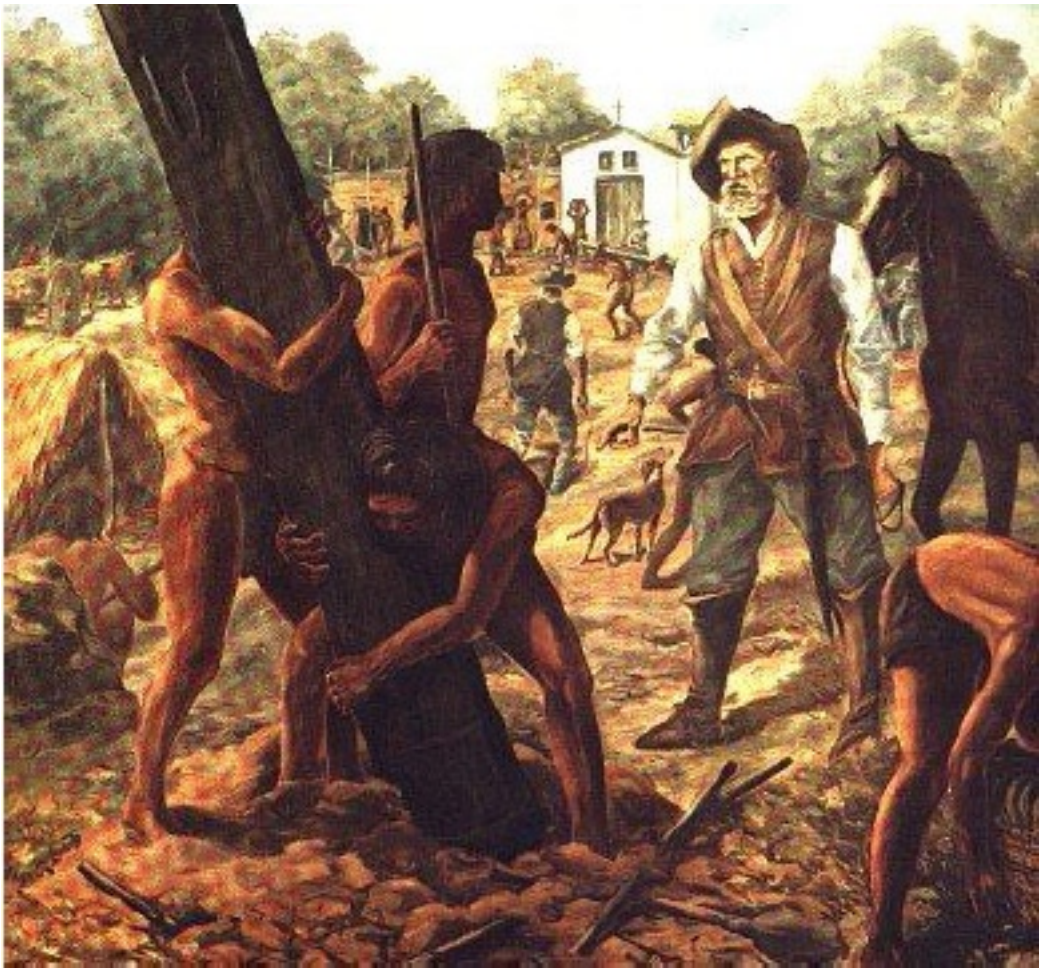
Detalhe da pintura "Combate entre o Carnaval e a Quaresma" datada de 1559. Obra de Pieter Brugel. Notar as diversas facas mostradas.

Outro detalhe da tela citada acima. O homem de costas porta uma adaga e uma outra arma mais longa. A cozinheira usa uma faca.

Último detalhe da mesma tela de Pieter Brugel. Notar o formato do cutelo de cozinha. Comparar com outros cutelos franceses do Século XIX, início do XX mostrados no corpo do livro. O formato se manteve até o Século XX.

Detalhe da tela O Jardim das Delícias de Hieronimos Bosch datada de 1484–1505. A lâmina foi formatada, aparentemente, por desbaste. Observar que Bruegel e Bosch nos remetem à famosa região de Langres e seus arredores.

Retratando o Bandeirante Domingos Jorge Velho, a pintura de Benedito Calixto de Jesus feita em 1903 foi muito estudada. É evidente que as roupas e acessórios foram retratados com o auxílio de pesquisa do pintor. A faca na cintura do Bandeirante, aclamado por uns e odiado por outros, seria uma Lapeana? Ou algum outro artefato do qual se tinha lembrança. Em todo caso, seu formato pode ter dado origem a uma das variantes da Sorocabana. Ou ser uma Sorocabana do início do século XX.



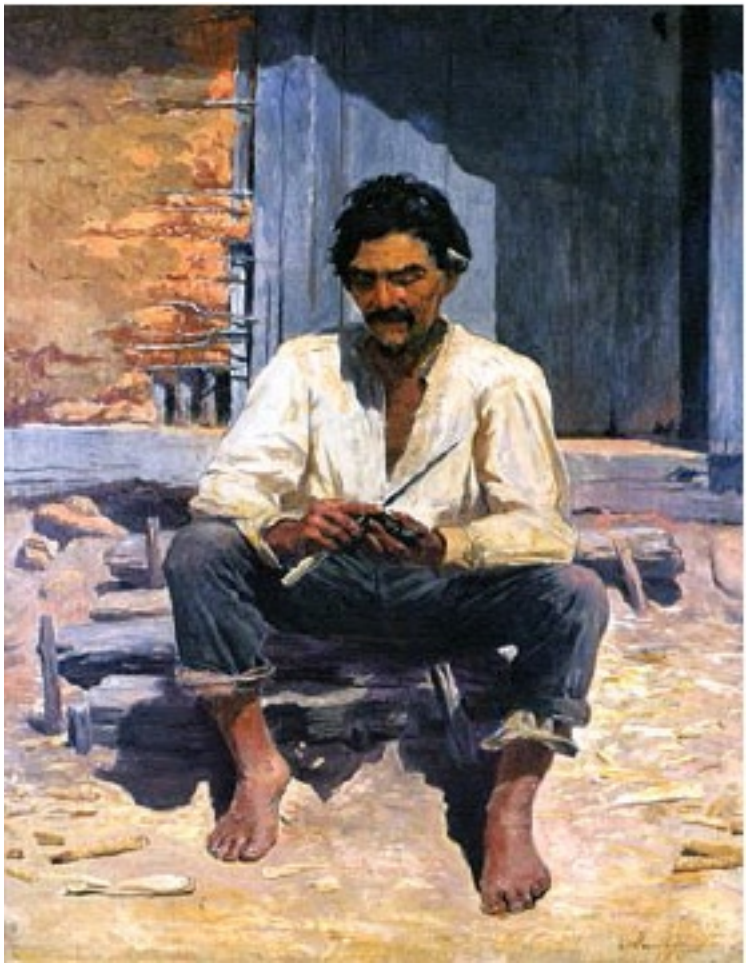
Outra pintura retratando um Bandeirante. A faca que a figura central tem na cintura tem forte semelhança com a detalhada na tela imediatamente acima. Não consegui identificar o autor e data. Observar a "amarração" do conjunto faca-bainha ao cinto da figura. O cabo da faca nos remete um tanto às Sorocabanas.

É pertinente ressaltar que os historiadores listam as armas usadas pelos bandeirantes. Seriam elas: de fogo – arcabuzes, mosquetes, pistolas, bacamartes (boca em sino); armas brancas – espadas, adagas, facas, terçados, lanças, facas e alfanges. Usavam também, e muito, o arco e flecha de nossos indígenas.

O formato, a geometria de lâmina presumível, a partir da iconografia apresentada (relativa a bandeirantes Séculos XVI e XVII – 1500 e 1600;

estendendo-se um pouco pelo Século XVIII – anos 1700), indica, para facas, algo de comprimento alentado, boa largura junto ao cabo e ponta afilada.

O uso do alfange, tanto o de ponta ao estilo sarraceno como o de ponta semi-ogival também conta com registros históricos e museográficos. No caso destes últimos, não houve permissão para fotos e mesmo reprodução por desenho. O museu paulista que tem peças é, compreensivelmente rigoroso.



Picando Fumo, obra de José Ferraz de Almeida Junior de 1893. O que fica evidente é o que já se asseverou – que nosso homem do campo não se melindra em usar lâminas grandes para pequenas e delicadas tarefas do dia-adia. Interessante notar que a lâmina é, aparentemente, espessa.

A cuidadosa observação das diversas lâminas e imagens mostradas pode indicar a permanência de certos formatos e mesmo a origem remota (ou não tanto) de outros.

A ausência de artefatos, de facas enquanto objetos reais, não permite que se vá muito longe. A Iconografia ajuda, mas não resolve de todo.

Por não saber ao certo onde inserir o comentário que se segue, penso ser melhor deixá-lo por aqui. O comentário se refere à decoração de lâminas.

Já se abordou o ou os casos de decoração por ataque químico. Quer se trate de tratamento de superfície ou outros, como as incrustrações ou deposição e adição por meios mecânicos de outros metais, também foram abordados.

Falou-se um tanto a respeito dos "entalhes", notadamente do entalhe ou recorte dito "espanhol". Que não é o gavião ou "gávilan".

Mas, a lâmina acima, cuja imagem foi obtida num site europeu comercial, por ser, provavelmente bastante antiga – embora estimar uma data ou período seja arriscado, foi decorada de uma maneira muito rica. Rica no sentido do uso de diversas técnicas.

O formato da lâmina tende a indicar como origem provável a região de Langres. Seria o que alguns autores chamam de: "dutch knife" – faca holandesa. Holandesa pela região ser a mesma (em partes) e também por ser porto de origem.

Uma técnica de decoração utilizada nesta lâmina é a do vazado. Entendendo-se por isto o praticar-se aberturas totais na lâmina. O que era comum em lâminas específicas – como as italianas – facas ou canivetes de casamento ou "d'amore" e outras. Falando-se sempre de artefatos antigos.

No caso da lâmina imediatamente acima, certamente de origem européia,

o cuteleiro esmerou-se nos entalhes feitos no dorso da mesma. Não se limitou ao desbaste com lima ou por atrito com pedras abrasivas fazendo as conhecidas "moscas". Chegou mesmo a usar a serragem e torção num dos detalhes. O artesão cuteleiro usou também o artifício de embelezar sua obra usando punções com diversos formatos, compondo uma decoração interessante e, porquê não, artística.

Usou também a técnica da incrustação com outro metal – ouro, segundo o dono da lâmina.

A imagem acima serve ao propósito de trazer um exemplo de decoração complexa de um artefato antigo eminentemente artesanal.

Voltemos no tempo, para a Idade do Bronze. Com o objetivo de ilustrar o que seriam formatos asiáticos.

Uma moeda chinesa retratando, em bronze, uma faca.

Outra moeda, retratando uma variante de formato chinês.

Pequena faca do Oriente Médio. Lâmina em ferro com cerca de 5,5 cm e resto de cabo de bronze. A imagem serve apenas para demonstrar como ficam artefatos antigos e a dificuldade de se inferir o formato original.

Passemos a objetos mais recentes.

Uma faca religiosa. De feiticeira. Século XVIII, França.

Diversas lâminas da Sardenha, hoje Itália. Século XIX. Notar o formato do cabo da última, em baixo à direita. Tem semelhança com cabos das Sorocabanas.

Um típico habitante da Sardenha do Século XVIII. O formato da faca foi mantido por, pelo

menos um século. A faca tem o nome de Leppa.

Há no máximo um registro no Arquivo Nacional -inventário de 1767, que nos fala de um Sardo: Predu Torra. …em sua tenda, três baldes com ferramentas, oito facas grandes, uma barrica de cunhas, seis pequenos chifarotes curvos, …. Ou seja, era um ferreiro. Chifarotes, pequenos e curvos podem remeter a antepassados da Sorocabana. Mas, uma andorinha só não faz verão.

Um punhal italiano do século XIX. O pomo e demais peças são de latão fundido. O pomo representa um crânio humano. Coleção de Cláudio Martins Fialho.

Punhal nordestino, bainha original. Início do século passado. Cabo em alpaca com inserção de vidro vermelho. Talvez uma lembrança das facas com cabo de lanterna espanholas. Peça de família. Coleção de Cláudio Martins Fialho.

Provavelmente gaúcha. Início do século passado. A lâmina apresenta resquício de trabalho com água forte. Notar o "gavião", entalhe próximo ao cabo.

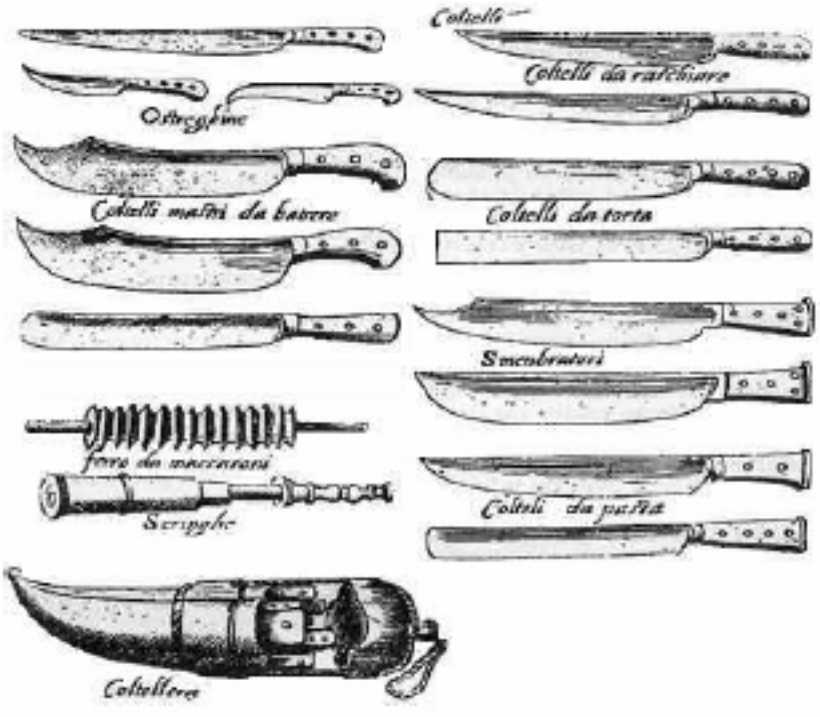
Punhal nordestino. Fornituras do cabo em latão. Os anéis são de osso tingido de verde. Bainha original. Meados do século passado. Interessante comparar as duas soluções de lâmina destes punhais nordestinos.

Peixeira nordestina. Meados do século passado. Lâmina provavelmente reaproveitada de uma faca industrial. Cabo em chifre compacto. O artefato estava inserido em um pequeno núcleo de pescadores próximo a João Pessoa. Havia outras facas presentes, mais espessas e pontiagudas. Seus cabos eram feitos, alguns, com arruelas de coco. Um testemunho do que foi chamado por Etnógrafos regionais como Cultura Praieira. O objeto acima representaria um esforço de adaptação e sobrevivência e da eterna reciclagem.

Miniatura de faca gaúcha usada como brinde a clientes. Década de 50 ou 60 do século XX. Notar que os motivos usados na estamparia do cabo e bainha são do início do citado século. Se não me engano, são motivos "art nouveau" ou "art déco". Talvez uma mistura. Não sei.

Um pequeno pukko finlandês. Obra de qualidade apenas razoável, feita para turistas. O trabalho de gravação, originalmente entalhe ou scrimshaw, neste artefato foi feito a pirógrafo.

A seguir uma imagem a ser comparada com aquelas acima que retratam facas de uso popular nos Séculos XV e XVI.



Trata-se de facas italianas. Seu uso seria popular. Alguém se deu ao trabalho de registrar em desenho as facas da cozinha do Papa. São do Século XVI. Inclusive a curiosa bainha "multi-facas". Bainha que, aliás, se vê, embora mais simples, em detalhe da tela de Bruegel acima.

O alcance da territorialidade da faca gaúcha no final do Século XIX. A imagem acima mostra tipos humanos do Paraguai na época da Guerra da Tríplice Aliança.

A imagem, francesa de 1700, mostra "Bruxas" medievais européias fazendo um encantamento para propiciar chuva. A da direita porta uma faca na cintura.

Anexo II

Facas Bahianas

Colaboração de Roberto Fonseca e Silva

Roberto é destas almas generosas que, desde o início do trabalho que resultou no livro virtual Facas Brasileiras, jamais se negou a apresentar sugestões, críticas construtivas e material que foi devidamente utilizado.

Carioca, excelente chefe de família. Profissional sério e competente, um "engenheiro" que vestiu a camisa da pioneira Furnas Centrais Elétricas, empresa da qual está em vias de se aposentar. Pesquisador e Colecionador apaixonado nunca se deteve diante das dificuldades inerentes à recuperação da memória relativa a antigas facas brasileiras.

Um Colecionador atento a detalhes e sobretudo seletivo. Sua coleção está sempre em andamento. Em busca das peças que melhor configurem um tipo ou período.

Esta sua primeira colaboração traz à luz, generosamente, um acervo de facas feitas na Bahia. Um pedaço significativo da cutelaria brasileira que poucos privilegiados conhecem.

As BAHIANAS têm uma série de características próprias que as diferenciam de suas irmãs do nordeste, sudeste e sul. E detalhes que as aproximam, principalmente das nordestinas.

O material das lâminas é sempre aço de boa qualidade, especialmente nas peças cujas imagens se seguem. É forte a possibilidade de algumas das lâminas terem sido importadas ainda "cruas" e depois trabalhadas e encabadas na Bahia. Disto pode ser testemunho a existência do que alguns chamam de "botão", ao menos em algumas delas. Ocorre que a cutelaria brasileira, naquela época já se serviria de lâminas forjadas por processos semi ou já totalmente industriais e importadas.

O referido "botão" seria, para alguns, claro indicativo de lâminas importadas. Nada impede, contudo que bons cuteleiros daqui já fossem capazes de reproduzir aquele elemento das lâminas.

Digno de nota é também a reminiscência dos extensos trabalhos de decoração das lâminas via buril e outros meios. Trabalhos que se concentram ou reduzem à área próxima ou do próprio ricasso, exclusive as técnicas de soldagem e posterior burilamento de decoração com metais preciosos.

Em alguns dos casos abaixo este trabalho de decoração da região do ricasso pode configurar mesmo o gosto europeu, e no caso ibérico, de obter um efeito decorativo usando o artifício do cobre ou "tapa-ricasso". E o famoso "entalhe espanhol".

A primeira lâmina mostrada tem um formato fora do comum para padrões brasileiros. Ao que tudo indica há, nela, uma presença do formato dito "sarraceno". Ou mourisco como bem anota Roberto Fonseca e Silva.

No ricasso de alguns exemplares aqui exibidos nota-se o "H". Uma decoração composta por três retângulos que seria típica das facas bahianas.

Detalhe que aproxima estas bahianas, feitas, principalmente em Salvador, Ilhéus e Itabuna, das nordestinas é o gosto pela decoração da região do ricasso assim como o formato em geral e a presença de autênticos punhais. Devendo ser ressaltado que temos um autêntico "língua-de-peba".

O "Língua de Peba" tem um formato de lâmina bastante distinto. Um corte da lâmina revela um triângulo bem delineado. Ao invés de um losangulo, por exemplo.

Retornando às facas, algumas delas têm lâminas com elementos que nos remetem à reciclagem, à possibilidade de serem "facas ponta de espada".

O trabalho de ourivesaria, executado pelos "prateiros" bahianos além de excelente, guarda muita, digamos, recordação ou melhor utilização de temas vindos da rica tradição lusitana no trato com metais preciosos.

São motivos fitomórficos – folhas, ramagens, flores, animais como peixes e aves, em sua maioria obtidos por meio de excelente manejo do buril, das técnicas de fundição a cera perdida e da estamparia (o que muitos chamam de "embossing", do inglês).

Alguns destes temas podem nos remeter ao vasto e intrincado mundo da simbologia. Para quem desejar um início vale a pena procurar o : Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, José Olympio Editora, 14ª edição, Brasil, Rio/RJ.

Um dos temas de decoração é a "figa". No dicionário citado não se encontra referência a este símbolo que todos nós, brasileiros, conhecemos . Aparentemente teria vindo da África e foi adotada pelos portugueses. Ao menos pelos que aqui lavravam e fundiam metais preciosos. Sua presença é um dos indicadores de artesanato bahiano. Por razões óbvias – contato, assimilação da simbologia africana.

Uma das agarradeiras de bainha, aquela com o formato de um peixe é digna de comentário. Não só por se tratar de um peixe mas pelo detalhe da cabeça do mesmo. O artesão formou ali uma face humana usando simplificações da Lua em fase crescente ou minguante e duas estrelas. Temática antropomórfica em facas brasileiras é uma raridade.

Um daqueles detalhes que aproxima o artesanato cuteleiro bahiano do nordestino é a forma de travamento da espiga ou fuste. A peça final do cabo, a "capucha" como a chama Oswaldo Lamartine de Farias é dotada de um prolongamento, um pequeno chifre, característico da cutelaria nordestina.

Para quem desejar um contato direto com nosso generoso amigo, seu e mail é: rofes@oi.com.br.

Segue-se a série de imagens de peças do acervo particular de Roberto.

Faca / prata (mourisca) ? lâmina forjada com 22 cm de comprimento e desenho incomum (clip-point), ricasso revestido de prata e lavrado, bainha de prata com uma das faces lavrada em estilo mourisco e a outra com motivos fitomórficos, empunhadura de prata. Provavelmente do final do séc. XIX / início do séc. XX.

Faca / prata (1834) ? lâmina forjada com 17 cm de comprimento (originalmente cerca de 20 cm) devido ao grande desgaste por uso, ricasso com lavração no próprio aço e spanish notch, bainha de prata lavrada com motivos figurativos e com o ano de 1834 gravado, agarradeira terminada por mãozinha (figa), empunhadura de prata.

Faca / prata e ouro (correntinhas) ? lâmina forjada com 23,3 cm de comprimento, ricasso revestido de prata lavrada e ouro, bainha de prata lavrada e couro com correntinhas interligando as partes de prata, agarradeira de desenho bastante original e de grandes dimensões, ponteira em forma de mãozinha (figa), empunhadura de prata. Provavelmente do final do séc. XIX.

Faca / prata e ouro (pequena) ? lâmina forjada com 13 cm de comprimento, ricasso e lâmina com inserts de prata lavrada, bainha de prata lavrada com motivos fitomórficos, agarradeira zoomórfica (peixe) e empunhadura toda em gomos de prata com detalhes em ouro. Provavelmente do final do séc. XIX / início do séc. XX.

Punhal / prata (marfim) ? lâmina forjada com 21 cm de comprimento, ricasso com inserts de prata lavrada, bainha de prata lisa com ponteira em forma de mãozinha, agarradeira em forma de pássaros entrelaçados, correntinha de prata, empunhadura de marfim canelado e prata. Provavelmente do final do séc. XIX.

Punhal / prata (língua-de-peba) ? lâmina forjada com 22,4 cm de comprimento e seção reta triangular chamada de língua-de-peba (tipo de tatu), ricasso revestido de prata lavrada e ouro, bainha de prata lavrada e couro com dobradiças interligando as partes de prata, empunhadura de prata com detalhes em ouro. Provavelmente do final do séc. XIX.

Anexo III

Facas, Adagas, Facóns, Cuchillos, Caroneiras e Outras Armas Brancas Gaúchas

Colaboração de José Claudio Bernardes

José Claudio, além de interessado por cutelaria e por facas brasileiras do passado, tem o espírito inquisitivo e curioso. Não se limita à admiração por estes artefatos, produto de uma longa tradição nossa. Vai em busca de livros, pesquisa. Uma questão de relevo é respondida por sua pesquisa: a diferença entre "facon" (facão) e faca. Seu e mail, para quem desejar mais detalhes é: somderio@hotmail.com

— Augusto José de Sá Campello

Falar de armas brancas ligadas ao gaucho, gaúcho para nós brasileiros, é mergulhar no passado, e em momentos diferentes deste. Também é deduzir muito, tentando se colocar no lugar dos homens com suas necessidades e recursos da época. Tocarei em fatos e personagens, sem me ater ao caráter dos mesmos, mas simplesmente com a profundidade necessária para justificar e comprovar uma teoria.

O Território e quem era, na verdade o Gaúcho.

A verdade é que não havia aqui produção de aço. Quando falo aqui, falo em cone-sul, sul da América do Sul, me prendendo somente a essa região, pois justamente é a região do gaucho. Gaucho, habitante da pampa, desde a Patagônia, cruzando a cordilheira, abrangendo terras Uruguaias, Argentinas, Chilenas, Paraguaias, Bolivianas, Brasileiras e dizem até Peruanas. O Gaúcho era o habitante destas paragens, normalmente aventureiro, alguns marginalizados em sua sociedade original, ou com pouca instrução, outros reais amantes da vida aventureira ao ar

livre, sendo pessoas instruídas e de boa família. Indígenas, castelhanos, portugueses, mestiços, enfim, todo o tipo de etnia, em busca de sobrevivência alternativa a da sociedade estabelecida na época. Pobres, errantes, principalmente homens e mais tarde, claro por necessidades óbvias e interesse econômico de outros, vieram as mulheres. A Pampa era de ninguém, o gado solto nela também, assim como seus cavalos, o cavalo crioulo.

Pobre, sem disponibilidade de aço bruto para confecção de suas ferramentas, principalmente a faca, de muita utilidade para o gaúcho, se utilizava de espadas, sabres, espadins, floretes, quebrados nos combates comuns na época, para o estabelecimento das fronteiras e domínios. Alguma coisa de ferramenta veio com os primeiros colonizadores, as primeiras facas, e para essa região a herança particularmente espanhola, e que por sua vez trazia já uma herança moura, mediterrânea. Daí o principal formato para facas gaúchas, as adagas ditas mediterrâneas, que inclusive participam do desenvolvimento da faca em si por toda a América. E isso é até os dias de hoje, um formato que basicamente desenha a faca gaúcha, lógico, com modificações estéticas e de gosto particular de seus donos.

Pontas de espada, de sabres, tesouras de esquila (de tosquia de ovelhas, para obter lã) foram os primeiros materiais prontos para o desenvolvimento dessas lâminas, e por isso, limitadas em estilo, tamanho, espessura, pois logicamente as dimensões originais das lâminas limitavam o artesão nesses quesitos, muitas vezes remodelando guardas, pomos, cabos já originais em espadas e sabres. Por exemplo, uma parte de baixo de uma espada poderia se transformar em uma adaga ou caroneira, mantendo sua guarda em D, ou ao gosto do dono poderia ter serrado fora a parte que cobriria os dedos (a barriga do D), então ganhando a famosa guarda em S, pois o D se estendia para cima, na direção da ponta da peça, conforme figura abaixo, como num pequeno chifre. Cortada a barriga do D, formaria então o famoso S da adaga. Inclusive há armas brancas longas com guarda em cruz, em S original, redonda em forma de prato (este mais raro), etc. Outro formato herdado dos espanhóis era o em U, visto em muitas peças longas empregadas pelos gaúchos.

Exemplo:

Original

Modificado para S

Seguindo a lógica, pontas menores gerariam facas e punhais, dependendo de seu formato original, adagas. Isso porque armas brancas longas possuem também diversas formas, larguras e configurações. Nessa época ainda não havia estâncias, o gado que era o gerador de toda essa economia era caçado literalmente, a campo aberto. Alçado depois de solto pelos primeiros colonizadores, se tornou selvagem, mais bruto e mais perigoso, assim como foi com cães e cavalos. Então daí se originou a caroneira, faca de grandes dimensões carregada na carona, junto aos bastos do

cavaleiro. Há publicações que falam em uso principal como arma, mas seria mais lógico, efetivo e cômodo então se portar uma espada! Seria difícil também, ao ginete apeado (ginete, aquele que anda a cavalo), longe da montaria, lançar mão da caroneira no caso de necessidade imediata de luta. Então penso que seu destino original era o abate dos animais, o "remate" como dizem os castelhanos, que traziam essa herança já dos espanhóis que na Europa utilizavam lâmina semelhante na caça do javali. Aliás, até hoje na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai e Argentina se utiliza muito com esse fim, lâmina semelhante, pois foram trazidos javalis com interesse econômico e abandonados ao campo, tornando-se selvagens. Caça-se então com cães e se "arremata" a peça com uma versão de caroneira, mais moderna, mas na mesma função que a antiga. Diferente apenas que na antiga era ainda mais longa, pois o alvo era o gado, maior em tamanho e perigo, necessitando então de lâmina maior. Lógico que isso não impede o uso de tal lâmina para a defesa, aliás, como qualquer lâmina afiada, dada a necessidade de seu dono. Por isso se vê caroneiras de todos os formatos, guardas, materiais de empunhaduras, tipos de fios, etc. eram de lâminas aproveitadas, o que se podia fazer naqueles tempos. Temos que pensar que também o ferreiro não era estabelecido, ele vagava itinerante por todo o território, em carroças e carretas, mulas ou a cavalo. Quando se tinha a oportunidade de usar de seus serviços, se fazia sem demora e sem muito luxo de recursos. Ferreiros estabelecidos vieram só mais tarde com as estâncias, a criação de gado, etc.

E aí, nessa época já mais civilizada, socialmente definida, começaram as importações de lâminas, facas prontas, ferramentas, enfim, objetos em aço de qualidade, vindos da Europa. O estancieiro usava de seu poder econômico encomendando sua prataria, sua própria faca de uso pessoal, mas também trazia tesouras, facas de mesa da mesma origem, portanto de igual qualidade de aço. O peão talvez não pudesse comprar a faca cara da loja, mas podia lançar mão de uma tesoura de esquila ou faca de mesa e aí com ajuda de um ferreiro, reformatar e ter sua faca de uso. Cabos de chifre e madeira eram os mais usuais. O capataz, por exemplo, melhor remunerado, podia pagar um platero (prateiro, ourives) e ter sua faca com cabo de prata ou alpaca personalizado. A prata era abundante e os artesões plateros muito hábeis, faziam e fazem ainda hoje verdadeiras jóias. Isso porque o habitante dos campos, patrões ou peões, têm orgulho de seus apetrechos campeiros como facas, arreamento, selas, botas, guaiacas (espécie de cinto com bolsos para acomodar moedas, fumo, etc), pois eram esses bens, junto ao seu cavalo, as coisas que mais lhe apraziam e onde podiam demonstrar seu bom gosto e sua capacidade econômica.

Grandes e famosas empresas importadoras se fixaram no Rio Grande do Sul e em cidades uruguaias e argentinas para atender a demanda nesse ramo cuteleiro e de utensílios em metal. As lâminas vinham da Bélgica, Alemanha, Inglaterra e França principalmente. De ótima qualidade e no formato já de costume, a então faca gaúcha, variando somente nas proporções, acabamentos e detalhes.

O FACÓN

Na verdade o facón assim chamado era simplesmente um cuchillo (faca) de maiores proporções. Note que não existe a palavra "faca" ou "facão" em espanhol. A palavra Facón foi um neologismo da época, gerado pelos gaúchos brasileiros surpresos por ver alguns gauchos de "allá" usar facas muito grandes, chamando-as então de facão. Como havia certa hostilidade entre os dois ou três lados (Uruguay, Argentina e Brasil), o castelhano passou usar este termo mais para afrontar e amedrontar os gaúchos daqui.

Podemos catalogar as lâminas gaúchas, mais com orientação castelhana, para podermos ter idéia básica de seus formatos, porém na verdade as variações são infinitas e determinadas por seus donos e artesões. Combinações de pontas, com tipos de fio, com tipos de guarda, com material de cabo, com tipos de bainha, etc. são infinitas. Mais adiante passarei uma orientação de tipos e nomes de armas gauchas, comum na Argentina e Uruguai. Então dali será possível projetar as mais diversas combinações particulares imagináveis.

Hábitos e Costumes

Mas para resumir, eram estes tempos difíceis. Os homens gauchos formavam uma sociedade quase exclusivamente masculina, com hábitos rudes, um futuro incerto, pobre, ocioso demais muitas vezes e tinham por diversão o jogo, a carreira, a briga de galos, o churrasco, a música, a gineteada, a caña e em conseqüência, muitas vezes, a peleia. Lutava-se por diversão, por um desafio, um querendo ser melhor que o outro no uso da faca ou da adaga. Mas mesmo ali havia certa nobreza, pois o objetivo era "marcar" o oponente, não mata-lo. Mas muitas vezes a luta ia mal, a cachaça fora muita, e acabava em tragédia. Curiosamente o assassino era visto como um desgraçado, um infeliz. Só se tornava um párea se voltava a matar mais vezes, sendo denominado de "matrero" e segregado do meio. As armas então eram ocasionais, poderia ser a faca de trabalho, ou uma adaga, arma já mais voltada para a luta, ou uma faca de castrar, normalmente menor para se poder manusear no entre -pernas do animal, enfim, o que se tinha em mãos. Claro que não estamos falando aqui de gaúchos em guerra, armados para o combate. Estamos falando de gente do campo, agricultores, peões, etc. A faca era usada para tudo: cortar unhas, castrar, perfurar um abscesso animal, desmembrar uma rês, picar um fumo, retirar um calo, rachar lenha, fazer uma eutanásia em alguém moribundo, enfim, quase tudo. Lógico que um castrador tinha sua faca exclusiva de castrar, para mantê-la mais limpa, afiada, de lâmina mais curta e delgada. Assim como o peão teria sua carneadeira, mais bruta, maior, com lâmina mais arredondada numa parte. Mas nada impedia que uma fosse usada no trabalho de outra, ou que algum peão tivesse apenas uma faca para tudo. Muitas vezes se tinha era uma faca de relíquia, deixada pelo pai ou avô, mais requintada e que era usada aos Domingos, nas folgas, num passeio na cidade e outra faca de lida. Assim como as roupas (pilchas), como o arreamento, as botas… Haviam as de "lida" e as de Domingo.

O gaúcho brasileiro tem a faca como uma companheira do dia inteiro, do acordar ao se deitar, esta ainda muitas vezes ficando à mão para algum imprevisto durante a noite. Um gaúcho pilchado (vestido com trajes típicos do antigamente), mas sem sua faca, se sente nu. Todo o gaúcho em princípio deve ter uma faca de uso particular, para algum churrasco, para algum passeio. Já é um traço cultural e segue nos dias de hoje.

Hábitos e costumes um tanto violentos para nós, hoje, na guerra e fora dela

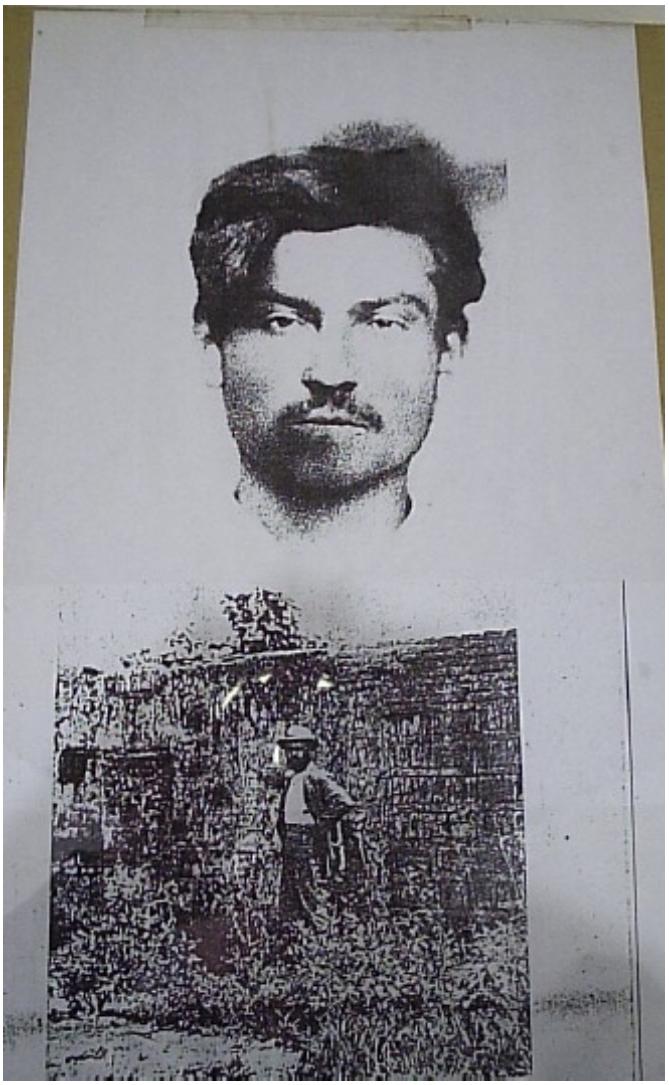
Há casos muito particulares de homens e suas facas. Um dos mais famosos é o Ten. Cel. Adão Latorre, ou "Negro" Adão. Teria ele degolado em um só evento mais de 300 inimigos, usando para isso duas facas e uma chaira. Relatam que eram facas pequenas e o tipo de degola variava. Contam que o motivo dele começar a degolar foi ter chegado a sua casa e achado seu

filho degolado. Daí para frente não parou mais. Este hábito era muito conveniente naqueles tempos e também uma herança espanhola. Conveniente porque havia pouca munição, não se tinha como manter prisioneiros, era também um hábito de se abater rezes e trazia horror aos inimigos. De longe se ouvia o toque de degola e sabiam os que escaparam que muitos ganhariam a gravata colorada (gravata vermelha, um corte transversal no pescoço). Houve muitas execuções destas, nos dois lados. O degolador era voluntário e claro que muitos realmente faziam porque gostavam. Outros faziam por pura necessidade, pois era dado, ao degolador, o direito de ficar com os pertences do degolado. Podemos aí medir a pobreza da época, pois a grande maioria dos condenados tinha apenas as roupas do corpo como bens, e esses eram postos nus antes da execução, para não se manchar com sangue suas vestes. Demais pertences como facas, mangos (chicotes ou rebenques), arma de fogo, dinheiro ou qualquer coisa de valor, também acabavam como propriedade do carrasco. Quantos gaúchos atuais herdaram facas, orgulhosos, de seus bisavós e quantas dessas não têm origem em um pobre condenado? Talvez nunca venham saber. O costume do butim de guerra se manteve até fins do Século XIX.

Negro Adão Latorre encenando uma degola.

Outro cidadão famoso foi Juan Moreira, gaucho argentino, das 16 mortes atribuídas a ele, 9 foram com armas brancas. Foi um Guarda-espaldas (guardacostas) de um político da época, Adolfo Alsina, tendo função também de "maton de comité", homens que pela violência garantiam as votações nas urnas. O político mencionado presenteou Juan Moreira com uma Daga (adaga) de prata. Curiosamente esta peça tinha guarda original em S, a qual Juan mandou substituir por uma guarda em U de grandes proporções. A adaptação foi justificada dizendo que era para aparar melhor os golpes do inimigo. Outra particularidade era que esta peça longa, tinha em sua bainha uma lingüeta para mantê-la fixa no lugar à cintura, deslocada mais para o meio da mesma, para manter seu cabo mais alto e próximo à sua mão de saque. Feita de lâmina de um sabre, tendo uma leve curvatura, cavados em suas duas faces, possuía 740 gramas de peso, 84 centímetros totais, sendo 63 cm de lâmina. Embora esta peça tenha entrado para a história como Daga, se trata de um facón, pois possui fio único. Conclui-se então que Juan portava esta

sua Daga grande na cintura, o que não era usual. Além desta ainda portava outra de proporções também grandes, com guarda em cruz, com cabo e guardas também em prata, e igualmente a tala de seu rebenque, expondo o prestígio que dispunha, apesar de ser um bandido e assassino conhecido.



Juan Moreira

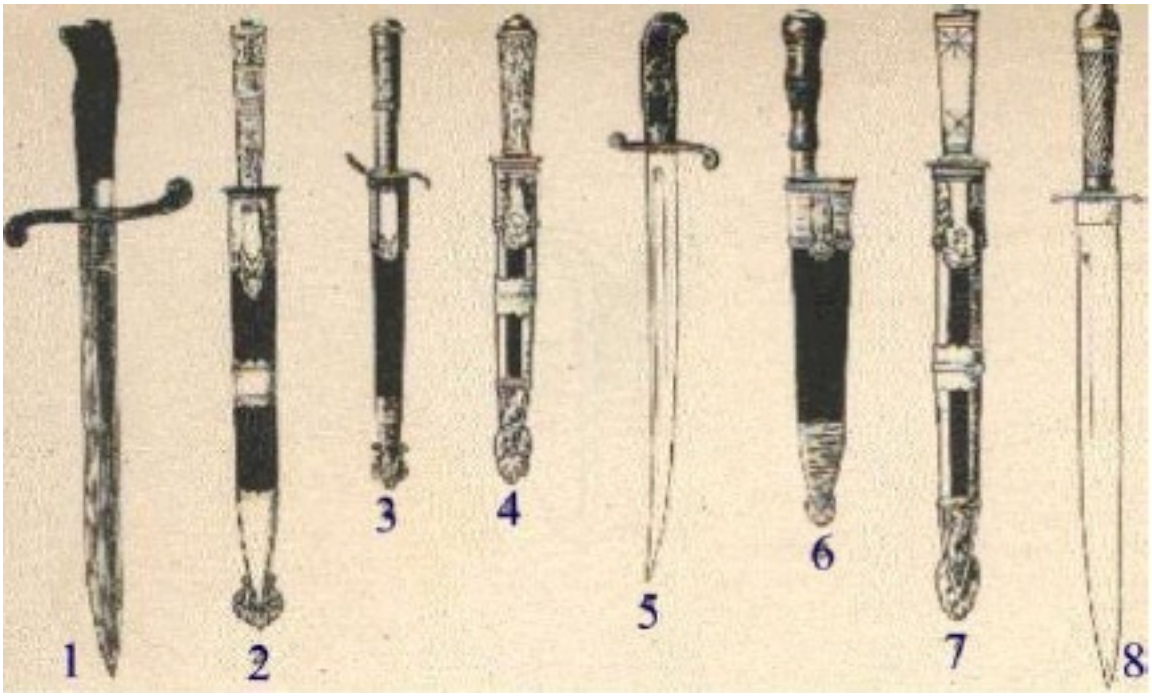
Adaga, sua bainha e rebenque de Juan Moreira.

Daga à esquerda, crânio ao centro, outro facón à direita e mango ao fundo. Notar a peça de acabamento das bainhas, feitas de modo a acomodar o formato das respectivas guardas. Tudo indica que Juan Moreira não teve um fim agradável.

Classificações

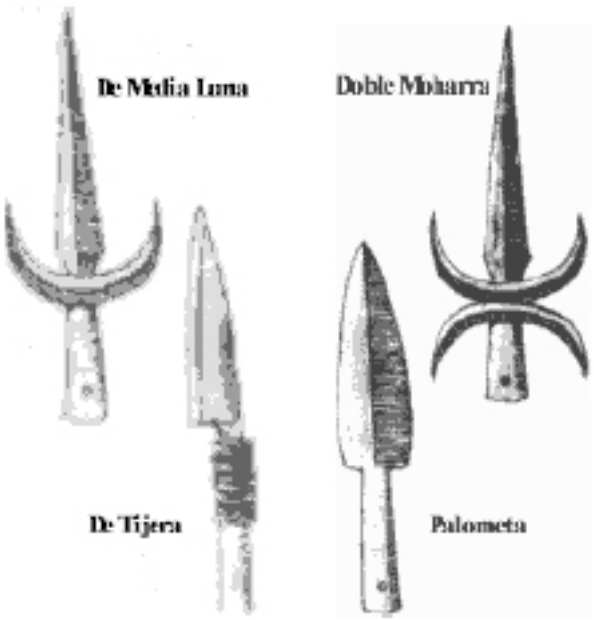
Uma das classificações castelhanas (uruguaias ou argentinas) para lâminas gaúchas.

O verijero tem esse nome porque se porta junto à verija (virilha). Seria uma faca menor, de porte contínuo. A daga recebe esse nome pelo fio duplo. Então se o caronero tiver duplo fio, será daga caronera, mas se tiver um fio só, será facón caronero, etc. Se nota que o facón é um cuchillo grande, com guarda em cruz. Poderia ser em S ou U, ou ainda até sem guarda. A daga também poderia ter guarda em U, ou S, etc. Só o cuchillo (que seria nossa faca gaúcha no Brasil) e o verijero, que também é uma faca, não possuem guarda, mantendo o estilo adaga mediterrânea.



Facones

Tesoura de esquila antiga, que gerou e ainda gera ótimas facas, pois eram importadas, feitas de aço europeu de primeira qualidade.



Pontas de lança farroupilhas. Notem a segunda ponta (de tijera), ou seja, de tesoura de esquila.

Estas demonstradas abaixo são facas gaúchas brasileiras típicas. Descendem da dita adaga mediterrânea (que embora seja adaga tem um fio só), de perfil triangular do lombo em direção ao fio e do botão em direção a ponta. Variam muito em tamanho, material de cabo, material de bainha, com ou sem falso fio no dorso, sendo a mais tradicional com falso pelo primeiro terço do lombo (dorso). As menores são chamadas aqui de cherengas (ou xerengues) e são facas usadas para tarefas de sintonia fina e cotidianas.

Maneiras de portar

Facas de larguras e comprimentos maiores são as carneadeiras, usadas no desmembramento do gado. Facas longas e estreitas são de uso às costas, normalmente por cavaleiros e são facas de toda lida, de uso no campo, na cavalgada, nos acampamentos. As mais requintadas são usadas em ocasiões especiais como desfiles, cavalgadas de exibição, rodeios, etc. sendo que hoje em dia já é vetado o uso de facas em bailes e lugares de aglomeração intensa. A faca faz parte da indumentária gaúcha oficial, podendo um gaúcho pilchado portar sua faca legalmente.

A bainha merece menção, é de "picazo" termo espanhol que por aqui significa também um tipo de pelagem de cavalo–bicolor. Ou seja, a pelagem do animal é preta, ou outra cor dominante e com manchas brancas.

Belo exemplar de faca com cabo e bainha de prata, desenho muito equilibrado. Notar a possibilidade de a lâmina ter sido, originalmente de faca dita de uso doméstico. De todo modo é muito provável que a lâmina seja importada. O que desejamos ressaltar é a ausência do clássico "botão".

Facas modernas

Outra faca mais antiga. Notar o contra-fio parcial perto da ponta e o fato de esta (ponta) ser levemente arredondada. Entre os motivos fitomórficos (derivados de plantas) a rosa é uma constante. Outra lâmina onde se nota a ausência do "botão.

Ao que parece, uma bela lâmina Coqueiro. A reentrância próxima ao cabo, no "pé" da lâmina, segundo alguns, não seria bem o "entalhe espanhol" e sim o "gavião". Destinada a acomodar o dedo indicador, evitando que a mão deslize.

Dois artefatos modernos com destaque para o tipo de aço e seu tratamento de superfície.

Também em relação ao tamanho varia o porte da faca. As cherengas costumam ser portadas na parte da frente da cintura, fio voltado para baixo, tanto na mão fraca ou na mão forte. Já a carneadeira e as facas de médio porte são levadas às costas, presas na rastra (tipo de cinturão com enfeites de metal), guaiaca ou a faixa ou ainda entre elas, fio voltado para cima, cabo ao alcance da mão boa ou forte. Se destro, voltado para a direita, se canhoto voltado para a esquerda. Facas de grandes dimensões costumam ser levadas na montaria, junto á carona (daí o nome caroneira, carona ou caronas seriam como mantas, destinadas a proteger o cavalo do atrito com

a sela). Mas nada impede o uso de uma pela outra, da forma que o gaúcho mais lhe convir e se sentir à vontade.

Nas fotos acima, dois "Facóns" portados às costas.

Este hábito é muito comum: o rebenque ou mango pendurado no cabo da faca, no caso, ambos retovados em tentos (tiras) de couro, trabalho típico dos artesões gauchos, ditos guasqueiros. Guasqueiro é o artesão especializado na confecção de peças feitas de fios de couro fino trançados.

Notar que por baixo da "Rastra" há uma colorida faixa. O "cinto" que sustenta a bombacha (tipo de calça) é, em realidade, uma faixa tecida artesanalmente.

Um gaúcho um pouco mais tradicionalista, usando uma faixa na cintura.

Também há combinações como esta: cabo de prata com ouro e bainha retovada. Sem dúvida um "Facón" portado às costas.

Modo de portar o "Facón".

Notem o luxo e trabalho magnífico de platero: na encilha (arreios) do cavalo, na caroneira e nas boleadeiras, estas de marfim com prata. Típica pilcha domingueira. A Caroneira está, como de costume, entre as mantas ou caronas que protegem o animal, separando a sela do couro do cavalo.

O cinturão é um belo exemplo de Rastra, como também, o que segue, abaixo.

Uso, maneira de portar habitual da cherenga.

Bibliografia e Outras Fontes

Ancient Egyptian Materials and Industries Londres, UK, 1962; Lucas, A.; Ed. J. R. Harris

Treasures of Tutankamum Trustees of The British Museum; Londres UK, 1972; Ed. Westernham Press Ltd

Larrousse Universel, 2 volumes Claude Augé et Paul Augé et Alli; Librairie Larousse, Paris 1922

Dicionário Técnico Militar Caetano M. F. Albuquerque; Tipographia Comercial, 1905; Lisboa

Thesaurus Para Acervos Museológicos Maria Helena Bianchini S. ferrez e Helena Dodd Feurd; Fundação Prómemória 2 vol, 1987, Rio

O Dialeto Caipira Amadeu Amaral; Ed "O Livro" SP ; 1920

Rio Grande do Sul Histórico (coletânea de formato em álbuns) Painel Editôra, Porto Alegre RS editado por Salomão Scliar

Apontamentos Sobre a Faca de Ponta Oswaldo Lamartine de Faria, Coleção Mossoroense Série C –Volume CDXIV, a Editora e a Fundação Ozelita Cascudo Rodrigues e Fundação Guimarães Duque, 1988

No Tempo de Lampião Leonardo Mota; Oficina Industrial Gráfica Rio RJ; 1930

Sertão Alegre Leonardo Mota ; Imprensa Oficial de Minas BH ; 1928

Aços e Ferros Fundidos. Vicente Chiaverini; Associação Brasileira de Metais ed, 1982

Metalurgia dos Produtos Siderúrgicos Comuns IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo Ed. Edgar Blücher Ltda.; 1974

História das Ruas do Rio de Janeiro Brasil Gerson, terceira edição, Ed Souza, Rio -RJ

A Corte de D João no Rio de Janeiro Luiz Edmundo; Imprensa Nacional RJ, 1940

História da Arma de Fogo portátil Luiz Mardel; Imprensa Nacional , Lisboa 1887

Armas e armaduras Trad. De Michele Byam; Ed Globo, Rio RJ 1990

Anita Garibaldi Uma Heroína Brasileira Segunda edição; Paulo Markum; Ed. SENAC,SP 1999

Le Couteau , Art , Civilization, Histoire Gabriele Mandel, Terceira Edição; Ed. CELIV Paris 2002

La Coutellerie Depuis L' Origine Jusqu'a nos Jours Camille Pagé -citada no texto

O Exército Farrapo e Seus Chefes Cláudio Moreira Bento; BIBLIEX 1993

Caramuru e Catarina, Lendas e Narrativas sobre a Casa da Torre de Garciad"Ávila, Francisco Antonio Doria, Editora SENAC; SP/SP

Diálogos das Grandezas do Brasil Ambrosio Fernandes Brandão, Imprensa Universitária, Re-

cife; 1962

A Grande Festa dos Lanceiros UFPE 1971

Porto Alegre, Memória dos Sítios dos Farrapos e da Administração Caxias IHTRGS, Pelotas RS 1989

Contos Gauchescos e Lendas dos Sul. J. Simões Lopes Neto; Edição Crítica por Aurélio Buarque de Hollanda et alii Ed Globo Porto Alegre, 1950

Gun Digest Follet Publishing Company, Chicago USA; periódico, diversos números

Portugal Histórico Editora Tôrres, Lisboa; diversos números

The Sheffield Knife Book – A History and Collectors Guide Geoffrey Tweedale, London, UK

Levine's Guide to Knives and Their Value Bernard Levine; USA 1991

Castel Sant'Angelo, The Mausoleum of Adrian Mario D'Orsi, Ed. Tipographica Terenzi, Roma 1972

Catálogo Histórico Descriptivo de La Real Armeria de Madrid Valencia de Don Juan, Madrid 1989

Knives and Scabbards – Medieval Findings from Excavations in London. J. Cowgill et Alli; Boydell Press, UK 2003

Ils Ont Vulcan Pour Maître Jean-Paul Guichad d'Aren ISBN 2-9519139-0-7

Collins Machetes and Bowies 1845 – 1965 Daniel Edward Henry, Krause Publications – USA ISBN: 0 – 87341 – 403 -9

História Viva Periódico; Ed. Duetto, SP/SP; diversos números

Revista de História da biblioteca Nacional. Periódico, Ed. Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional; diversos números

Guns and Ammo Periódico, Petersen Publishing Co. Ed.; L.A. California , diversos números Revista Magnum. Periódico; Ed. Magnum, diversos números

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Periódico editado desde o Século XIX. Diversos números Anais do Museu Histórico Nacional. Diversos números pesquisados

Diversos Trabalhos relativos a Escavações Arqueológicas no Brasil Nos Estados de: RJ, PE, RS, MG e outros, em regime de consulta ou resenha. Diversas consultas no Arquivo Nacional, RJ. Diversas visitas a museus brasileiros. Diversas visitas a museus europeus. Consultas em mais de uma centena de "Sites" da Internet